Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Wagner Francisco de Sousa Carvalho

O Presbítero e a Iniciação à Vida Cristã: Um estudo teológico-pastoral sobre a dimensão catequética do ministério presbiteral hoje

Tese de doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Wagner Francisco de Sousa Carvalho

O Presbítero e a Iniciação à Vida Cristã: Um estudo teológico-pastoral sobre a dimensão catequética do ministério presbiteral hoje

Tese de doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Abimar Oliveira de Moraes
Orientador
PUC-Rio

André Luiz Rodrigues da Silva
PUC-Rio

Fabio de Souza Balbino
PUC-Rio

Joel Portella Amado
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Jânison de Sá Santos
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2025.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução Total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Wagner Francisco de Sousa Carvalho

Possui Bacharel em Teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (2011), Graduação e Licenciatura em Filosofia pelo mesmo Instituto (2014/2017); Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Salesiana em Roma (2017); Pós-Graduação em Formação Presbiteral e para a Vida Religiosa (2023); Mestrado em Scienze dell'Educazione com concentração em Catequética pela Pontifícia Universidade Salesiana em Roma (2018). Professor de Teologia Pastoral e de Catequética no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, ICESPI; Membro do Conselho Diretor e Científico da Sociedade Brasileira de Catequetas (Sbcat); Assessor Nacional da Comissão para a Animação Bíblico-Catequética da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB.

Ficha Catalográfica

Carvalho, Wagner Francisco de Sousa

O presbítero e a iniciação à vida cristã: um estudo teológico-pastoral sobre a dimensão catequética do ministério presbiteral hoje / Wagner Francisco de Sousa Carvalho ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2025.

277 p. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Presbítero. 3. Iniciação à vida cristã. 4. Catequese. 5. Fé. 6. Comunidade. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

A todos os presbíteros e catequistas,
que transformam a catequese,
respirando a inspiração catecumenal,
em um novo pulmão da evangelização.

Agradecimentos

Ao Deus misericordioso, cujo amor recebi através de seu Filho Jesus Cristo e cuja graça age em mim pelo Dom do Espírito Santo.

Ao meu orientador Professor Dr. Abimar Oliveira de Moraes, que, na sua paciência catequética me acolheu, me apoiou e me incentivou nesse itinerário.

À minha família, primeira catequista, berço materno dos mistérios da vida e da fé.

À minha Igreja, segunda catequista, espaço da vivência dos dons e serviços.

À CAPES e à PUC-RJ pelos auxílios concedidos.

Aos Professores Dr. André Luiz Rodrigues da Silva, Dr. Fábio de Souza Balbino, Dom Joel Portella Amado e Dr. Jânison de Sá Santos pela leitura do trabalho e participação na banca examinadora.

Às inúmeras dioceses do Brasil, que têm me oferecido a oportunidade de compartilhar aquilo que, através dos estudos, eu mesmo tenho recebido de Deus e de sua Igreja.

À CNBB, onde sirvo atualmente, o Regional Nordeste 4, minha Diocese de origem, Picos-PI, o Seminário Interdiocesano Sagrado Coração de Jesus. Tudo é graça!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

De Sousa Carvalho, Wagner Francisco; Moraes, Abimar Oliveira de (Orientador). **O Presbítero e a Iniciação à Vida Cristã: Um estudo teológico-pastoral sobre a dimensão catequética do ministério presbiteral hoje**. Rio de Janeiro, 2025. 277p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese investiga a relação entre o presbítero e a Iniciação à Vida Cristã, a partir de uma abordagem teológico-pastoral da sua dimensão catequética. Seu objetivo é descrever a atuação presbiteral nesse itinerário, partindo do contexto atual e da perspectiva histórica, destacando os pontos de convergência e distanciamento entre essas duas realidades. Reconhece-se que, em uma Igreja sinodal, o processo da Iniciação não depende exclusivamente do sacramento da Ordem e, sim da sua relação complementar, dialógica, harmônica, corresponsável com os demais sujeitos da comunidade, formando, assim, um ministério de síntese. Para isso, a tese adota o método de revisão bibliográfica, buscando tanto esclarecer a missão presbiteral quanto suscitar reflexões referentes ao tema, especialmente, diante da escassa discussão teórica a respeito. A partir dessa perspectiva, o estudo revela que a missão do místico mistagogo não é simplesmente resultado das capacidades humanas do presbítero, mas surge de sua abertura à ação do Espírito, cultivada na docilidade e em uma maneira própria de viver. Dessa forma, o presbítero não se coloca acima da comunidade ou da Igreja, mas dentro dela como peregrino no caminho de Emaús, acompanhando os fiéis, explicando as escrituras e partindo o pão (Lc 24,13-35). Ele atua como mestre espiritual, unindo o humano e o divino como os dois lados extremos do caminho. Por meio de sua união sacramental, que não é só através do Batismo, mas também pelo sacramento da Ordem, é chamado a ser, antes de tudo, místico, para então tornar-se novamente mistagogo. Em sua vida, o espírito contemplativo de Maria reconcilia-se com o serviço ativo de Marta, ou seja, antes do saber fazer, ele é. Portanto, para iniciar outros, requer sentir-se iniciado; para catequizar, deve antes ser catequizado; para conduzir como mistagogo, o presbítero precisa primeiro viver como místico.

Palavras-chave

Presbítero; Iniciação à Vida Cristã; Catequese; Fé; Comunidade

Abstract

De Sousa Carvalho, Wagner Francisco; Moraes, Abimar Oliveira de (Advisor). **The Presbyter and the Christian Initiation: A Theological-Pastoral Study on the Catechetical Dimension of the Presbyteral Ministry Today**. Rio de Janeiro, 2025. 277p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation investigates the relationship between the presbyter and Christian Initiation, based on a theological-pastoral approach to its catechetical dimension. Its objective is to describe the presbyter's role in this journey, considering the current context and the historical perspective, and highlighting points of convergence and divergence between these two realities. It is acknowledged that, within a synodal Church, the process of Initiation does not rely solely on the sacrament of Holy Orders, but rather on its complementary, dialogical, harmonious, and co-responsible relationship with other members of the community, thus forming a ministry of synthesis. To this end, the dissertation adopts a bibliographic review method, seeking both to clarify the presbyteral mission and to foster reflections on the topic, especially in light of the scarce theoretical discussion surrounding it. From this perspective, the study reveals that the mission of the mystical mystagogue is not merely the result of the presbyter's human abilities, but emerges from his openness to the action of the Spirit, cultivated through docility and a distinctive way of life. Thus, the presbyter does not place himself above the community or the Church, but within it - as a pilgrim on the road to Emmaus, walking with the faithful, explaining the Scriptures, and breaking the bread (Lk 24,13-35). He acts as a spiritual master, uniting the human and the divine as the two extreme sides of the path. Through his sacramental union - which involves not only Baptism but also the sacrament of Holy Orders - he is called to be, above all, a mystic, so that he may once again become a mystagogue. In his life, the contemplative spirit of Mary is reconciled with Martha's active service; that is, before knowing how to act, he must simply be. Therefore, to initiate others, he must feel himself initiated; to catechize, he must first be catechized; to lead as a mystagogue, the presbyter must first live as a mystic.

Keywords

Presbyter; Initiation into Christian Life; Catechesis; Faith; Community

Sumário

1. Introdução 15

2. A emergência educativa da fé: o dilema da formação e da evangelização no mundo de hoje 22

2.1. A formação da qual viemos 23

2.1.1. Do seguimento à Palavra e a fé como relação 24

2.1.2. O catecumenato como modelo formativo 26

2.1.3. A crise catecumenal da formação cristã no medievo 29

2.1.4. A cristandade e a formação cristã como parte da cultura social 32

2.1.5. O Catecismo para os párocos e o ensinamento da fé 35

2.2. A formação no atual momento 39

2.2.1. A recuperação da inspiração catecumenal da catequese 40

2.2.2. A solicitude maternal da Igreja como mãe educadora 44

2.2.3. A formação laical na missão da Igreja 48

2.2.4. A formação catequética do clero e dos futuros presbíteros 53

2.2.5. O ministério entre o tempo e a formação: a perda de sentido de continuidade 56

2.3. Os desafios da formação para a qual devemos ir: novas exigências para a Igreja hoje 60

2.3.1. A necessidade de uma pastoral formativa mais aberta e comunicativa 60

2.3.2. A Iniciação à Vida Cristã como eixo integrador da formação cristã 64

2.3.3. O verniz da Iniciação à Vida Cristã e seus desafios: da função programática à mentalidade paradigmática 67

2.3.4. A formação sinodal da comunidade cristã 69

2.3.5. A função poliédrica da catequese e a caracterização da desumanização ao transumanísmo do homem 74

3. Aspectos teológico-catequéticos da identidade presbiteral: pressupostos da missão 78

3.1. De Jesus educador à Igreja nascente 79

3.2. O bispo como primeiro catequista 84

3.3. O presbítero como educador da fé do povo 88

3.4. O diácono servo e anunciador da Palavra de Deus 92

3.5. O presbítero como ministro dos sacramentos 98

3.6. O presbítero como catequista dos catequistas 105

3.7. A comunidade como útero do cristão 109

3.8. Os consagrados e consagradas a serviço da catequese 115

3.9. Pastorear e reconhecer: a relação do presbítero e o catequista 120
3.10. A teologia da Iniciação à Vida Cristã e a missão do presbítero 125
4. O presbítero místico-mistagogo: do eu que faço ao nós da comunidade que celebra 131
4.1. A atualidade da mistagogia e suas diferentes interpretações 132
4.2. O perfil mistagógico do presbítero 135
4.3. A formação presbiteral como mistagogia 139
4.4. A ação litúrgica como mistagogia 143
4.5. A reconciliação entre oração e liturgia na vida do presbítero 147
4.6. O presbítero formado pela liturgia para a presidência 151
4.7. O presbítero mistagogo formando mistagogos: o ministério da coordenação na catequese 155
4.8. A mistagogia na cultura digital: formar para um novo Pentecostes 160
4.9. O sacramento da reconciliação na dinâmica da Iniciação à Vida Cristã 165
4.10. A centralidade do Domingo e da Eucaristia como dia da Iniciação 172
5. A dimensão catequética do presbítero: algumas condições sobre a sua renovada colaboração em um itinerário de Iniciação à Vida Cristã 180
5.1. O presbítero, a pessoa e o querigma: elementos dialógicos para a construção da identidade cristã 180
5.1.1. No princípio o amor: o Tu diante do eu 181
5.1.2. A mentalidade formativa do presbítero 187
5.1.3. O discernimento pastoral na escolha dos catequistas 192
5.1.4. O cuidado da formação permanente dos catequistas 199
5.2. O presbítero, a comunidade e o catecumenato: etapas da cristalização da fé numa lógica da encarnação 204
5.2.1. A relação do eu-tu com o nós 205
5.2.2. A capacidade interpretativa da situação da comunidade 212
5.2.3. Do tempo programático para o modelo paradigmático: a necessidade de uma adequada programação 218
5.2.4. A integridade do conteúdo em sintonia com a pedagogia própria da fé 224
5.2.5. Ações rituais e simbólicas da Iniciação: um movimento entre o externo e interno para o circular na missão do presbítero 229
5.3. O presbítero, a sociedade e a mistagogia: perspectiva transcendental da experiência que se transforma em anúncio 239
5.3.1. A missão e a visão compartilhada da fé como fruto da atualização constante da vida cristã 240

5.3.2. O serviço da Igreja à humanidade como atualização do lava-pés de Jesus 242
5.3.3. A pastoral presbiteral como vivência da mística e espaço de formação permanente 246
5.3.4. O agir presbiteral como lugar de aprendizagem da esperança 249
5.3.5. Temas emergentes e diálogos necessários para a Iniciação à Vida Cristã, hoje 252
5. Conclusão 258
Referências bibliográficas 261

Abreviaturas e Siglas

AA	Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos
AG	Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária
AL	Exortação Apostólica *Amoris Lætitia* do Papa Francisco
AM	Carta Apostólica *Antiquum Ministerium* do Papa Francisco
AN	Carta Encíclica *Acerbo Nimis* do Papa Pio X
CD	Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CfL	Exortação Apostólica *Christifideles Laici* do Papa São João Paulo II
CIC	Código de Direito Canônico
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CT	Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* do Papa São João Paulo II
DAp	Documento de Aparecida
DC	Diretório para a Catequese
DCE	Carta Encíclica *Deus Caritas Est* do Papa Bento XVI
DD	Carta Apostólica *Dies Domini* do Papa São João Paulo II
DeD	Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* do Papa Francisco
DGAE	Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DH	Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral do Heinrich Denzinger
DIM	Carta Encíclica *Divini Illius Magistri* do Papa Pio XI
DMVP	Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros
DNC	Diretório Nacional de Catequese

DV	Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina.
EG	Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco
EN	Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI
FT	Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco
GE	Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã
GeE	Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco
GS	Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual
IGLH	Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano
LG	Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja
LS	Carta Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco
NMI	Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* do Papa João Paulo II
PDV	Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*
PG	Exortação Apostólica *Pastores Gregis* do Papa João Paulo II
PO	Decreto *Presbyterorum ordinis* sobre o ministério e a vida dos sacerdotes
QS	Decreto *Quam Singulari* do Papa Pio X
RFIS	*Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis,* o dom da vocação ao presbiterado
RH	Carta Encíclica *Redemptor Hominis* do Papa João Paulo II
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
RM	Carta Encíclica *Redemptoris Missio* do Papa João Paulo II
RP	Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia* do Papa São João Paulo II
SC	Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia
SC	Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* do Papa Bento XVI
SD	Carta Encíclica *Salvifici Doloris* do Papa João Paulo II

SS	Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa* do Papa João Paulo II
VC	Exortação Apostólica *Vita Consecrata* do Papa João Paulo II

“A Igreja caminha com os pés dos padres...,
e os catequistas são aqueles que vão à sua frente.”

1
Introdução

A tese tem como objeto de estudo a dimensão catequética do presbítero. Ela aborda a relação entre o sacramento da ordem e a atuação catequética presbiteral, hoje, sob uma perspectiva teológico-pastoral. O estudo define a tarefa específica do presbítero nesse itinerário como um ministério de síntese, não a síntese dos ministérios, mas como um eixo que se articula e se relaciona com os demais ministérios na comunidade. Além disso, reforça o reconhecimento de três responsáveis indispensáveis: a comunidade como primeiro sujeito da catequese, o bispo como primeiro catequista na Diocese, e o valor do ministério instituído de catequista.

O tema estudado demanda especial atenção. Tanto na caminhada eclesial, quanto na ampla reflexão teológica, a identidade presbiteral e a Iniciação à Vida Cristã sempre ocuparam lugar de destaque. O magistério da Igreja reiteradamente reconhece o presbítero como um dos sujeitos encarregados pelos processos catequéticos. No entanto, ao buscar delimitar a sua relação específica ao interno deste itinerário, depara-se com uma questão complexa e ainda pouco estudada. A escassez de referências teóricas que articulem diretamente o ministério presbiteral com a Iniciação à Vida Cristã, evidencia essa lacuna significativa.

Na prática, essa fragilidade se manifesta de duas formas: pela ausência ou limitada participação do presbítero no processo e por sua falta de atenção, interesse pessoal ou mesmo dificuldade em animar, integrar e planejar, junto à coordenação paroquial, um itinerário que efetivamente possibilite à comunidade despertar, educar, amadurecer e testemunhar sua fé. Essa dupla dimensão, teórica e prática, desafia, pois, a construir uma reflexão que, ao integrar ambos os aspectos, fortaleça seu ministério catequético.

Diante disso, surge a pergunta fundamental e norteadora dessa pesquisa: qual a contribuição direta do presbítero no itinerário de Iniciação à Vida Cristã? Como sua atuação pode expressar de forma plena, pessoal, comunitária e eclesial, a natureza sacramental do ministério ordenado, superando uma abordagem meramente funcional ou administrativa?

A busca pela resposta exige como pré-requisito superar dois desafios interligados:

a formação catequética, tanto inicial quanto permanente insuficientes do presbítero, e a consequente terceirização da catequese aos leigos, reduzindo a participação presbiteral ao âmbito estritamente sacramental. Esse paradoxo pastoral demanda agora uma análise fundamentada em três eixos complementares: a primeira relacionada aos estudos recentes sobre a missão presbiteral; a segunda, sobre as exigências da Iniciação à Vida Cristã neste novo contexto histórico e a terceira, sobre as perspectivas abertas pela sinodalidade eclesial. Tais análises permitem identificar caminhos concretos para qualificar tanto a atuação quanto a formação dos presbíteros no campo catequético.

Esse caminho renovador encontra eco na concepção do presbítero como místico mistagogo da catequese. Essa visão exige que, em sua missão pastoral, ele se reconheça como educador da fé e da vida cristã da comunidade, promovendo os carismas, dons e serviços presentes em seus membros, levando todos a vivenciarem os mistérios de Deus.

Quando se ignora esse critério, a mistagogia passa a ser vista apenas como um tempo da Iniciação, reduzindo a dimensão catequética do presbítero a um caráter simultâneo, vinculado ao sacramento da ordem, recebido na ordenação e exercido na presidência dos sacramentos.

Na verdade, antes de agir, o presbítero deve ser esse místico cuja vida e modo de viver revelam a capacidade de iniciar porque ele mesmo foi iniciado, de catequizar porque foi catequizado, e de conduzir ao Mistério porque, pessoalmente já foi conduzido.

A mistagogia, neste sentido, é o processo gerador de experiências cristãs pelo qual o presbítero enriquece a vida cristã da comunidade, ativando seus diversos recursos, internos e externos, organizando-os, guiando-os e avaliando o caminho para alcançar resultados coerentes com os desafios enfrentados.

A sua participação, portanto, define-se como a de um mistagogo, exigindo uma postura acolhedora, fraterna, misericordiosa e autêntica, capaz de promover a plenitude da vida e a fé para todos. Deste modo, ele vai além de um simples doutrinador, animador ou um líder do grupo de catequistas.

Por isso, a pesquisa busca descrever a dimensão catequética do presbítero em sua interdependência e complementariedade com os demais ministérios ordenados e sujeitos responsáveis pela catequese em uma Igreja sinodal. O seu primeiro passo é reconhecer que a dimensão catequética é inerente ao sacramento da Ordem,

comprometendo-o a ser servo da Palavra e educador da fé do povo de Deus. Esse serviço específico já é despertado durante a sua formação inicial e aprimorado na formação permanente, garantindo-lhe afeto, decisão pessoal e pastoral pela Iniciação.

Tal envolvimento o leva a reconhecer a importância da formação permanente da comunidade e dos catequistas iniciantes e experientes, capacitando-os no exercício da missão e no amadurecimento da vocação batismal.

Por fim, a dimensão catequética se realiza na ação qualificada do presbítero, em comunhão e colaboração com o ministério episcopal. Essa capacidade de conduzir a missão de transmitir e educar na fé, revela a verdadeira competência cristã, ou seja, uma aptidão e habilidade adquirida e cultivada que se traduz de modo natural em serviço.

Considerando, pois, essa abordagem, o presbítero não só desperta um genuíno afeto e conhecimento pela primorosa atuação, como também o motiva a assumir plenamente sua missão educacional da fé. Ele se torna consciente de que não pode se omitir nem terceirizar integralmente essa responsabilidade aos catequistas leigos. Estes, por sua vez, atentos ao chamado de Deus, ao participarem da formação adequada, exercem seu ministério de maneira laical conforme a própria natureza, evitando a tentação de clericalizar o seu serviço e de laicizar a catequese.

Entretanto, para alcançar esses objetivos, a pesquisa necessitou de uma análise bibliográfica criteriosa, selecionando as principais fontes relevantes sobre o tema. Foram considerados tanto documentos do Magistério Universal e da CNBB quanto obras de autores brasileiros e estrangeiros. A análise dessas fontes adota uma perspectiva teológico sistemático-pastoral, com concentração na dimensão catequética. Desse modo, esse método empregado permitiu mapear e discutir o estado atual da questão em estudo.

Entre as tarefas confiadas ao presbítero pelo Concílio Vaticano II, encontra-se a de que ele é "educador da fé povo de Deus,[1] cabendo-lhe o dever de formar os fiéis para que alcancem a maturidade cristã,[2] pois o seu "sacerdócio ministerial"[3] está a serviço do "sacerdócio comum dos fiéis".[4] Nesta perspectiva, também lhe

[1] PO 6.
[2] CIC, Cân. 773.
[3] LG 10.
[4] LG 10.

compete “estimular a vocação e o trabalho dos catequistas, ajudando-os a realizar uma função que brota do Batismo e se exercita em virtude de uma missão que a Igreja lhes confia”;[5] “animar, coordenar e dirigir a atividade catequética da comunidade que lhe foi confiada”,[6] cuidando “para que os processos formativos passem do estilo da instrução para o da Iniciação que leva ao encontro pessoal com Jesus Cristo, à inserção na comunidade e ao zelo apostólico”.[7]

Essas atribuições resgatam a importância do presbítero no itinerário da Iniciação à Vida Cristã, destacando sua missão exercida com dedicação e coerência que transforma seu múnus presbiteral em um caminho formativo e repleto de significados para toda a Igreja. A experiência comprova que a qualidade da catequese está intimamente ligada à presença e à ação do presbítero.

No entanto, ainda hoje, persistem alguns desafios nesse âmbito, como por exemplo: resistências, inseguranças quanto à linguagem utilizada, ausência de clareza quando e com quem realizar os ritos e as celebrações do itinerário, além de incertezas sobre como iniciar e consolidar o processo. Une-se a esses obstáculos a ausência ou falta de apoio suficiente por parte do presbítero, para que os catequistas e a comunidade possam realizar a catequese de inspiração catecumenal.

Quanto aos estudos sobre a relação entre o presbítero e a Iniciação, ainda são escassos. Embora existam escritos sobre a identidade e a missão do presbítero, assim como sobre a Iniciação à Vida Cristã e sua proposta de um caminho autêntico na formação do discípulo e do catequista de hoje, ainda há uma lacuna e a necessidade de uma abordagem mais ampla, teológico-pastoral e catequética, que aprofunde essa convergência e sintonia direta entre ministério presbiteral e o processo iniciático.

Nessas últimas décadas, surgiram alguns ensaios abordando essa relação. Em 2003, durante a Assembleia dos Bispos e responsáveis nacionais da catequese na Europa, refletiu-se sobre a missão do presbítero como moderador da catequese.[8] Tal ideia foi posteriormente retomada e reforçada por Montisci. Em seus artigos publicados por ocasião do Ano Sacerdotal, convocado pelo Papa Bento XVI para celebrar os 150 anos do aniversário natalício de São João Maria Vianey, o autor

[5] DGC 224.
[6] DC 115.
[7] CNBB, Doc. 107, 230.
[8] BOZANIC, J., La formazione permanente del prete nella catechesi, p. 67.

reafirma: “provavelmente, o termo que melhor define a função do presbítero, sobretudo do pároco, é aquele de moderador da catequese”.[9]

No Brasil, a Conferência Episcopal, ao tratar dos da Iniciação à Vida Cristã, destaca o presbítero, particularmente o pároco, como aquele a quem “compete cuidar para que os processos formativos de suas comunidades passem do estilo da instrução para o da Iniciação, e que leve ao encontro pessoal com Jesus Cristo, à inserção na comunidade e ao zelo apostólico”.[10]

O Papa Francisco, por sua vez, ao instituir oficialmente o ministério de catequista, assim exortou para que os catequistas não caminhassem isoladamente, nem “os pastores deixassem de reconhecer os seus serviços e carismas, mas que todos, cooperassem na obra comum”.[11]

Todas essas afirmações, como se vê, mantêm o presbítero como figura fundamental no processo de transmissão da fé. No entanto, tais alusões pouco avançam em orientações práticas de como ele deve cuidar, animar, propor e desenvolver concretamente essa missão. Quando se busca entender melhor qual o seu protagonismo no itinerário da Iniciação à Vida Cristã, constata-se uma outra lacuna: a ausência de diretrizes que orientem sua atuação específica nesse campo. É precisamente nesta carência que se situa o objeto de estudo desta tese.

As respostas às questões levantadas emergem progressivamente, mediante a superação de desafios e a proposição de soluções. Para avançar nessa reflexão, é necessário considerar aspectos fundamentais da relação entre o presbítero e a Iniciação à Vida Cristã.

Primeiramente, requer-se uma clara definição das atuais tarefas da catequese, alinhadas aos objetivos de uma Igreja sinodal, missionária e querigmática. Em segundo lugar, torna-se imprescindível formar os presbíteros para compreender e aplicar essas novas diretrizes, particularmente no contexto iniciático. Essa necessidade ganha maior relevância quando se considera as atuais exigências na reformulação formativa do ministério presbiteral, que deve responder aos desafios do anúncio de Jesus no mundo de hoje.

Consequentemente, urge integrar a formação dos futuros presbíteros com essas novas perspectivas catequéticas, além de promover uma contínua reflexão

[9] MONTISCI, U., Il presbítero e la catechesi, p. 137.
[10] CNBB, Doc. 107, 230.
[11] AM 11.

acerca do ministério como objeto de estudo e aprimoramento da sua formação permanente.

A tese contém quatro capítulos e se mantém interligados, embora, cada um deles mantenha o que lhe é peculiar. O primeiro capítulo trata de duas partes importantes: a primeira delas examina a dimensão histórica da Iniciação à Vida Cristã e a participação do presbítero no seu interior; a segunda busca responder para onde esse itinerário é chamado a alcançar. Assim, considera-se de onde viemos, onde estamos e para onde a Igreja é chamada a direcionar o seu agir.

O segundo capítulo assume uma abordagem mais teológica, apresentando o ministério do presbítero como educador da fé do povo de Deus, em relação aos demais ministérios. O cuidado aqui é afastar interpretações que promovam o clericalismo ou que sugiram substituir outros ministérios na catequese. Ao contrário, o capítulo destaca a participação do presbítero dentro de uma dinâmica relacional em colaboração com o ministério episcopal e em reconhecimento aos demais ministérios, sejam eles ordenados ou instituídos.

O terceiro capítulo apresenta o presbítero em sua arte de celebrar. Antes do seu fazer e agir, ele é alguém que, junto com a assembleia, entra no espaço celebrativo, pedindo perdão e confessando os seus pecados, ao mesmo tempo que sobre ela invoca a absolvição penitencial... Deus todo poderoso. Desse modo, o presbítero é chamado a ser um místico mistagogo, alguém que caminha, conduz e orienta os catecúmenos e catequizandos e orienta a própria comunidade no processo da Iniciação e não apenas aquele que os aguarda junto ao altar. Nesse sentido, há um papel específico para o presbítero na realização dos sacramentos.

O quarto e último capítulo possui uma abordagem mais pedagógica. Se o presbítero se entende no contexto histórico, possui uma dimensão catequética e age como místico mistagogo, agora, ele é convidado a saber fazer. Nessa tarefa, a proposta o relaciona com a ação pastoral e o anúncio do querigma, tratando cada pessoa como interlocutora. A segunda parte explora seu agir enquanto presbítero em relação à comunidade e ao catecumenato, abordando como ele pode discernir as necessidades da comunidade e identificar, por exemplo, os melhores subsídios e metodologias para que ela continue a ser formada. A terceira e última parte do capítulo se dedica à relação do presbítero com a mistagogia e a sociedade. Aqui, a reflexão traz sugestões de como ele, com a força do Espírito Santo, pode inserir esses neófitos tanto na comunidade quanto na sociedade para além da assembleia

litúrgica e da inserção nos grupos pastorais, e sobretudo, como dialogar com os neófitos em questões antigas e novas que a Iniciação ainda abeira-se nessas temáticas como é o caso da autenticidade do testemunho, da sinodalidade, do ecumenismo, do diálogo interreligioso, da unidade teológica dos sacramentos da Iniciação e das questões ecológicas, entre outras.

2
A emergência educativa da fé: o dilema da formação e da evangelização no mundo de hoje

Fala-se muito, hoje, em crise da transmissão da fé e procura-se as suas causas. Conforme os seus pressupostos, cada estudo seleciona aquelas mais pretensiosas ou realmente decisivas para a disseminada situação. É uma tentativa para diagnosticar as raízes que interpelam a evangelização da Igreja no mundo atual. Em meio a essa realidade, torna-se cada vez mais claro que a educação da fé é uma necessidade urgente e permanente. Toca aos jovens e aos adultos e não menos às crianças e adolescentes, começando logo por aqueles que participam mais intensamente da vida e da missão da comunidade.

Entrelaçado com este cenário corre aquele sociocultural que, juntos suscitam novos desafios, e apresentam à Igreja interpelando-a a encontrar novas respostas que a catequese não pode deixar de observar.

Este primeiro capítulo tem esse objetivo de vincular a realidade formativa da Igreja com os aspectos culturais de cada época histórica e verificar qual a participação do presbítero em cada uma delas. O ponto de partida é o vínculo entre três alianças formativas pelas quais a Igreja foi se pautando ao longo da sua história na formação da fé de seus membros. Além disso, o capítulo busca traçar um caminho compreensivo dessa formação, destacando suas principais características. Deste modo, apresenta no primeiro momento, a formação da qual viemos. Resgata a linha histórica da Igreja primitiva até às vésperas do Concílio Vaticano II.

A segunda aliança, se compromete em mostrar a formação no atual momento da Igreja, suas inspirações conciliares e como ela tem se esforçado para manter viva a chama da fé em nossa época. A terceira e última, visa um olhar prospectivo no sentido de se perguntar pelos desafios da formação para a qual devemos ir tendo os olhos fixos nos avanços da modernidade, da tecnologia, do transumanismo e da própria Igreja na sua compreensão sinodal.

Nestas três alianças se observará um fio condutor transversal que as sustenta. É a linha da Iniciação à Vida Cristã cuja responsabilidade se atribui aos sujeitos responsáveis em cada uma dessas épocas. Nesse sentido, se buscará visualizar os momentos nos quais a presença do presbítero se apresenta como um desses responsáveis ou quando ele não aparece, em virtude de a tarefa ser assumida por outros. A ideia central do capítulo é demonstrar como todas essas realidades

eclesiais, culturais, sociais, instigam ao presbítero a se posicionar no itinerário de Iniciação em relação a seu povo: às vezes frente, às vezes atrás e outras vezes no meio. À frente como aquele que guia, abre caminhos e mantém viva a esperança. No meio, como aquele que sustenta o povo na unidade, em volta do depósito da nossa fé. E, atrás, com a paciência de ir com os atrasados, consciente de que, no processo da Iniciação à Vida Cristã, nem todos chegarão ao mesmo tempo. Assim, ele é chamado a estar com a comunidade, junto ao grupo de catequistas e como um irmão universal caminhando com cada pessoa.[12] A proposta é refletir sobre como, rodeado por essas circunstâncias, ele poderá contorná-las, tornando-se sujeito ativo da formação capaz de iluminar, suscitar, amadurecer, celebrar e testemunhar a fé da comunidade.

2.1
A formação da qual viemos

Essa primeira parte descreve a base da formação da qual viemos até às vésperas do Concílio Vaticano II. Seu objetivo é apresentar uma linha histórica da pedagogia divina à da Igreja com as características inerentes que compõem cada período. Se buscará compreender o seguimento, o anúncio, o catecumenato e o seu declínio, a idade de ouro da catequese e o surgimento dos catecismos. Nessa delimitação de tempo se preocupará em mostrar quais os momentos que aparecem os sujeitos da catequese: o próprio catecúmeno, a comunidade, o bispo, a sociedade cristã e o presbítero.

Deverá constar nessa abordagem, os meios utilizados ou condições exigidas para que a formação se realizasse em cada período: na comunidade apostólica, o seguimento a Cristo; na Igreja primitiva, a fé como dom relacional vivida pessoalmente e testemunhada em comunidade; no longo medievo, três épocas distintas se identificam. A primeira, o declínio do catecumenato, onde o batismo passa a ser vivido sem suas exigências de conversão, a seguinte, a cristandade, a fé

[12] EG 31. O Papa Francisco retomou esse pensamento no discurso aos fiéis da Diocese de Roma no dia 18 de setembro de 2021. Para nossa pesquisa, essa é uma imagem que revisitaremos muitas vezes, pois é a partir dela que nos inspiramos para compreender a missão do presbítero no itinerário da Iniciação à Vida Cristã. O presbítero não ocupa o centro do processo formativo, mas é um dos agentes corresponsáveis por todo o percurso, compreendendo suas diversas tarefas. Ele deve, sobretudo, reconhecer quando é chamado a estar à frente do povo, abrindo os caminhos da esperança; no meio, fortalecendo a unidade e a defesa da fé, como um pastor que não abandona seu rebanho; e atrás, exercendo a paciência samaritana, convicto de que cada pessoa no seguimento de Jesus, tem seu próprio ritmo.

como resultado de uma sociedade cristã, vivida pelos pais e transmitida automaticamente aos seus filhos. A última etapa, já no começo da modernidade, a fé como ensinamento.

2.1.1
Do seguimento à Palavra e a fé como relação

Compreender a dimensão formativa da Igreja como processo de conformação e assimilação dos sentimentos das pessoas aos de Cristo, faz-se, antes, necessário entender a pedagogia divina como comunicação gradual do amor de Deus revelada, ao longo da história, em vista da salvação da criatura humana. Analogicamente, essa manifestação se deu segundo às circunstâncias humanas e culturais do tempo, a fim de que todos pudessem conhecer a sua misericórdia divina na própria condição onde se encontra. Como Pai e educador, o próprio Deus tomou a sua iniciativa em vista da libertação do seu povo e o conduziu à maturidade e liberdade plena. Ao mesmo tempo, Ele preparou o homem "por etapas, para receber a Revelação sobrenatural que faz de Si próprio e que vai culminar na Pessoa e missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo".[13]

No seu Filho se deu a realização perfeita desse projeto salvífico, trazendo ao mundo o dom da salvação. Dessa graça, os discípulos foram testemunhas e puderam fazer a experiência, assim como narram os Evangelhos. Eles viram os pobres e as crianças serem acolhidos, os marginalizados serem incluídos, os doentes recuperarem à saúde. Eles contemplaram a realização daquilo que Jesus dizia e fazia, com palavras e obras. Foram ensinados a compreender e fazer a vontade do Pai.

Essa pedagogia divina revelada por amor de Deus na pessoa de Jesus, seu Filho, foi continuada na força do Espírito Santo, quando este, antes da páscoa é anunciado e prometido a todos os discípulos, como "Dom e Doador de todos os dons".[14] Pela força e pela luz do Espírito a pessoa humana agora é chamada a conhecer o bem, a verdade, o consolo e o desejo de realizar mais profundamente a sua semelhança com Cristo, renovando a sua vida e a sua filiação com Deus Pai. A consciência dessa comunhão íntima é a realização plena do atingimento do "estado de Homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4,13).

---

[13] CEC 53.
[14] DC 162.

Dessa revelação trinitária de amor, a Igreja herda a missão de anunciá-la, mas também de educar a resposta de fé das pessoas na sua relação com este sonho revelado por Deus à humanidade. Ela faz cumprindo a sua tarefa de ajudar na recepção e interiorização dessa iniciativa divina no coração humano, ao mesmo tempo, que orienta como respondê-la humanamente. A Igreja toma essa atitude inspirada nos próprios gestos de Jesus, quando Ele, atentamente cuida da formação dos seus discípulos tendo em conta a evangelização. Busca continuar a pedagogia da proximidade, assim como era a do Filho de Deus, embasada na sua relação pessoal e no despertar o desejo nos ouvintes de escutar a Palavra e tornar-se um seguidor. Para o teólogo J. M. Castillo, aqui estava o ponto de partida do processo formativo de Jesus e das primeiras comunidades do Cristianismo que a Igreja é chamada a compartilhar. No início de tudo estava o seguimento, conclui o teólogo: "para conhecer a Jesus e viver seu ensinamento e seu projeto de vida, o fato determinante não é a fé, mas o seguimento".[15]

Com isso, o autor sugere que o princípio formativo da Igreja, nas suas origens, não se deu a partir da solidez da fé e sim da integridade do seguimento à Cristo. A práxis de quem se colocava no caminho era mais importante de quem confessava a sua fé apenas como palavras frias.

O livro dos Atos dos Apóstolos no capítulo 2, 37-41 retrata bem essa figura fundamental do tornar-se cristão, expressando esta sequência exemplar: seguimento, escuta da Palavra, conversão, fé e Batismo. O texto é o discurso de Pedro à multidão e tem como conteúdo o querigma.[16] O contexto é o dos ouvintes estarem na iminência da volta do Senhor e aguardam por este retorno. Ao ouvirem Pedro falando, ficam com os corações comovidos. Era a passagem de caminhantes para ouvintes. Os seus passos de vida, agora, são consequências do ouvir atento e, por isso, passam do seguimento à escuta, gerando conversão e mudança de vida.

A profissão de fé dos mesmos torna-se a resposta confiante e livre à mensagem revelada por Deus na pessoa do seu Filho, anunciada pelos apóstolos,

---

[15] CASTILLO, J. M., O Evangelho marginalizado, p. 76.

[16] O querigma é a proclamação de um acontecimento de vida e de salvação que se dá agora, no presente dos ouvintes. Este conteúdo proclama uma pessoa, Jesus Cristo, esta proclamação provoca e abre caminhos para uma experiência de encontro pessoal e apaixonado por Ele. Este conteúdo não é a simples explicação de conceitos. É antes de tudo, uma experiência que toca a liberdade, reorienta as escolhas e dá sentido verdadeiro à vida (CNBB, Anúncio querigmático e evangelização fundamental, 27). Segundo a Sueli o querigma apresentado nos escritos paulinos (1Cor 15,3-5) e nos Atos dos Apóstolos (2, 14-39) apresentam formulações diferentes, porém o conteúdo é o mesmo. PEREIRA, S. C., Formação de Discípulos Missionários, p. 21.

ouvida e aceita por eles como verdade. Seus gestos relacionados com a fé professada se transformam em percurso de passagem de simples seguidores à ouvintes, e depois, de testemunhas.

Esse caminho ficou claramente delineado no início das primeiras comunidades: aquele que segue, escuta a pregação da Palavra, ou seja, o primeiro anúncio – paixão, morte e ressureição de Jesus. A partir desse anúncio, "surge a conversão-fé, que é suscitada e passa a ser celebrada em nome do Senhor no Batismo (Rm 10, 17)",[17] celebração essa da fé e da adesão à mensagem, cujo conteúdo da Boa-Nova é o próprio Cristo (At 10,15), escândalo para uns, loucura para outros (1Cor 1,23), mas salvação para os que a Ele aderem.

Através desse batismo, também é conferido o dom do Espírito e ocorre a inserção na comunidade, culminando um percurso característico da era apostólica. Esse processo amplia a comunidade dos cristãos e gera uma necessidade mais exigente no acompanhamento daqueles que procuram pelo batismo. É, portanto, um momento em que a Igreja deve refletir sobre a necessidade de um caminho mais organizado para a formação dos novos cristãos.

2.1.2
O catecumenato como modelo formativo

Entre os séculos II e IV, a Igreja se encontra diante a inúmeras solicitações de batismos provenientes de pessoas que não haviam tido uma preparação própria e semelhante a do primeiro século. A comunidade cristã, guiada por grandes pastores, organiza em modo mais estruturado, elementos já presentes no itinerário de preparação aos sacramentos da fé e de pertença à Igreja. Essa rica realidade institucional ganhou o nome de catecumenato.

Com isso, a Igreja percebe que "o cristão não nasce, ele se torna",[18] e para este fim ela deve promover um itinerário adequado e suficiente a fim de que possa, tanto no início da vida cristã, como para aqueles que agora ingressam na fé, consigam ter convicções claras e firmeza no testemunho diante, sobretudo, das perseguições. Alguns elementos estáveis e referentes a este tempo são caracterizados pela Palavra, pela narrativa da história da salvação, pela "prática da

[17] CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D., Sacramentos de Iniciação, p. 58.
[18] TERTULIANO, Apologeticum, XVIII, 4.

caridade, os ritos, as orações, e a sintonia entre catequese e liturgia",[19] o esforço da vida cristã do catecúmeno como condições pessoais necessárias para se viver o dom recebido – a *receptio*; e a participação da própria comunidade.

Segundo a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, documento de origem romana originário do século III, essa severa preparação durava-se três anos[20] e era precedida de um rigoroso exame da situação da vida e intenções do ouvinte:

> Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas - antes da entrada do povo - e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra.[21]

Assim, a Igreja nascente, seguindo os passos da tradição apostólica, passa a dedicar grande cuidado na formação e Iniciação à fé dos cristãos. Se no início, como vimos no ponto anterior, o seguimento à Cristo e a pregação missionária são os primeiros critérios formativos, agora, é a vez de um processo eclesial institucional, pedagógico, organizacional e de estruturação.

Esse processo eclesial se dá, contudo, dentro de uma expansão do cristianismo, do ardor missionário, das igrejas nascentes e da grandiosa adesão de novos cristãos. A missão era conservar e transmitir as verdades reveladas e resguardá-las dos embates advindos das correntes e heresias que começavam a surgir, especialmente, o gnosticismo[22] e o arianismo.[23] Essas colocavam em conflito o conhecimento do homem acerca dos elementos da fé, da pessoa de Cristo, da

---

[19] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 99.

[20] Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente seu caráter – nada mais – será julgado. HIPÓLITO de Roma, Tradição apostólica de Hipólito de Roma, p. 84.

[21] HIPÓLITO de Roma, Tradição apostólica de Hipólito de Roma, p. 80.

[22] O gnosticismo é uma das piores ideologias, pois, ao mesmo tempo que exalta indevidamente o conhecimento ou uma determinada experiência, considera que a sua própria visão da realidade seja a perfeição. Assim, talvez sem se aperceber, esta ideologia autoalimenta-se e torna-se ainda mais cega. Por vezes, torna-se particularmente enganadora, quando se disfarça de espiritualidade desencarnada. Com efeito, o gnosticismo, "por sua natureza, quer domesticar o mistério", tanto o mistério de Deus e da sua graça, como o mistério da vida dos outros (GE 40).

[23] O arianismo foi uma doutrina cristã desenvolvida por Ário, um presbítero de Alexandria, no início do século IV que, na relação trinitária, negava a divindade de Jesus Cristo, subordinando-o completamente a Deus Pai. Assim, Jesus seria unicamente um homem adotado pelo pai. O Concílio de Nicéia, em 325, condenou amplamente essa ideia e assim proferiu: "Antes de tudo, pois, foi examinado o que diz respeito à impiedade e ao delito de Ário e dos seus seguidores, … e unanimemente decidimos anatematizar a sua ímpia doutrina e as expressões blasfemas que empregava em suas blasfêmias ao dizer que o Filho de Deus veio do nada e que havia um tempo em que não era; e ao dizer que o Filho de Deus por sua livre vontade era capaz do mal e da virtude, e ao chamá-lo de criatura e produto; tudo isso, o santo Sínodo anatematizou, não suportando sequer ouvir a ímpia doutrina ou desvario, nem as palavras blasfemas" (DH 130).

doutrina trinitária e das grandes questões existenciais. “Muitas seitas gnósticas se professavam cristãs e, no entanto, suas crenças divergiam radicalmente dos princípios que orientavam a fé cristã da Igreja nascente”.[24]

Em vista de resguardar e defender a fé recebida dos apóstolos, surgem grandes representantes da Tradição eclesiástica para combater essas ideias contrárias e refutar as suas incidências no âmbito comunitário. O primeiro é Irineu de Lião, ao refutar o pensamento gnóstico, considera e “concede absoluta prioridade à Tradição apostólica, atendo-se à doutrina da Revelação cristã sem entrar no campo da especulação racional sobre o mistério de Deus”.[25] O segundo é Tertuliano quem escreve a primeira exposição completa sobre o sacramento do batismo: “nesse trabalho se trata a Iniciação batismal como única entrada de fé cristã mediante um tempo de formação, no qual se vai consolidando e se verificando a conversão”.[26] Além disso, contra os hereges e a filosofia pagã, Tertuliano, defendeu que, somente “a Igreja é quem pode possuir legitimamente a fé, cabendo apenas a ela a reta interpretação das Escrituras, à luz da Tradição”.[27]

Em Alexandria, é Orígenes, catequista e um dos fundadores da primeira escola cristã, que defende os princípios cristãos através de estudos “onde todos os conhecimentos humanos eram recapitulados à luz do Evangelho, a Didascália, abarcando tanto a Revelação cristã como a cultura antiga e oferecendo ao cristianismo um universo intelectual próprio e autônomo”.[28]

O século IV, por sua vez, foi outro período de enfretamento e defesa da fé, especialmente das heresias, entre elas, a de Ario, o arianismo. Como forma de restabelecer as verdades da fé foi realizado grandes Concílios, como o de Niceia, no ano de 325, onde se proclama a divindade de Cristo e a sua consubstancialidade com o Pai, como também o Concílio de Constantinopla, no qual se redigi o “credo completo adicionando ao Símbolo dos Apóstolos as definições teológicas do Concílio de Niceia”.[29]

Deste modo, a preocupação formativa da Igreja, nos primeiros séculos, era de resguardar e defender a fé recebida e transmiti-la integralmente para as gerações

[24] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p.101.
[25] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p.102.
[26] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p.103.
[27] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p.103.
[28] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p.104.
[29] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p.106.

seguintes. Colocava-se, portanto, em continuidade a práxis das comunidades apostólicas, ao mesmo tempo, que havia esse esforço pastoral e defesa da doutrina. Ser cristão significa, para este período, um processo lento, gradual, marcado pela experiência dialogal da Revelação na vida pessoal e comunitária. Não era simplesmente um acontecimento automático e transformador da pessoa sem repercussão e avaliação da comunidade. A decisão era sim pessoal e intransponível, já a confirmação dessa, era exterior e comunitária.

Nota-se com o isso, o empenho da comunidade, a relevância da participação do catecúmeno no percurso, a missão do catequista e, especialmente, aquela do bispo. Aliás, é neste período de ouro do catecumenato que bispos como Agostinho, Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório Naziazeno, - estes juntos receberam o título: os três capadócios - João Crisóstomo, Cirilo de Alexandria e Cirilo de Jerusalém, todos eles, realçam a importância e o envolvimento dos bispos como principais responsáveis pelo zelo e formação dos cristãos. É por exemplo, em razão da angústia e desgosto que o Diácono Deogratias sente ao ensinar os candidatos ao catecumenato que o mesmo pede ajuda a Agostinho, e este lhe responde escrevendo o *De Catechizandis Rudibus* como tratado teórico e prático sobre o método de catequizar.[30]

Esses esforços e as exigentes preparações em vista dos sacramentos e defesa da fé dos cristãos, se tornam, insipientes diante das mudanças naturais condicionadas pelo tempo e a expansão do próprio cristianismo, abarcando comunidades e lugares distantes dos grandes centros econômico, político, cultural e eclesial no final do século IV. Aos poucos, essas transformações foram causando uma perda de qualidade do catecumenato e inserindo germes de decadência do mesmo, resultando no seu declínio.

2.1.3
A crise catecumenal da formação cristã no medievo

Para se compreender melhor o arco formativo da Igreja, neste período, que vai desde o século V ao Concílio de Trento, no século XVI, precisa-se concentrar na relação entre a catequese e a situação da cristandade. A pergunta é: como se realizava a transmissão da fé em um contexto eminentemente cristão? E como

[30] AGOSTINHO, A instrução dos Catecúmenos, p. 11. No próximo capítulo, ao abordar a missão do bispo no processo de Iniciação, esse aspecto histórico será aprofundado com mais detalhes.

justificar o declínio do processo catecumenal, justamente, num período de grande adesão à fé cristã, sem exigências ou perseguições contrárias ao cristianismo?

Um primeiro favorecimento se deu com o reconhecimento do Imperador Constantino, em 313, com o Édito de Milão, por meio do qual se declarava o cristianismo uma religião perseguida e fora da lei a ser a religião autorizada pelo Estado e consequentemente a sua religião oficial em 380.[31] Essa decisão política constantiniana conduz a um aumento daqueles que pedem para entrar no catecumenato, porém sem motivações claras e sem sinceras conversões.

> Assim, quem entra no catecumenato com esses propósitos adia indefinidamente o batismo, alguns até o fim da sua vida. O longo caminho de fé do catecumenato reduz-se, assim, ao período da Quaresma, mas, não tendo recebido uma evangelização profunda, os catecúmenos não estão prontos a acolher a Palavra. Esperam vantagens humanas e não aspiram seguramente à conversão da vida.[32]

O batismo torna-se, portanto, para estas pessoas não mais uma eleição e sim um direito adquirido e, consequentemente, celebrado num momento oportuno da vida, podendo-o ser adiado até às vésperas da sua própria morte. Com isso, aumentava-se numericamente os catecúmenos e diminuía-se o número de batizados. O catecumenato se prolongava indefinidamente e sua estrutura começava a ser ameaçada, reduzida e limitada ao tempo quaresmal. Diante dessa pressão, os bispos começaram a insistir em uma preparação mais remota, em vista de salvaguardar no mínimo a preparação ao batismo.

Outra condição para o declínio do catecumenato foi de ordem pastoral. Como a maioria das pessoas se tornando cristãs, a transmissão da fé passou a ocorrer de forma natural, como uma herança recebida. Esse clima cristão, em vez de proporcionar maior ardor missionário e fortes conversões, tornou-se apenas um espaço onde flutuavam as sementes do ser cristão. “As pessoas nasciam em ambiente cristão e iam adotando os comportamentos e as práticas do meio religioso ao qual pertenciam. Era um cristianismo herdado, transmitido como tradição familiar e social”.[33]

Neste amplo horizonte de interiorização da fé por parte da sociedade, Estado e Igreja se dão as mãos, e com isso, esta última, perde a importante e vital

---

[31] LIMA, L. A., A Catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 30-31.
[32] BOLLIN, A.; GASPARINI, F., A Catequese na Vida da Igreja, p. 47.
[33] CNBB, Doc. 107, 43.

organização que lhe garantia fiéis bem formados, integrados na liturgia, familiarizados com a Sagrada Escritura, centrados em Jesus Cristo, comprometidos com a comunidade eclesial, zelosos pela missão evangelizadora, capazes de dar as razões de sua esperança, e mesmo de dar a vida pela fé. Essa junção provocou uma processual omissão da comunidade e a corresponsabilidade de todos, especialmente, dos catequistas e o comprometimento dos bispos.

Com a perda desse vigor e a crescente desorganização pedagógica e estrutural do catecumenato primitivo, evidenciou-se, também, o desaparecimento da ação querigmática da Igreja. A essa terceira situação manifestou-se a escassez do anúncio da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, dando lugar a uma prática sacramental excessiva. Nesse contexto, não era mais essencial a pessoa ser conhecedora da doutrina, ser instruída ou defensora da fé cristã e estar inserida na comunidade. O marcante para esse momento, era apenas pertencer ao catecumenato, sem pressa ou exigências pessoais e comunitárias de conversão.

Consequentemente, houve-se o esquecimento do testemunho autêntico do ser cristão. Afastou-se dele o olhar como "primeiro meio de evangelização".[34] Silenciou o modo de falar de Deus sem falar, de mostrá-Lo mais que demonstrá-Lo, de um dizer unido ao fazer. A partir do século V, a Igreja passou a se contentar com a obrigação de apresentar a fé separada da vida, com uma instrução oral separada ou divorciada de todo aspecto litúrgico-ritual. Assim, começou a se preocupar mais com o discurso e com o que dizer, descuidando-se do modo de fazer, esquecendo-se que o mensageiro é também, ou sobretudo, mensagem.

Desta forma, se de um lado surgiram adultos em busca do batismo, sem conhecer profundamente o núcleo da fé, igualmente, do outro lado, começou-se a notar a necessidade de multiplicar o batismo de crianças. Como a Igreja e o mundo dão-se as mãos, nesse período, a evangelização avança e chega aos espaços do campo predominantemente pagão. Esse fato gera uma situação importante, pois a unidade do bispo e o seu presbitério reunido para celebrar a Eucaristia com a assembleia apenas aos domingos, logo, precisa ser desfeita e doravante o presbítero deve ser habilitado "a exercer atos sacramentais anteriormente reservados ao bispo ou celebrados sob sua presidência".[35] Entra, aqui, a nova tarefa do presbítero de ser enviado individualmente às paróquias do campo, ficando para trás aquela de

[34] EN 21.
[35] MOINGT, J., Deus que vem ao homem, p.162.

simples assistente sacramental do bispo e de ajudá-lo no governo do povo. Sua missão permanece cultual, como bem destaca Moingt, porém, a teologia se encarregará de tratar e definir o sacerdócio dos presbíteros pelas funções pastorais outrora reservada ao bispo. Inicia-se, portanto, essa relação direta do presbítero com a vivência dos demais sacramentos no processo formativo da Igreja.

> Quando os presbíteros deixarem o presbitério para ser enviados, individualmente, às novas paróquias no campo, onde eles serão os únicos a celebrar as missas e os batizados e, muito mais tarde, o perdão dos pecados (no quadro novo da penitência privada); eles serão então reconhecidos como padres a título pessoal e em sentido próprio; eles serão também logo considerados os principais ministros do culto e dos sacramentos, dado que eles estão muito mais próximos dos fiéis do que os bispos absorvidos pelas tarefas administrativas da diocese.[36]

Essa proximidade do presbítero junto ao povo não cancelará sua imagem cultual. Ao contrário, essa dimensão será mantida até a realização do Concílio Vaticano II. No entanto, o tempo e as circunstâncias culturais, pastorais e eclesiais, gradualmente colocarão o presbítero entre os sujeitos responsáveis pela catequese, tanto como responsável pelas pregações dominicais, quanto pela sua própria necessidade de formação, como será discutido a seguir.

2.1.4
A cristandade e a formação cristã como parte da cultura social

Com a consolidação da cristandade, o catecumenato batismal desaparece e dá lugar ao catecumenato social. Inicia-se, assim, um período de ouro. Mais do que uma Iniciação, como ocorria no catecumenato, pode-se falar, nesse contexto, de uma socialização cristã. O batismo deixa de ser uma experiência pessoal, existencial, e passa a ser buscado e vivido de forma comunitária, como uma massificação da graça que ele concede a cada um, independente da preparação recebida. Aos poucos, a exigência do seguimento, manifestado nas primeiras comunidades, e a fé como dom e centralidade do catecumenato, são deslocadas, e a Igreja se torna o centro. O tempo torna-se litúrgico: o social e a liturgia se

[36] MOINGT, J., Deus que vem ao homem, p.184. No século II começa a surgir uma outra modificação na imagem de presbítero: presbítero: o visitador ou o familiar "sacerdote". Uma causa dessa transformação é o surgimento do sacerdote rural, enviado pelo bispo para celebrar a Missa fora da cidade. Distingue-se do sacerdote urbano, que permanece na cidade e forma colégio ao redor do bispo. O visitador não participa do colégio presbiteral, embora mantenha uma relação estreita com ele. Assim começa a mudança da imagem do presbítero, daqui em diante caracterizada pela sacerdotalização. HACKMANN, G. L. B., Servir a Cristo na comunidade, p. 129.

misturam, o divino e o profano se fundem, Igreja e Estado se unem, o eterno e o tempo se configuram no poder terreno dos príncipes, reis e bispos.

Em uma sociedade completamente cristã, o próprio ambiente familiar e o contexto religioso despertavam a consciência e instigavam o dever de fazer logo cristãs as crianças ao nascer. Assim, chegava ao fim a responsabilidade da Igreja com o catecumenato e desaparecia do cenário a ação catequética para o povo, contribuindo, em parte, para o empobrecimento da mesma. Dizemos em parte, porque, para alguns continuarão, posteriormente, a recebê-la com o acesso às universidades e mosteiros,[37] especialmente os párocos devido a sua fragilidade formativa e a necessidade pastoral de catequisar seu povo, ao menos, com breves explicações devido a ignorância religiosa em que viviam. Segundo Nery, esse comportamento clerical resultou em um poder dominador sobre os leigos, utilizando-se do controle de suas consciências e insistindo em outros temas como o pecado, a penitência e os novíssimos com acentuação da morte e do juízo:

> Alguns costumes e práticas foram sendo introduzidas pelo clero, cada vez mais, um poder dominador sobre leigos e leigas, mais e mais apequenados pela ignorância religiosa, pela falta de convicções morais, pelo desconhecimento da liberdade como dom de Deus e sem condições de participação na vida da Igreja e do Estado. Ajudaram nesse domínio do clero: o controle das consciências pela confissão auricular e pela direção espiritual, a pregação insistente, dramática e repetitiva sobre o pecado, as tentações, o inferno e, também, a transformação do sexto mandamento ("não pecar contra a castidade") no maior dos mandamentos.[38]

Diferentemente desse pensamento é o que se pode observar na Regra Pastoral do Papa Gregório Magno, um verdadeiro manual de instrução e instrumento para a pregação e o ensinamento da sólida doutrina aos fiéis, colocado nas mãos dos párocos. Nessa obra, recomenda-se como e que coisa se deve pregar aos diferentes tipos de destinatários: às pessoas alegres e tristes, aos servos e aos patrões, aos ignorantes na santa doutrina e aos sábios sem ser em nada humildes, aos pacientes e impacientes, aos casados e celibatários, etc.[39]

---

[37] A história revela que a formação dos que ingressavam no caminho do seguimento radical de Jesus, conhecido também como Vida Consagrada, especialmente a partir de São Pacômio com o monaquismo, já nos começos do século IV, assumiu, sim, o esquema básico do Itinerário Catecumenal no processo formativo dos novos candidatos e, também, a catequese como um processo de educação permanente dos(as) consagrados(as). Com isso, a formação inicial tornou-se longa e bastante complexa, pois era fundamental garantir monges e monjas com o máximo de entrega possível ao ideal abraçado. NERY, I., Catequese com Adultos e Catecumenato, p. 123.

[38] NERY, I., Catequese com Adultos e Catecumenato, p. 114.

[39] GREGÓRIO Magno, Regra Pastoral, p. 107-246. A Regra pastoral, embora receba este nome, não está ligada a um conjunto de regras fixas, normas ou preceitos a serem estritamente seguidos. Mais

Merece destaque além do clero, a participação da família e dos padrinhos na transmissão da fé nesse período. Por não haver, como se disse à cima, estruturas nem instituições de catequese, tanto para crianças quanto para adultos, esses sujeitos assumem no momento do batismo o compromisso de educar na fé e da parte dos novos cristãos, o "esforço de aprender com os adultos a pensar, a julgar, a rezar, a crer e obedecer às mesmas leis e autoridades".[40]

Cabe aos pais, como catequistas de seus filhos, o dever irrenunciável de "ensinar as orações do Pai Nosso e Ave Maria, a profissão de fé formulada no Credo e introduzi-los nas práticas de piedade (devoção) e à vida honesta: o santo temor de Deus, a veneração dos santos, o respeito aos sacerdotes e autoridades".[41] Esses conteúdos possuem a tendência de passar de uma apresentação concreta, dinâmica, histórica do mistério de Cristo, na qual a Palavra e Liturgia se fundem, à uma sistematização mais doutrinal quer pelos gestos, pelas explicações do Credo, do Pai Nosso, quer pela devoção popular e a arte.

Em relação ao método, a forma mais utilizada nesse período "foi aquela expositiva autoritária, ajudada dos exemplos e ilustrações recolhidos não somente dos livros sacros e dos Padres, mas também da vida consagrada".[42] É por meio dessa exposição dos dados da fé que se pode intuir a função do pároco na catequese, embora, bastante indireta e reduzida no tempo e aos destinatários, devida a responsabilidade primária ser dos pais e padrinhos. Contudo, evidencia-se que a sua atividade se concentrou na pregação dominical e nas ocasiões das festas principais dos santos, ou seja, uma pregação direta e específica voltada para os adultos. Deste modo, se pode afirmar que a catequese, carente quanto à sua organização, ficou na realidade mais nas mãos dos leigos que do clero.

Sucede que essa fragilidade formativa, passa a ser abalada no início dos séculos XIV e XV por um emergente pensamento sobre a liberdade, seja ela a de Deus ou do homem. Aos poucos, vai surgindo questionamentos e correntes, como o humanismo, antecedendo o renascimento moderno, e o fechamento aos valores

especificamente, a terceira parte da obra, a qual fazemos referência, é um pouco do estabelecimento de normas a serem assumidas. Assim, ela está preocupada muito mais em fazer uma descrição do modo de vida que o pastor precisa assumir para exercer fielmente seu ministério de modo que, o seu ser e o seu agir sejam coerentes. Revela, também, o seu contexto de catequese monástica onde encontra o seu foco na busca da salvação das almas.

[40] LIMA, L. A., A Catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 33.

[41] LIMA, L. A., A Catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 36.

[42] MEDDI, L., Catechesi, p. 31 *(tradução nossa).*

religiosos. Nesse contexto, começa a se desenvolver uma política laica e antirreligiosa. Põem-se, nesse contexto, os germes da reforma protestante.[43]

Dessa forma, de um lado havia a cristandade, do outro, se desenvolvia uma autonomia religiosa, e no centro, se vislumbrava a ineficiência da catequese. Essa situação exigia progressivamente um retorno à catequese, que finalmente ocorrerá, embora de forma limitada, por meio do catecismo. Assim, chega-se à terceira e última etapa do medievo, marcada por reformas e contrarreformas, dando-se destaques ao catecismo para os párocos.

2.1.5
O Catecismo para os párocos e o ensinamento da fé

É importante neste último ponto da formação da qual viemos, recapitular que, na comunidade apostólica o destaque era o seguimento de Cristo, ou seja, ser discípulo seguindo o Mestre. Na Igreja primitiva, a fé era entendida como um dom relacional, aceita pessoalmente e testemunhada em comunidade. Ao longo da Idade Média, três épocas distintas se identificam: a primeira, o declínio do catecumenato, onde o batismo passa a ser vivido sem as exigências de conversão; a segunda, a cristandade, a fé se tornaram o resultado de uma sociedade cristã, na qual a transmissão da fé ocorria automaticamente pelos pais aos seus filhos, sem necessidade de uma experiência pessoal de conversão. A última etapa, está no começo da modernidade, a qual se descreverá a seguir e se verá como a fé se tornará ensinamento.

O novo período que nasce nesta análise é caracterizado por significativos movimentos culturais e sociais. Na Igreja, inicia-se um esforço de instrução da catequese, graças ao sopro e estímulo das controvérsias entre protestantes e católicos; na Alemanha, o alemão Gutenberg descobre a imprensa dando mais rapidez o giro as divulgação das ideias; na França, alvorece a convulsão política e social com a revolução francesa baseada nos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade; na Inglaterra, surge a revolução industrial, espalhando-se pelo mundo inteiro, causando grandes transformações com o surgimento da indústria e a consolidação do processo de formação do capitalismo.

---

[43] ALBERICH, E.; GIANETTO, U., Andate e insegnate, p. 64 *(tradução nossa).*

O homem, por sua vez, interpelado por sua autonomia racional, questiona-se a si mesmo, procura explicação para o mundo e busca compreender a existência de Deus. Levanta novas perguntas e tenta encontrar respostas, seja a partir de sua própria experiência, da criação ou da intervenção divina.

Nessa circunstância, surge e se dissemina o catecismo como um compêndio simples e claro das verdades da fé. Ele vem sob forma de perguntas e respostas para serem memorizadas. Entre os mais conhecidos, estão:

> O Catecismo Menor e o Catecismo Maior de Lutero, de 1529. Neles, antes do Credo, do Pai Nosso e dos Sacramentos (Batismo e Eucaristia), foram colocados os mandamentos, como que para confrontar o homem com sua incapacidade de observá-los, e fazer ele toca a necessidade de salvação com suas próprias mãos. O mesmo arranjo de matéria também é adotado em 1537 por João Calvino em sua Instrução e confissão de fé em uso na igreja de Genebra, escrita em francês e traduzida para o latim no ano seguinte sob o título *Catechismus sive Christianae religionis institutio*. Nas edições seguintes, a sucessão fé, lei, oração, sacramentos é retomada, para destacar a primazia da fé. No campo católico temos os catecismos de Edmond Auger pela França (1563, 1568), de Pedro Canísio pela Alemanha (1555-1559), de Gaspar Astete (1593) e de Girolamo da Ripalda (1591) pela Espanha. Na Itália, os catecismos provêm, mais do que dos colégios jesuítas, embora existam vários autores jesuítas, de um vasto movimento popular, o da "Companhia da Doutrina Cristã", fundada em Milão em 1536 pelo padre Castellino da Castello. Desde 1537 (mas temos apenas uma edição de 1582), Castellino também teria compilado um catecismo intitulado Interrogatório do Mestre ao discípulo. A breve Doutrina para se aprender de cor, composta em Roma em 1597 pelo Cardeal Roberto Belarmino, seguida no ano depois pela mais copiosa Declaração (ou explicação) da Doutrina Cristã, para os catequistas. Esses catecismos colocam os mandamentos em segundo lugar e não seguem o padrão do Catecismo Romano. Este último, também conhecido como Catecismo Tridentino ou *Catechismus ad Parochos*, existia há mais de trinta anos, publicado em 1566 por ordem do Concílio de Trento. Foi na forma de uma exposição ampla, sem questionamentos e amigável, de tom acadêmico, repleta de referências às Escrituras e aos Padres. O esquema era próximo ao de São Tomás, com os Sacramentos em segundo lugar, logo após o Credo. A vida cristã foi delineada na terceira e quarta parte, respectivamente dedicadas ao Decálogo e à Oração. Também esta obra se tornou um clássico, traduzida em inúmeras línguas e utilizada até o século XX, ainda que mais em vista da pregação do que da catequese.[44]

Tal lista disponível demonstra como o catecismo se tornou uma estrutura educativa fundamental, definitiva e estável para a Igreja católica, recuperada após longos séculos, tornando para ela não só um meio pelo qual as crianças e os jovens em idade escolar pudessem aprender os dados da fé revelada, mas um instrumento de trabalho, especialmente para os párocos na tentativa de reunir conteúdos doutrinais e oferecê-los como base e respostas aos novos anseios do homem.

---

[44] ALBERICH, E.; GIANETTO, U., Andate e insegnate, p. 65-66 *(tradução nossa).*

Mas, como o catecismo foi destinado à formação dos padres, e somente depois o povo começou a se beneficiar das catequeses realizadas por eles, entra para a história, de modo inédito, a alusão ao presbítero como primeiro responsável ou mediador da catequese na comunidade. “Com isso podemos dizer que é a primeira vez que - no nível oficial e sobretudo no nível conciliar - a figura do pároco é tão claramente voltada para o ministério catequético e com a autoridade de um Concílio, o de Trento”.[45]

Esta relação pressupõe que a missão do pároco é de saber adaptar o conteúdo do catecismo a fim de que os ouvintes, sejam crianças ou adultos, compreendam de modo eficiente e satisfatório os elementos doutrinários, bíblicos e espirituais da vida cristã. Segundo Braido, a finalidade da doutrina do *Catechismus ad Parochos* é de levar a todos o “conhecimento de modo definitivo e com toda a alma, Cristo crucificado, único salvador para que esse conhecimento se torne imitação e seguimento na caridade”.[46]

Essa importância atribuída ao catecismo para os párocos não se resume apenas ao fato de conter nele a organização sistemática da doutrina, dele ser um objeto de estudo e formação para o próprio clero e um instrumento pastoral dos mesmos, mas, significa, o retorno à integração da família e da comunidade na dimensão da fé, esquecida há muitos séculos atrás pela cristandade. A Igreja, de certo modo, volta a sua tarefa de anunciar e educar seus filhos na fé, utilizando-se de métodos proporcionados às devidas circunstâncias, assim como L. Meddi pontuou em relação a metodologia usada na época:

> Previa a aula vespertina solicitada por um “pescador” (convite feito em voz alta nas estradas aos pais para que mandassem os filhos à catequese); a divisão em três classes (alta, média, baixa), animações escolares (prêmios, apresentações, cortejos, mas também punições); e finalmente a disputa, uma competição anual para determinar quem conhecia melhor a doutrina.[47]

Entretanto, é possível encontrar ao longo do tempo e até os dias atuais, críticas rigorosas e recorrentes sobre esse modelo de catequese. Uma delas é a própria acentuação ao aspecto cognitivo da fé,[48] manifestada pela primazia da memorização

---

[45] STENICO, T., La parrocchia focolare di catechesi e il ministero catechistico del parroco, p. 123 *(tradução nossa).*
[46] BRAIDO, P., Storia della catechesi, p. 127 (*tradução nossa*).
[47] MEDDI, L., Catechesi, p. 38 (*tradução nossa*).
[48] BARBON, G.; PAGANELLI, R., Pensare e attuare la formazione, p. 18.

em virtude do desprezo da experiência humana, resultando dessa forma na separação de fé e vida, cotidiano e inteligência. Identicamente, há quem reprova o método perguntas-respostas, dizendo que ele ofereceu apenas uma "abstração da fé enfraquecendo a importância da vida comunitária na formação religiosa dos fiéis".[49] E existe ainda aqueles que sustentam a aridez do catecismo devido à sua distância com a Bíblia, com o sentido da história da salvação e com a liturgia.[50] Essas lacunas, contudo, foram sendo preenchidas à medida que iam surgindo novos catecismos nos países, regiões e autores diferentes com o propósito de equilibrar esses hiatos.

Sem dúvidas, estas tentativas revelaram o itinerário percorrido pela Igreja na busca pela formação dos seus fiéis, desde suas raízes até às vésperas do Concílio Vaticano II. Esse arco formativo que ousamos chamá-lo aqui de formação da qual viemos permitiu delinear esse caminho. Deste modo, se viu nascer uma ação formativa desde a pedagogia divina de Deus, passando pela de Jesus e seus discípulos, até àquela da Igreja; viu-se o seguimento, o anúncio, o catecumenato e o seu declínio, a idade de ouro da catequese e o surgimento dos catecismos. Essa linha histórica buscou também delimitar os espaços e momentos em que o presbítero se tornou um dos sujeitos ou próprio objeto da catequese.

O passo seguinte é especificar a formação cristã a partir do Concílio Vaticano II, buscando nesse evento conciliar algumas indicações para a realização formativa. O objetivo é descrever a inspiração catecumenal presente em suas principais recomendações, ao tempo que, se põe a solicitude maternal da Igreja nesta missão. Neste sentido deve ser compreendido a formação dos leigos e, em seguida, a dos futuros presbíteros em um contexto de continuidade entre o tempo e a formação. Essa descrição se faz tendo em vista, recusar alguma observação que se possa fazer em direção a uma clericalização do nosso argumento. A isso se rebate pondo o presbítero como aquele ministério de síntese e não como a síntese dos ministérios. Portanto, como um dos sujeitos responsáveis capaz de entender em primeira pessoa sua dimensão catequética desde a formação inicial, revelando-a por meio do afeto e da promoção da Iniciação à Vida Cristã na comunidade.

[49] ALBERICH, E.; GIANETTO, U., Andate e insegnate, p. 65 *(tradução nossa).*
[50] ALBERICH, E.; GIANETTO, U., Andate e insegnate, p. 66 *(tradução nossa).*

2.2
A formação no atual momento

Refletir sobre a ação pastoral da Igreja como resultado da qualidade formativa dos seus membros é fundamental para compreender os desafios quanto aos sinais de esperança para o nosso tempo. Uma pergunta provocativa que resume bem essa ideia é a seguinte: por que parece que o Evangelho de Jesus estar cada vez mais distante da vida e das decisões das pessoas, enquanto elas se aproximam cada vez mais das ideologias e buscam nelas algo em que acreditar e viver?

Uma primeira resposta pode ser dada em nível pedagógico. Nos dias atuais, é essencial reconhecer que a formação na fé não é o mesmo que sua educação.[51] Rever o falimento pastoral a partir desta perspectiva significa, primeiramente, priorizar a educação da fé do sujeito para em seguida, complementá-la com a formação por meio de um acompanhamento. Isso requer que o catecúmeno ou a criança seja antes educada no sentido de tirar fora as suas verdades, sejam elas negativas ou positivas em um processo de *metanoia*. Esse processo exige partir do eu atual para se chegar ao eu ideal, alcançado graças à proposta do homem novo, um novo coração e uma nova mente. Trata-se de conhecer antes, para depois se libertar daquilo que o aprisiona. É necessário identificar os desejos profundos da pessoa, e não apenas atender a uma necessidade institucional sem solucionar a carência pessoal.

Isso gera um segundo nível, o eclesial, que levanta a seguinte questão: por que os processos de transmissão da fé não alcançam as novas gerações nem geram transformações? Pelo contrário, parece haver um rompimento entre a geração atual e a futura. Será que esses espaços estão ocupados por figuras adultas desmotivadas e pouco influentes que já não transmite a novidade e a alegria do Evangelho? Estariam elas envolvidas em uma pastoral do cansaço? Também podemos nos perguntar se há uma carência na formação do clero e na formação permanente dos

[51] Amadeu Cincini trabalha essa distinção dentro do aspecto formativo em vista do ministério ordenado e da vida consagrada. Contudo, sua compreensão dada a cada uma dessas tarefas esclarece a missão da Igreja e do presbítero, quando, ambos, decidem oferecer a Iniciação à Vida Cristã como itinerário formativo. A Iniciação não pode ser compreendida apenas como uma resposta institucional à necessidade formativa, ela deve, também, considerar o desejo educativo do ouvinte que está diante da sua proposta. Assim, o autor entende que a formação, em termos concretos, é colocada dentro e ao serviço deste caminho, que começa com a educação e termina com a formação (e a instituição). Esses processos pedagógicos são realmente implementados graças ao acompanhamento. Portanto, são três realidades muito distintas, embora, obviamente, convergentes: educação, formação (instituição), acompanhamento. O tema é tratado diretamente em CENCINI, A., Formazione, p. 277-295 (*tradução nossa*).

adultos. Será que lhes falta uma antropologia educativa mais profunda e aberta ao transcendente?

Essas questões se tornam ainda mais relevantes quando colocadas no contexto pastoral. É urgente questionar a qualidade da formação oferecida às pessoas quando elas procuram pelos sacramentos. Urge pensar se essa formação é suficiente para aquelas que desejam recomeçar sua vida cristã ou estabelecer uma nova relação pessoal com a Igreja. Além disso, é essencial afastar do imaginário dessas pessoas a ideia nostálgica de que os encontros formativos são meras repetições de algo já compreendido. Isso evita que um momento único de compreensão e aprofundamento da fé seja reduzido a um evento suportado apenas pela obrigatoriedade para a recepção de um sacramento. Essa sensação reflete a frágil ligação entre vida, catequese e liturgia em nossas comunidades.

O resultado dessa situação mostra a necessidade de se considerar um nível teológico na formação. Esse esfacelamento é consequência da perda do sentido de continuidade e unidade, levando à "fragmentação sacramental popular relegando o simbólico e o sentido transformador da opção religiosa ao momento rito-festivo social".[52] Além disso, essa fragmentação reflete a concretização de uma visão mágica e imediata da ação dos sacramentos no imaginário devocional, vinculada a um cunho emocional sem compromisso ou tendência ao vínculo institucional duradouro.

Nos próximos pontos, se tentará considerar esses eixos mencionados à luz do que a Igreja propõe a partir do Concílio Vaticano II. A imagem do presbítero como aquele que às vezes caminha à frente, outras vezes no meio e, em certos momentos, atrás do seu povo, ilustra bem essa intenção. Continuemos, então, refletindo sobre o agir da Igreja à luz do Concílio Vaticano II.

2.2.1
A recuperação da inspiração catecumenal da catequese

A inspiração catecumenal reflete o esforço da Igreja em atualizar e aplicar a pedagogia catecumenal nos itinerários de formação da fé. Essa metodologia baseada no catecumenato primitivo, mantém seus traços característicos com tempos e etapas em um processo gradual, envolvendo crianças, jovens e adultos, sejam eles

[52] CASTRO, S. S., Impactos do RICA na Iniciação à Vida Cristã, p. 213.

batizados ou não, ou que ainda não completaram a Iniciação à Vida Cristã. A insistência em recuperar tal processo decorre do diagnóstico de que a prática catequética em nossas comunidades não é suficiente. Para reverter essa situação, é necessário compreender a pessoa adulta como interlocutora da catequese e não apenas a criança.

Essa proposta não é simplesmente uma reprodução de um modelo que correspondeu eficazmente em uma determinada época, mas surge como uma resposta a um momento que a Igreja se viu desafiada a educar seus membros na fé. Ao mesmo tempo, essa inspiração reflete circunstâncias subjacentes que impulsionaram a Igreja a retomar essa direção e refazer seu caminho catequético no século XX, considerado o "século da catequese".[53]

A primeira circunstância reflete uma situação cultural resultante dos desdobramentos da revolução industrial e francesa como se mencionou no tópico anterior, e da fragilidade da catequese enquanto simples instrução. Uma segunda, coloca o século XX atravessado por duas guerras mundiais e, por fim, as próprias transformações internas pelas quais a Igreja passou em vista do contexto desafiador e suas incidências na própria missão confiada por Deus. "Os estudos bíblicos, patrísticos, litúrgicos, teológicos; as mudanças na forma de pregação, no entendimento sobre o ecumenismo e na própria catequese conduzem à renovação da Igreja".[54] Esses movimentos colocaram a Igreja em uma nova perspectiva relacional com o mundo e consigo mesma, exigindo dela mesma uma nova investigação teológica. Isso estreitou a relação entre catequese e teologia impulsionado pela renovação bíblica e litúrgica, além de introduzir uma abordagem psicopedagógica na catequese. Essa abordagem revisou e propôs metodologias que considerassem a vida e o contexto em que o ouvinte está inserido.

Tais acontecimentos adquirem um significado ainda maior quando os conectamos aos esforços dos Papas anteriores ao Concílio Vaticano II, em relação

---

[53] BOLLIN, A.; GASPARINI, F., A Catequese na Vida da Igreja, p. 203. "A catequese é beneficiada por grandes correntes de renovação da Igreja na primeira metade do século XX: a renovação bíblica (Garrigou Lagrange, Escola Bíblica de Jerusalém e de Roma); litúrgica (Odon Casel, Beda, Pius Parch, Mosteiro de Solesmes); teológica (Scheeben, J. Daniélou, Henri de Lubac, Jungmann, Ives Congar, Karl Rahner); missionária, pastoral, espiritual etc. Há correntes pedagógicas que muito favorecem a renovação da catequese: escola de Munique, Maria Montessori (1870-1952), Helena Lubienka de Lenval (1895-1972). E, também, as Semanas Internacionais de Catequese: Anvers (1956), Niemega (1959), Eichestät (1960), Manila (1967), Medellín (1968), que mobilizaram muitas forças". NERY, I., Catequese com Adultos e Catecumenato, p. 162-163.

[54] CARVALHO, H. R,. et al., Catequista, p. 26.

à catequese. Foi Pio X que publicou em 1905 a *Acerbo Nimis*, a primeira encíclica sobre a catequese originando, assim, o documento base do renascimento catequético no início do século XX. Após constatar a difusão da ignorância religiosa, o Papa propôs como remédio o ensino assíduo do catecismo e lembrou que a instrução catequética é o primeiro ofício do pároco e que a este "não tem dever mais grave, nem obrigação mais exigente do que aquela".[55]

Estas transformações em andamento já antes da realização do Concílio alcançaram seu ápice durante este grande evento. Os documentos conciliares impulsionaram essas mudanças e estabeleceram pontos importantes para a Iniciação cristã, ampliando, certamente a visão pastoral e consequentemente, a catequese. Tal destaque pode ser dado aos dois mandatos do Concílio que serão apresentados a seguir, e ao longo da pesquisa, outros documentos serão retomados, visando a ligação direta com o argumento em questão.

O primeiro mandato refere-se à elaboração de um Diretório de formação catequética para o povo cristão.[56] A solicitação desse Decreto está mais alinhada com "princípios, orientações, critérios e indicações para estimular e guiar a tarefa catequética das igrejas particulares".[57] Seis anos depois, em 1971, foi publicado o primeiro Diretório; em 1997, o segundo; e em 2020, o terceiro e mais recente.

Já os números 14 do *Christus Dominus*, o 64, 66, 71 da *Sacrosanctum Concilium*, e o 14 da *AD Gentes* indicam o segundo mandato conciliar que enfatiza a renovação do catecumenato e a elaboração de um rito próprio para o batismo de adultos. Essa renovação se concretizou em 1992 com a promulgação e publicação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. O interesse pela restauração reflete a nova

---

[55] AN 7. Outros dois fatos tiveram Pio X como protagonista: o Decreto *Quam singulari*, de 1910, que antecipa a idade da primeira comunhão dos 8-12 anos, para os 5-7 e exige um texto catequético breve, fácil e límpido para a compreensão e memorização pelas crianças; a publicação do Catecismo da Doutrina Cristã de 1912, que é também uma resposta a essa exigência. O catecismo tem pouco mais de 400 perguntas, uma estrutura tripartida (credo, mandamentos e graça), foi difundido em muitos países europeus e de missão, embora só na Itália se tornasse, na prática, o texto nacional. Um terceiro fato se deu em 1917, Bento XV promulga o Código de Direito Canônico que codifica as prescrições do seu antecessor. As disposições principais (reunidas no Liber III - Pars Quarta "*De magisterio eclesiastico")* referem-se à catequese paroquial dominical e à preparação para os sacramentos. Pio XI, com o motu próprio *Orbem Catholicum*, de 29 de junho de 1923, institui o Conselho Catequético Central na Sagrada Congregação do Concílio (hoje do Clero). A sua missão é promover e coordenar a ação catequística em todo o mundo. O seu primeiro responsável foi dom Carlo Veneziani. Em 1929, foi instituída pela Sagrada Congregação do Seminários e Universidades a disciplina de Catequética nos cursos teológicos e dois anos mais tarde com a constituição apostólica *Deus Scientiarum Dominus*, insere-se a catequética entre as disciplinas especiais das faculdades de teologia. BOLLIN, A.; GASPARINI, F., A Catequese na Vida da Igreja, p. 214-215.

[56] CD 44.

[57] LIMA, L. A., Catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 81.

compreensão que a Igreja dá à inspiração catecumenal, diferenciando-a de uma certa concepção tradicional de catequese na qual era privilegiado quase exclusivamente o conteúdo doutrinal. A catequese agora é vista como "uma educação de toda a vida cristã e um tirocínio de certa duração com o fim de unir os discípulos com Cristo seu Mestre".[58]

Identificados, portanto, alguns desses pretextos e contextos que moldaram o Concílio, convém descrever algumas características que configuram, atualmente, esse processo de inspiração catecumenal,[59] conforme proposto pela Igreja.

O Diretório para a Catequese fala da necessidade de uma pedagogia de "Iniciação inspirada no itinerário catecumenal capaz de responder com sabedoria pastoral à pluralidade das situações".[60] De acordo com o mesmo documento, essa metodologia não implica em repropor, ao pé da letra, o catecumenato, mas em assumir seu estilo e dinamismo formativo indicando os elementos necessários e indispensáveis: "o caráter pascal, iniciático, litúrgico, ritual e simbólico, comunitário, o caráter de conversão permanente e de testemunho e aquele de progressiva experiência formativa".[61]

O Diretório Nacional de Catequese assim descreve que a inspiração catecumenal remonta ao início da Igreja e à época dos Santos Padres, e se realiza numa ação gradual que se desenvolve em quatro tempos, como é apresentado no Ritual de Iniciação Cristã de Adultos: o pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação e a mistagogia.[62]

O Papa Francisco menciona, por sua vez, os interlocutores dessa inspiração catecumenal. Segundo ele, hoje, a Igreja "não pode dar por descontado que os mesmos conheçam o horizonte completo daquilo que dizemos ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho".[63] Dessa forma, a inspiração catecumenal na catequese se apresenta como a resposta tanto a nível da necessidade institucional da Igreja, em termos de formação oferecida, quanto a nível pessoal, como educação, ação transformativa. Assim, a ação pastoral ganha

[58] CD 14.
[59] Alguns autores e outros documentos utilizam termos variados com o mesmo sentido. Chamam de: catequese de inspiração catecumenal; catequese de estilo catecumenal ou catequese de metodologia catecumenal.
[60] DC 65.
[61] DC 64.
[62] DNC 46.
[63] EG 34.

um novo rosto na medida que educa e forma o sujeito e deixa enriquecer-se por ele com os novos dons e carismas que ele traz ao ingressar nela.

Por causa disso, a hipótese desse capítulo é de que o desafio pastoral da Igreja na sua dimensão evangelizadora resulta da sua fragilidade formativa e que para reverter essa situação é fundamental recuperar a inspiração catecumenal da catequese na condição de propor, gerar, educar, desenvolver, amadurecer progressivamente a fé e fazê-la nutrir com a formação permanente, tendo o presbítero como aquele capaz de animar tal percurso sem desconhecer nem desvalorizar os demais ministérios e sujeitos envolvidos.

Tal abordagem se torna mais clara se expressada de outra forma: os aspectos socioculturais não devem ser desconsiderados e nem suas incidências na evangelização subestimadas. Contudo, a proposta deve ser analisada a partir de dentro de um ângulo interno e eclesial: por que a Igreja não oferece uma catequese capaz de responder adequadamente a esses desafios? Quem são os primeiros responsáveis por esta iniciativa e por que, gradualmente, estas ações não reverberam interiormente na pessoa, mas se tornam suportadas em vez de celebradas? Compreender que a conversão pastoral é, antes, uma conversão formativa mudança de rota e mentalidade. Significa também reconhecer que a inspiração catecumenal da catequese é uma inspiração pastoral para toda a Igreja. Essa Igreja deve continuamente retornar à fonte, se refrescar e ganhar novo ânimo. Isso se dá, igualmente, na renovação da compreensão da Igreja como uma mãe educadora de seus filhos.

2.2.2
A solicitude maternal da Igreja como mãe educadora

Foi dito anteriormente que no Concílio de Trento a Igreja retomou a sua missão de educadora da fé, especialmente com a preocupação de formar seus padres e, consequentemente, seu povo. O Papa Pio XI concebia essa missão eclesial como um direito pleno de promover as ciências, as letras e as artes sempre que necessário e útil para a educação cristã e a salvação das almas. Para ele, o exercício desse direito não poderia ser considerado uma ingerência indevida, mas era “providência maternal da Igreja para proteger seus filhos, daquilo que ele chamava contra os

graves perigos de todo o veneno doutrinal e moral".[64] Diante dessa realidade, somente uma adequada instrução religiosa e moral poderia salvaguardar os jovens.

A partir do Concílio Vaticano II, essa tarefa se ampliou originando uma série de iniciativas renovadoras compreendendo cada vez mais a comunidade eclesial como aquela que tem direito à formação cristã. A declaração *Gravissimum Educationis* pontuou essa reivindicação, evidenciando duas categorias importantes: a primeira afirma que "todos os homens, não importa a sua raça, condição ou idade, possuem, por gozarem da dignidade de pessoa humana, direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim".[65]

A segunda categoria remete a uma educação específica, pois "os cristãos que, uma vez feitos nova criatura mediante a regeneração pela água e pelo Espírito Santo, se chamam e são de fato filhos de Deus, têm direito à educação cristã".[66]

Observe-se que, em primeiro momento, a educação em sentido genérico visa apenas assegurar a maturidade humana da pessoa. Já essa última, a educação cristã busca introduzir progressivamente no conhecimento do mistério utilizando-se de modos diversificados. O primeiro deles é a formação catequética "que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério de Cristo e impele à ação apostólica".[67]

Talvez seja essa a maior contribuição da Declaração conciliar: reconhecer a necessidade de uma educação integral, compreendendo-a como proximidade e não como distanciamento e dicotomia entre fé e vida. Dessa compreensão, a Igreja se ver obrigada a dar como mãe a seus filhos uma educação capaz de inspirar toda sua vida pelo espírito de Cristo. Ao mesmo tempo, deve se dispor a colaborar com todos os povos na promoção da perfeição integral da pessoa humana, no bem da sociedade terrena e na edificação de um mundo mais humano.

Em síntese, a Igreja tem a função de "anunciar a todos os homens o caminho da salvação, de comunicar aos fiéis a vida de Cristo e de ajudá-los, com a sua contínua solicitude, a conseguir chegar à plenitude da vida".[68] É interessante notar que essa dupla preocupação da Igreja: conhecer a Cristo e viver a vida plenamente, inverte-se, se assim podemos dizer com relação a uma compreensão eclesial

[64] DIM 24.
[65] GE 1.
[66] GE 2.
[67] GE 3.
[68] GE 3.

anterior ao Concílio. Se antes a Igreja tinha a obrigação de educar, fazendo parte do seu direito divino enquanto sociedade perfeita, agora no pós-concílio é o próprio cristão quem possui esse direito e recai sobre os ministros ordenados o grave dever de educar. O Direito Canônico descreve dessa maneira: "é próprio e grave dos pastores de almas cuidar da catequese do povo cristão, para que a fé dos fiéis, pelo ensino da doutrina e pela experiência da vida cristã, se torne viva, explícita e atuante".[69]

Ciente disso, pode-se dizer que a Igreja não se omitiu na execução dessa obrigação nos anos seguintes ao Concílio. Ela manifesta claramente esse cuidado quando alguém busca elencar um acervo documental delimitando um caminho no qual se pode demonstrar o que já se conseguiu fazer. Em 1971, seis anos após a conclusão do Concílio, foi publicado o Diretório Catequético Geral; em 1972, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos; em 1975, a *Evangelii Nuntiandi* que colocou a catequese como um dos aspectos da evangelização; em 1979, a *Catechesi Tradendae* sobre a catequese do nosso tempo; em 1983, no Brasil, foi publicada a Catequese Renovada, que se tornou o marco divisor na história da catequese no País; em 1992, o Catecismo da Igreja Católica; em 1997, o Diretório Geral para a Catequese; em 2005, no Brasil, foi publicado o Diretório Nacional de Catequese; em 2007, o Documento de Aparecida destacou o caminho de formação dos discípulos missionários, especialmente no seu sexto capítulo; em 2007 o CELAM publicou um manual de catequética; em 2009, os bispos brasileiros propuseram um estudo sobre a Iniciação à Vida Cristã, culminando, posteriormente, em 2018, no Documento 107 da Conferência cujo título é Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários; em 2013, a Comissão Bíblico-catequética publicou o itinerário catequético; em 2012, aconteceu a nível mundial o Sínodo convocado pelo Papa Bento XVI sobre a Nova Evangelização; em 2013, a *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco apresentou uma catequese querigmática e mistagógica;[70] em 2020, foi publicado o Diretório para a Catequese; em 2021, novamente o Papa Francisco surpreendeu a todos com o Motu Proprio *Antiquum Ministerium* com o qual o Pontífice institui o Ministério de Catequista; em 2022, os Bispos do Brasil aprovaram os Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista dando origem ao Documento 112 da Conferência e em 2023, foi aprovado pelo

[69] CIC, Cân.773.
[70] EG 163-175.

Santo Padre o Ritual de Instituição de Catequistas. Essa lista, sem a pretensão de ser exaustiva e correndo o perigo de omitir algum documento importante, revela essa maternidade da Igreja enquanto educadora dos seus filhos.

Contudo, mas recentemente o Papa Francisco traduziu esse dever e solicitude maternal da Igreja, expondo um vínculo mais existencial e iniciático da vida cristã. Segundo ele, a Igreja é "uma mãe de coração aberto" [71] quando externa seu amor e se abre para uma nova perspectiva mais missionária que doutrinal, mais acolhedora que preceituosa, mais acolhedora que normativa. Por isso, compete a ela cuidar, zelar, educar e formar. Dela se espera o cultivo e a preparação do terreno no qual se possa apoiar, enraizar e desenvolver a vocação do homem, pois esta vem de Deus, é dom divino. Todavia, essa vocação nunca é oferecida fora ou independente da Igreja, ao contrário, ela sempre passa por meio dela, como uma mãe "geradora e educadora de vocações".[72]

Essa atual solicitude se revela na capacidade de se deixar aquecer o coração tanto o próprio, quanto o do outro, sem se deixar levar pela rotina frenética do fazer, pela frieza que desconsidera a importância das relações e pela bipolaridade pastoral, onde se faz tudo, todos os dias, sendo a mesma pastoral e atividades de sempre. Uma prática de catequese assim, não atende à visão e às exigências iniciáticas da Igreja de hoje. Uma catequese nesses moldes condiciona a comunidade a permanecer fechada em si mesma, enferma e agarrada às suas próprias seguranças, transformando-a em uma Igreja madrasta, em vez de uma Igreja mãe.

Ao contrário disso, se espera que a solicitude maternal da Igreja opte por um processo formativo de Iniciação à Vida Cristã capaz de gerar novos filhos, confortá-los com a Palavra, acompanhá-los com sua presença, sustentá-los com o próprio testemunho na comunidade e na sociedade e alimentá-los com os sacramentos, a oração e a participação na liturgia. É isso que se espera da comunidade mãe.

Deste modo, uma Igreja que dá atenção prioritária à Iniciação à Vida Cristã expressa abertamente sua fecundidade. Para o homem, ela se torna o ventre, o útero cristão mostrando que este é "o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão, caminho traçado pelo próprio Cristo".[73] É um caminho de vida e de sentido pleno.

---

[71] EG 46.
[72] PDV 35.
[73] RH 14.

Assim, o cuidado e a solicitude materna move a Igreja a se tornar um itinerário para acompanhar o homem e ensiná-lo que a vida cristã é uma grande peregrinação rumo à casa do Pai, cujo amor incondicional por cada criatura se descobre todos os dias como vivenciou o filho pródigo (Lc 15,11).

Quanto mais a Igreja é materna, mais ela se torna catecumenal, isto é, se configura catecumenalmente e, como tal, apresenta um caminho pedagógico de crescimento que Deus abre ao homem e através dela continua a agir. A Igreja, portanto, zela por esta iniciativa divina, cuidando de suscitar o desejo implícito e a busca explícita que cada ser humano traz dentro de si em relação a Deus. Ela acompanha a pessoa humana neste caminho até chegar à Boa Nova, à conversão e ao desejo de vivê-la. Através dos sacramentos da Iniciação a Igreja transforma o homem em possuidor dos maiores bens que ele poderia desejar: o perdão dos pecados, a fé, a santificação, o dom do Espírito Santo, a adoção como filho de Deus e a vida eterna.

Igualmente a mãe Igreja revela seu amor quando se coloca a caminho com seus membros, à semelhança de Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,13). Ela os acompanha, sobretudo os descontentes e distantes, aqueles que, ao decidirem virar as costas para a comunidade, fecham o coração e os olhos, retornando à velha vida. Esses indivíduos esquecem as experiências vividas com o Evangelho, encolhem a fé, a caridade e a oração, obscurecem o testemunho e voltam à vida do cristão pagão. É exatamente nessas condições que precisa suscitar neles o verdadeiro espírito filial em relação à Igreja, mostrando o amor de mãe que não julga, mas acolhe, celebra e acompanha. Para tanto, é necessário contar com leigos devidamente preparados para que possam realizar suficientemente essa missão, ajudando os outros a alcançar essa experiência e compartilhando a missão própria de cada um.

2.2.3
A formação laical na missão da Igreja

Com a realização do Concílio Vaticano II, inicia-se um novo tempo e uma nova concepção da vocação, da identidade e da missão do leigo na Igreja e no mundo. Este evento eclesial transfere o leigo de um mero objeto de solicitude da hierarquia para um sujeito ativo na ação pastoral e no testemunho de Jesus Cristo ao mundo. O Concílio enfatiza o batismo como fonte igualitária de todos os

membros do povo de Deus e rejeita a mentalidade de que os leigos sejam apenas consumidores e destinatários da ação pastoral dos ministros ordenados.

Agora, inseridos em uma mesma categoria, clero e leigos marcam sua presença não por uma função eclesial, mas pelo batismo. Com a categoria Povo de Deus, "há uma valorização do sacerdócio comum de todos os fiéis, no qual todos são chamados, cada qual a sua maneira a colaborar com a missão salvífica da Igreja na construção do Reino de Deus".[74] Essa foi a compreensão do Concílio ao buscar definir os leigos como

> O conjunto dos fiéis, com exceção daqueles que receberam uma ordem sagrada ou abraçaram o estado religioso aprovado pela Igreja, isto é, os fiéis que, por haverem sido incorporados em Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, por participarem a seu modo do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhes compete, a missão de todo o povo cristão.[75]

Em vista dessa ação no mundo, a *Gaudium et Spes* afirma*:* "os leigos, que devem participar ativamente em toda a vida da Igreja, estão obrigados não somente a impregnar o mundo de espírito cristão, mas também são chamados a serem testemunhas de Cristo em tudo, no meio da comunidade humana".[76] É a mesma concepção presente no segundo capítulo do Decreto *Apostolicam Actuositatem* quando trata dos "fins a atingir" do apostolado dos leigos na missão da Igreja. A finalidade da missão aparece aí como responsabilidade de permear e aperfeiçoar as coisas temporais com o espírito evangélico. Dessa maneira, os leigos devem agir no mundo com consciência cristã, pois o seu apostolado não deve se limitar a determinado campo de vida, mas o seu testemunho deve permear os mais diversos campos. Com efeito, em ordem temporal ou espiritual "o leigo é simultaneamente fiel e cidadão".[77]

O sexto capítulo do decreto trata da necessidade da formação do laicato para o apostolado. Este capítulo enfatiza que "o apostolado só pode atingir plena eficácia com uma multiforme e integral formação, exigida não só pelo contínuo progresso espiritual e doutrinal do próprio leigo, mas até pelas várias circunstâncias de coisas, pessoas e tarefas, às quais se deve adaptar sua atividade".[78] Ao apresentar a

[74] KUZMA, C., Leigos e leigas, p. 70.
[75] LG 31.
[76] GS 43.
[77] AA 5.
[78] AA 28.

necessidade da formação para o apostolado dos leigos, o decreto aponta alguns princípios, tais como: a aprendizagem de como cumprir a missão de Cristo e da Igreja, que se dá por uma sólida formação prática e técnica como fundamental para a sua tarefa; o cultivo da arte da convivência e cooperação fraterna em vista do diálogo; que ele aprenda gradualmente o método ver, julgar e agir à luz da fé, aperfeiçoando-se com os outros na ação para o serviço ativo na missão eclesial. Assim, de acordo com o decreto, a formação deve perpassar todas as instâncias da vida dos fiéis, a começar pelas famílias até as mais diversas circunstâncias da sua vida profissional e social com os meios e adaptações das variadas formas de apostolado.[79]

Vinte e três anos após o Decreto, o Papa João Paulo II, retoma a reflexão sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo e escreve a Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, na qual coloca a formação entre o chamada de Deus e a resposta responsável do homem.[80] Ele chama atenção para a necessidade da formação integral e propõe viver a unidade em vista da superação do divórcio entre fé e vida.[81] O Papa apresenta ainda os critérios para que essa formação ganhe sentido na vida e na missão do leigo. Ela deve possuir a dimensão espiritual como forma de crescimento incessante na intimidade com Jesus Cristo; doutrinal, como instrumento catequético para racionalizar a esperança; possuir aspectos sobre a doutrina social da Igreja, como auxílio na tomada de consciência social, sobretudo acerca dessas questões e como a Igreja assegura seus princípios de reflexão, os critérios de julgar e as diretivas práticas em relação a tais situações; e, finalmente, os valores humanos, particularmente significativos para a ação missionária, apostólica e o crescimento pessoal do próprio leigo.[82]

Para o Pontífice, os sacerdotes e os religiosos devem ajudar os fiéis leigos na sua formação. Neste sentido, ele recorda que os

> Padres do Sínodo convidaram os presbíteros e os candidatos às Ordens a ‘prepararem-se diligentemente para serem capazes de favorecer a vocação e a missão dos leigos’. Por sua vez, os próprios fiéis leigos podem e devem ajudar os sacerdotes e os religiosos no seu caminho espiritual e pastoral.[83]

[79] AA 29-32.
[80] CfL 57.
[81] CfL 59.
[82] CfL 60.
[83] CfL 61.

Esta reciprocidade formativa expressa a ajuda mútua no exercício do ministério ordenado e na ação apostólica do leigo, que, como dissemos anteriormente, não é uma subordinação ou um apêndice daquele, mas possui sua "própria responsabilidade, específica e absolutamente necessária para a missão da Igreja".[84]

O Documento de Aparecida, ao reconhecer a dignidade do leigo, destacou a importância de uma formação sólida como fundamento para a qualidade da ação missionária. Afirmou que "para que esta missão dos leigos possa ser cumprida, eles necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral e espiritual".[85] Isso requer do pastor maior abertura de mentalidade para que atenda e acolha o "ser" e o "fazer" do leigo na Igreja.[86]

Os bispos do Brasil, partindo destas recomendações, entenderam que "sem uma formação permanente, contínua e consistente, o cristão leigo corre o risco de estagnar-se em sua caminhada eclesial".[87] Por isso, recomendaram a necessidade de níveis diferenciados de formação no âmbito da comunidade eclesial, oferecendo aos distintos sujeitos o que for conveniente e necessário para sua compreensão e vivência da fé, de acordo com suas fases de vida tanto biológica quanto eclesial. Assim, foram delineadas as características da formação inicial, contínua, específica e permanente:

> Começando com a Iniciação à vida cristã e continuando com a formação bíblico-teológica e com as diversas formações específicas. Também é fato que, por se tratar de um processo contínuo de aprofundamento da fé e da realidade, de modo mutuamente implicado, a formação requer atualização permanente segundo o que orientam as Diretrizes da Igreja, a pesquisa teológica e a pesquisa científica. Seja mistagógica, integral, missionária e inculturada, articuladora, prática, dialogante, específica, permanente, atualizada e planejada.[88]

Observa-se que Iniciação à Vida Cristã e a mistagogia são respectivamente o primeiro nível e a primeira característica dessa formação. Para os bispos ambas são vistas como o ponto de partida fundamental para a compreensão e desenvolvimento de um projeto formativo que atenda tanto aos discípulos missionários desejosos de conhecer mais profundamente a Pessoa de Cristo, quanto aos próprios leigos que se

---

[84] AA 1a.
[85] DAp 212.
[86] DAp 213.
[87] CNBB, Doc. 105, 226.
[88] CNBB, Doc. 105, 227.238.

tornaram responsáveis por promover esse processo. Isso, por duas razões: a primeira pela tamanha dimensão geográfica do nosso País onde nem sempre as comunidades dispõem da presença e dos serviços do ministro ordenado de forma regular e sistemática, cabendo aos leigos a tarefa de reunir, agregar, celebrar, anunciar; a segunda, pelo próprio protagonismo que o leigo alcançou na Igreja.

Neste sentido, deve-se considerar a presença dos mesmos na execução das atividades catequéticas, especialmente das mulheres. No Brasil, em 1990, os bispos apresentaram um estudo onde a catequese era 95% realizada pelos leigos, sendo apenas o restante, 5% realizada por religiosos, seminaristas e presbíteros. Deste grande contingente, 80% eram mulheres, manifestando-se, assim, fortemente a presença feminina neste ministério eclesial.[89] Esses números, mesmo não atualizados e disponibilizados hoje em estatísticas exatas, acredita-se que essa composição não tenha sofrido grandes alterações. Isso se deve tanto a uma conscientização dos leigos, quanto ao reconhecimento da Igreja de que a catequese é uma missão crucial, confiada diretamente aos catequistas, leigos ou religiosos, com grande ênfase no papel dos primeiros. No entanto, é importante refletir sobre essa realidade, para que não se limite a uma justificativa meramente funcional, mas se reconheça o valor da vocação laical no contexto catequético como algo essencial para a vitalidade da Igreja.

A instituição laical do ministério de catequista pelo Papa Francisco é um coroamento desse processo. Esse gesto reflete a complementariedade dos ministérios, manifestando a plena participação do povo de Deus na vida e missão eclesial. Evidencia que a participação laical não é uma segunda chamada ou preenchimento de vagas não completadas antes pelos ministros ordenados ou pelos aspirantes ao sacerdócio. É um dever da Igreja oferecer para que os leigos "possam exercer bem sua vocação nos dois campos de atuação específicos, no interior da Igreja institucional e no mundo através do exercício ético profissional".[90]

De modo particular a proposta dos "Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista" oferecida pela CNBB merece destaque. É um motivo, segundo os bispos, de "unidade e de comunhão, na diversidade de dons e ministérios que se colocam a serviço da comunidade eclesial para o seu

[89] CNBB, Documento de estudos 59, 2.
[90] DAp 174.

amadurecimento e crescimento".[91] É uma proposta que culmina com o nosso objetivo em refletir sobre a formação do leigo na missão da Igreja e, de certo modo, reconhecer o esforço eclesial, especialmente quando se refere à formação do leigo catequista.

Talvez o grande desafio da Igreja, hoje, seja reconhecer a importância de investir na formação dos leigos com a mesma intensidade que se investe na formação dos futuros presbíteros. Em seguida, expor a preocupação e sensibilizar os presbíteros a vislumbrar a catequese como dimensão do seu ministério, da sua vida presbiteral e não apenas como um evento, um encontro ou uma atividade exclusivamente destinada aos leigos.

2.2.4
A formação catequética do clero e dos futuros presbíteros

A formação catequética dos presbíteros, tanto os atuais quanto os futuros, revela uma situação interessante. Embora, tanto o ministério presbiteral quanto a catequese sejam amplamente reconhecidos por sua importância na missão da Igreja, e haja inúmeros estudos relevantes sobre ambos, é curioso que essas reflexões raramente sejam tratadas em conjunto. Isso destaca o valor de integrar essas duas dimensões que são essenciais, mas muitas vezes abordadas de forma isolada.

Essa escassez e fragilidade, resultam primeiramente em uma questão prática: a ausência dos presbíteros no dia a dia do processo da catequese. Na realidade brasileira, esse serviço é frequentemente assumido quase que exclusivamente pelos leigos catequistas, rendendo, de qualquer modo menos urgente a sua presença direta.[92] Entretanto, essa contribuição ocasionou, em muitos deles, uma mentalidade de terceirização da catequese, na qual considera a catequese exclusiva dos leigos. Como resultado, muitos presbíteros não a veem como parte de sua atuação e dimensão enquanto ministros ordenados.

Esse pensamento reflete a carência da própria formação catequética inicial e permanente considerada muitas vezes, como "descartável" entre párocos e seminaristas.[93] Nesse sentido, a problemática se alarga à medida que se torna

[91] CNBB, Doc. 112, 11.
[92] SCIUTO, C., Rinnovare l'iniziazione Cristiana, p. 54. Tal análise, como se vê, concentra-se mais em uma perspectiva pastoral.
[93] Gianetto, U., Formazione catechetica del futuro sacerdote, p. 317-333. Outra constatação é feita por E. Alberich quando este, sendo relator da Conferência realizada pela Equipe Europeia de

necessário redefinir a identidade e os objetivos da catequese enquanto ciência, considerando as exigências atuais e as respectivas grades curriculares de ensino. Esse pretexto, porém, não pode coibir ou justificar o distanciamento do presbítero em relação à catequese, que ocorre devido ao acúmulo de suas atividades pastorais. Essa sobrecarga os afoga, subtraindo-os tempo e energia para a sua formação permanente quanto para a formação da comunidade cristã.

Diante disso, tanto a *Ratio Fundamentalis* como as atuais Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil relacionam a formação inicial à perspectiva da Iniciação à Vida Cristã dos formandos. Ambas afirmam que a formação dos presbíteros é a continuidade de um único "caminho de discipulado"[94], que se inicia com o batismo, se aperfeiçoa com os demais sacramentos da Iniciação cristã e se torna o centro da própria vida no momento de entrada no Seminário, e continua por toda a vida. O documento dos bispos brasileiros retoma esse argumento da *Ratio Fundamentalis* e acrescenta que a Iniciação à Vida Cristã é o "seguimento à Cristo"[95] e, portanto, a formação é um processo contínuo de conversão que se inicia no encontro pessoal com o Senhor e se fortalece na decisão de colocar-se como discípulo missionário de Cristo, em comunhão com todos os fiéis, a serviço do Reino de Deus e de sua justiça.

Esses documentos, portanto, buscam aprofundar e fortalecer a experiência dos formandos com a Iniciação, sobretudo, ao observar que muitos deles chegam às casas de formação sem ter vivenciado tal processo em suas comunidades de origem. Essa complexidade resultou, por muito tempo, em um círculo vicioso: esses formandos, já vítimas da fragilidade em suas bases ao serem ordenados, tornam-se presbíteros que retornam às comunidades repetindo os mesmos estilos catequéticos. Embora tenham sido ordenados e catequizados, não foram suficientemente iniciados.

Essa situação reflete, na verdade, uma dupla preocupação: como os presbíteros atuais e futuros, podem exercer sua missão na catequese e transformá-la em um espaço para processos, ao invés de serem meros eventos sacramentais?

Catequese em 1996, diz: "Um dado negativo resulta da constatação quase unânime. Deixa muito a desejar a formação catequética dos seminaristas e dos sacerdotes. É esta uma ênfase que retornará mais de uma vez durante os trabalhos da Conferência e que constituem um elemento fortemente condicionado da catequese e para todo o desenvolvimento do tema da formação". ALBERICH, E., La formazione dei responsabili e degli agenti della catechesi, p. 1336.

[94] CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, O dom da vocação presbiteral, introdução, tópico 3, p. 4.

[95] CNBB, Doc. 110, 32.

De que maneira eles podem atuar como catequistas nas paróquias e animadores das vocações, formandos esses vocacionados como discípulos, mistagogos e neófitos permanentes?

A resposta está na consciência que precisa ser despertada a partir da formação inicial e no amadurecimento da vivência do ministério, que é aprimorado e fortalecido por meio da formação permanente. É importante considerar também o real significado e a nova compreensão que a catequese exige atualmente dentro do processo da evangelização da Igreja.

Por isso, é urgente questionar qual é a linguagem própria da catequese em uma sociedade hiperconectada, especialmente em relação aos cursos oferecidos, tanto nas plataformas digitais quanto presencialmente nas comunidades missionárias. É necessário considerar os impulsos trazidos pelo atual Diretório para a catequese e a instituição laical do ministério de catequista nos ambientes eclesiais. Além disso, é essencial entender as consequências da decisão da Igreja no Brasil em adotar a Iniciação à Vida Cristã como itinerário de formar discípulos missionários. Devemos também perguntar pelos sinais visíveis da catequese ao contemplar os novos rostos da pobreza, as questões ecológicas, o ecumenismo e a instrumentalização da piedade popular. Por fim, é importante refletir sobre até que ponto se perpetua o princípio da fé e da vida, conforme apontado na Catequese Renovada, como orientação e método a serem adotados em nossas práticas catequéticas.

Portanto, a questão em si da formação catequética permanente do clero e da formação inicial do futuro presbítero precisa ser abordada com cuidado. Em vista disso, o atual Diretório para a catequese, em seu quarto capítulo, reserva quatro números importantes com essa finalidade. Um deles remete-se ao bispo como agente cuidador e responsável por integrar as indicações mencionadas nos dois números anteriores. O último número indica os Centros superiores para especialistas em catequética como órgão que prepara presbíteros, diáconos, consagrados e leigos para uma formação catequética de nível superior, estimulando pesquisas e preparando-os para a formação em casas e ambientes formativos.

Os dois números reservados especificamente à formação catequética dos futuros presbíteros indicam passos significativos e merecem atenção. Antes de tudo, o Documento reconhece que a qualidade da catequese em uma comunidade depende também dos ministros ordenados que dela cuidam. Em razão disso, ele cita o

número dezenove da *Optatam Totius* onde a Igreja recomenda que haja "uma instrução específica ao formando sobre o anúncio e a catequese".

A partir dessa preparação adequada, os futuros presbíteros estarão aptos a manifestar sinais concretos de sua ação catequética, como: "paixão pelo anúncio do Evangelho; capacidade para catequizar os fiéis; capacidade de diálogo com a cultura; espírito de discernimento; disposição para formar catequistas leigos e colaborar com eles; capacidade de elaboração criativa de percursos de educação à fé".[96]

Essas seis condições habilitam o candidato a desenvolver sua dimensão catequética de maneira consciente, atingindo de fato, horizontes concretos da sua vida presbiteral: a paixão pelo anúncio do querigma, que é inseparável do ser missionário; a dimensão celebrativa, na qual a homilia se torna aspecto comparativo da sua aproximação com o povo, permitindo que a Palavra proclamada através dos lábios do ministro, ilumine a vida dos ouvintes; e, ainda, a capacidade de dialogar com o diferente e o novo, aproveitando as oportunidades que a cultura oferece para apresentar a pessoa de Cristo.

Por fim, essa formação promove o discernimento, dom inseparável à vida presbiteral. Através dele, o presbítero, como homem de inteligência contemplativa, desenvolve a habilidade de ver e contemplar a Deus, ao mesmo tempo que evita desvios como fundamentalismos ou relativismos levados ou vividos aos extremos. Essa maturidade espiritual qualifica sua paixão formativa pelos catequistas, reconhecendo sua importância e utilizando a criatividade para impulsionar processos permanentes em vista da construção da identidade cristã da própria comunidade. Por esse motivo, seminários e casas de formação devem incentivar tais iniciativas, consolidando esse propósito e assegurando a harmonia entre a formação inicial e a permanente, como partes de um mesmo caminho.

2.2.5
O ministério entre o tempo e a formação: a perda de sentido de continuidade

O pensamento anterior sobre o dilema da formação catequética do clero e do futuro presbítero apresentou algumas indicações para superar essa fragilidade formativa. No entanto, essas diretrizes revelam uma outra situação: a perda do

[96] DC 130-150.154-155.

sentido da continuidade histórica entre o passado, o presente e o futuro, o que leva a questionar a "relação entre os modelos da Iniciação à Vida Cristã do passado e de hoje, e, portanto, diria inclusive da Igreja, e os modelos que o ministério ordenado e a compreensão da vocação assumiram e têm assumido também no presente".[97]

Esse questionamento retrata uma questão atual na formação, ou ao menos, indaga por que o modelo em exercício da catequese parece não mais suscitar tantas vocações como no passado, - salvo as exceções em algumas realidades eclesiais -, enquanto, por outro lado, se observa o surgimento de vocações adultas provenientes de movimentos e novas comunidades de vida.

Tal fato instila que a catequese realizada no passado pode não ter atingido o âmago da vida dos catequizandos ou, pelo menos, não foi suficiente para responder às inquietações de seus corações, deixando-os sem as bases necessárias para a construção de sua identidade cristã no futuro. Contudo, essa constatação não é verificável e, por essa razão, não pode ser deduzida como causa fundante. Além disso, ao observar o retorno ou o aprofundamento da educação infantil no mundo adulto, revela-se outra característica de nossa época: a perda da força dos símbolos e sinais que, outrora, possuíam um poder católico significativo, mas que agora se deterioram diante da escassez e fragilidade do sentido da vida.

Em busca dessa independência e autonomia, o homem moderno se desconecta desses sinais e passa a viver sua vida como se ela fosse infinita, sem oportunizar, nem deixar germinar as sementes do Evangelho, tornando-se o super-herói da sua própria existência.

Para esses que optam por viverem assim, o passado cheira a mofo e a Igreja é vista como uma instituição que apenas os incomoda com o anúncio da fé, sem invadir suas escolhas ou iluminá-las com esperança. O pecado já não os humilha, e o presbítero não lhe é mais necessário para o sacramento da confissão, pois, segundo a sua própria acusação, Deus, em sua misericórdia, os aceita sem a necessidade de mudanças interiores à luz do Evangelho.

Esse exame de consciência é extremado, sendo de um lado marcado pelas expectativas e, do outro, pela amnésia. As expectativas estão ligadas a uma vida

[97] FLORIO, M., Teologia sacramental, p. 284.

criativa e dinâmica, onde quem produz é feliz e quem consome, logo existe.[98] Essa ânsia imperiosa leva, ao invés de proporcionar júbilo, a uma angústia permanente, pois cada vez que se confronta consigo mesmo, a pessoa se percebe deslocada da história e paralisada na vida. O remorso enche o depósito e a saída é procurar um psicólogo que, frequentemente, não tem mais vaga no seu consultório enquanto o confessionário permanece vazio. A ditadura da amnésia rege que, nesse momento, é feliz quem esquece, e, portanto, o tédio, o sofrimento e a dor se tornam condições psicológicas para a autossuperação.

Se o "deslocamento histórico e a quebra na sensação de conexão"[99] com o passado caracterizam esse rompimento entre as gerações de fé, o presente se transforma na arte de viver. Essa arte envolve a "atualização, adaptação, renovação e interpretação dos sinais dos tempos dialogando com a Tradição e expressos em novas expressões culturais inteligíveis pelas pessoas de hoje".[100] Aqui o homem procura refazer a conexão com o mundo religioso à procura de respostas para suas crises, inclusive, a crise da fé.

Considerando que ele esteja no âmbito católico, essa nova busca por experiências religiosas configura o presente do indivíduo. A Igreja torna o lugar de encontro com o sagrado e o ministro ordenado é visto como aquele que pode falar de Deus. A experiência com grupos e movimentos pode levar a uma conversão tardia e, às vezes, pode despertar uma inquietação por um chamado e por uma decisão mais radical na vida.

Aqui, é possível retomar a questão inicial referente a relação entre os modelos da Iniciação à Vida Cristã do passado e do presente, bem como os modelos que o ministério ordenado e a compreensão da vocação assumiram atualmente. A descrição acima revela que, na atualidade, exige-se do presbítero uma compreensão aguçada do ser humano a quem se dirige e para quem oferece um itinerário formativo.

Da mesma forma, é válido questionar o comportamento e a mentalidade eclesial do presbítero diante dessas realidades. A maneira como ele pensa e age reflete a catequese recebida ao longo de sua caminhada cristã. Desse modo, se pode

---

[98] De acordo com Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, a frase "Consumo, logo existo", demonstra que, na sociedade pós-moderna, a condição indispensável à vida é o consumo. MIRANDA, N., "consumo, ergo sum" (ou consumo, logo existo), p. 184-200.
[99] NOUWEN, H., O curador ferido, p. 22.
[100] JÚNIOR, F. A., O mistério do tempo, p. 63-67.

afirmar: “dize-me qual Iniciação cristã viveste e te direi a que Igreja e, portanto, a que vocação ao ministério ordenado te sentes eventualmente candidato/chamado”.[101]

Sendo assim, pode-se afirmar o quanto a Iniciação à Vida Cristã está para o presbítero e quanto este está para ela. Ambos são inseparáveis, assim como é indissociável a sua missão na comunidade como sujeito responsável pela educação da fé das pessoas que a ela pertencem.

Nesse sentido, o olhar se desvia do passado e do presente e se volta para o futuro, enxergando nele os desafios e as possibilidades. Com isso, nasce a mentalidade de que a formação não é um evento momentâneo destinado apenas a um sacramento específico, mas um processo contínuo para a vida. Assim, a formação se revela como um grande arco, uma curva de esperança que não se esgota nem se desespera.

Agora, dessa sensação de unidade e conexão entre passado, presente e futuro, bem como entre formação inicial e permanente, entre tempo e ministério, coloca a missão do presbítero como aquele capaz de dar ritmo, integrar essas fases e unir expectativas, amnésia e memória.

Para esse fim, possibilitará no presente, que a fé cristã navegue por quatro mares imensos: memória, martírio, misericórdia e mistério. Esses são os quatro “emes” que, segundo Fernando Altemeyer Júnior acalenta e desafia a Igreja. O primeiro “eme” é o da memória que nos conecta às origens, ao rito, aos que nos precederam na fé e no amor arquetípico por Deus Criador. O segundo “eme” é o martírio, ou seja, o testemunho de viver segundo o Evangelho de Jesus. O terceiro “eme” é o da misericórdia, que une corações às dores e esperanças de todo ser humano que clama por liberdade. O quarto “eme” é o do mistério, que tudo envolve e permite rezar e contemplar a beleza da vida.[102]

Especificamente o presbítero do século XXI, precisa possuir esse potencial e o cheiro de ovelhas para ser amigo de Jesus e amigo do homem, de quem Deus espera loucamente pela sua salvação. São esses os caminhos que hoje impelem a Igreja e o presbítero caminharem para o amanhã.

---

[101] FLORIO, M., Teologia sacramental, p. 284.

[102] JÚNIOR, F. A., O mistério do tempo, p. 86-93. No último capítulo da nossa tese, especialmente no tópico sobre a pastoral presbiteral como vivência da mística e espaço de formação permanente, retornaremos a essa intuição dos “emes” e ali apresentaremos a imagem do leme como guia dessa nova navegação.

2.3
Os desafios da formação para a qual devemos ir: novas exigências para a Igreja hoje

O caminho histórico percorrido pela pesquisa até aqui é muito claro. Seu objetivo é demonstrar a formação da qual viemos, passando pelo momento atual da formação para se chegar ao terceiro ponto: a formação para a qual a Igreja precisa ir. Nesta última etapa se escolherá, entre outros, cinco elementos desafiadores para a formação e a educação da fé. Essas escolhas refletem o contexto vigente e não possui a intenção de serem as únicas, nem de serem apresentadas em ordem de importância. O intuito é indicá-las como meios e ambientes através dos quais o presbítero é chamado a ter em mente quando pensa em construir um processo formativo em uma comunidade de fé. Os cinco elementos selecionados são: a linguagem, a própria Iniciação à Vida Cristã, o verniz como seus desafios, a sinodalidade na formação e a função poliédrica da catequese.

2.3.1
A necessidade de uma pastoral formativa mais aberta e comunicativa

A eficácia de uma ação evangelizadora hoje, perpassa pela qualidade da comunicação que dela se faz. O critério não se restringe apenas ao uso das melhores técnicas, mas envolve a maneira correta de como suscitar a adesão do ouvinte. A forma como ele responde é um reflexo da profundidade do seu processo catequético e de como este o auxiliou na acolhida do anúncio realizado.

Por essa razão, a linguagem utilizada, assim como os demais meios disponíveis, são formas e elementos indispensáveis na construção de um itinerário formativo na "era da mobilidade".[103] Eles compõem os indicativos de um projeto de quem se preocupa com a fé em um mundo virtual, hiperconectado e caracterizado pela cultura digital e pela urgência da pressa.

De fato, a internet não é um simples instrumento de comunicação que se pode utilizar ou não, mas um novo modo de estar no mundo. Trata-se de um ambiente cultural que determina um estilo de pensar, contribuindo para definir um modo peculiar de estimular a inteligência e de estreitar as relações. Pode-se afirmar que a internet não é um novo meio de evangelização, mas antes de tudo, um contexto no

[103] SANTAELLA, L., Linguagens líquidas na era da mobilidade, p. 180-183.

qual a fé é chamada a se expressar não apenas por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens.

Entender essas mudanças na comunicação da fé é tão importante que o Diretório para a catequese contemplou essa temática ao chamar atenção para a cultura digital, segundo a qual possui características que impactam "a noção de tempo e espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações e entrar em relação com os outros",[104] gerando uma "transformação antropológica entre nativos e emigrantes digitais",[105] mas também causando novos fenômenos religiosos quando esses vão se manifestando em uma espécie de pseudo-religião universal que vai legitimando uma nova fonte de autoridade com todos os componentes dos ritos religiosos.

Consequentemente, isso se torna uma questão de catequese, pois essas novas formas de educação tendem a desvincular o conteúdo da hierarquia de valores, gerando a necessidade de uma educação mediática e o enfrentamento do analfabetismo digital. Nesse aspecto, a missão do presbítero como educador da fé do povo de Deus é indispensável dado que a grande inquietação surge de como propor o querigma e aprofundá-lo nesse contexto, inclusive, como passar do tradicional ao digital sem perder o essencial e como a catequese digital pode ser integrada a Iniciação à Vida Cristã sem deixar seu caráter mistagógico e comunitário. Equivale compreender também, que a realização dessa catequese mediada pelas tecnologias, não substitui a cultura do encontro e da proximidade, dado que, não se faz catequese apenas usando ferramentas digitais, mas oferecendo espaços de experiência de fé.

Todavia, para propor esses ambientes como afirma o Papa Francisco, é preciso desenvolver uma pastoral mais aberta e comunicativa, capaz de favorecer respostas positivas em todos aqueles a quem Jesus oferece sua amizade.[106] Fortalecer esses sentimentos faz parte da iniciativa de uma Igreja que, em tempos de mudanças, busca anunciar o coração do Evangelho.

Neste sentido, o sonho do Papa é que a Igreja, ao invés de se auto preservar mediante velhos costumes, estilos, horários, linguagens e toda uma estrutura, se torne um canal para a evangelização no mundo atual. Consequentemente, envolve

---

[104] DC 359.
[105] DC 362.
[106] EG 27.

curar feridas, aquecer os corações dos fiéis, estar mais próxima deles e permitir que experimentem verdadeiramente a misericórdia de Deus.

A comunidade de fé, ao oferecer uma catequese que alcance a todos, propõe uma renovação que não se limita apenas aos indivíduos, mas transforma toda a vida e a dinamicidade da Igreja, promovendo sua própria conversão pastoral. Somente assim, tanto a catequese quanto a paróquia, com a capacidade de se adaptar à vida das pessoas, podem se aproximar do povo e escutar suas dores. Nesse sentido, exige-se do presbítero a realização de duas categorias pastorais que refletem a originalidade do Evangelho e fazem parte da ação pastoral da Igreja.

A primeira categoria diz respeito à aproximação. Assim como Deus se revelou, mostrando-se próximo ao seu povo, a Igreja, se coloca e "vive no meio das casas dos seus filhos[107]" tendo a missão de ajudar na revolução da ternura provocada pelo Verbo Encarnado, buscando a felicidade de quem está ao seu lado e não uma posição "auto referencial ou narcisista".[108] A Igreja e o presbítero possuem a tarefa de revelar o amor de Deus pelo seu povo, esvaziando-se de si mesmos para comunicar as palavras do Evangelho, que é sempre uma Pessoa. Caso contrário, se tiverem corações cheios e satisfeitos consigo mesmos não terão espaço para o próximo nem para o sofrimento dos seus filhos, pois estarão focados em seus próprios interesses. Nesse sentido, o apelo profundo de Francisco é claro:

> Evitemos de fechar-nos nas estruturas que nos são uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis nos hábitos que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: dai-lhes vós mesmos de comer.[109]

A segunda categoria é a do encontro. A aproximação gera o encontro, que por sua vez, possibilita a comunhão. Essa aproximação, expressa através do diálogo, o que o Papa chama de cultura do encontro. Esse processo deve começar com o presbítero, que primeiramente faz a experiência pessoal de se encontrar com Cristo e com a Igreja, depois com o próximo e, finalmente, com a comunidade. É uma atitude de quem tem compaixão e se deixa mover pelas necessidades dos outros, em vez de se deixar levar por suas próprias indiferenças.

Por conseguinte, mesmo com os muitos recursos e oportunidades disponíveis, particularmente devido aos avanços tecnológicos, nossa época continua marcada

---

[107] EG 28.
[108] Francesco, PP., Il nuovo umanesimo in Cristo Gesù, p. 421.
[109] EG 49.

por grandes desencontros. É verdade que testemunhamos frequentemente por meio dos atuais instrumentos, experiências bem-sucedidas de encontros que desdobram em cooperação e na concretização de projetos sociais, políticos e humanitários. No entanto, é perplexo observar tantos exemplos de descompassos que colocam a sociedade na contramão de grandes oportunidades.

Nesse caso, o Santo Padre enfatiza a necessidade de uma sociedade capaz de superar a indiferença, o desencontro e a cultura do descartável, promovendo a inclusão das pessoas no dinamismo social, especialmente os jovens.

Tudo isso significa dizer que é possível quando a Igreja adota estruturas e ações pastorais abertas e comunicativas ao estabelecer um contato verdadeiro com a vida do povo. A Igreja deve caminhar ao lado das pessoas, inserir-se no dia a dia delas e deixar-se evangelizar por elas. Destarte, a Igreja cumpre sua missão "de evangelizar quando ela mesma se deixa continuamente ser evangelizada".[110]

Nesta relação recíproca, ao sair de si mesma para encontrar o outro com suas riquezas e dificuldades, ocorre a descentralização das estruturas. O que resume bem o sonho do Pontífice: uma Igreja corajosa, que não se deixa vencer pelo "pragmatismo cinzento da vida cotidiana, no qual, aparentemente tudo precede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai se deteriorando e degenerando na mesquinhez".[111]

Por isso, diante das vicissitudes que se tem analisado, não basta que a Igreja mantenha um programa e um estilo uniforme de formação. Em uma época de rápidas mudanças, é essencial que a Igreja viva fundamentalmente a realidade humana e se insira nos desafios do cotidiano, agindo como fermento e testemunho sendo peregrina ao invés de um museu. Em uma frase simbólica: uma Igreja deve ser como um hospital de campanha que depois da batalha, acolhe, cura e se ocupa dos filhos feridos na vida e na fé.

Entretanto, permanecem alguns desafios com os quais a Igreja e o presbítero precisam enfrentar constantemente. Um deles é como pensar uma catequese mais narrativa e simbólica em uma sociedade profundamente marcada pela imagem.[112]

---

[110] EG 74.
[111] EG 83.
[112] Configuração narrativa da catequese não significa, no entanto, apenas repetir as narrativas evangélicas "modernizando-as". Para compreender o que significa fazer "catequese narrativa" pode ser iluminador recordar o processo que deu origem às narrativas evangélicas. Os discípulos de Jesus, familiarizados com os procedimentos hermenêuticos da leitura atualizante dos escritos bíblicos, a

Outro desafio, é pensar uma catequese que valorize o silêncio e a contemplação do mistério em meio ao barulho, à agitação e à pressa; além disso, é importante considerar como estruturar uma catequese mais demarcada pelo ritmo do Ano Litúrgico, em vez de ser orientada apenas pelo ano escolar. Por fim, é necessário unir catequese e liturgia em uma pastoral criativa que busque a renovação e forme discípulos, mas não se limite a atrair apenas adeptos e seguidores.

2.3.2
A Iniciação à Vida Cristã como eixo integrador da formação cristã

Os Bispos do Brasil definiram que o itinerário para formar discípulos missionários é a Iniciação à Vida Cristã. Para eles, Iniciação significa que a pessoa "vive um processo e através dele caminha em direção ao mistério amoroso do Pai, sendo, ao mesmo tempo, iniciada na comunidade eclesial, para professar, celebrar, viver e testemunhar a fé em Jesus Cristo, no Espírito Santo".[113]

Deste modo, a Igreja no Brasil acolhe o pedido feito pelo Concílio Vaticano II de recuperar o catecumenato e intensifica os seus esforços por meio de diversas publicações de documentos, como: Diretório Nacional de Catequese (2005); Estudo sobre a Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal (2007); DGAE 2011-2015 (2011); Itinerário catequético (2013); Comunidade de comunidades: uma nova paróquia (2014); DGAE 2015-2019 (2015); Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade (2016); Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários (2017) e as DGAE 2019-2023. Mais recentemente, foi publicado o documento 112, que apresenta os Critérios e itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista como forma de acolher o Motu Proprio *Antiquum Ministerium* do Papa Francisco.

Com esse conjunto de esforços, a Igreja compreende que a Iniciação traz um novo ânimo à vida da própria Igreja e a renovação da catequese, superando a visão de catequese como uma simples aquisição de conhecimentos acerca das "noções sobre as realidades da fé"[114] enfatizando-a como um processo. Além disso, ajuda a superar a solidão catequética, que muitas vezes é entendida ou assumida apenas

eles recorreram quando quiseram narrar os atos e as palavras de Jesus. GOPEGUI, J. R., experiência de Deus e catequese narrativa, p. 155-156.

[113] CNBB, Doc. 107, 61.

[114] CNBB, Doc. 107, 230.

como atividades de um grupo em preparação para os sacramentos, situadas à margem da comunidade e distantes dos demais grupos que a compõe.

A Iniciação, conforme apresentada, retoma o conceito de mistério. No RICA, ele é descrito como a ação salvadora de Deus na história, um acontecimento realizado e oferecido como salvação a todos os seres humanos. Este mistério de Deus atinge sua plenitude em Jesus de Nazaré e é anunciado na comunidade de discípulos e discípulas até a sua vinda gloriosa. Por isso, o mistério "não se trata de um elemento mítico, de uma construção mental, científica, religiosa, ideológica, mas de uma Pessoa".[115] Conhecê-La e mergulhar no mistério é o objetivo da Iniciação à Vida Cristã proposto pelo RICA.

Esse modo de falar da Iniciação à Vida Cristã é reforçado pelos documentos que afirmam e apresentam seu significado, importância e o itinerário a ser percorrido como meio eficaz de educação da fé. Ele se torna uma resposta às exigências de uma sociedade hiperconectada, cansada, ansiosa e afastada das práticas de fé e da sua comunidade. Esse cenário reflete os desafios externos que incidem na evangelização e a forma de anunciar o Evangelho, além de aumentar seu fascínio.

Da Iniciação, porém, se espera que ela seja capaz de iluminar esse momento atual de transição e retorno. De um lado, temos o que a Igreja apresenta sobre Jesus conforme o Evangelho; do outro, está o Jesus que a sociedade espera e busca. Por um lado, espera-se um Jesus que transforme vidas e dê às pessoas um novo sentido, levando-as a se comprometer pessoalmente com sua conversão dentro de uma comunidade de fé que é solidária com o próximo. Por outro lado, há um Jesus que se submete ao narcisismo, capaz de se adaptar aos modos pessoais, quase chegando a ponto de se ajoelhar em um gesto de desculpas pelos sofrimentos e angústias causados. Sendo assim, resulta em pessoas voltadas e convertidas a si mesmas, expectadoras de uma fé sem exigências e religiosas sem comunidades.

Essa ambivalência se intensifica quando se observa o retorno religioso marcado por um discurso que carece de compromisso com a prática comunitária da fé. Muitas vezes, vê-se a realização de obras virtuais de bom samaritano, mas com remorsos, expressos através do ódio ou da busca pela prosperidade. Assim, a Igreja e as tradições religiosas tornam-se dispensáveis, pois o indivíduo assume a

[115] BOROBIO, D., A celebração na Igreja, p. 24.

responsabilidade de definir sua própria existência e de se conectar com Deus. Compreensões sociais de conceitos fundamentais como verdade, bondade, valor, ética e lei tendem a ser ressignificadas a partir do mundo interior do indivíduo. A confiança recai apenas sobre si mesmo, pois a "a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social e as imagens dominaram as narrativas".[116]

Nessa insatisfação ou confusão pessoal, a religião muitas vezes se sobrepõe ao querigma e, muitos, sem saber, começam ou recomeçam a buscar a Deus a partir dos momentos ou experiências religiosas. Alguns, procuram reviver as vagas lembranças de um Deus da infância como na época da Primeira Comunhão, quando eram coroinhas, ou de quando a mãe, avó ou tia os levavam à Igreja. Outros encontram abrigo em experiências religiosas distintas, impulsionados pela amizade ou por situações difíceis, mas sentem saudades do berço cristão no qual foram gerados. Há aqueles que inspiram pelo testemunho e exemplo de vida, como Santa Irmã Dulce dos Pobres e do Papa Francisco; outros ainda que buscam cura e consolação ou tentam regular sua vida eclesial por meio dos sacramentos. Diante de todas essas situações, o presbítero precisa estar atento para acolher tais anseios e recomeçar um caminho de volta, sabendo que, depois será necessário aprofundar o conhecimento acerca do amor de Deus. Nesse momento, o presbítero não pode se contentar apenas com as emoções e sentimentos da fé. Ele deve transformar esses sentimentos em razão da esperança. Deste modo, a Iniciação se torna um caminho que faz amigos de Jesus, e não apenas simpatizantes do ministro ordenado. Deus vale-se de seus servos, mas espera deles gestos indicativos para o Cordeiro, para aquele que tira o pecado do homem e do mundo.

Dito isso, o presbítero agora precisa compreender que a Iniciação ao fazer parte e integrar a pastoral da comunidade, requer dele uma responsabilidade para reger e harmonia as partes. Ele deve garantir que cada parte da comunidade ecoe o som e o ritmo necessários para que ela continue sendo um berço acolhedor e gerador de novos cristãos.

[116] HARVEY, D., Condição pós-moderna, p. 293.

2.3.3
O verniz da Iniciação à Vida Cristã e seus desafios: da função programática à mentalidade paradigmática

Uma outra maneira de abordar a Iniciação à Vida Cristã é considerar sua compreensão interna e sua realização no dia a dia paroquial. Sabe-se que ela já é uma realidade comprovada por sinais visíveis onde já se decidiu tornar toda a paróquia iniciática. Observa-se uma maior integração entre as pastorais e grupos, além de uma renovação no rosto da comunidade envolvida.

Entretanto, mesmo com esses avanços, pode-se apontar algumas lacunas da Iniciação. Embora esses atos falhos possam ser atribuídos a falhas de entendimento ou de implementação, eles revelam o verniz e instiga cuidados em relação à formação para a qual a Igreja deve caminhar.

Existem aquelas comunidades com seus ministros ordenados e leigos, que já optaram pela Iniciação à Vida Cristã e estão dando passos. Ainda assim, muitos desses passos se concentram apenas nos aspectos celebrativos dos ritos, o que resulta em um serviço pastoral deslocado do restante da comunidade. Em outras comunidades, o desejo de implementação foi despertado, mas logo sufocado pelas inseguranças e as dúvidas, levando à suposição de que a Iniciação seria uma substituta da catequese tradicional, entendida como encontros preparatórios aos sacramentos. Outras comunidades buscam a formação de seus catequistas com uma abordagem de inspiração catecumenal, mas, às vezes, esbarram na indisposição do ministro ordenado, o padre, que não confia, não conhece e não entende que sua participação vai além do apoio ou das celebrações dos ritos. Há também aquelas comunidades que confundem, inocentemente, a Iniciação à Vida Cristã com uma catequese voltada para adultos que se preparam em vista da celebração dos sacramentos no tríduo pascal; além disso, observa-se um analfabetismo iniciático manifestado no desconhecimento dos principais termos fundamentais como “querigma”, “catecumenato”, “eleição”, “purificação” e “mistagogia”, entre outros.

Contudo, outro desafio ainda mais significativo quanto à prática, é como fazer funcionar toda a comunidade iniciática, - compreendendo aqui as pastorais, grupos, movimentos e serviços que estão à serviço da Iniciação e, ao mesmo tempo, disponibilizar meios e espaços pastorais para que esses novos cristãos possam enriquecer a própria comunidade com seus dons e carismas.

Essa mútua colaboração deve ser parte do projeto eclesial de uma Igreja em saída, mas sua realização só é possível se, antes, houver o encontro complementar da conversão iniciática com a conversão pastoral, o que resultará, finalmente, na mudança de rota e na mentalidade do encontro com o diferente de nós e da Igreja. É improvável transformar uma paróquia inteiramente iniciática sem que tenha havido, previamente, uma conversão pastoral. Para essa finalidade, é necessário observar a ordem que inicia nas pessoas para se chegar às estruturas. Neste sentido, três passos fundamentais devem ser seguidos: "a mudança de mentalidade, a renovação interior e a reforma missionária da pastoral".[117]

Os dois primeiros passos são de responsabilidade dos presbíteros. Eles são os principais "colaboradores do Bispo".[118] E, em nome deste, possuem a missão de guiar pastoral e espiritualmente o povo que lhes é confiado. Fiéis à missão e à vocação da própria Igreja em sua tarefa de evangelizar, também devem se preocupar com a reforma missionária na pastoral. Segundo o Papa Francisco, sem essa dupla fidelidade, "toda e qualquer nova estrutura se corromperá em pouco tempo".[119]

A Iniciação é o caminho viável para esse alcance. Porém, para se chegar a esse resultado precisa rever e alterar a sua função programática para aquela paradigmática. Significa, dissociar a Iniciação como um encontro para adultos, de um *slogan* pastoral, para assumi-la como estatuto de formação permanente dentro de um processo.

Exige-se, portanto, pensar e reformular as perguntas a partir da perspectiva do ouvinte, do simpatizante ou do catecúmeno. O presbítero precisa reconhecer que o mundo mudou; não se vive mais em tempos de cristandade, e sim em uma sociedade plural. Para viver plenamente a Iniciação e a missão, é necessário recuperar o anúncio do querigma e o ardor missionário como identidade discipular, que se expressa na valorização do mundo atual e na promoção de uma fé inculturada.

Para gerar essa compreensão e provocar esse impacto é indispensável contar com catequistas bem iniciados. Infelizmente, muitos deles não vivenciaram o processo, não receberam formações adequadas ou não puderam contar com ofertas formativas nesse nível. Consequentemente, alguns se fecharam ao processo ou

[117] CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Instrução, 35.
[118] CD 30.
[119] EG 26.

decidiram recusar esse "novo tipo de catequese", optando por permanecer no estilo tradicional.

Sem entrar nos méritos pessoais e sim comunitários, essas atitudes resultaram em comunidades ou grupos voltados apenas para o culto litúrgico, sem desenvolver uma verdadeira comunidade iniciadora, ocasionando uma ruptura entre o crer individualmente e o crer comunitariamente, além de evidenciar a tendência histórica e atual da separação entre a fé e vida.

Essas e outras situações colocaram o verniz da Iniciação. Elas representam dívidas a serem pagas, não adquiridas pela Iniciação em si, mas pelo modo incompleto ou equivocado de propô-la ou vivenciá-la nas comunidades. O reflexo disso é a existência de algumas dimensões, dentro e fora da Igreja, que não receberam respostas satisfatórias ou não foram suficientemente abordadas. É o caso do ecumenismo, do diálogo inter-religioso, da ecologia integral e da catequese ecológica, assim como os novos rostos da pobreza que remetem ao estudo da Doutrina Social da Igreja.

Por isso, não se pode afirmar que a Igreja alcançou totalmente a transversalidade da Iniciação na sua missão educativa da fé. Embora permaneçam muitas atividades e programas elaborados, - e é bom que eles não faltem -, ainda é ausente esse fio condutor por meio do qual ofereça um itinerário com começo, meio e fim, atingindo a integralidade da pessoa. Essa evidência revela três desafios educativos adicionais para que a catequese se coloque a serviço dessa concepção presente: "investir nos processos que conduzam à maturidade cristã; formar sinodalmente a comunidade cristã; e educar a uma correta vivência litúrgica".[120] O primeiro já foi apresentado; agora falta abordar os dois últimos.

2.3.4
A formação sinodal da comunidade cristã

Refletir sobre o processo sinodal na formação da comunidade é bastante significativo, sobretudo, dentro da visão eclesial do Papa Francisco. É um argumento desafiador e implica à catequese e ao presbítero uma revisão no discernimento e na vivência da comunhão, participação e missão. O *Instrumentum Laboris* aponta para a importância do diálogo no Espírito como forma essencial

[120] MORAES, A. O., A concepção de catequese que brota de Aparecida, p. 159.

para se obter essa análise e para animar a experiência vivida pela própria Igreja Sinodal:

> A formação nesse método e, em particular, de facilitadores capazes de acompanhar as comunidades na sua prática, é percebida como uma prioridade em todos os níveis da vida eclesial e para todos os Batizados, começando pelos Ministros ordenados, num espírito de corresponsabilidade e abertura para diferentes vocações eclesiais.[121]

O número é preciso quanto ao sujeito, nível e finalidade dessa formação. Os interlocutores são os facilitadores, todos os batizados e ministros ordenados, ou seja, não há uma elite escolhida e sim uma carência a ser suprida. As hierarquias, papéis e funções são deixados de lado, pois todos são irmãos, discípulos na escola do Espírito, membros a serem iniciados para acolher as moções que ele tem a dizer através de cada um e dos demais. São interlocutores "que têm um profundo desejo de se abrir ao Espírito para criar fraternidade, tomar decisões juntos ou abrir novos caminhos guiados pelo mesmo Espírito (...) de acolher e construir juntos a comunhão, integrando a diversidade de sentimentos em canal comum".[122]

A segunda indicação refere-se aos níveis da vida eclesial que esse diálogo no Espírito precisa penetrar. Sua tarefa se concretiza no falar e ouvir em pé de igualdade, ou seja, eliminando o propósito de um grupo se sobrepor ao outro, evitando disputas e defesas de ideias, bem como a apresentação de temas espirituais que se desviem para o teórico ou para a análise intelectual dos problemas e sua defesa racional. A abertura para esse estilo formativo conscientiza os participantes a não se desviarem das moções do Espírito, a rever o sentido e o poder da autorreferencialidade e a se abrir à perspectiva do bem comum como valor prevalecido para todos. O reconhecimento dos dons, das capacidades racionais de cada um e dos seus conhecimentos intelectuais é visto como uma forma de melhor exercer o que o Espírito tem a dizer e não os que estes carismas pessoais dizem a Ele.

Por fim, a finalidade da formação. Ela visa provocar o sentimento de corresponsabilidade e o reconhecimento das diversas vocações eclesiais. Ela emerge como fruto da eclesiologia de comunhão, que "conduz a Igreja à verdade total, unifica-a na comunhão e no ministério, instrui-a e dirige com diversos dons

---

[121] XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*, 42.
[122] ALVES, J. A. G.; LÓPEZ, O. M., Conversa no Espírito, p. 16.

hierárquicos e carismáticos".[123] Portanto, a formação estabelece a razão do caminhar juntos, destacando a importância da comunhão eclesial tanto para a vida dos ministros ordenados quanto para a participação ativa e plena dos fiéis leigos. Ela é fundamental para renovar a missão da Igreja. Apenas estando próximo dos fiéis, o presbítero pode caminhar com eles, reconhecer os novos caminhos que eles enxergam e valorizar os dons e serviços que eles possuem. Daí a importância da comunidade como lugar por excelência da formação sinodal e iniciática. Ela "é o lugar onde o discípulo (...) cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai".[124] Além disso, é também o espaço onde ele vive e testemunha sua fé em diálogo com o outro e com o diferente.

Infelizmente, essa dimensão comunitária da catequese foi, por muito tempo, obscurecida pela ênfase exagerada na dimensão individual da fé, o que resultou no "enfraquecimento da noção de que a Igreja é assembleia, congregação, povo reunido".[125] Desse modo acentuou a convicção de que a experiência pessoal e vertical do discípulo com Deus seria suficiente para formar e fortalecer seu seguimento. Esqueceu-se que o conhecimento adquirido da fé é celebrado na Igreja e vivenciado na comunidade. Com isso, o eu creio sobrepôs ao nós cremos, causando, muitas vezes, a interpretação pessoal dos fatos e da fé em detrimento da sua vivência comunitária e eclesial, fragilizando, assim, a comunhão e a unidade da Igreja e da sua missão.

Talvez, de fato, este seja um dos primeiros desafios sinodais que o presbítero enfrenta como catequista da sua comunidade: transformar a Iniciação em um processo que não apenas mantenha indivíduos separados, reunidos ocasionalmente para alimentar seus ideais de fé e práticas religiosas, mas os forme na condição de discípulos da comunhão. Nesse sentido, se expressa Aparecida:

> A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Diante da tentação, muito presente na cultura atual de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial e ela "nos dá uma família, a família universal de Deus (...). A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão". Isto significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão.[126]

---

[123] LG 4.
[124] DAp 255.
[125] MORAES, A. O., A concepção de catequese que brota de Aparecida, p. 161.
[126] DAp 156.

O Documento então deixa claro que o discipulado se realiza na comunhão, opondo-se às ideias de isolamento, de fundamentalismo ou de divisões dentro da comunidade de fé. Esse alerta é crucial, pois tais reações são contrárias à própria natureza da fé cristã, que é inclusiva, sinodal e plural. A sinodalidade promove uma unidade que respeita e acolhe a diversidade, enquanto que, as ideologias que fragmentam a comunidade enfraquecem a missão libertadora do Evangelho.

Nesse sentido, o presbítero precisa estar atento às diferenças que surgem entre o magistério ensinado, a experiência cultual celebrada e a vivência quotidiana na comunidade. Essas diferenças refletem os diversos "estados de pertença eclesial",[127] ou seja, as diferentes formas e níveis de envolvimento dos seus membros com a fé e a vida comunitária. Identificar essas tensões e conflitos não é suficiente; é necessário também agir de forma pastoral para enfrentá-los. Uma maneira de fazer isso é promover a formação na sinodalidade entre todos os membros, respeitando suas situações concretas de aprofundamento do querigma como "anúncio principal, que sempre se tem de voltar de diferentes maneiras em todas as suas etapas e momentos da vivência da fé".[128]

O querigma, como esse ponto de unidade, deve ser também o ponto de partida para o presbítero avaliar a pluralidade formativa disponível e ofertada, especialmente nas plataformas digitais. Muitas vezes, os membros da comunidade iniciam e alimentam sua formação pessoal através desses meios, mas o fazem sem critérios adequados de discernimento. Embora existam pessoas comprometidas e dispostas a ensinar o que a Igreja realmente ensina, também há aqueles que oferecem conteúdos desvinculados da realidade, especialmente no campo da catequese, que podem até mesmo ser contrários ao que prega o magistério recente. Nesse sentido, a pluralidade formativa não possui o mesmo significado que o Espírito formativo sinodal produz na construção da unidade, da comunhão e da missão na e da Igreja.

Por isso motivo, resulta a tarefa do presbítero de cuidar dos processos formativos. Essa não é uma incumbência tão simples, pois sua própria formação requer atenção especial, como destacado no relatório final da primeira fase do

[127] MORAES, A. O., A concepção de catequese que brota de Aparecida, p. 163.
[128] EG 164.

sínodo.[129] No entanto, espera-se dele a habilidade de fazer da Iniciação um ritmo de encontro entre pessoas e a Pessoa de Cristo. Implica, portanto, assegurar que todos se escutem com atenção na comunidade e dialoguem entre si, seguindo as etapas da catequese de inspiração catecumenal e os passos da metodologia sinodal. Em suma, é importante que estejam atentos ao que o Espírito Santo possa estar sugerindo a cada um deles.

O presbítero como este facilitador do processo, deve evitar algumas tentações sinodais e iniciáticas que podem distorcer tanto o andamento quanto os resultados. "As principais são: a distração, o falso respeito, o autoritarismo, o protagonismo, a irresponsabilidade, o paternalismo, o moralismo, o protecionismo",[130] e o clericalismo.

Ao contrário, espera-se que o presbítero cumpra a mesma missão atribuída pelo Papa Francisco ao bispo. Significa dizer que, às vezes, ele precisa estar à frente do povo para mostrar o caminho e sustentar sua esperança; em outras ocasiões, deve manter-se no meio da comunidade; e, em certas circunstâncias, precisa caminhar atrás, para ajudar aqueles que se atrasaram.[131] Tal esforço não visa a propaganda ou a exposição dos talentos pessoais do presbítero. É simplesmente o compromisso de fazer o sonho missionário chegar a todos.

---

[129] XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, primeira sessão, 11e. Foi amplamente expresso o pedido de que os seminários ou outros percursos de formação dos candidatos ao ministério estejam ligados à vida quotidiana das comunidades. É necessário evitar os riscos do formalismo e da ideologia que conduzem a atitudes autoritárias e impedem um verdadeiro crescimento vocacional. Repensar os estilos e os percursos formativos requer uma ampla obra de revisão e de confronto. Já o *Instrumentum laboris* para a Segunda Sessão (outubro de 2024) ressaltou que se, por um lado, a sinodalidade missionária assenta na Iniciação cristã, por outro, deve iluminar o modo como o Povo de Deus vive concretamente o itinerário da Iniciação e o assume, fazendo-o precisamente por aquilo que de fato significa, superando uma visão estática e individualista, não suficientemente ligada ao seguimento de Cristo e à vida no Espírito, a fim de recuperar o seu valor dinâmico e transformador. O número 26 é mais enfático: convém que propostas pastorais e práticas litúrgicas conservem e tornem sempre mais evidente a ligação entre o itinerário da Iniciação cristã e a vida sinodal e missionária da Igreja, evitando reduzi-la a um instrumento meramente pedagógico ou indicador de uma pertença puramente social, e promovendo pelo contrário o acolhimento do dom pessoal orientado para a missão e a edificação da comunidade. XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, segunda sessão, 24.26.

[130] ALVES, J. A. G.; LÓPEZ, O. M., Conversa no Espírito, p. 103.

[131] EG 31.

2.3.5
A função poliédrica da catequese e a caracterização da desumanização ao transumanísmo do homem

Este último ponto traz a imagem da catequese como modelo poliedro.[132] Também é abordada a controversa perspectiva de investir na transformação da condição humana, considerando o debate atual entre o pós-humano e o transumaníssimo.[133] Além disso, discute-se o sentido correto da educação litúrgica que a catequese pode oferecer para compreender a dimensão celebrativa da fé neste contexto.

Esses elementos, de fato, impulsionam a reflexão sobre como se dará o futuro da humanidade e quais exigências serão solicitadas à Igreja para que ela continue a sua missão de evangelizar e proponha a transmissão e o conhecimento da fé às futuras gerações. Especialmente, em uma época que apresenta sinais fortíssimos de busca de melhorias biotecnológicas da natureza humana e de debate acerca do futuro pós-humano.

Para Lucia Santaella, o termo pós-humano sugere a ideia de que o humano, como conhecemos, chegou ao fim. Essa expressão indica "as grandes transformações que as novas tecnologias estão trazendo para tudo que diz respeito à vida humana".[134] Trata-se da visão de que a ciência e a tecnologia afetarão profundamente a humanidade, ampliando seu potencial e superando questões como o envelhecimento, deficiências cognitivas, sofrimento involuntário e até mesmo nosso confinamento ao planeta Terra.

A questão envolve a relação entre o humano e a técnica. "Onde termina o humano e começa a máquina".[135] Já o transumanismo é definido como

---

[132] É uma imagem muito utilizada por Papa Francisco em seus discursos. Segundo ele, o poliedro "reflete a confluência de todas as parcialidades que nele conservam a originalidade. Nada se dissolve, nada se destrói, nada se domina, tudo se integra". FRANCISCO, PP., discurso aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares. Também no número 36 da *Evangelii Gaudium*.

[133] São muitos os estudos e pesquisas nessa direção. Para um maior aprofundamento: DUPUY, J-P., O transumanismo e a absolescência do homem, p. 89-122. HABERMAS, J., O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal? VILAÇA, M. M., Melhoramentos humanos, no plural. Pela qualificação de um importante debate filosófico. Kriterion, Belo Horizonte, no prelo, 2014. VILAÇA, M. M., Qual natureza humana? Que aperfeiçoamento? Qual futuro? Reflexões em torno do conceito de natureza humana ampliada, p. 25-51. VILAÇA, M. M.; DIAS, M. C., Melhoramento humano biotecnocientífico, p. 61-86. Além da rica literatura americana disponível.

[134] SANTAELLA, L., Culturas e artes do pós-humano, p. 31.

[135] TADEU, T., Antropologia do ciborgue, p. 10.

> Uma classe de filosofias que busca nos guiar em direção a uma condição pós-humana. Transumanismo compartilha muitos elementos do humanismo, incluindo o respeito pela razão e pela ciência, um compromisso com o progresso e uma valorização da existência humana (ou transumana) 'terrena', em vez de alguma pós-vida sobrenatural. Transumanismo difere do humanismo ao reconhecer e antecipar as radicais alterações na natureza e as possibilidades de nossas vidas resultantes de várias ciências e tecnologias, tais como a neurociência e a neurofarmacologia, o prolongamento da vida, nanotecnologia, ultrainteligência artificial, combinado com uma filosofia racional e um sistema de valores.[136]

A definição é clara e aponta para o destino que o transumanismo alcançou. Sua origem, além de aproximar e, posteriormente, separar do humano, reafirma a permanência da vida humana terrena em oposição à ideia de uma pós vida sobrenatural. Evidentemente, após os longos anos que se seguiram a essa primeira compreensão, muitos outros estudiosos se colocaram nessa linha de pensamento, enquanto outros se opuseram a ela. No entanto, é possível perceber as suas consequências e os desafios que essa discussão traz trinta anos depois, sendo um deles, o uso da inteligência artificial.

Neste sentido, observa-se hoje, com cautela e muita preocupação, o aumento das influências tecnológicas, especialmente sobre os sistemas biológicos e sociais causando impactos incomensuráveis e imprevisíveis. A cada dia, tem se tornado mais evidente a falta de limites éticos nesse contexto, levantando a dúvida sobre se, no futuro, a natureza humana será aprimorada ou se os humanos deixarão de ser humanos. Ao mesmo tempo que há uma busca por essas respostas, percebe-se a esterilidade provocada pela digitalização e o desencanto com a vida. A técnica, criada pelo homem para ajudá-lo a viver melhor, acaba se voltando contra ele, tornando-o dominado e dependente daquilo que ele mesmo criou.

A catequese, diante disso, se torna o espaço de encontro entre a plenitude do amor de Deus e o vazio sequioso do homem causado por essas realidades. Ela serve como ponto de união entre a totalidade e a confluência dos extremos da vida humana com o coração do Evangelho. Nela, a tentativa transumanista se enfraquece, pois a ânsia de transcender o próprio humano revela a sede de eternidade que já foi saciada no amor salvífico de Deus em Jesus, morto e ressuscitado.

---

[136] VILAÇA, M. M.; DIAS, M. C. M., Transumanismo e o futuro (pós-) humano, p. 345. Na ocasião os autores estão explicando a origem do termo e traduzem o pensamento de quem primeiro falou sobre ele, referenciando, em seguida, o próprio autor. MORE, M., Transhumanismo.

Os sinais desse amor total e transbordante compõem, portanto, os diversos lados do modelo poliédrico da catequese. Neles, refletem-se os traços misericordiosos do Pai, enquanto que, as dores e os sofrimentos humanos são acolhidos e atraídos para dentro destes vestígios, transformando a velha na nova imagem do filho pródigo plasmada e emoldurada pela catequese.

Com essa imagem confeccionada se pode, então, executar as três atitudes que o Papa Francisco recomendou para auxiliar o presbítero na realização da função poliédrica da catequese. [137] A primeira dela é apreciar as diferenças, ou seja, treinar os olhos para captar e apreciar todas as nuances. Essa atitude reflete o estilo paciente, acolhedor e criativo do presbítero, que remete para ao modo de agir de Deus. Como recorda o profeta Isaías, Deus cria o sol resplandecente, mas não despreza a luz insegura do pavio que contém uma pequena chama fumegante (Is 42,3).

A segunda refere-se a arte do cuidado. Nela, o presbítero deve acreditar na vitalidade da sementeira de Deus que cresce em silêncio e se manifesta nos pensamentos, desejos e afetos das pessoas e membros da comunidade que lhe foram confiados. Essa etapa exige que ele se coloque muito mais como peregrino e samaritano no caminho de Emaús, em vez de adotar a postura de um simples apologético, que se resume a perguntas e respostas, "nãos" ou "sins". Ele não deve se resguardar atrás da catequese de balcão, aguardando que os outros busquem a mercadoria para, em seguida, oferecê-la.

Por fim, a terceira e última atitude lembrada pelo Papa é agir com coragem. Toda catequese precisa de presbíteros para alimentá-la com a alegria do Evangelho. Essa coragem é a virtude que está no início de cada iniciativa, desde o *fiat lux* da criação até o *fiat* de Maria e o pequeno sim da vida quotidiana. É o presbítero corajoso que permite construir pontes, mesmo sobre os abismos mais profundos, como o medo, a indecisão e os álibis paralisantes que inibem a ação e alimentam o desinteresse pela fé. O pior para um presbítero educador é não arriscar. Sem risco, não há fecundidade, não há evangelização, não há abertura ao Espírito Santo, fonte inesgotável da coragem, e, consequentemente não há motivos para se celebrar a vida e a fé.

---

[137] FRANCISCO, PP., Discurso aos participantes do encontro de capelães e responsáveis pela pastoral universitária. Aqui, se buscou adaptá-las à dimensão catequética do presbítero.

Diante dessas atitudes e da visão transumanista da condição humana apresentada, o discípulo missionário precisa, então, ser ajudado a ser um místico, um contemplativo dos mistérios de Deus. A catequese cumpre, portanto, a sua tarefa de educar para a liturgia ao permitir que o ser humano alcance esse fim e compreenda o primado da Revelação de Deus sobre si mesmo, ou seja, o ser sobre o agir. Ao entender o que se crer, se celebra e se vive, o novo discípulo se reconhece que a liturgia reestabelece o "primado da verdade sobre a liberdade, da contemplação sobre a argumentação, do sentimento sobre a razão".[138] Talvez este seja um dos desafios permanentes do presbítero e da Iniciação à Vida Cristã atualmente.

Como conclusão deste primeiro capítulo, é possível perceber que a formação da fé na Igreja sempre esteve profundamente ligada ao contexto cultural e histórico de cada época, moldando e sendo moldada pelas transformações sociais e culturais. O presbítero ao longo desse percurso, desempenhou papéis distintos, mas sempre fundamentais, como pastor e educador da comunidade. A partir das três alianças formativas que analisamos, observamos a evolução dos métodos catequéticos, refletindo as necessidades da época e projetando a missão da Igreja rumo ao futuro. Esta compreensão histórica nos oferece uma base sólida para avançarmos no estudo das exigências formativas e da missão do presbítero.

O próximo capítulo se dedicará a descrever a teologia da dimensão catequética do presbítero, com base no caminho traçado até aqui. Ele destacará os demais sujeitos com os quais ele é chamado a reconhecer e compartilhar essa tarefa educativa da fé. O objetivo é perceber que a linha histórica da formação descrita neste primeiro capítulo, não exclui a operosidade da graça de Deus nem o modelo de Jesus como educador por excelência. Ao contrário, só reforça a compreensão de que todo o agir do presbítero não provém apenas dos seus esforços e cálculos humanos, mas da providência divina, concedida a ele por meio do batismo e fortalecida através do sacramento da ordem.

[138] GUARDINI, R., Lo spirito della liturgia, p. 110.

3
Aspectos teológico-catequéticos da identidade presbiteral: pressupostos da missão

Se no capítulo anterior descrevemos o contexto histórico da Iniciação à Vida Cristã e os desafios para os quais a Igreja deve enfrentar para continuar sua missão de transmissora da fé, nesse segundo, dedicaremos à figura do presbítero como um dos sujeitos responsáveis dessa tarefa. Ele será apresentado como aquele que exerce "um ministério de síntese e não a síntese dos ministérios",[139] cuja interpretação evita qualquer tendência ao clericalismo, bem como a desvalorização ou desconhecimento do papel da comunidade, dos catequistas e demais sujeitos envolvidos no processo. Ao contrário, o objetivo é destacá-lo como esse ser de relações, que, a partir do sacramento da ordem, é chamado a colaboração entre todos, sem excluir ninguém. Assim, todos devem agir de forma complementar, sem terceirizar, nem se omitir da função atribuída.

Dado que o presbítero é chamado a conhecer e tomar consciência da sua missão no processo da Iniciação à Vida Cristã, esse capítulo apresentará seus aspectos teológicos nessa tarefa indispensável. Se verá que o sacramento da ordem é o ponto específico da sua partida como educador da fé do povo de Deus e o faz reconhecer os dons concedidos pelo batismo aos demais membros da comunidade dos quais ele se tornou o pastor, educador e instrumento da graça santificante, em colaboração ao bispo diocesano, na missão da Igreja.

A intenção principal não é simplesmente descrever as funções esperadas pelo presbítero, mas apresentar elementos do seu próprio ser na configuração de um ministério que, longe de ser puramente humano e ricamente fortalecido pelas virtudes pessoais, é concedido pelo Espírito Santo, fonte iluminadora de todos os ministérios. Por isso, se chamará a atenção para esse serviço que é vivido em relação com os demais presentes na comunidade e dentro do único ministério da Igreja que é anunciar o Evangelho de Jesus Cristo a todos os povos.

Isso significa que o próprio Jesus é o protótipo para o presbítero como educador da fé. Igualmente, significa que ele participa do ministério episcopal e do bispo, recebe um encargo especial para cuidar de uma comunidade específica e nela

[139] CNBB, Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas, n. 87.

fomentar, zelar e reconhecer a presença de outros ministérios, concedendo a cada um, conforme sua natureza.

Diante do exposto, o capítulo descreverá essa relação de comunhão, tendo como primazia a alteridade de Deus, a primazia da sua graça e a comunidade como ambiente propício para a realização da Iniciação à Vida Cristã. Serão abordados dez pontos. Partindo da pessoa de Jesus Cristo, passando pela missão do bispo, pelo presbítero como educador da fé e ministro dos sacramentos e seu papel ao caminhar com os demais catequistas, sem cair no personalismo formativo. Em seguida, será identificada a comunidade, os consagrados e o ministério de catequista, proposto pelo Papa Francisco. O último ponto se dedicará à teologia da Iniciação como substrato para a reflexão posterior a ser desenvolvida no terceiro capítulo.

3.1
De Jesus educador à Igreja nascente

Os Evangelhos frequentemente descrevem Jesus ensinando e sendo reconhecido como Mestre. Esse termo aparece 59 vezes no Novo Testamento, sendo utilizado 41 vezes pelos evangelistas para se referir ao Filho de Deus.[140] Esse fato destaca a importância da Palavra e dos ensinamentos como elementos essenciais da dimensão catequética que o presbítero deve considerar em sua missão. Ao mesmo tempo, nos leva a explorar as características da pedagogia de Jesus, sua metodologia, os lugares onde ensinou e os impactos que seus ensinamentos tiveram nas pessoas de seu tempo, assim como, a compreensão posterior de Jesus como pedagogo da humanidade na Igreja dos primeiros séculos. A partir desses princípios, a Igreja se inspira para seguir sua missão como mãe e educadora.

Em relação a identidade, Jesus foi reconhecido como mestre desde o início da sua vida pública, não só pelos seus discípulos, também por escribas e fariseus (Jo 3,1; 4,31; 6,25; 8,4; 9,2; 11,28). Atraiu com amor amigo e alegre os seus discípulos, deixando neles a sua marca desse amor (Jo 15,9-15). Utilizou das situações ocasionais como método, a fim de que, aqueles que estivessem dispostos pudessem

[140] Os estudiosos do Antigo Testamento concordam em afirmar que, para Israel, toda experiência humana significativa - e certamente a educativa era uma delas - deveria ser vivida e analisada à luz de sua fé, cujo tema central era a Aliança. Essa Aliança se referia à relação do povo com Javé, caracterizada pela fidelidade incondicional de Javé às Suas promessas e pela observância da Palavra divina (a Torá) por parte do povo. Assim, a educação também deveria se inserir nesse contexto, sendo uma "educação para a Aliança, um compromisso inspirado e orientado por motivos religiosos, e até mesmo confessionais." Bissoli, C., Bibbia e educazione, p. 206.

compreender seus ensinamentos (Lc 8,9-10; Mt 13,36-43) e serem exortados com paciência e corrigidos (Mt 16,21; 20,17-19; 26,1; Lc 9,44; Mt 26,37-46; Lc 9,46-48; 22,24-27). Fez do caminho o percurso para explicar as escrituras e os profetas (Lc 24,13-35), ensinou ainda na montanha (Mt 5,1-2), na beira do lago (Mt 13,1-3), à beira do poço (Jo 4,6-24), e em casa (Mc 3,20-35), entre outros lugares.

No entanto, os ensinamentos de Jesus possuíam um traço singular na panorâmica daquele tempo, em particular com relação ao discipulado rabínico. "Pede-se, de fato, aos discípulos mais que uma simples partilha de ideias ou o ensinamento que também já existia".[141] Para eles os ensinamentos lhes serviam para se colocarem no seguimento, fazendo do caminho a sala de aprendizagem. Não é o mestre que espera por eles, são eles que caminham ao lado do mestre, pois a escola, agora é a da vida e do discipulado e não da interpretação fria da lei.

Por outro lado, nada faz pensar que Jesus tivesse a intenção de tornar-se um mestre da lei nos moldes da compreensão rabínica. Ele já é essa plenitude perfeita da Lei, o Verbo Encarnado, a Palavra feita carne, e o que está a falar contigo (Jo 4, 26). Portanto, os atos educativos de Jesus não visam fomentar nos discípulos uma nova interpretação da Lei, mas sim levá-los a Conhecê-lo e preparar o caminho para que outras pessoas alcancem igualmente esse conhecimento.

Além disso, os evangelistas também narram que Jesus ensinava com autoridade (Mc 7,28-29; Mc 1,21-28.). Sua pedagogia se difere daquela dos escribas e fariseus, porque Ele conhece as Escrituras em profundidade e as atualiza na sua pessoa, no seu modo de agir. "Sua autoridade vem do profundo conhecimento daquilo que diz e de sua prática de vida".[142] Ele não se utiliza da Palavra para justificar seus atos. Ele age porque a Palavra neles já está. Ele é o Verbo Encarnado (Jo 1,1-18) que se revela nas palavras enquanto comunica de si mesmo.

> Neste sentido, toda a vida de Cristo foi um ensinar contínuo: os seus silêncios, os seus milagres, os seus gestos, a sua oração, o seu amor pelo homem, a sua predileção pelos pequeninos e pelos pobres, a aceitação do sacrifício total na cruz pela redenção do mundo e a sua ressurreição, são o atuar-se da sua palavra e o realizar-se da sua revelação.[143]

[141] MASCILONGO, P., O Discipulado no Novo Testamento, p. 176.
[142] CNBB, Campanha da Fraternidade fala com sabedoria, ensina com amor (Pr 31,26), n.149.
[143] CT 9.

Esse ensinamento de Jesus, às vezes com palavras, gestos ou silêncio, modificou a vida de muita gente. O ensinamento de Jesus, seja por palavras, gestos ou silêncio, transformou incontáveis vidas. Incluiu pessoas simples no coração da comunidade e também chamou aqueles de destaque na sociedade, unindo todos como anunciadores do Evangelho. Fez do cego Bartimeu, esquecido e invisível, encontrar-se com a Cura e transformar-se em anunciador da compaixão divina e da dignidade humana (Mc 10,46-52); fez de Mateus, cobrador de impostos, descer de si mesmo, sair dos olhos importantes da sociedade, para se ver internamente quanto era pequeno e frágil, para, em seguida, aceitar deixar tudo para se tornar discípulo do Mestre (Mt 9,9-13; Lc 5,27-32).

Além de os atos educativos de Jesus provocarem essa conversão e uma mudança de atitude tanto pessoal quanto comunitária, ainda outras três consequências devem ser consideradas. Segundo Castillo, a primeira delas é a modificação profunda da experiência de Deus que tinha no judaísmo de sua época.

> Com efeito, como sabemos, nos tempos que precederam o nascimento de Jesus, a ideia e os sentimentos que os israelitas tinham em torno da divindade haviam-se orientado no sentido de uma progressiva exaltação de Deus que trouxe consigo uma série de consequências importantes para a religiosidade das pessoas crentes. Os judeus piedosos não se aproximavam de Deus com a familiaridade em nenhum de seus conceitos. Havia se criado uma reação contra a maneira de falar sobre Deus utilizando termos ou expressões tomados do uso corrente entre os seres humanos. Os judeus religiosos daquele tempo haviam colocado Deus elevado muito acima de todo contato pessoal. Deus era visto como um ser ausente e distante dos assuntos humanos. Inclusive, havia se difundido uma crescente resistência a pronunciar o nome divino. Não se sabe com certeza quando se deixou pronunciar o nome de Yahvé.[144]

A segunda transformação significativa promovida pelos atos educativos de Jesus está relacionada à linguagem. Os ensinamentos do Filho sobre o Pai surpreenderam muitas pessoas, geraram entusiasmo em algumas e provocaram rejeição em alguns membros de grupos. Assim, Jesus introduziu uma linguagem simples e inovadora, revelando um Deus que no contexto cultural e religioso da época não estava preparado para compreender e aceitar.

> A partir disso é importante perceber que o mais surpreendente é que o ensinamento de Jesus não foi uma doutrina social avançada para aquele tempo, nem uma mensagem ética radical e exigente para qualquer época. Há algo anterior a tudo isso e que é o mais sério e transformador que se pode ensinar aos mortais. Refiro-me à

[144] CASTILLO, J. M., Jesus, a humanização de Deus, p. 107-108.

> revelação de Deus feita a nós por Jesus. Não porque seja mais ou menos importante saber como é Deus ou assimilar bem uma determinada teologia, mas porque, na verdade, o que Jesus nos ensinou ao falar assim de Deus e ao apresentá-lo dessa forma é como o ser humano pode alcançar sua plena humanidade. Porque o Deus de que fala Jesus é tão singularmente original e surpreendente que sua novidade consiste precisamente em ser um Deus tal que a condição necessária para relacionar-se com Ele e para aproximar-se dele não é outra senão a própria humanização. É preciso dizer desde já que nós, os mortais, não nos aproximamos do Deus de Jesus "divinizando-nos", mas precisamente "humanizando-nos". Isto é o mais novo, o mais surpreendente e até o mais revolucionário que se pode dizer sobre o Deus de Jesus e também, obviamente, sobre o ser humano.[145]

A maneira como Jesus expressou essa sua experiência e sua linguagem em relação ao Pai favoreceram que todos ao escutarem seus ensinamentos conhecessem um novo conceito do nome de Deus e sua identidade. Desse modo, os atos educativos não apenas transmitiam conhecimentos, mas também oportunizavam ao ouvinte imaginar, relacionar-se e sentir Deus como uma experiência humana e próxima. Embora Deus sendo o mesmo em seu ser, as pessoas poderiam conhecê-lo sem deixar de ser ou perder a sua essência, pois naquele tempo havia a crença muito difundida de que o nome de alguém revelava ou indicava algo essencial sobre a própria pessoa ou sua missão, como ocorreu com João Batista (Lc 1,13.59.61.63) e Pedro, como filho do trovão (Mc 3,16), Jesus preferiu não usar o nome atribuído à sua "divindade".

> Portanto, em uma lógica compreensível, se esse critério regia a forma de pensar e falar dos judeus, pode-se afirmar que, se Jesus preferiu não utilizar o nome "Deus" para designar a divindade, e quis substituir a palavra Deus pela palavra Pai, isso quer dizer que Jesus via a Deus, pensava em Deus e tinha um conceito de Deus que se diferenciava notavelmente do conceito que se tinha sobre Deus no judaísmo de seu tempo. Com efeito, no tempo de Jesus, tinha-se um conceito de Deus como um ser terrível e castigador, ameaçador e justiceiro.[146]

Essa imagem de Jesus próximo, humano e ensinando ficou impressa no espírito dos apóstolos e dos primeiros discípulos, juntamente com a ordem do "ide e ensinai a todas as gentes" (Mt 28,19). Foi por tudo isto que, após a ressurreição, Jesus lhes confiou de maneira formal a missão de irem fazer discípulos de todas as nações.

O livro dos Atos dos Apóstolos testemunha a fidelidade à vocação e à missão recebida. Registra que os membros da primeira comunidade cristã eram

---

[145] CASTILLO, J. M., Jesus, a humanização de Deus, p. 109-110.
[146] CASTILLO, J. M., Jesus, a humanização de Deus, p. 116.

"perseverantes no ensino dos Apóstolos, na união, na fração do pão e nas orações" (At 2,42). É a Igreja que permanece fiel "graças ao ensino dos Apóstolos, nasce e se alimenta continuamente da Palavra do Senhor, a celebra no Sacrifício eucarístico e dela dá testemunho ao mundo sob o signo da caridade".[147]

Enquanto a própria Igreja herda consigo essa missão de ensinar, ao mesmo tempo, ela possui o Cristo como o pedagogo por excelência da humanidade, uma imagem e atribuição gerada por ela nos primeiros séculos para se inspirar e compreender a sua missão.

Clemente de Alexandria, na Igreja do segundo século, foi quem apresentou essa compreensão de Jesus como pedagogo. Em sua obra *Paedagogus* o autor dialoga com a cultura grega sobre sua concepção de educação, como Paidéia. Nesse diálogo, apresenta Cristo como o pedagogo da humanidade referindo-se ao sentido filosófico que Platão dava à palavra *paidagogia*, quando definia a relação de Deus com o mundo desse nodo: Deus é o pedagogo do mundo inteiro, *ho theos paidadogei ton kosmon*. O conceito de pedagogo foi inicialmente voltado para os escravos que acompanhavam os jovens à escola e, desta, para casa. Esta concepção, vigente na Grécia por muitos séculos, aponta para uma atividade que inclui autoridade e responsabilidade na orientação prática e filosófica que prepara para a sabedoria de viver. A transformação do significado e categoria da palavra *paidagogia* foi a consequência necessária da dignidade filosófica e teológica a que Platão elevou o conceito de Paidéia. Para Platão, a Paidéia significa não apenas a educação da criança, mas sobretudo a formação e o desenvolvimento da pessoa humana em plenitude. Esta dignidade teológica inspirada no pensamento de Platão possibilitou a Clemente introduzir Cristo como o *Paedagogus* de todos os homens. Encontra-se nesta obra indicadores de que a reflexão teológica que vê em Jesus as características de mestre e educador, já se encontrava na ação evangelizadora, o que poderia ter levado Clemente a identificar em Jesus as características do pedagogo grego. No entanto, Clemente não coloca Jesus como um dentre os pedagogos da filosofia grega, mas como 'o pedagogo', o educador por excelência, modelo e referência para a escola catequética.[148]

---

[147] CT 10.

[148] JAEGER, W., Cristianismo primitivo e Paidéia grega, p. 84-89; Rosemary no seu livro retoma esse pensamento e apresenta Jesus como o primeiro mistagogo. COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 86-91.

Essa foi uma das grandes heranças deixadas pela Igreja primitiva para os séculos sucessivos e que a Igreja de hoje volta o seu olhar, não com saudosismo, mas como inspiração para transmitir a fé em nosso tempo. Nessa missão ela continua tendo a tarefa fundamental "de dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e experiência da humanidade inteira para o mistério de Cristo".[149] Daqui se prolonga toda a missão dos ministros ordenados e não ordenados da Igreja com seus dons, serviços e carismas.

3.2
O bispo como primeiro catequista

O Concílio Vaticano II trouxe uma visão de episcopado como plenitude do ministério,[150] vendo no ministério sacerdotal uma participação gradual nesta única ordo como se verá no tópico seguinte. Com a ordenação episcopal, é transmitido ao bispo o tríplice múnus, sacerdote, mestre e pastor, dando um primado ao sacramento sobre a determinação canônica que antes do Concílio era vista como condição para o exercício do ministério episcopal. Além disso, o Concílio aplica à tríade de Cristo sacerdote, profeta e rei não só aos bispos, mas também aos presbíteros,[151] aos diáconos[152] e aos leigos.[153]

A exortação pós sinodal de João Paulo II sobre o ministério dos bispos, *Pastores Gregis* relê essa tríplice múnus na sua interdependência e complementariedade fazendo saber que "o bispo quando ensina, ao mesmo tempo santifica e governa o Povo de Deus; enquanto santifica, também ensina e governa, quando governa, ensina e santifica".[154] É seguindo essa profunda correspondência que o mesmo documento indicará a missão do bispo responsável pela Iniciação Cristã.[155] Ele é o mestre da fé e arauto da Palavra, ouvinte e guardião cuja missão de ensinar consiste em guardar santamente e anunciar corajosamente a fé,[156] porém, não dentro do múnus de ensinar, mas de santificar que ele é chamado a ser o ministro da graça, pondo "em prática as prescrições do Rito de Iniciação Cristã dos

[149] RM 4.
[150] LG 21.
[151] PO 4-6.
[152] LG 29.
[153] LG 34-36.
[154] PG 9.
[155] PG 38.
[156] PG 26. 28.

Adultos".[157] Dessa responsabilidade resulta outras cinco atribuições: a primeira delas é sobre a necessidade do ordinário local de oferecer na diocese "as estruturas e os agentes pastorais necessários para garantirem",[158] de modo adequado, as normativas da própria Iniciação; a segunda refere-se à presença do Bispo diocesano, "especialmente na fase culminante do caminho, ou seja, na administração dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, que tem lugar normalmente na Vigília Pascal".[159] Em relação ao sacramento da confirmação, reforça ainda o documento que, ele, o primeiro ministro, se esforce para administrá-lo, pois a sua presença no meio da comunidade paroquial "evoca eficazmente o mistério do Pentecostes e revela-se sumamente útil para robustecer os vínculos da comunhão eclesial entre pastor e fiéis".[160]

Por último, a quarta e a quinta função referem-se ao vigiar, reconhecendo que é de sua obrigação "disciplinar, segundo as leis da Igreja, tudo o que diz respeito à Iniciação cristã das crianças e dos jovens, determinando o que é conveniente para a sua preparação catequética e gradual empenho na vida da comunidade".[161] Resulta disso, o seu segundo empenho de vigiar "para que eventuais percursos"[162] de catecumenato, ou de retomada do seu potencial ou então de aproximação aos fiéis que se afastaram da vida de fé normal e comunitária, se realizem segundo as normas da Igreja e em plena sintonia com a vida das comunidades paroquiais na diocese.

Já o atual Diretório dedica à missão do bispo na catequese apenas em um único número.[163] No entanto, oferece significativas orientações de como ele deve contribuir com a catequese diocesana. Como primeiro responsável na diocese, ele tem a função principal de, juntamente com a pregação, promover a catequese e de dispor as diversas formas necessárias aos fiéis, de acordo com os princípios e as normas emanadas pela Sé Apostólica.

O mesmo número continua estabelecendo que o cuidado do bispo com a atividade catequética o convida a:

> a) zelar pela catequese, ocupando-se diretamente da transmissão do Evangelho e conservando a integridade do depósito da fé;

[157] PG 38. As cinco atribuições que se seguem têm esse mesmo número como referência.
[158] PG 38.
[159] PG 38.
[160] PG 38.
[161] PG 38.
[162] PG 38.
[163] DC 114.

> b) assegurar a inculturação da fé no território, dando prioridade a uma catequese eficaz;
> c) elaborar um projeto global de catequese, que esteja a serviço das exigências do Povo de Deus e em sintonia com os planos pastorais diocesanos e da Conferência episcopal;
> d) despertar e manter "uma verdadeira paixão pela catequese, uma paixão que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe, na atividade, as pessoas, meios e instrumentos e também os recursos financeiros necessários" (CT, n. 6; CDC, cân 623, §1; 775, §1);
> e) procurar que "os catequistas se preparem convenientemente para esta missão, de modo que conheçam plenamente a doutrina da Igreja e aprendam, na teoria e na prática, as leis psicológicas e as ciências pedagógicas" (CD, n. 14; CDC, cân. 780);
> f) vigiar com atenção a qualidade dos textos e instrumentos para a catequese.[164]

O Diretório Nacional de Catequese, por sua vez, menciona o empenho episcopal na promoção da catequese, tendo como referência, o capítulo quinto do Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos.[165] Nas indicações, tanto é possível encontrar elementos semelhantes ao referido documento como é possível identificar algumas outras sugestões que terão bastante importância na efetivação da Iniciação, em como realizá-la no mundo urbano, o método, a integração com a pastoral de conjunto, o investimento e a formação catequética dos atuais e futuros presbíteros. Assim, o Diretório Nacional elenca a missão do bispo na catequese:

> a) assegurar efetiva prioridade de uma catequese ativa e eficaz na diocese, com atenção especial na cidade;
> b) suscitar e alimentar uma verdadeira paixão pela catequese;
> c) incentivar a devida preparação dos catequistas, abrangendo: método, conteúdo, pedagogia e linguagem;
> d) acompanhar e atualizar a qualidade dos textos utilizados na catequese;
> e) organizar um projeto global de catequese na diocese, integrado no conjunto da pastoral;
> f) assegurar meios, instrumentos e recursos financeiros;
> g) despertar o ministério catequético;
> h) zelar pela formação catequética dos presbíteros, tanto nos seminários como na formação permanente.[166]

O Documento 107 da CNBB tem o RICA como fundamento da missão do bispo e traz dados interessantes. Recorda que, ao bispo, "cabe incentivar e acompanhar a implantação dos processos de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal".[167] Relembra que, na história do catecumenato, os bispos, entre eles

---

[164] DC 114.
[165] DNC 250.
[166] DNC 251.
[167] CNBB, Doc. 107, 227.

alguns “Padres da Igreja”, destacaram-se por trabalhar, eles mesmos, diretamente, o tempo da mistagogia e, conclui o Documento, sugerindo que, seguindo esses exemplos, “o bispo poderia oferecer, em tempos oportunos, uma ‘catequese mistagógica’ para toda a Igreja diocesana, de modo particular aos presbíteros, diáconos, seminaristas, consagrados e líderes religiosos.[168]

Como se pode observar, o bispo tem uma contribuição fundamental na organização, zelo e ativação do processo da Iniciação. Por esse motivo, se pode até afirmar que o descuido com essa tarefa ocultaria seu múnus episcopal em detrimento de outras atribuições funcionais e não ministeriais. Ele, o bispo, como memória viva da fé da comunidade local, é o sacramento da diaconia que o une à Igreja e assume os traços autênticos de Cristo esposo, mestre, servo e testemunha, possibilitando ao presbítero fazer parte dessa mesma natureza no seu ofício de educador da fé do povo de Deus.

Todas essas indicações recentes remetem a profunda ligação entre o bispo e o processo da Iniciação desde os primeiros séculos da Igreja como se pode observar:

> No Oriente, encontramos S. Atanásio (295-373), patriarca de Alexandria, que com as cartas festivas por ocasião da Páscoa dá origem a verdadeiras e autênticas catequeses e exortações práticas. Orígenes (185-253), com as suas homilias sobre a Bíblia (em grande parte perdidas), instrui e edifica os fiéis. São recolhidas por estenógrafos. S. Cirilo (315-381), bispo de Jerusalém, deixou-nos uma preciosa coleção de catequeses, divididas em dois grupos: um primeiro que compreende a pré-catequese e 18 catequeses aos catecúmenos e um segundo com 5 catequeses mistagógicas. S. Gregório (335-394), bispo de Nisa, compôs a *Oratio Catechetica Magna* que se apresenta como um resumo da doutrina cristã. De S. João Crisóstomo (344/47-407) restam-nos uma série de catequeses batismais pronunciadas desde o ano 386 ao ano 396. As 16 homilias de Teodoro de Mopsuestia (428) tratam dos artigos do Símbolo de Nicéia (as primeiras 10) e da explicação do pai-nosso, do batismo e da eucaristia (as outras 6). No Ocidente, recordamos grandíssimos bispos que prepararam catequistas e fiéis para a fé cristã: S. Ambrósio (339/340-397), bispo de Milão, que com as suas homilias e a sua oratória entusiasma todos (até S. Agostinho). Comenta vários livros do Antigo Testamento e o Evangelho de Lucas. Várias homilias aos neófitos estão reunidas no livro *De Sacramentis*. S. Agostinho (354-430), bispo de Hipona, deixou um elevadíssimo número de “Sermões” (mais de 500) sobre a Sagrada Escritura, sobre a liturgia e sobre a moral. É um modelo de eloquência popular, clara e, ao mesmo tempo, profunda, viva e incisiva, imediata e eficaz. O seu livro *De catechizandis rudibus* (de cerca do ano 400) é um manual precioso de instrução catequética, rico de instruções pedagógicas, que teve uma larga difusão durante os vários séculos e que ainda hoje suscita amplo interesse educativo e metodológico.[169]

---

[168] CNBB, Doc. 107, 228.
[169] BOLLIN, A.; GASPARINI, F., A Catequese na Vida da Igreja, p. 50-51.

Desse modo, observa-se a participação do bispo no processo da Iniciação na comunidade primitiva. Seu ministério não ofuscava os outros e nem se buscava terceirizar o processo aos demais. Pelo contrário, exortava-se a todos a trabalhar em espírito de comunhão, pois "querer enganar ao bispo visível, não é que se ofende, mas ao invisível que se mente".[170] Santo Inácio em sua carta aos Magnésios nesse sentido escreveu:

> Assim como o Senhor nada fez, nem por si mesmo nem por meio de seus apóstolos, sem o Pai, com o qual ele é um, também vós não façais nada sem o bispo e os presbíteros. Não tenteis fazer passar por louvável coisa alguma que fizerdes sozinhos. Pelo contrário, reunidos em comum, haja uma só oração, uma só súplica, um só espírito, uma só esperança no amor, na alegria imaculada, que é Jesus Cristo: nada é melhor do que ele.[171]

O presbítero, portanto, herda a sua missão na catequese em decorrência dessa unidade com a missão episcopal. Foi essa compreensão adotada pelo Concílio Vaticano II e que a reflexão atual utiliza para reconhecê-lo como educador da fé do povo lhe confiado.

3.3
O presbítero como educador da fé do povo

Com o sacramento da ordem, por meio da imposição das mãos do bispo e a oração consecratória, o presbítero recebe uma particular responsabilidade na Iniciação à Vida Cristã, independentemente da sua função concreta na Igreja. Configurado a Cristo Servo, Cabeça e Pastor da Igreja ele é instigado a ser permanentemente aquele que coordena e dá ânimo aos demais serviços e carismas presentes na comunidade, a se transformar no educador da fé e se esforçar para que os fiéis se formem adequadamente e alcancem a maturidade cristã.[172]

A base dessas atribuições é o decreto *Presbyterorum Ordinis* que qualifica os ministros ordenados como "educadores do povo de Deus".[173] e insiste na fidelidade à Palavra para a realização desta missão fundamental.[174] Recorda que o presbítero, exercendo este ofício e tendo Cristo como cabeça e pastor, em nome do bispo, reúne a família de Deus como fraternidade animada da unidade, e esta, de sua parte, espera

[170] INÁCIO de Antioquia, Carta aos Magnésios, n. 3.
[171] INÁCIO de Antioquia, Carta aos Magnésios, n. 7.
[172] DGC 224.
[173] PO 6.
[174] PO 4.

ser exortada, instruída e educada. O presbítero deve cuidar de todos, mais particularmente, lembrar dos pobres e frágeis, jovens, cônjuges e pais, religiosos, enfermos e moribundos, além disso, sem limitar-se apenas aos indivíduos, mas mirando à formação da comunidade local e universal.

Envolvido por esta perspectiva educativa o presbítero é convocado a educar, por meio da Iniciação, que a vida do cristão não está em viver só para si, mas, quando colocada à disposição do outro e da comunidade, ela ganha o seu sentido pleno e o cumprimento do seu dever de cristão, que é a caridade. Deste ponto, observa-se que a formação exigida, não se resume, simplesmente, na preparação dos sacramentos ou de uma formação ocasional, e sim, na proposta e elaboração de um projeto, no qual os indivíduos e a própria comunidade, usufruam e participem ativamente da sua organicidade, a fim de alcançarem a finalidade mesma da educação, que é a maturidade cristã.

Por essa razão, exige em definitiva, que o presbítero seja capaz de apreciar e valorizar as capacidades dos fiéis de boa vontade, considerando a importância da liberdade nas suas participações e no uso da criatividade, ao mesmo tempo, em que ele é convidado a orientar estes mesmos fiéis a desenvolverem com a ajuda do Espírito Santo, a própria e específica vocação segundo o Evangelho, e a colocarem-se em correlação entre eles, para chegar a exprimir e a viver uma fé adulta e madura como resposta desta mesma vocação. Neste sentido, o presbítero tem a missão, como educador e pastor, de evitar tudo o que pode provocar tibieza e frieza no coração deles, e ajudá-los por meio de uma catequese amadurecida e completa, a redescobrir o fascínio do cristianismo, contando, sobretudo, com o seu "testemunho pessoal, fidelidade, calma, paciência e afeto com todos".[175]

Dito isso, pode-se delimitar a missão do presbítero como educador na comunidade paroquial, do seguinte modo: em conhecer, articular, propor e executar um projeto com os membros e a comunidade, para ambos, ativamente, viverem a caridade como ação concreta de uma fé acreditada, vivida, testemunhada, educada e celebrada, afim de que, esta mesma educação, condicione também um encontro pessoal totalizante do próprio ser com a pessoa de Cristo, vivido na espontaneidade e na gratuidade como fruto de uma formação e de uma resposta livre da vida cristã.

[175] DMVP 47.

Aliás, esta é a intenção do decreto *Chistus Dominus*. Segundo o documento conciliar, a função própria de ensinar do presbítero, além do seu dever de anunciar a Palavra de Deus a todos os fiéis, tem a missão de instruí-los para uma plena consciência do mistério da salvação mediante a uma instrução catequética, atenta a idade dos interlocutores e com o envolvimento não só dos religiosos e religiosas, mas igualmente dos leigos e leigas, para os quais vai se constituindo a "confraria da doutrina cristã".[176]

Nesta mesma perspectiva, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, apresenta o presbítero como educador do povo de Deus a partir da Iniciação à Vida Cristã. Ele é um dos sujeitos responsáveis e compete-lhe:

> Cuidar para que os processos formativos de suas comunidades passem do estilo da instrução para o da Iniciação, e que leve a pessoa ao encontro pessoal com Jesus Cristo, à inserção na comunidade e ao zelo apostólico, transformando isso em uma tarefa sem fim, dando um caráter dinâmico à sua vida cristã, a ponto desta, transformá-la num "neófito permanente".[177]

Desse modo, o *munus docendi* do ministério presbiteral é desempenhado com atenção às pessoas e com a capacidade de coordenar todos os dons e carismas que o Espírito suscita na comunidade, verificando-os e valorizando-os para a edificação da Igreja. Requer do presbítero uma grande sensibilidade educativa, afim de alcançar a consciência e a sabedoria para unir as diversas ações pastorais, sem, todavia, confundi-las nem uniformizá-las. Em síntese: por ser "um homem de comunhão",[178] espera-se que seu agir conduza quem está aos seus cuidados pastorais a fazer a experiência com Deus na caridade e vivendo-a, possa exprimir o seu amor ao próximo como fruto desta autêntica educação.

Contudo, o ápice da ação presbiteral não são os ensinamentos e a divulgação de suas ideias como mensagem própria do seu ofício. Ele é ministro do Evangelho de quem a "comunidade procura nos seus lábios a Palavra de Deus".[179] Sendo o primeiro colaborador do bispo, ele compartilha com a comunidade, especificamente com os catequistas, este serviço de anúncio, a fim de que, os catequizandos e catecúmenos, recebam e alimentem-se espiritualmente. A catequese e a homilia se tornam, portanto, as duas formas indispensáveis para a sua realização nessa tarefa.

---

[176] CD 30.
[177] CNBB, Doc. 107, 136.230.
[178] DMVP 47.
[179] PO 4.

Segundo o Código Direito Canônico a catequese é parte fundamental do ministério presbiteral, mesmo que ele não seja obrigado a dá-la a todos os fiéis, pessoalmente, recai sobre si o cuidado deste ensinamento ser compartilhado cuidadosamente, para que a "catequese não possa faltar à comunidade cristã".[180]

Já a homília, como segunda forma de catequese, corresponde àquele momento necessário da aliança entre Palavra e Sacramento, de modo especial, na liturgia e na celebração dos sacramentos. Assim, o ministério profético e o ministério sacerdotal, serviço da Palavra e serviço do Sacramento se fundem em unidade. Essa singularidade representa o momento de quem pode fazer uma experiência feliz de Deus. Deus alcança o coração humano e esse diz a Ele o que deseja ser escutado. É o diálogo da palavra humana com a Palavra divina.

A responsabilidade do presbítero nesse momento se dá a partir da homília que, segundo o Papa Francisco, é o ponto de comparação para "avaliar a proximidade e a capacidade de encontro do Pastor com o seu povo",[181] o que exige, naturalmente, do ministro ordenado uma dupla atenção.

A primeira é que o presbítero seja um ouvinte da Palavra, antes de ser seu comunicador. Para esta familiaridade o Pontífice chamou de "personalização da Palavra",[182] isto é, a atitude e intimidade de quem abeira o seu coração dócil e orante à Palavra, a fim de que, ela penetre a fundo seus pensamentos e sentimentos. Um presbítero que não é capaz de ruminar a Palavra, de ler a si mesmo sobre o espelho da Palavra, de deixar-se inquietar por ela, não se transforma em um anunciador da alegria do Evangelho. Por isso, ele precisa antes, ouvi-la para depois anunciá-la; escutá-la para, em seguida, comunicá-la. Por esta razão, comporta um processo de interiorização da sua parte, ser o próprio comunicador da Palavra para si mesmo, até o ponto de tornar-se e ser Palavra.

A segunda atenção recai sobre os recursos pedagógicos e a forma de se preparar para comunicar essa Palavra.[183] Antes de tudo, requer que o presbítero conheça o coração da sua comunidade, depois, a consciência de que a homília não é um espetáculo de divertimento ou um discurso pautado de normas morais e doutrinárias, exigências, ideias pessoais e valores soltos, mas, um condicionamento

[180] CIC, Cân. 776.
[181] EG 135.
[182] EG 149.
[183] EG 135-159.

através do qual seja lhe dado um fervor e significado à celebração, mostrando o dom e a mensagem salvífica em comunhão com Cristo na Eucaristia. Durante a homília devem ser ditas palavras que abrasem os corações, porque antes o presbítero escutou a fé do seu povo.

Nas responsabilidades atribuídas pelo Diretório Nacional de Catequese essas dimensões, ou seja, catequese e homília, se apresentam inseparáveis na vida do presbítero. Diz o Diretório que ele precisa: "estar atento à estreita ligação da Palavra com a liturgia e o compromisso social".[184] Na mesma perspectiva o Papa Bento XVI destacou que não tem sacramento sem palavra:

> Se isso chegasse a acontecer, a evangelização (*munus docendi*) permaneceria incompleta, pois não favorecia a união sacramental a Cristo (*Munus sanctificandi*), da outra parte, ao contrário, se a vida sacramental não tiver como fundamento a palavra, aquela haveria risco de perder grande parte de seu vigor.[185]

Portanto, a ação presbiteral na educação da fé do povo, é intrinsecamente resultado do sacramento da ordem conferido ao presbítero pela Igreja. Ele a realiza, especialmente pela catequese e a homília, sem desconsiderar outras iniciativas pastorais que lhe convém, como aspecto da evangelização de acolhida e querigma. Cônscio de que essas situações, naturalmente, necessitam, em seguida, serem direcionadas, a profundadas, amadurecidas e educadas. É uma tarefa realizada na complementariedade e reconhecimento da contribuição que cada um dos membros da comunidade pode oferecer. Nesse sentido, o diácono tem uma contribuição significativa que precisa ser igualmente reconhecida.

3.4
Diácono servo e anunciador da Palavra de Deus

A missão do diácono no processo da Iniciação à Vida Cristã nasce com a missão da Igreja das suas primeiras horas.[186] Aliás, a diaconia de toda Igreja nasce, tendo de um lado o lava-pés de Jesus, como fonte, e do outro, a Eucaristia (Jo 13,1-17). O serviço diaconal e o banquete eucarístico são as duas pontas do altar da Igreja

---

[184] DNC 249.
[185] RATZINGER, J., Annunciatori della Parola e servitori della vostra gioia, p. 403.
[186] Também não é de estranhar que, desde os primórdios, se encontre o diácono na administração dos bens da Igreja. Pois, se a posse de bens tem um sentido na Igreja, é para administrá-los em prol dos pobres da comunidade. Por isso é a tarefa do diácono. TABORDA, F., A Igreja e seus ministérios, p. 203.

no mundo. Entre elas, está o diácono chamado a servir através da unidade e da comunhão com o bispo e todos os outros ministérios, serviços e carismas. Aquilo que se designa ao presbítero, em partes se pode, igualmente a ele atribuir. Portanto, não é um servo separado dos demais e, por essa razão, não se identifica com um serviço complementar ou substituto. O diácono, como batizado, participa da missão do povo de Deus, como ministro ordenado participa da missão episcopal de quem ele ganha forma de servir na prática da caridade, no anúncio da palavra e na celebração da liturgia. Mas é a partir desse serviço aos pobres que as outras duas dimensões ganham sentidos.

> A partir desse serviço aos mais pobres é que compete ao diácono o serviço da Palavra e o serviço litúrgico. Compete-lhe o serviço da Palavra, enquanto a Palavra dá dimensão cristã ao serviço aos pobres, que é um dever moral de toda humanidade, creia ou não no Cristo. O diácono terá como função levar a Palavra ao concreto da prática solidária, testemunhar a caridade cristã, encorajar os cristãos a tomar a sério o Evangelho.[187]

Quanto ao serviço litúrgico, o bispo durante a ordenação, entrega ao diácono o livro dos Evangelhos com estas palavras: "recebe o Evangelho de Cristo do qual te tornaste anunciador".[188] Como o presbítero, o diácono, então, recebe a missão de agente da Palavra a serviço das pessoas, comunicando-a, ora por gestos e sinais, ora pelo silêncio e pelo seu testemunho.

Esse anúncio marca a vida do diácono. Recordemos, por exemplo, a missão de Deogratias, diácono de Cartago, responsável pelo grupo de catecúmenos que se apresenta insatisfeito com a suas catequeses e pede a Agostinho instruções sobre o melhor modo de ensinar os rudimentos da fé cristã a esses candidatos. O bispo de Hipona assim o responde:

> Pedes-me, irmão Deogratias, que te escreva algo que te ajude na instrução dos catecúmenos. Dizes-me que, frequentemente, em Cartago, onde és diácono, são-te encaminhados os que devem receber a primeira instrução catequética - pela consideração da tua fecunda capacidade de catequizar, pela solidez da tua fé, pela doçura da tua palavra: e tu, quase sempre, te angustias procurando a maneira exata pela qual deva ser ensinada essa doutrina que, pela fé, nos torna cristãos. Por onde começar? Até onde levar a narração? Ao terminá-la, devemos dirigir uma exortação ao nosso ouvinte ou tão somente ensinar-lhe os preceitos em cuja observância aprenderá a acreditar na vida e na revelação cristãs? Confessas e lamentas o que te sucede com frequência quando, em sermão longo e monótono, não apenas aquele

[187] TABORDA, F., A Igreja e seus ministérios, p. 202.
[188] CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes, 23.

> que instruis pela palavra e os demais ouvintes, mas tu mesmo te sentes diminuído e cheio de desgosto de ti. Obriga-te assim a necessidade a exigir de mim, em nome da caridade que te devo, apesar das minhas ocupações, eu não me recuse a escrever-te algo sobre o assunto.[189]

Agostinho então analisa seis razões que podem causar a insatisfação tanto do catequista quanto do seu ouvinte e para cada uma delas apresenta uma solução, orientando que, quando o diácono "narras, deves narrá-lo de tal modo que a pessoa com quem falas, ao ouvir o que dizes, creia e crendo, espere, e esperando, ame".[190]

Dessa forma, configura-se uma pedagogia catequética autêntica nos primeiros séculos, onde o diácono participa ativamente no processo de transmissão da fé, ora como sujeito responsável, ora como alguém em busca de formação permanente.

Justino de Roma, porém, é quem menciona a participação do diácono na liturgia dominical e na fraternidade gerada por este baquete. Assim ele descreve:

> Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: "Amém". Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos.[191]

Após séculos de reflexão e amadurecimento acerca da teologia diaconal, percebemos que a compreensão de suas origens se mantêm a mesma; entende-se que o diaconato não é uma profissão adquirida, exercido em tempo parcial e intercalado entre uma e outra ocupação, mas uma missão que para realizá-la de modo autêntico e pleno deve necessariamente ter uma "profunda vida interior,

---

[189] AGOSTINHO, A instrução dos Catecúmenos, p. 48-49. O *De catechizandis rudibus* é uma obra de Santo Agostinho datada entre os anos de 399 e 405 da nossa era. É apontado como uma das principais obras catequéticas dos primeiros séculos da Igreja. Na pedagogia do *De catechizandis rudibus* quatro etapas antecedem a entrada na vida cristã: 1) educação do povo em geral, os rudes *accedentes*: aqueles que frequentavam as pregações, procurando instruções sobre os rudimentos da fé, os rudes; 2) educação dos catecúmenos (no Oriente), ou auditores (no Ocidente), que eram os candidatos ao batismo, os catecúmenos; 3) educação dos competentes "os que serão iluminados", 4) educação dos neófitos que, após serem batizados na noite pascal, recebiam instruções sobre os mistérios da fé e os sacramentos. Em todas essas etapas eram combatidas as heresias, ao mesmo tempo em que se apresentavam as bases da doutrina Cristã. AGOSTINHO, A instrução dos catecúmenos, p. 16.

[190] AGOSTINHO, A instrução dos catecúmenos, p. 64.

[191] JUSTINO de Roma, Apologia I em favor dos cristãos, 65. No número 67, o autor retoma a descrição da missão do diácono na função litúrgica dominical, nos seguintes termos: "depois que o presidente deu ação de graças e todo o povo aclamou, os que entre nós se chamam ministros ou diáconos dão a cada um dos presentes parte do pão, do vinho e da água sobre os quais se pronunciou a ação de graças e os levam aos ausentes".

alimentada com uma intensa vida de oração que o une a Cristo e o consente de fazer uma síntese entre o exercício das suas atividades ministeriais e as outras responsabilidades profissionais, familiares e sociais".[192]

Ciente dessa vida ministerial, tanto o Diretório Nacional de Catequese quanto o Documento 107 da CNBB mencionam a tarefa do diácono[193] junto com aquela do presbítero na catequese. Os dois documentos não os separam e não especificam o que é da competência de cada um. A diferença está apenas nas fontes de onde eles sugerem as indicações. O Diretório Nacional parte das responsabilidades atribuídas a partir do Código de Direito Canônico, especialmente do cânone 519, onde se fala, principalmente, do pároco. Já no Documento sobre a Iniciação, os bispos, ao se referirem ao diácono, partem do RICA, apontando que ele "deve oferecer uma colaboração específica nos itinerários de Iniciação".[194]

Contudo, o atual Diretório para a catequese, tendo como base o próprio Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes, vai mais além. Ele esclarece que os diáconos são chamados a cuidar da catequese dos fiéis nas diversas etapas da existência humana, separando dos seus lugares de atuação as formas como ele pode exercer tal ministério.[195]

A missão essencial é anunciar Cristo como conteúdo principal. A segunda é fazer que os fiéis cheguem a conhecer essa fé cristocêntrica, não apenas ouvindo da boca do diácono, e sim pelo que é capaz de contemplar e testemunhar dos seus atos, como aquilo que se externa da sua interioridade de vida pessoal, familiar, profissional e social. O entrelaçamento dessas realidades se fortalece na medida que ele se envolve nos projetos diocesanos e paroquiais de catequese, especialmente no que tange às iniciativas relacionadas ao primeiro anúncio. Isso vai de encontro à forma inicial que destaca o Cristo como ponto de partida para o seu serviço ministerial.

Após essas indicações de como o diácono pode agir, o Diretório, por conseguinte, passa a mencionar os lugares ou âmbitos onde ele deve atuar. Inicia pelo caráter social e profissional da sua vida: sugere os espaços públicos onde convive e trabalha para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Indica,

---

[192] PETROLINO, E., O Diaconato no pensamento do Papa Francisco, p. 31-32.
[193] Aqui se refere ao diácono transitório quanto ao permanente.
[194] CNBB, Doc. 107, 229.
[195] DC 117-118.

em seguida, os espaços de fronteiras, como as prisões, os encarcerados, os doentes e os idosos. Orienta a estar com os jovens que passam por períodos de desafios e ser sinal visível de acolhida aos migrantes. Pede ainda que ele seja capaz de incluir na catequese as questões referentes à pobreza e animar os fiéis para a educação da caridade e para serem, além disso, como diáconos permanentes, testemunhas vivas do sacramento do matrimônio.

Esses variados âmbitos de atuação ganham, contudo, um novo impulso com a visão missionária que Aparecida propõe em vista da atuação do diácono nos altares periféricos e existenciais que sobre eles ainda não está o livro do Evangelho. O documento realça que a ele "compete também acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja".[196] Nessa direção, a missão do diácono ganha um significado imensurável, pois ela sai do ambão e do altar, passa pelos novos rostos dos pobres e alcança as novas áreas da missão.

Esses altares ganham fisionomia na compreensão de uma Igreja, comunidade de comunidades, ou seja, na medida que ela reconquista a fisionomia de uma Igreja diaconal, presente nas diversas áreas, como se organizava nos seus primeiros séculos. Dessa forma, o diácono não apenas ocupa e faz o Evangelho chegar as periferias sociais e existenciais, mas se torna o animador dessas pequenas comunidades, gerando autênticas relações fraternas, formando-as para a escuta da Palavra, celebração dos sacramentos e para o discernimento comunitário, resultando na capacidade de testemunhar com eficácia a mensagem de salvação na sociedade.

São esses cenários, o terreno favorável para que ele possa realizar plenamente a missão lhe confiada pela Igreja, enquanto a mesma se faz nele presente. Essa presença promove uma nova etapa da evangelização, especialmente naquelas aéreas e ambientes distantes da paróquia, levando a gradual transformação organizativa do espaço e da comunidade, na qual, aos poucos, seus membros vão adquirindo maior relevância as diversas componentes do povo de Deus.

O nascimento desses grupos guiados e animados pelo diácono, sobretudo mediante a leitura e a comparação com a Palavra de Deus suscita vários aspectos da vida eclesial, ou seja, a comunhão, o serviço, o testemunho, que deverão depois

[196] DAp 205.

convergir, por exemplo, nos conselhos paroquiais pastorais e no despertar de novas vocações laicais para o ministério de catequista.

Essa prospectiva faz identificar que o agir do diácono, ao lado do presbítero, abre várias hipóteses. A primeira é como promotor da caridade. Nessa condição, o diácono é convocado a oferecer na catequese uma compreensão acerca das manifestações do pobre e da pobreza, nos dias atuais, sejam elas econômicas, morais ou espirituais. Pensar na catequese uma pobreza afetiva, significa não apenas a escolha preferencial pelos pobres, como sujeitos privilegiados da obra de salvação, mas também olhar para Deus, para a criação, para a história a partir do ângulo do pobre. Essa preferência deve-se traduzir em caridade, em gesto concreto. "Sobretudo os doentes para os quais o sofrimento é vencido pelo amor".[197] Eis a vocação do diácono e o seu serviço na catequese: recordar a todos que a fé, nas suas diversas expressões, - a liturgia comunitária, a oração pessoal, as diversas formas de caridade -, e nos seus vários estados de vida possui uma dimensão essencial de serviço: o serviço a Deus e aos irmãos.

Uma segunda hipótese refere-se ao diácono como homem do altar e animador da liturgia, particularmente da Palavra. Através dela, ele alimenta a Igreja e seus filhos. Do altar, mesa sobre a qual está o Evangelho, ele leva o livro até ao ambão onde ele mesmo proclama a Palavra, anuncia e o povo escuta. Sentado, esse povo volta o olhar, após ser instruído mistagogicamente, para o altar, no qual Cristo se faz presente na Eucaristia como fonte e cume da vida cristã celebrada pelo presbítero.

Por fim, o diácono é o animador da ação educativa da fé nas suas variadas etapas e ocasiões. É um homem chamado a realizar e provocar experiências significativas, por meio das quais, ele e a comunidade encontram razões suficientes para explicar e compreender o sentido da vida cristã; despertam e suscitam a fé autêntica; proporcionam um caminho para seu aprofundamento e amadurecimento e geram nos homens e mulheres, o testemunho que o mundo precisa, fazendo da Igreja diaconal uma diaconia da misericórdia.

Essas atribuições ao diácono na missão da Igreja, possibilita conferir o quanto é importante a sua participação no itinerário da Iniciação à Vida Cristã, pois o leva do altar da Palavra, da liturgia e da caridade, até os limites das comunidades e dos

[197] SD 14.

outros ambientes. Reconhecer a sua importância, significa visualizar a corresponsabilidade de toda a Igreja nesse processo da educação da fé, ressaltando, claro, aquilo que é específico de cada um dentro dessa missão.

3.5
O presbítero como ministro dos sacramentos

A dimensão sacramental da Iniciação requer bastante atenção, como se verá no tópico mais à frente sobre a teologia da Iniciação à Vida Cristã. Em relação, porém, à participação do presbítero como ministro ordenado ao interno do processo, observa-se a necessidade de reconhecê-lo como um dos seus membros indispensáveis. Essa presença necessária não é resultado apenas das suas capacidades humanas ou da eleição e indicação dos seus membros da comunidade. Ela é consequência da ação do Espírito concedido através do sacramento da ordem. Por meio deste sacramento, o presbítero é instituído por Cristo a fim de assumir não sozinho toda a missão salvífica da Igreja no mundo, mas para desempenhar um papel evangelizador absolutamente insubstituível. Diferente do diácono, ele possui algumas tarefas específicas na Iniciação, justamente em decorrência da sua configuração sacramental.

Tal configuração identifica o presbítero como um canal da graça divina e instrumento pelo qual Deus chega ao homem. Por isso, na Iniciação, ele não possui um destaque estando acima dos demais e da própria Igreja, mas se colocando dentro dela como peregrino no caminho de Emaús, colocando-se ao lado dos fiéis, explicando as escrituras e partindo o pão (Lc 24,13-35). É o mestre espiritual que liga o humano e o divino como os dois lados extremos do caminho.

Essa ligação é eclesial. Ele age porque é membro de uma Igreja sacramental e esta, por sua vez, participa da ação salvadora de Cristo. Ela é sacramento universal da Salvação.[198] "Nas mãos dele, ela é o instrumento da Redenção de todos os homens" pelo qual Cristo "manifesta e atualiza o amor de Deus pelos homens". Ela "é o projeto visível do amor de Deus pela humanidade" que quer que o "gênero humano inteiro constitua o único povo de Deus, se congregue no único Corpo de Cristo, seja construído no único templo do Espírito Santo".[199]

[198] LG 1.
[199] CEC 776.

Especificamente no itinerário da Iniciação o presbítero tem uma participação direta e indispensável nas celebrações dos sacramentos em sua comunidade. Somente ele em relação a função dos leigos, por exemplo, está habilitado, dentro das orientações canônicas, a escutar as confissões dos penitentes, ser o ministro, delegado pelo bispo, a celebrar o sacramento da confirmação e presidir a Eucaristia, como ponto alto do processo da Iniciação à vida cristã.

Além dele, o bispo e o diácono são os "ministros ordinários do batismo".[200] O referido Cânon diz que na ausência ou impedimento de um deles, o catequista ou outra pessoa para isso designada pelo Ordinário local pode licitamente batizar. Depois segue orientando que, em caso de necessidade, qualquer pessoa movida por reta intenção pode celebrar tal sacramento, e para tanto, exige-se que os pastores de almas, principalmente o pároco, sejam solícitos para que os fiéis aprendam o modo certo de batizar, isto é, o ministro ordenado auxilie na formação dos mesmos a fim de que compreendam o que já receberam e celebrem aquilo que nos outros faltam, quando a necessidade exigir.

Diferentemente acontece com o sacramento da Confirmação.[201] "O ministro originário da Confirmação é o bispo"[202]. Historicamente, o Batismo e a Confirmação eram celebrados juntos, formando um único rito, conhecido como "sacramento duplo".[203] No entanto, com a expansão do cristianismo para as áreas rurais e o surgimento do Batismo de crianças, tornou-se inviável garantir a presença do bispo em todas essas celebrações. Por essa razão, o presbítero passou a administrar esses sacramentos da Iniciação. Na Igreja do Oriente, manteve-se a tradição de confiar ao presbítero a celebração da Confirmação. Já no Ocidente, a Igreja latina, optou por reservar ao Bispo essa celebração como modo de completar o Batismo e expressar, com maior nitidez, a "comunhão do novo cristão com o seu

[200] CIC, Cân. 861. Tal Cânon descreve os ministros ordinários do batismo. Já o Cânon 530 descreve as funções confiadas ao pároco em relação a esse sacramento e os demais da seguinte maneira: 1°. a administração do batismo; 2°. a administração do sacramento da confirmação àqueles que se encontram em perigo de morte, nos termos do cân. 883, n.° 3; 3°. a administração do Viático e da unção dos doentes, sem prejuízo do prescrito no cân. 1003, §§ 2 e 3, e bem assim dar a bênção apostólica; 4°. a assistência aos matrimónios e a bênção das núpcias; 5º. a realização dos funerais; 6°. a bênção da fonte batismal no tempo pascal, a condução das procissões fora da Igreja, e bem assim as bênçãos solenes também fora da igreja; 7°. a celebração com maior solenidade da Eucaristia nos domingos e festas de preceito.

[201] CEC 1285. Com o Batismo e a Eucaristia, o sacramento da Confirmação, constitui o conjunto dos sacramentos da iniciação cristã, cuja unidade deve ser salvaguardada.

[202] CEC 1312.

[203] CEC 1290.

bispo, garante e servidor da unidade da sua Igreja, da sua catolicidade e da sua apostolicidade".[204] Nessa perspectiva, no Batismo de crianças, o presbítero, por exemplo, realiza a unção pós-batismal, enquanto a segunda unção, própria da Confirmação, é reservada ao bispo. Dessa forma, enquanto a Igreja no Oriente, sublinha mais essa unidade do novo cristão com a unidade dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, a Igreja latina destaca essa unidade e comunhão com o Bispo. O RICA quis valorizar essas duas tradições, prevendo tanto a participação do presbítero na celebração da Confirmação na Vigília Pascal, quanto a do próprio bispo, em um outro momento oportuno[205].

Portanto, como amigo de Jesus e com a missão confiada pela própria Igreja, o presbítero possui a identidade sacramental e catequética, brotando da sua própria dimensão do ser ministerial. Seus gestos qualificam a excelência com a qual os fiéis comprovam o seu modo de celebrar, de tal forma que, a celebração dos sacramentos se torna para eles os "únicos momentos efetivos para a transmissão do conteúdo da fé",[206] e passam a testemunhar, nesse momento, que o "humano se ordena ao divino e a ele se subordina, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura, que buscamos".[207]

Ao redor dos sacramentos vai-se, portanto, formando a comunidade, tendo seu ápice na Eucaristia como centralidade de toda a caminhada e a vida cristã. Uma adequada formação oferecida aos seus membros os motiva a redescobrir essa beleza, a tomar consciência desse mistério e a fomentar ainda mais essa convicção. Pois a Eucaristia é "memorial sacramental da morte e ressurreição de Cristo, representação real e eficaz do único Sacrifício redentor, fonte e cume da vida cristã e de toda a evangelização".[208]

---

[204] CEC 1292.
[205] RICA 228.
[206] CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, o presbítero, mestre da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade, 1.
[207] SC 2. Tolentino atribui esse instante como o oitavo sacramento. Segundo ele "o ponto místico de interseção da história divina com a história humana é o instante. Não um instante idealizado ou tornado abstrato, mas este instante concreto. Este preciso minuto onde nos situamos, esta hora concreta das nossas vidas, estes dias que o nosso coração afronta com maior ou menor esperança. Mas que, ao mesmo tempo, é capaz de informar-nos do iminente, do que se avizinha no previsível e no imprevisível, do que, de forma declarada ou discretíssima, vem". Conclui ele: "nós que entramos e saímos dos templos, como nos é necessária a veneração pela espantosa santidade do momento presente! O que não sabe sentar-se na soleira do instante (...) esse nunca saberá o que é a paz/ serena e iluminada/ de estar-com". MENDONÇA, J. T., A mística do instante, p. 35-36.
[208] SC 78; 84-88.

Agindo dessa forma se evidencia a conexão íntima entre a centralidade da Eucaristia, a caridade pastoral e a unidade de vida do presbítero. O que ele acredita, ele celebra com o povo e testemunha no meio dele. Esse amor eucarístico se transforma também no seu dever de ajudar esse mesmo povo a compreender, amar e viver a Eucaristia. Por isso, o presbítero como ministro da Eucaristia é responsável por oferecer uma "catequese eucarística" que manifesta o mistério eucarístico como "celebração da Igreja e com a Igreja, não como "algo seu" em colóquio com Deus".[209] Celebrar bem a Eucaristia é a primeira catequese que o povo tem direito de receber.

A adoração eucarística é um outro modo de fazer catequese. É o momento que o presbítero como modelo do rebanho se coloca diante de Cristo para adorá-Lo, presta sua atenção devota e medita na presença do Senhor a sua vida e a vida da comunidade que o testemunha com seus olhos. É uma adoração teologicamente fundada e não emocionalmente alimentada, descaracterizada pelo devocionismo eucarístico. Deste modo, a fé e o amor à Eucaristia é o que permiti Cristo ocupar a vida e não compensar os sentimentos de uma vida solitária.

Merece atenção ainda, como ministro da Eucaristia, as intenções das Missas que, segundo uma antiquíssima tradição, os fiéis pedem ao sacerdote para celebrar a Santa Missa, a fim de que seja "oferecida também em reparação dos pecados dos vivos e dos defuntos e para obter de Deus benefícios espirituais ou temporais".[210] Muito se recomenda aos sacerdotes que celebrem Missa por intenção dos fiéis. O Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros comentando sobre diz que tal uso, é

> Não apenas aprovado, mas também encorajado pela Igreja, que o considera como uma espécie de sinal de união do batizado com Cristo, e do fiel com o sacerdote, o qual propriamente em seu favor desempenha o seu ministério. Os sacerdotes devem, portanto, encorajar esta prática com uma catequese apta, explicando o seu sentido espiritual e a sua fecundidade aos fiéis.[211]

Os bispos do Brasil compreendem que este momento pode ser um espaço privilegiado de anúncio do querigma,[212] ocasião propícia no qual o presbítero, com sentimentos de pastor, aproxima do povo, senti e escuta suas dores e depois

[209] DMVP 67.
[210] CEC 1414; CIC, Cân. 901. 945, § 2.
[211] DMVP 69.
[212] CNBB, Doc 107, 204-205.

comunica o Cristo ressuscitado como resposta aos anseios e dúvidas, a esperança aos desesperados e consolo aos desconsolados. Não é uma aproximação vazia de significados ou mera execução de tarefas ou prestação de serviços, como se a Eucaristia fizesse parte do seu kit funcional, é, ao contrário, a demonstração e entrega de um homem apaixonado por Cristo que faz desse alimento, o único sustento para sua vida espiritual, da sua comunidade e daqueles que já o precederam no céu.

O que faz do presbítero, também, o ministro da Reconciliação com Deus, com a Igreja e com o próximo. Sendo o homem do perdão, se vê, agora, na necessidade de pensar um itinerário no qual as pessoas, à luz do Espírito Santo, tomem consciência e reconheçam as suas condutas. Dessa intenção, a Iniciação à Vida Cristã se torna o itinerário capaz de oferecer para os simpatizantes a acolhida necessária na fé por meio do batismo. E para aqueles já batizados que desejam retornar à Igreja e à vivência do discipulado, o sacramento da penitência.

É claro que a participação do presbítero nesse itinerário não pode ser resumida somente nas celebrações dos sacramentos. Mas, há de se reconhecer que nelas a sua participação é indispensável. Nesse sentido, o sacramento da reconciliação toma um espaço importantíssimo, tanto na catequese infantil, como na catequese com adultos. Tal momento não pode ser vivido como uma avaliação do andamento da catequese ou da verificação da adesão do candidato, mas mostrar e fazer experimentar a misericórdia de Deus manifestada na aproximação paterna, no olhar diário sobre a estrada do retorno, no abraço sem pedidos de explicação, no melhor banquete reservado para os melhores filhos.

Para esses filhos que retornam é na confissão que eles devem encontrar o presbítero disposto a ajudar a enxugar as lágrimas da conversão e fazer delas, a água que regenera o novo homem. Em função disso, ele precisa ajudá-los a se reconhecer na vida e nas escolhas feitas, uma revisão à luz do Espírito e do Evangelho. O confessor e o penitente, embora diferentes nas atitudes, são iguais nessa hora diante da única vontade de Deus. Um com a missão de mostrá-la e o outro de encontrá-la ou reencontrá-la novamente na vida.

A caridade pastoral deve fazer da confissão individual um ato permanente de cura e reconciliação. Ela não pode ser pontuada e vivida pastoralmente como uma terapia casuística, ou recolocada em vista da recepção de outro sacramento e para

os outros apenas. O Papa João Paulo II assim descreveu a necessidade de o presbítero ser primeiro um penitente, dando testemunho positivo a sua comunidade:

> A vida espiritual e pastoral do sacerdote, como a dos seus irmãos leigos e religiosos, depende, na sua qualidade e no seu fervor, da prática pessoal assídua e conscienciosa do sacramento da penitência (...) Num sacerdote que deixasse de se confessar ou se confessasse mal, o seu ser padre e o exercício do seu sacerdócio bem cedo ressentir-se-iam, e disso se daria conta a própria comunidade da qual ele é pastor".[213]

Uma outra forma de catequese reconciliadora é a direção espiritual. Nela, o presbítero pode escutar, dialogar, discernir, aconselhar, formar e confessar, especialmente o homem do nosso tempo, no qual o barulho das palavras e ausência do silêncio confundem com a sua dor solitária, revelando a necessidade de a Igreja de hoje dar uma resposta através da pastoral da escuta.

Um presbítero que não escuta o seu povo, as suas homílias tornam-se normas deliberativas, discursos vazios, palavras ao vento. A assembleia permanece sedenta, esforça-se para compreendê-lo, mas permanecem sem entender nada. Isso faz lembrar o fato de um padre assustado face a um paroquiano que abandonou a Igreja para aderir a outra Igreja, recebeu dele a seguinte resposta ao ser questionado sobre sua mudança: "que deseja? disse o paroquiano, nós queremos os caminhos e vocês nos propõem os discursos".[214] Às vezes, nas celebrações sobram palavras demais e mística de menos.

Escutar a si, a comunidade, o outro, o tempo, o contexto, escutar no confessionário e na capela do Santíssimo, cria condições ao presbítero para ser ouvido, possibilita aos fiéis de conhecer o seu ser, oferece ao diferente e o indiferente a oportunidade de dialogar e escutar suas lamentações, medos e angústias. Enfim, em uma pastoral de escuta, o presbítero não é só dispensador de uma graça, mas beneficiário da graça de conhecer o mundo de quem está à sua frente.

Esse tempo dedicado ao confessionário ajuda os homens e as mulheres do nosso tempo a compreenderem o sentimento de culpa, do pecado, da graça, da misericórdia. Muitos, sem mais ouvir, busca nos consultórios e terapias aquilo que o confessionário pode dar. A ausência de uma boa catequese pode ocasionar, nesse sentido, um certo teologismo, enriquecendo a teologia com noções psicológicas e o

---

[213] RP 31.
[214] CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, A arte de celebrar, p. 26.

do outro, um certo psicologismo, transferindo as noções teológicas para a psicologia.

Contudo, o presbítero como ministro dos sacramentos, possui ainda algumas questões práticas que desafiam na sua relação com os ritos e a Iniciação. A primeira se refere a limitada compreensão da sua participação apenas no dia da celebração do sacramento, como por exemplo, na celebração do sacramento da penitência quando ele mesmo identifica que a catequese foi insuficiente devido a incapacidade dos catequistas. Aqui vale um questionamento: mas, ele não é o primeiro catequista na comunidade paroquial, o catequista dos catequistas e por essa razão, corresponsável de todo o processo? Mudar essa mentalidade significa conscientizá-lo e formá-lo na perspectiva de que a sua presença é qualitativa e não apenas quantitativa. É antes formativa, para depois ser celebrativa e não o contrário.

Uma segunda inquietação remete às resistências do presbítero em assumir e celebrar os ritos que lhes são indicados pelo Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, o RICA. Essa atitude gera, muitas vezes, nos catequistas um certo desânimo e lamentam que a nota atribuída ao presbítero, nessa hora, é a dos "cinco des": desconsidera, desvaloriza, desfaz, desmistagogiza, desconhece. Considerando haver algum exagero nessa avaliação, por outro lado, se pode observar que a situação revela um certo desconhecimento por parte do ministro ordenado. O que implica a urgente e indispensável formação permanente na linha da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã e de inspiração catecumenal.

Nesse sentido, não é apenas o cansaço presbiteral e a passagem, por exemplo, dos ritos como a entrega da bíblia, da cruz, os escrutínios, que estão em jogo quando passam a ser conduzidos pelos próprios catequistas nos encontros de catequese. A questão aqui, é que essa prática retira aquilo que é do presbítero e desfoca a participação da comunidade, pois a impede de fazer parte dessa etapa, sobretudo educando a passar do externo ao interno, do particular ao comunitário, de uma espectadora sacramental a uma comunidade de sujeitos responsáveis pela vida cristã dos outros.

É preciso, portanto, fomentar que o esplendor da evangelização é obra do Espírito Santo, que rende mais operosa quando o seu alicerce é uma catequese capaz de formar e não apenas informar, quando é missionária e não de balcão, quando é transformativa e não decorativa. Qual seria a resposta da nossa Igreja católica aos desafios de hoje, se não fosse a Iniciação à Vida Cristã? Para isso, precisa contar

com a participação ativa dos presbíteros a fim de virar a chave desse processo, compreendendo que a eficácia pastoral da Igreja em nosso tempo depende da qualidade formativa dos seus membros que nela se encontra.

3.6
O presbítero como catequista dos catequistas

O objetivo dessa pesquisa é apresentar a dimensão catequética do presbítero na inter-relação com os demais ministérios e serviços eclesiais ao interno da Iniciação. A participação do ministro ordenado, como aqui é proposto, não anula, não substitui e não clericaliza a catequese, pelo contrário, parte da mentalidade sinodal, de comunhão e complementariedade, revelando que a omissão ou ausência do presbítero, nesse processo, fragiliza a caminhada da própria comunidade e da atuação dos demais ministérios e serviços. Por isso, a primazia presbiteral considerada como argumento se dá no conhecimento da disposição dos dons concedidos por Cristo no Espírito a cada um e, que o ministro ordenado, possuidor desses dons, coloca-se a serviço dos demais na comunidade, auxiliando-os, justamente a reconhecerem, servirem e viverem esses dons a favor da comunidade de fé e do Reino de Deus aqui na terra.

A falta de compreensão dessa natureza leva o presbítero, os demais ministros, os formadores de catequistas ou influenciadores digitais católicos ao personalismo formativo, isto é, à busca de seguidores e multiplicadores de suas ideias a fim de que estes possam elegê-los como verdadeiros e únicos formadores capazes de transmitir a doutrina corretamente. Eles passam, então, a ter uma rede de propagadores do seu estilo e não o modelo formativo da Igreja. A intenção é gerar tanto quanto possível emoções e assim obter engajamentos provocando nos influenciados uma relação de fidelização e sensação de superioridade sobre seu perfeito conhecimento e raciocínio, mesmo que isso seja contra o magistério atual da Igreja.

As consequências dessa atitude são a “superficialização, polarização e ódio”[215] e, diante disso, surge a pergunta: isso é realmente missão? Tal comportamento e atitude desse formador podem ser considerados como catequista dos catequistas?

[215] SBARDELOTTO, M., Missionários no ambiente digital, p. 78.

Os dados de uma pesquisa recente ajudam a responder essas perguntas e revelam o impacto que as ações de alguns deles têm sobre a Igreja, especialmente na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Diz o estudo que "há casos de bons evangelizadores nas redes, que dão a primazia ao Evangelho e são fiéis ao magistério da Igreja e do pontífice atual. Outros pautam suas práticas digitais, não raramente, pela propagação de informações e conteúdos superficiais ou até mesmo falsos sobre a fé cristã".[216] Seguindo essa mesma lógica, a pesquisa constata que há:

> Uma divergência, às vezes velada, outras vezes escancarada, em relação ao caminho eclesial e pastoral da Igreja contemporânea ou, em outros casos, há um 'silêncio gritante' em relação ao magistério de Francisco e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Desse modo, as grandes questões eclesiais são simplesmente ignoradas, em favor de uma fé mais individualista e devocional, desconectada das problemáticas socioculturais e eclesiais contemporâneas.[217]

Segundo Moisés Sbardelotto essa prática velada se manifesta na quebra de comunhão em rede e na pouca importância que o influenciador dá à comunidade. Embora pareça agir em nome do espírito comunitário, ele, na verdade, busca sua própria autonomia, centrando-se em seu próprio ego.

> Muitos influenciadores digitais que se dizem católicos evitam toda e qualquer experiência de partilha comunitária da missão em rede. Em vez disso, optam por realizar uma missão *alone together*: supostamente juntos e em comunhão com a Igreja, mas intencionalmente sozinhos. Isto é, afirmam comungar da mesma fé, mas, na prática, buscam sua independência das comunidades eclesiais, exacerbam sua autonomia em relação às autoridades religiosas e criam suas próprias 'igrejas' à sua imagem e semelhança. Com isso, a importância da comunidade e da comunhão eclesial acaba desaparecendo - o foco passa a ser o 'eu' do próprio influenciador ou o "eu" da pessoa que o segue nas redes. Nessa "comunhão solitária", alimentada por certos influenciadores, quem não comunga com eles – o "outro", o "diferente" – não é digno deles, e, portanto, está "excomungado" e deve ser também excomunicado – até mesmo o Papa.[218]

Já o presbítero, como catequista dos catequistas, não deve ser compreendido dentro dessa lógica personalista e excludente, que ignora o outro e a própria comunidade. Sua missão, pelo contrário, está vinculada a lógica do cuidado. Diferente daquele que cuida para depois ser cuidado, ele zela para que os catequistas cuidem da comunidade junto com ele.

---

[216] SBARDELOTTO, M., Missionários no ambiente digital, p. 78.
[217] MEDEIROS, F. F., et al., Influenciadores digitais católicos, p. 23.
[218] SBARDELOTTO, M., Missionários no ambiente digital, p. 81.

O Diretório Geral para a Catequese afirma que, uma das tarefas do presbítero, especificamente a do pároco, é aquela de "suscitar e distinguir vocações para o serviço catequético e, como catequistas dos catequistas, cuidar da formação deles, dedicando a essa tarefa máxima solicitude".[219] Tal atribuição ressalta três elementos importantes: o primeiro é o despertar e promover o processo vocacional dos catequistas, o presbítero age como aquele que fomenta o chamado de Deus e a Igreja o confirma. Ele descarta a possibilidade de servir no improviso ou na simples boa vontade. Deus é quem o chama e o presbítero, em nome da Igreja, acolhe o candidato, motivando-o a responder esse chamado.

Nesse acompanhamento, o presbítero se torna o instrumento de discernimento capaz de, à luz do Espírito, discernir, junto com o catequista, para qual missão Deus o chama na comunidade. Nem sempre o catequista com habilidades para servir a catequese com adultos possuirá a mesma facilidade para servir e seguir a metodologia com catequese com crianças. O mesmo se pode dizer quando o presbítero compreende que a catequese deve ser também para com os noivos, jovens e com aqueles que buscam os sacramentos, por exemplo, do batismo para seus filhos. Uma boa catequese significa contar com bons catequistas em seus devidos lugares.

O terceiro e último elemento da função de catequista dos catequistas é a promoção da formação inicial e permanente. No último capítulo, se detalhará melhor essa atribuição. Por enquanto, já é possível perceber que a missão do presbítero, não é apenas sugerir formações ocasionais ou reuniões para programar datas e compromissos, sem considerar um programa participativo, dialógico e propositivo da catequese. Pelo contrário, exige, antes, competência para trabalhar em equipe e capacidade de articulação, evitando que essas atividades se concentrem em uma única pessoa ou se tornem tarefas burocráticas e fragmentadas. Deste modo, nasce a "eficácia da prática organizativa e a superação do individualismo pastoral e formativo",[220] ou seja, a invasão do estilo pessoal do presbítero como imposição da sua visão ou, por outro lado, a perpetuação de um estilo catequético aprimorado pela coordenação paroquial ou pelo próprio catequista, fechado em um sistema indisponível para o diálogo e a construção de um novo caminho em conjunto.

---

[219] DGC 225.
[220] RUTA, G., L'animatore parrocchiale del "gruppo catechisti", p. 66. *(tradução nossa).*

O atual Diretório para a catequese, vinte e três anos depois, retoma esse argumento de catequista dos catequistas e volta a insistir na importância do presbítero em considerar dessa vez "o grupo de catequistas como contexto de comunhão e de corresponsabilidade necessário para uma formação autêntica",[221] ou seja, supera essa dicotomia pessoal e coletiva e indica o próprio grupo como instância decisiva da formação. Portanto, o grupo, torna-se a primeira comunidade do catequista. O Diretório Nacional de Catequese quando se refere a esse aspecto deixa claro que é da responsabilidade do presbítero:

> - Entusiasmar-se pela catequese para que os catequistas se sintam valorizados;
> - Acompanhar a catequese em clima de diálogo com a coordenação, dando estímulo à formação permanente dos catequistas e acompanhando as famílias;
> - Estimular e apoiar a vocação catequética, ajudando os catequistas a realizarem esse ministério com amor e fidelidade;
> - Favorecer financeiramente a formação de catequistas e outros gastos da catequese;
> - Incentivar a presença de homens no ministério da catequese;

Chama-se atenção a segunda orientação com relação ao clima de diálogo. Veja que essa tarefa consiste em um contato circular entre o presbítero, o catequista e a coordenação. Significa uma participação pessoal direta, relacional e ativa, o que determina o sentido da sua autoridade frente ao grupo que, longe de ser domínio, é diaconia. "Sim, o princípio da hierarquia e o princípio da participação não precisam estar em oposição, mas, podem completar-se mutuamente em uma eclesiologia baseada em um modelo não linear".[222]

Essa relação participativa se insere na natureza de uma Igreja ministerial e peregrina cuja missionariedade origina-se na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai.[223] Portanto, todos na Igreja, por meio do batismo, herdam uma missão especial da qual os catequistas se tornam "importantes para a comunidade e para o caminho de fé",[224] justamente pelo fato de compartilharem o testemunho e a forma de vida encarnada pelo Evangelho.

Tudo isso mostra que não há espaço para a interpretação segunda a qual o presbítero sendo catequista dos catequistas, causa uma certa padronização e gera dependência dos membros do grupo em relação à sua pessoa. Na verdade, a sua

---

[221] DC 116f.
[222] REINERT, J. F., Paróquia e Iniciação Cristã, p. 226.
[223] AG 2.
[224] RICA 48.

vinculação se afirma mediante uma comunicação existencial, clara e dialogal mantendo sua posição externa do grupo, porém sendo dele participante. Sendo assim, se caracteriza como “nível meta”, onde se planeja, se programa e se executa em vista de uma meta a ser alcançada que é a evangelização e a educação da fé na comunidade.

Agora, do presbítero espera-se um sentimento de empatia com o qual ele rescalda e manifesta seu amor ao grupo, exprimindo sua confiança e colocando-se à disposição para escutar e perceber sabiamente as ideias vividas pelos membros assumindo-as como se fossem próprias. Esta acolhida empática deve ajudá-lo a pôr-se como ponto significativo e não somente referencial para o grupo e a comunidade. Desse modo, a sua contribuição passa a ser marcada de maneira incentivadora e promotora de libertação e não simplesmente, como atitudes em vista de alcançar pessoalmente os efeitos desejados.

Consequentemente, este seu agir é fruto do e no discernimento. É resultado de quem preside uma comunidade em nome do bispo, guiado pelo Espírito Santo e em diálogo acolhedor com os leigos. Fica claro, assim, que as decisões, as projeções e execuções pastorais não resultam simplesmente da escolha da melhor ideia, mas encontram sempre no Evangelho a regra de vida que orienta o agir do grupo e da comunidade.

3.7
A comunidade como útero do cristão

A relação descrita acima entre o presbítero e o grupo de catequistas, embora fundamental, enfrenta ainda um desafio maior na evangelização, hoje: suscitar e cultivar nos fiéis um autêntico sentimento de pertença à comunidade de fé. Tornou-se comum escutar como as crianças, adolescentes, jovens e adultos frequentemente desaparecem após receberem os sacramentos. Paralelamente, também se ouve recorrentes demonstrações de incômodo dos fiéis quando chegam à Igreja e se deparam com celebrações do batismo, por exemplo, durante a missa dominical.

Essas duas situações, em hipótese, expressam uma profunda dificuldade em compreender a comunidade como sujeito e o útero do cristão. De um lado, membros que já participam da comunidade, muitas vezes não conseguem demonstrar sinais de acolhimento com os recém-chegados. Eles falham com o calor humano e com a indisposição em compartilhar a mesma alegria como família. De outro lado, essa

frieza gera nos novos membros uma sensação de indiferença e decepção, fazendo-se questionar seu valor e lugar no corpo eclesial.

Uma resposta da Iniciação para essa situação é a de levar o catecúmeno a perceber que a Igreja é uma comunidade organizada e estruturada, não apenas como grupo social e suas necessidades sociológicas, ela é uma articulação entre o divino e o humano que, embora não se possa pensar à maneira da relação entre natureza humana e natureza divina em Cristo, como definiu Calcedônia, tem certa analogia com ela.[225]

Entretanto, a comunidade deve ser o reflexo da Santíssima Trindade como comunidade perfeita. Ela não é apenas uma moldura pedagógica, enrijecida para ladear o novo cristão que a ela adentra. Pelo contrário, a sua fonte é a centralidade da Trindade, cujo "conteúdo trinitário vem acompanhado de uma eclesiologia relacional, de encontros catequéticos dinâmicos, litúrgicos, envolventes e mistagógicos".[226]

Os escritos do Novo Testamento atestam para isso. Há uma variedade de serviços prestados por seus membros em vista do bem comum, sob a livre intervenção do Espírito (1Cor 12,5-7). No seio desta diversidade, há uma ordem de funções a serviço da vida e da coesão do conjunto (Ef 4,11-12; Cl 2,19). Deste modo, a comunidade não é deixada à fantasia de qualquer situação. A responsabilidade toca a todos os seus membros, entretanto, alguns assumem uma responsabilidade mais global a serviço do conjunto, cuja função têm o papel de assegurar a unidade da comunidade e de mantê-la fiel ao Evangelho, ao magistério e à tradição.

Quando, porém, se fala em comunidade como sujeito da catequese, deve-se entendê-la a partir de todos os seus componentes e modalidades, o que compreende a família, os grupos em suas diversas configurações eclesiais, as associações, as comunidades religiosas existentes e os ministros ordenados. Esse aglomerado de pessoas como sendo todas responsáveis, independentemente de sua própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé. Todos são sujeitos ativos da evangelização, pois "seria inapropriado pensar em um esquema de evangelização

[225] DH 301.
[226] REINERT, J. F., Catequese de inspiração catecumenal e a identidade trinitária da Iniciação cristã, p. 8.

realizado por agentes qualificados, enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor".[227]

Por causa disso, a comunidade é considerada como a "primeira catequista" de todo o povo de Deus. É dela, portanto, a missão de acompanhar o desenvolvimento dos processos, criando ambientes fraternos, onde os catecúmenos e catequizandos se sintam bem acolhidos e, simultaneamente, recebam deles a riqueza humana e religiosa que trazem para o seu interior. Desse modo, enquanto a comunidade promove a educação da fé, ela recebe e se enriquece com os dons e carismas que cada um traz consigo, gerando, assim, uma "complementação naquilo que é essencial, uma responsabilidade diversa que deriva da missão específica de cada um, mantendo a unidade na diversidade".[228]

Essa complementariedade se dá na interação recíproca entre a comunidade, a fé e a própria Iniciação como processo. A comunidade acolhe seus novos filhos, acompanha-os, nutre-os e os faz crescer. Ao mesmo tempo, os regenera para a vida nova com o Batismo, configurando-os, ulteriormente a Cristo com a Confirmação associando-os plenamente ao povo de Deus com a Eucaristia. Ela é, portanto, o sujeito e o contexto primário da Iniciação. Através da Iniciação cada fiel fortalece o seu crer na medida que a comunidade o auxilia no desenvolvimento e na conservação da graça recebida no Batismo.

De acordo com o Documento Final do Sínodo sobre a sinodalidade de 2024, é na comunidade onde se vive essa dimensão da fé comunitária e sinodal, tendo o batismo como esse ponto de partida. "Trata-se do itinerário pelo qual o Senhor, mediante o ministério da Igreja e do Dom do Espírito, nos introduz na fé pascal e

---

[227] DC 253.

[228] CT 16. O Diretório Geral de Catequese de 1997 explica isso da seguinte forma "a catequese é um serviço único, realizado conjuntamente pelos presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, em comunhão com o Bispo. Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável por este serviço. Ainda que os sacerdotes, religiosos e leigos realizem em comum a catequese, fazem-no em modo diferenciado, cada qual segundo a sua particular condição na Igreja (ministros sagrados, pessoas consagradas, fiéis cristãos). Através deles, na diferença das funções de cada um, o ministério catequético oferece, de modo completo, a Palavra e o testemunho da realidade eclesial. Se faltasse qualquer uma dessas formas de presença, a catequese perderia parte da própria riqueza e do próprio significado". Depois apresenta as distinções: os bispos, os primeiríssimos responsáveis, os catequistas por excelência, que assumem a alta direção da catequese na Igreja particular; os presbíteros, pastores e educadores na fé da comunidade cristã, catequista dos catequistas; os pais, primeiros educadores da fé dos seus filhos; os religiosos, a quem a contribuição peculiar à catequese deriva das suas condições específicas, que não poderá mais ser um substituto, nem dos sacerdotes nem dos leigos; os catequistas leigos, que com diversa disponibilidade de tempo, exercitam o serviço a partir do seu enxerimento no mundo. (DGC 219. 222-231).

nos insere na comunhão trinitária e eclesial".[229] O mesmo Documento continua explicando:

> Esse itinerário apresenta uma significativa variedade de formas, dependendo da idade em que é iniciado, das diferentes ênfases das tradições orientais e ocidentais, e das especificidades de cada Igreja local. A Iniciação coloca em contato com uma grande variedade de vocações e ministérios eclesiais. Nela, é expresso o rosto de uma Igreja misericordiosa, que ensina seus filhos a caminhar caminhando com eles. Ela os escuta e, ao responder às suas dúvidas e perguntas, enriquece-se com a novidade que cada pessoa traz dentro de si, com a sua história e a sua cultura. Na prática desta ação pastoral, a comunidade cristã experimenta, muitas vezes sem ter plena consciência disso, a primeira forma de sinodalidade.[230]

A Iniciação à Vida Cristã, portanto, é essa primeira forma de sinodalidade que a comunidade deve vivenciar, superando a mentalidade e prática de que apenas seus catequistas são responsáveis por transmitir a fé, enquanto os outros grupos, pastorais e movimentos têm funções diferentes. A Iniciação é, pois, o canteiro de obras sinodal, onde cada pessoa é chamada a contribuir com o seu serviço, valorizando a herança da graça batismal e na compreensão de que cada um é chamado a sentir, buscar e seguir o Senhor, como fez o cego Bartimeu ao longo caminho (Mt 10,46-52).

Desse modo, Iniciação, comunidade e sinodalidade não se encerram quando uma pessoa atinge uma etapa da vida cristã. Ao contrário disso, a Iniciação fortalece a sua identidade, enquanto a comunidade renova o seu rosto, e a pessoa se torna esse sujeito eclesial que, a partir do seu sacerdócio comum, é chamado a realizar aquilo que a natureza eclesial é, ou seja, uma comunidade de sujeitos em relação, em comunhão, na participação e na missão. O novo filho da Igreja então, não é influenciador dos outros irmãos, ele é antes de tudo, influenciado pela própria Igreja da qual ele pertence, para em seguida anunciar o Evangelho do qual ele escutou e se tornou seu mensageiro, pois antes foi receptor dessa mensagem.

No último documento dos bispos do Brasil sobre a Iniciação à Vida Cristã, a ideia de complementariedade desse itinerário é retomada, destacando a importância da comunidade e da contribuição pessoal. Essa reflexão parte de dois momentos principais:

---

[229] DOCUMENTO FINAL DO SÍNODO SOBRE A SINODALIDADE, 24.
[230] DOCUMENTO FINAL DO SÍNODO SOBRE A SINODALIDADE, 24.

> A estreita relação entre o itinerário catecumenal e a comunidade eclesial se manifesta em dois momentos que se complementam e se alimentam mutuamente: primeiro, a Iniciação encontra na comunidade eclesial seu ambiente próprio; ela é a atmosfera na qual o discípulo missionário de Jesus nasce e se fortalece. Em segundo lugar, a comunidade é também a meta a ser atingida pela Iniciação: o itinerário catecumenal educa para a vida de fé na comunidade, alimenta-a e renova. A comunidade é ajudada pelo itinerário catecumenal a crescer na fé, ao mesmo tempo, exerce a "função maternal" de gerar novos filhos.[231]

Agora, diante dessa interdependência compete ao presbítero propor um itinerário de mão dupla capaz de contemplar a fé, a Iniciação e a comunidade, fazendo dela, de um lado a via que acolhe, e da outra, aquela que comunica, gerando esse espaço vivo e envolvente no qual os novos crentes encontram um claro caminho para construir seu projeto pessoal de vida cristã, com capacidade de compreender o Evangelho e tê-lo como orientação concreta e fonte de decisão para sua vida. Nesse sentido, se coloca o sentimento de pertença e a interiorização da resposta e decisão pelo seguimento de quem realizou e vivenciou tal etapa.

Com isso se evidencia que a comunidade é o espaço vivificante do testemunho e da vivência do discipulado, por meio da qual, o presbítero planifica o seu agir para acolher e fazer realizar a vontade e o projeto de Deus para cada ser humano. Ele é o animador e o responsável como guia para romper as barreiras existentes entre os preferidos e aqueles que se sentem excluídos da fé e da própria missão da comunidade. É o bom samaritano enquanto acolhe e o bom pastor enquanto procura.

Entretanto, o que a pessoa agora vive, é também chamada a celebrar como ponto alto dessa sua experiência. Uma boa catequese será sempre aquela que leva o catecúmeno para dentro do Mistério, para contemplar o invisível enquanto se revela como gesto de amor e proximidade com o gênero humano. Convém aqui imaginar que a catequese será tanto quanto eficiente quando a comunidade de fé for capaz de compreender que a sua semana começa com a missa dominical, de tal forma, que o presbítero poderá ter diante dos seus olhos o termômetro da seguinte forma: quer saber como está a sua catequese, observe como a comunidade celebra o Domingo,[232] como a assembleia celebra a liturgia; quer saber como será o futuro

---

[231] CNBB, Doc. 107,111.

[232] É significativa a contribuição do Documento final do sínodo em relação a essa constatação: A celebração da Eucaristia, especialmente aos domingos, é a primeira e fundamental forma com a qual o Santo Povo de Deus se reúne e se encontra. Na celebração eucarística, 'a unidade da Igreja é tanto significada quanto produzida' (UR 2). Na 'plena, consciente e ativa participação' (SC 14) de todos

dessa mesma comunidade, avalie como anda a catequese atualmente. Catequese pobre, sem vida, sem catequistas motivados e vocacionados, gerará sempre uma comunidade sem perspectivas e sem futuro, voltada sobre si mesma, insistindo no modo de sempre, abraçada nas velhas estruturas, afogada nas antigas lembranças e nas lágrimas de sempre.

A saída para isso é o modo de se apresentar e viver a mistagogia conforme o tempo privilegiado de experiência do que se celebrou através dos sacramentos e a oportunidade de inserção dos neófitos na vida comunitária. Contudo, espera-se do presbítero a inciativa de vivê-la não apenas como a última etapa do caminho, mas como fio transversal em todo o processo a fim de que todo o itinerário seja permeado da sua presença.

Nesse sentido, despontam dois aspectos fundamentais da etapa da mistagogia que devem ser compreendidos para além de um tempo específico no caminho da Iniciação à Vida Cristã. O primeiro diz respeito ao fato de que o catecúmeno ou catequizando, por meio da celebração dos Sacramentos de Iniciação é inserido em Cristo e recebe o dom do Espírito Santo, acolhido numa comunidade marcada por uma esperança escatológica. O segundo diz respeito à necessidade de que esta realidade acima descrita seja vivenciada concretamente. Isto é, que o homem situado histórico-temporalmente possa ser capaz de traduzir, em sua vivência, essa realidade divina da qual e na qual ele se tornou participante. Nesse caso, o tempo da mistagogia é, por um lado, a ocasião propícia para que esse encontro se aprofunde e o indivíduo cristão seja configurado como verdadeiro discípulo missionário de Jesus Cristo. Por outro, a mistagogia deve se tornar o modo de iniciar os novos cristãos, ou seja, o fio condutor de todo o caminho iniciático. Seja dos que buscam os sacramentos, bem como, dos que os já receberam e procuram o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo.

---

os Fiéis, na presença de diferentes ministérios e na presidência do Bispo ou do Presbítero, torna-se visível a comunidade cristã, na qual se realiza uma corresponsabilidade diferenciada de todos pela missão. Por isso, a Igreja, Corpo de Cristo, aprende com a Eucaristia a articular unidade e pluralidade: unidade da Igreja e multiplicidade das assembleias eucarísticas; unidade do mistério sacramental e variedade das tradições litúrgicas; unidade da celebração e diversidade das vocações, dos carismas e dos ministérios. Nada mais do que a Eucaristia mostra que a harmonia criada pelo Espírito não é uniformidade e que cada dom eclesial é destinado à edificação comum. Cada celebração da Eucaristia é também expressão do desejo e apelo à unidade de todos os Batizados, que ainda não é plena e visível. Onde a celebração dominical da Eucaristia não é possível, a comunidade, embora a deseje, se reúne em torno da celebração da Palavra, onde Cristo está de qualquer forma presente (Documento Final do Sínodo sobre a sinodalidade, 26).

A mistagogia seria, portanto, a via da evangelização e da formação cristã compreendida "como significado do exercício e experiência do sacramento, ou seja, vivida antes da conclusão da Iniciação como dom celebrado e não simplesmente como dom recebido".[233]

Essa proposta equivale a uma abertura e a uma recepção da comunidade para com os novos cristãos, ao mesmo tempo que ela participa desde então, dos passos, dos ritos e dos acolhimentos das famílias dos catecúmenos. O resultado é, além da superação do desconhecimento dos seus novos filhos por parte de quem nela se encontra, os neófitos chegam e reaproximam-se de um contexto aquecido e rico de potencialidades, no qual seus dons serão imediatamente acolhidos e colocados à disposição de todos.

Certamente, isso significa remover a existente confusão entre mistagogia entendida como etapa da Iniciação à Vida Cristã e o estilo mistagógico que se atribui a este tempo. Exige, pois do presbítero o desfazer a compreensão, juntamente com os demais catequistas e a comunidade que seja apenas um tempo limitado com início e fim, bem como a sensação de que seu estilo esteja na simples entrega ou uso dos símbolos sem o devido conhecimento.

Por isso, aquilo que se testemunha e se celebra, também se conhece. Daí a necessidade da catequese permanente para toda a comunidade com a finalidade dela não se tornar apenas madrasta ou mãe adotiva, por um certo tempo de seus futuros filhos na fé, mas desenvolva a consciência de ser a mãe geradora, o útero cristão, o berço acolhedor e protetor dos que buscaram compreender, educar e amadurecer a vida cristã. Essa receptividade está correspondida nos catequistas como representantes dessa comunidade da qual pertence. Portanto, uma boa relação entre o presbítero e os catequistas repercutirá na forma relacional de como se viver, celebrar e conhecer a fé.

3.8
Os consagrados e consagradas a serviço da catequese

O que se disse até aqui em relação ao bispo, presbítero, diácono e a comunidade, deve ser realçado também com a participação dos consagrados. Muitos ao longo da história da Igreja estiveram ligados à catequese. Eles fizeram

[233] MEDDI, L., Catecumenato crismale, 37.

dela um carisma de vida pessoal e religioso para responder o chamado e viver o seguimento a Jesus Cristo. Fez do testemunho a primeira forma da sua realização na comunidade e ofereceu uma "contribuição original e específica que não pode ser substituída por padres ou leigos".[234]

Hoje, essa entrega se manifesta logo pela dimensão espiritual. Quantos religiosos e religiosas, são na maioria, responsáveis pela vida litúrgica na comunidade a qual fazem parte. São eles a dar destaque à própria Palavra de Deus, ao protagonismo do Espírito Santo, a fomentar o apreço da presença de Maria na história da Igreja e da salvação, a sensibilizar os membros para o compromisso com os mais pobres e excluídos. Ou seja, religiosos ou religiosas capazes de viver uma espiritualidade comprometida, encarnada, tendo primeiro Jesus no centro das suas vidas e da comunidade para, depois, torná-lo conhecido nas periferias existenciais e territoriais das pessoas e do ambiente no qual se encontram. Uma espiritualidade que aponta para a comunhão retratada no envolvimento com os grupos, em particular, com a catequese.

Essa inserção social, cultural e pastoral revela uma nova concepção da fisionomia antropológica dos consagrados. São pessoas humanizadas que não fogem do mundo, ao contrário, nele se inserem para conhecerem as dores das outras que estão presas no seu mundo de desolação ou privados da liberdade plena para viver a vida com retidão. Merece um destaque, nesse sentido, as mulheres consagradas que, na grande maioria, fazem parte desse cenário. Estão envolvidas nessas causas, fazem parte da catequese e com dedicação sem limites e alegria, são sinais da ternura de Deus para com a humanidade.

Alarga, assim, a visão e a consciência do ser Igreja. Os consagrados percebem que o carisma e o estilo da congregação estão dentro da Igreja universal a serviço de uma comunidade local. Portanto, não se veem indiferentes à evangelização e distantes dos seus serviços pastorais, e muito menos quando isso está relacionado às atividades da catequese. Não é exagero afirmar assim, pois dizendo de uma outra forma que, quando se tem mulheres religiosas naquela comunidade, elas estão na coordenação ou assumem diretamente algum grupo de catequese.

Esse espírito de comunhão, de entrega e amor eclesial culmina no ardor missionário. Consagrados e consagradas que vivem a missão não só com paixão,

[234] DC 119.

mas com ação, fazendo da catequese um caminho de seguimento e ocasião para despertar novos missionários por meio do batismo, conhecimento e celebração da fé, amadurecimento do cristão e testemunho na sociedade. São esses religiosos e religiosas que saem do intimismo do carisma para a disponibilidade do mundo paroquial, revelando o sentido dos elementos essenciais do ser cristão nos dias de hoje, como a gratuidade, a acolhida, a oração, a contemplação, o sofrimento e a compaixão, orientados, por sua vez, pela missão de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Evidentemente que para dialogar com as situações é necessário que a formação das mulheres consagradas, da mesma forma que a dos homens, seja adequada às novas urgências e preveja tempo suficiente e oportunidades institucionais válidas para uma educação sistemática, alargada a todos os campos, desde o teológico-pastoral até o profissional. "A formação pastoral e catequética, sempre importante, assume um relevo particular na perspectiva da nova evangelização, que requer, também das mulheres, novas formas de participação".[235]

Essa exigência formativa em destaque ilumina a relação intrínseca que há entre a vida consagrada, a catequese e o despertar vocacional que, hoje, manifesta-se na penumbra. Não é custoso recordar que muitas vocações religiosas nasciam com a vivência na catequese e nos grupos de coroinhas, até certo tempo da história, mediante a convivência com os irmãos e irmãs consagrados. Atualmente, comenta-se a diminuição das vocações, especialmente advindas desses grupos e surgem as vocações adultas originadas das novas comunidades e movimentos. Esses dois fatores demonstram, de certo modo, a urgência de encontrar novos caminhos capazes de reunificar vida consagrada, catequese e vocação com a vida em comunidade. De um lado, revela que a catequese não está sendo suficiente para ajudar no discernimento da vida pessoal de quem está diante do processo, do outro, talvez, o ânimo carismático da Congregação parece ser pouco empolgante e motivador para o jovem, o que passa a ser encontrado nos fundadores de grupos e novas comunidades de vida. Nesse novo ardor ele encontra o desejo radical de servir, desperta e processa o caminho vocacional à vida ministerial, mas falta-lhe a catequese comunitária, pois agora, se vê membro fiel e propagador desse grupo ou daquela comunidade com a consciência reduzida de ser Igreja.

[235] VC 58.

Desse modo, aumenta o denominado número de servos e diminui aquele dos religiosos consagrados. Essa diminuição afeta a contribuição pastoral dos mesmos, tendo que dedicar, conforme o seu carisma, a manter apenas as estruturas da congregação ou instituto. Um exemplo disso são os ambientes escolares religiosos: neles se conservam a catequese, porém, muitas das vezes, distante ou separada da vida paroquial, com pouca incidência missionária e desalinhado das prioridades contidas no plano catequético paroquial e diocesano, revelando a necessidade de passar da dimensão sacramental da catequese à uma mais transformativa e operante.

Um outro fator preocupante são as experiências catequéticas realizadas no modelo de educação católica e no formato de *homeschooling.* Embora essa prática favoreça à missão dos pais como primeiros catequistas de seus filhos, por outro lado, enfraquece a missão da comunidade como responsável e berço dos novos cristãos. Os defensores desse modelo o veem como um desafio, porém, afirmam que, com uma preparação cuidadosa e uma formação completa, os adolescentes, por exemplo, não só se destacam, mas também fortalecem um suporte poderoso que é a oração:

> Creio que a relação mãe-filho é levada ao limite de diferentes formas durante a adolescência. A educação domiciliar facilita esse período porque você tem mais consciência das mudanças e dificuldades que seu adolescente está enfrentando. Você também tem menos ocasiões de conflito (ou seja, bailes, festas, pressão dos colegas da escola). Uma comunicação aberta, confirmação constante, comprometimento e padrões firmes ajudam, mas acho que a oração é o recurso mais importante que temos enquanto mães e professoras.[236]

Relacionado à oração e à educação está também a catequese, que, conforme essa prática, favorece o desenvolvimento espiritual. Portanto, aproveitar esse período da adolescência para a família estar ao seu lado é prepará-lo bem para o futuro o que implica ter clareza sobre a finalidade da educação em *homeschooling.* Ao menos oito pontos são importantes:

> 1. A adolescência é um período naturalmente turbulento em que os adolescentes caminham com um pé de cada lado da linha que separa a infância da idade adulta. No entanto, essa fase pode ser maravilhosa e aprofundar nosso relacionamento com nossos filhos adolescentes, sobretudo quando os educamos em *homeschooling*.
> 2. A educação domiciliar permite que a mãe se concentre em uma área de desenvolvimento específica, ou conscientemente tire ênfase dela, com vistas ao melhor para o adolescente.

[236] HAHN, K.; HASSON, M., Educação católica e *homeschooling*, p. 262.

> 3. Estabeleça objetivos concretos para a formação espiritual, humana (inclusive maturidade pessoal e desenvolvimento de caráter) e intelectual de seu filho adolescente.
> 4. O desenvolvimento espiritual tem por foco uma vida de oração mais profunda, maior familiaridade com a Escritura e mais amor por ela, uma vida sacramental mais forte e a infusão de uma atitude de serviço em nossos filhos adolescentes.
> 5. A formação humana leva em consideração as mudanças físicas vivenciadas por nossos adolescentes. Ela exige crescimento no domínio de si, em autonomia, responsabilidade e desenvolvimento social.
> 6. A formação intelectual abrange o desenvolvimento de habilidades de comunicação (oral e escrita), de análise e de estudo independente. Tais habilidades devem ser aplicadas em todas as áreas autônomas de estudo.
> 7. As faculdades aceitam alunos do ensino domiciliar com base em um pedido de ingresso por escrito (que geralmente inclui uma redação), os resultados em exames padronizados e (vez por outra) uma entrevista pessoal. Faculdades veem com bons olhos os alunos do ensino domiciliar, por causa de sua iniciativa e capacidade de pensar e trabalhar de forma autônoma.
> 8. Embora o ensino domiciliar de adolescentes seja um desafio por causa da necessidade de mais tempo, da maior dificuldade do conteúdo a ser aprendido, dos altos e baixos emocionais dos adolescentes e da pressão da admissão em uma faculdade, trata-se de algo não só possível, mas também muito fecundo para os adolescentes e os pais.[237]

Considerando todos esses pontos, é importante destacar o número quatro, que descreve a finalidade da catequese como um desenvolvimento espiritual, com foco na vida de oração, familiaridade e amor pela Sagrada Escritura, vida sacramental e atitude de serviço. Fica claro, mais uma vez, que a presença da comunidade é considerada desnecessária e, portanto, a constituição do ser discípulo é resultado de um conhecimento sobre Deus e não fruto de uma experiência com Ele. Dessa forma, a catequese se torna um evento programado em vista de um prêmio a ser recebido e não um processo gradual pelo qual o catequizando é chamado a realizar. Além disso, a sociabilidade[238] da fé se restringe ao âmbito familiar, quando, na verdade a

[237] HAHN, K; HASSON, M., Educação católica e *homeschooling*, p. 263-264.
[238] Os que defendem essa prática justificam a socialização do seguinte modo: Quando pensam em socialização, os críticos da educação domiciliar tendem a reduzi-la à sociabilidade: a capacidade das pessoas de interagir de forma amigável. Eles supõem que as instituições de ensino oferecem melhor socialização porque há mais pessoas, e "mais pessoas" significa "mais oportunidades de interação social". No entanto, a sociabilidade é mais um resultado - não o processo - da socialização. O processo de socialização em instituições de ensino é, em sua maior parte, realizado pelos colegas, com a supervisão geral dos professores. Grande número de colegas não significa que as crianças se socializarão de uma maneira que seja agradável a Deus. "Mais" não é necessariamente "melhor", quando se trata de interação com colegas. No ensino domiciliar, o processo de socialização é inaugurado, incentivado, sustentado, sanado e amadurecido debaixo do cuidado atento dos pais, com supervisão especial do desenvolvimento das relações entre irmãos. Os críticos sugerem que, se forem educados em um ambiente doméstico, nossos filhos podem tornar-se idiotas sociais, incapazes de lidar com o mundo real. Todavia, a verdade é quase o oposto disso. O que nossos amigos e familiares preocupados com o assunto estão prestes a ouvir (de você) os surpreenderá: a socialização é um dos principais motivos para a escolha da educação domiciliar. HAHN, K., HASSON, M., Educação católica e *homeschooling*, p. 84.

comunidade deveria ser o ambiente onde a pessoa pudesse passar do “eu creio” para o “nós cremos”.

De maneira ainda semelhante, se pode mencionar o desafio enfrentado pelos consagrados e consagradas em relação à educação católica e à catequese em ambientes sob sua responsabilidade. Nesses espaços, a identidade de escola católica é suprimida pelas novas escolas de inspiração profundamente católicas, geridas por leigos. Esse dilema se torna ainda mais evidente quando é preciso adotar certas linguagens em nome da inclusão, do respeito e da acolhida, se distanciando da mensagem do Evangelho. Enquanto isso, essas novas escolas católicas enfatizam o oposto, buscando um retorno à educação religiosa tradicional.

Embora isso tudo seja verdade, a missão dos consagrados e consagradas no processo da educação, especialmente no campo da fé, em nosso tempo, requer cada vez mais ousadia, dinamismo e a redescoberta de novas maneiras para manter vivo o frescor do Evangelho, mesmo quando as estruturas se mostram pesadas, cansadas e tediosas.

A saída para reverter esse cenário está na própria atitude cordial dos consagrados, pois deles, segundo o Papa Francisco, se “espera gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na Iniciação à vida de oração”.[239] São critérios a serem considerados na organização da catequese paroquial que o pároco, juntamente com os consagrados, pode considerar para fazer da Iniciação esse itinerário das vocações, sejam elas a vida consagrada ou não.

3.9
Pastorear e reconhecer: a relação do presbítero e o catequista

Compreender a dimensão catequética do presbítero é assimilar a sua relação com os demais ministérios instituídos na e pela Igreja. Essa é a reflexão feita aqui. Contudo, só faz sentido concebê-la ao interno do único ministério da Igreja, o de anunciar e tornar o evangelho acessível a todos. A pluralidade de ministério deve ser colocada neste singular ministério de missão. Portanto, não é verdade quando a se imagina a abordagem do presbítero na Iniciação à Vida Cristã esteja ela em uma perspectiva clericalizante, reduzindo o serviço da Palavra às ações somente do

[239] FRANCISCO, PP., Às pessoas consagradas por ocasião da proclamação do ano da vida consagrada, 4.

presbítero, desvalorizando a participação do catequista leigo. Pelo contrário, é nesse sentido de acolhida e complementariedade que deve ser trabalhada e apresentada a relação do ministro ordenado com a instituição pelo Papa Francisco do ministério laical de catequista.

O Papa Argentino assim entendeu que o ministério de catequista "é um serviço estável prestado à Igreja local de acordo com as exigências pastorais identificadas pelo Ordinário do lugar, mas desempenhado de maneira laical como exige a própria natureza do ministério".[240] É um ministério que parte da condição do ser batizado e do sacerdócio real recebido no Sacramento do Batismo, diferente do ministério ordenado recebido no Sacramento da Ordem. Cada batizado pode ouvir a voz do Espírito que está sempre presente na sua vida, e assim despertar o seu entusiasmo pessoal para reavivar a consciência de ser chamado a cumprir a própria missão na comunidade. A sua entrega é um modo de enriquecê-la e contribuir para a transformação da sociedade.

O ministério então não é uma posse eclesial administrado pela Igreja em vista do seu apoderamento pastoral e enraizamento de suas estruturas. Ele "é obra do Espírito Santo. O Espírito de Cristo é quem se manifesta e opera nele e o distribui".[241] Por isso, possui como característica a estabilidade, de estar presente firme e permanentemente na Igreja, podendo ser admitido ao seu exercício de forma contínua e duradoura, também, aos leigos e leigas com as características adequadas de idade, formação e discernimento nas suas escolhas.

É nesse sentido que o Papa Francisco reconheceu e instituiu ministério laical de catequista, pedindo aos ministros ordenados que pastoreassem e considerassem essa missão sublime em vista da cooperação na obra comum.[242] A intenção do pontífice não é criar uma elite selecionada para o anúncio nem a clericalização dos catequistas, aniquilando a figura e o significado que o ministro ordenado e o sacramento da ordem possuem, nem tampouco, comprometer o presbítero ocupando a função específica do catequista no anúncio e aprofundamento da fé na catequese. Nesse sentido, o Papa antecipou dizendo que:

> Sem diminuir em nada a missão própria do Bispo – de ser o primeiro Catequista na sua diocese, juntamente com o presbitério que partilha com ele a mesma solicitude

[240] AM 8.
[241] TABORDA, F., A Igreja e seus ministérios, 89.
[242] AM 7, 11.

> pastoral – nem a responsabilidade peculiar dos pais relativamente à formação cristã dos seus filhos (cf. CIC cân. 774 §2; CCEO cân. 618), é necessário reconhecer a presença de leigos e leigas que, em virtude do seu Batismo, se sentem chamados a colaborar no serviço da catequese (cf. CIC cân. 225; CCEO câns. 401 e 406).[243]

O que na verdade o Papa Francisco faz é reconhecer oficialmente a presença desses homens e mulheres presentes desde os primórdios da comunidade cristã e os insere na estabilidade de uma doação como anunciadores de Jesus, morto e ressuscitado.

Na carta direcionada aos presidentes das Conferências Episcopais de cada nação sobre o rito de instituição dos catequistas, Dom Arthur Roche, prefeito do Dicastério para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, esclareceu ainda mais sobre a situação e atuação dos catequistas instituídos afirmando que "eles, de fato, são chamados a colaborar com os ministros ordenados nas diversas formas de apostolado, realizando, sob a orientação dos pastores, múltiplas funções" e que, continua o prelado, "a área do anúncio e do ensino descreve, no entanto, apenas uma parte da atividade dos mesmos".[244]

O que a instituição oficial realmente traz é o reconhecimento, especialmente no contexto da Igreja no Brasil, do serviço já em ato desses guardiões da fé nas diversas comunidades. É o coroamento da entrega de homens e mulheres que, no silêncio e na doação total, faz do anúncio seu ser Igreja, seu testemunho de amor ao Evangelho e sua missão aqui na terra, sem contrariar o ministro ordenado nem atrair para si um poder soberano a não ser aquele que o Espírito lhe impõe quando estar a pregar, a proclamar e a ensinar. Evidentemente que é um ministério vivido em comunhão e não de forma isolada, da mesma forma, como deve ser recebido para fortalecê-lo e não como um prêmio entregue a alguns como merecimento ou reconhecimento pessoal.

Ministério é serviço, mas um serviço que considera a primazia de Deus, a graça divina e a confirmação da Igreja para o bem da comunidade. Exige naturalmente a escolha criteriosa desses catequistas, podendo ser realizada pelo presbítero, mas confirmada e evidenciada com a celebração do Rito de instituição pelo bispo. O próprio Papa até já antecipa esclarecendo que se trata de um ministério com forte valência vocacional e, por isso, vai além de uma simples

---

[243] AM 5.
[244] ROCHE, A., Carta aos presidentes das Conferências Episcopais sobre o rito de instituição dos catequistas, 11.

função reconhecida pela Igreja. Nesse sentido, o ministério não fortalece o simples fazer do catequista e sim ratifica o seu ser, como homem e mulher chamados a seguir Jesus, servindo na comunidade. Por isso, o catequista instituído deve ser:

> Possuidor de uma fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, seja capaz de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, receba a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícito comunicador da verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. *Christus Dominus*, 14; CIC cân. 231 §1; CCEO cân. 409 §1). Requer-se que sejam colaboradores fiéis dos presbíteros e diáconos, disponíveis para exercer o ministério onde for necessário e animados por verdadeiro entusiasmo apostólico.[245]

Na medida que o catequista se vê como colaborador dos ministros ordenados, o presbítero, por sua vez, é exortado a reconhecer o catequista como aquele capaz de exprimir a sua competência no serviço pastoral da transmissão da fé e de desenvolvê-la nas suas diferentes etapas:

> Desde o primeiro anúncio que introduz no querigma, passando pela instrução que torna conscientes da vida nova em Cristo e prepara de modo particular para os sacramentos da Iniciação cristã, até à formação permanente que consente que cada batizado esteja sempre pronto "a dar a razão da sua esperança a todo aquele que lhe peça" (1Pd 3,15).[246]

O catequista, portanto, se apresenta como instrumento necessário na educação da fé do povo. Ele é o peregrino da comunidade, passando pelas diversas fases e etapas da vida e da fé dos seus membros. Exerce o seu ministério em nome da Igreja, em nome de Cristo, sob orientação do bispo local e na comunhão com o presbítero. Por isso, o Papa reitera que tal missão é fecundada na oração, no estudo e no testemunho de comunidade. A grandeza do ministério de catequista, fundamentado no batismo, é porque ele se faz um com outro para ser quem ele é, ou seja, um serviço ao próximo, um reflexo do Evangelho vivo plasmado na moldura da vida de um discípulo apaixonado, um sinal da rebeldia do Espírito Santo em nossos tempos.

> Catequista é simultaneamente testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja. Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade é que se pode desenvolver com coerência e responsabilidade.[247]

---

[245] AM 8.
[246] AM 6.
[247] AM 6.

É missão do presbítero reconhecer e acompanhar os catequistas na construção do "nós eclesial".[248] Primeiro, ele se entende como ministro ordenado, um pilar na apostolicidade da Igreja que representa sua dimensão institucional. Depois, como o Bom Pastor, ele guia a ação dos ministros instituídos que, com suas atividades específicas, trazem à vida pastoral diversos aspectos dessa apostolicidade.

Do "nós eclesial", do qual o presbítero e o catequista fazem parte, na Iniciação, ele é convocado a alcançar o "nós iniciático", à medida que ele faz coincidir o catecúmeno como sujeito ativo do processo e não mero destinatário da intervenção de ambos. A concretização se dá justamente no encontro do "Eu simpatizante" com o "Tu discipular", isto é, a fé elementar com a fé discípula, gerando, novamente o "nós eclesial". Com outras palavras, quer se afirmar que na Iniciação, além de considerar indispensável a participação do catequista, o presbítero precisa valorizar o próprio catecúmeno como protagonista da sua história. Considerá-lo como Zaqueu com a sua própria iniciativa de querer ver Jesus (Lc 19,1-10).

Por fim, merece ainda ressaltar o cuidado do presbítero com a figura e a missão do introdutor, muitas vezes camuflada no tecido eclesial. Segundo o RICA ele é "um homem ou uma mulher que conhece o simpatizante, o ajuda e é testemunha dos seus costumes, da sua fé e desejo".[249] Sua missão não se confunde com aquela do padrinho, nem a substitui, mas deve ser compreendida e localizada entre o simpatizante e o catequista, entre o catecúmeno e a comunidade. É aquela pessoa que está presente desde os primeiros passos do caminho de fé do catecúmeno: depois de o conhecer, de ter sido interlocutor atento dos seus desejos e expectativas e de ter criado uma relação de confiança e respeito, segue-o espiritualmente na busca de Cristo. Ele testemunha o crescimento de sua fé, a mudança de suas atitudes, o amadurecimento de sua espiritualidade, por isso, a sua missão não cessa com a tarefa confiada a uma outra pessoa, designada pela comunidade, nem com a escolha de um padrinho pelo catecúmeno. Ela está para além dessas nomeações e reconhecimentos formais. Está fundada no apoio, na

[248] LG 20.24.
[249] RICA 42-43.

amizade e no exemplo da vida de fé que o introdutor foi capaz de assegurar, tornando, de fato, uma missão dificilmente substituível.[250]

Se o presbítero faz do introdutor, de fato, um sujeito e trabalha a sua importância no processo da Iniciação, ele encontra a resposta para a ausência do sentimento de pertença das pessoas, hoje, com a sua comunidade de fé. Supera o indiferentismo religioso, a frieza e a distância daqueles que se sentem excluídos do âmbito da própria comunidade. É uma tarefa urgente e importantíssima!

Portanto, harmonizar os estímulos nessa direção, estabelecer a missão naquilo que é específico do catequista, do introdutor e do catecúmeno, proporcionará à comunidade eclesial uma diversidade de serviços, carismas e ministérios. Igualmente, oportunizará ao presbítero a missão de regente como aquele responsável de dar um novo tom iniciático a todas as inciativas presentes no território paroquial.

3.10
A teologia da Iniciação à Vida Cristã e a missão do presbítero

Toda essa reflexão ajuda a identificar alguns pontos fundamentais e não os desconsiderar. O primeiro, é a alteridade de Deus, ou seja, Ele se dá a conhecer, se se manifesta para além da capacidade humana de Lhe reconhecer racionalmente. Deus invisível se revela na medida que vai ao encontro do próprio homem, "fala a ele como amigo e entretém-se com ele para convidá-lo e recebê-lo em comunhão Consigo".[251] O segundo, é a primazia da graça que ultrapassa os cálculos humanos com seus projetos audaciosos de transmissão da fé. E o último, a comunidade como sujeito da catequese que se concretiza na missão pessoal e individual dos ministros ordenados e não ordenados na participação ativa da ação e condição particular da Igreja.

Através dessa conjuntura transcorre a dimensão sacramental da Iniciação. Ela torna-se o canal indispensável pelo qual a ação divina alcança o catecúmeno e/ou o catequizando mediante a Igreja. São pelos sacramentos, atos de Cristo na Igreja, que eles descobrem o lugar por excelência do encontro do homem com Deus. Passam a conhecer os sacramentos que "são atos do próprio Cristo na ação ritual da Igreja, é Ele que nos inicia, nos torna cristãos, nos introduz no relacionamento com

[250] CARVALHO, W. F. S.; Dantas, A. T., Iniciação à Vida Cristã, p. 87-88.
[251] DV 2.

a Trindade e com o próprio corpo eclesial".[252] A questão agora é a sequência dessa reflexão na ação pastoral hodierna, quando se tem dois aspectos importantes a serem contemplados: o primeiro é a crise sacramental em nossa época e o segundo a sua fragmentação, especialmente quando se trata da Iniciação. A tentativa, a seguir, é refletir acerca dessas situações sem a audácia de propor uma resposta única como solução de tudo.

Iniciemos pela constatação do estranho paradoxo da atual situação espiritual do nosso tempo. Segundo o Papa Bento XVI, o século XX pode ser nomeado como o "século da Igreja", ou pode ser chamado de "século do movimento litúrgico e sacramental".[253] Seguindo a sua reflexão, o Papa aponta que, após o tempo patrístico, talvez não houvesse mais se conhecido ou verificado um florescimento da teologia dos sacramentos como o que houve no século XX. Nem mesmo duas guerras mundiais foram capazes de impedir essa guinada. Por outro lado, segundo o Pontífice, nesse mesmo período, verificou-se, por parte da sociedade, um "estranhamento diante da realidade dos sacramentos que jamais se verificou no interior do cristianismo".[254] O resultado dessa reação se deu em vista da materialização e da visão atual do mundo e das coisas com razão funcionalística, a tal ponto de muitos se questionarem, hoje, se realmente uma coisa pode se tornar sacramento. O questionamento avança com alguns, expondo a superação dessa categoria, considerando-a simplesmente uma propriedade da Igreja e questionando por que, para recebê-los, é necessário ir até ela.

A verdade é que o homem e a mulher do nosso tempo vivem uma época de analfabetismo sacramental. Aquilo que os sacramentos e seus efeitos oferecem nem sempre é compreendido na sua totalidade e vivenciado com sinceridade. Muitos permanecem no horizonte emocional e não atingem o lado racional da fé, passando a se verem como adorados e amados e não como celebrados e recebidos. Um exemplo, é o sacramento da Eucaristia. Quantos adoradores não participam da missa, não mais comungam e, salvo exceções, não se interessam mais em regular qualquer situação da própria vida. Mas são exímios adoradores quando a missa termina. Esse modo de pensar e de agir revela a vivência eucarística na comunidade

[252] CNBB, Doc. 107, 125.
[253] BENTO XVI, PP., Teologia da Liturgia, 197.
[254] BENTO XVI, PP., Teologia da Liturgia, 198.

sob três níveis não correlatos: “celebração do sacrifício por parte do padre, adoração do sacramento por parte do povo, comunhão por parte de alguns”.[255]

Não se pode, evidentemente, generalizar as realidades e somar tais inquietações em uma única direção, pois as causas são diversas e os seus sintomas se manifestam de forma variada, conforme o contexto eclesial e comunitário. Contudo, é bom salientar um fato específico naquelas comunidades que são impossibilitadas de receberem com frequência a presença do ministro ordenado. Por muito tempo, a proximidade com os sacramentos se dava em intervalos prolongados e, nesse vácuo, o que se mantinha eram as devoções. Por isso, deve-se reconhecer o quanto a devoção popular contribuiu para a evangelização em nosso País e como o Papa Francisco a considerou. Mas, aqui, chama-se atenção para o cenário das festas dos padroeiros, nas quais se manifesta muito mais o devocionismo do que a evangelização.

Com isso, deve-se despertar para as novas tendências devocionais virtuais, que se caracterizam como uma teologia do combate na luta constante entre as forças do bem e do mal. Essas devoções estão alinhadas a uma espiritualidade desencarnada do restante da comunidade e da lei do esforço comunitário. São práticas que desqualificam a dimensão comunitária e social dos sacramentos e supervalorizam o devocionismo, em detrimento da vivência e do engajamento no discipulado.

Talvez esse contexto revele a necessidade urgente de um processo de Iniciação em nossas comunidades, capaz de oferecer um conhecimento mais aprofundado acerca da fé e da sua vivência, sem, evidentemente, colocá-la em contradição ou competição com um ou outro movimento. Essas situações também manifestam a fragmentação pastoral como ação nutritiva da evangelização da Igreja e, do outro lado, a desintegração da própria catequese, no que se refere à dimensão sacramental, bem como, a descontinuidade entre a catequese inicial de base e aquela permanente.

Do ponto de vista sacramental, “há um nexo profundo entre a realidade dos sacramentos da Iniciação e o itinerário catecumenal que a eles conduz”.[256] Essa íntima relação, infelizmente perdida no tempo, desfez aquilo que, no começo da Igreja, acontecia como “unidade monolítica, a ponto de serem chamados de o

[255] GRILLO, A., Ritos que educam, p. 63.
[256] CNBB, Doc. 107, 123.

sacramento da Iniciação: o Batismo, a Crisma e a Eucaristia".[257] O próprio documento 107 afirma que é urgente "recuperar a unidade pastoral entre os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã".[258] E mais: é preciso, seguindo as inspirações de Bento XVI, recolocar a Eucaristia como o centro e o ápice da Iniciação.[259] Tal recuperação exprime "a unidade do mistério pascal cumprida pela missão do Filho e consumada pela efusão do Espírito Santo".[260]

A pergunta a ser posta agora é: reordenando a sequência dos sacramentos da Iniciação como hoje, em sua grande maioria, são celebrados (Batismo, Eucaristia e Crisma) e tornando a realizá-los na sequência teológica: Batismo, Crisma e Eucaristia, resolverá o problema da formação e da educação da fé das nossas comunidades?

A resposta não pode cair no dualismo do sim e do não, mas requer uma leitura da realidade atual dos homens e das mulheres buscadores de Deus e no ressignificado da vida que eles procuram e ao qual se propõem. Diante disso, a preocupação da Igreja deve ser como suscitar e fazer crescer a fé neles e não se limitar à leitura sociológica da pouca procura pelos sacramentos na vida infantil e adulta. Apegando-se a essa última situação, a Igreja acabará por considerar que a pouca eficiência da Iniciação se dá pela fragmentação ou desordem sacramental e o retorno à sua unidade seria a solução.

Sobre essa questão, Andrea Grillo afirma haver uma mudança do ponto de vista teórico nos últimos cinquenta anos em relação à Iniciação, pois o "modelo do iniciar à fé não é mais o Batismo de crianças, mas o Batismo de adultos".[261] Para o autor, a prática comum do Batismo conferido às crianças deu, ao novo cristão, uma autonomia tão grande que a Crisma e a Eucaristia ganharam uma conotação de absoluta liberdade. Tornaram-se sacramentos celebrados sem ligação com o anterior e, da parte do catecúmeno ou catequizando, sem a devida clareza do percurso da Iniciação. Ambos passaram a ser buscados, administrados e celebrados autonomamente.

> O Batismo se tornou o sacramento de quem nasce, a entrada na Igreja é sancionada pela Primeira Comunhão, pelo menos do século vinte em diante — com a mudança

[257] LIMA, L. A., Iniciação à Vida Cristã, p. 48.
[258] CNBB, Doc. 107, 126.
[259] CNBB, Doc. 107, 127-128.133.
[260] CNBB, Doc. 107, 129.
[261] GRILLO, A., Ritos que educam, p. 59.

> feita por São Pio X, que torna possível celebrar a Primeira Comunhão em uma idade mais baixa, fazendo assim saltar a relação com a Crisma, que, nas décadas sucessivas, tende a ser interpretada como sacramento da adolescência. Assim, existe um sacramento do neonato, um sacramento do menino e um sacramento do adolescente, o que parece perfeitamente adequado ao esquema pedagógico do tempo; isso, porém, não se afirmou jamais totalmente na Igreja. Podemos dizer que, entre os anos 50 e os anos 80, grande parte das esperanças foram confiadas a esse esquema.[262]

A saída, portanto, é entender que se chega até a Eucaristia passando pela inauguração batismal, pela plenitude crismal, para poder viver esta dupla identidade batismal e crismal na vida eucarística. Essa ordem não sugere aguardar a pessoa crescer, chegar a uma idade adulta para receber a Eucaristia. Compreende-a, no entanto, comparando com um pai que pensa no nascimento dos seus filhos: ele recorda de tê-los visto sair da barriga da mãe, ser lavados, perfumados e nutridos. Igualmente, "na Igreja se entra sendo lavados pelo Batismo, perfumados na Crisma, nutridos na Eucaristia".[263]

Evidentemente, a participação na Eucaristia prevê uma maturidade e isso significa um problema de linguagem, pois a prática catequética direciona a criança para "fazer a Primeira Comunhão", isto é, pela primeira vez se alimentar da hóstia, do corpo de Cristo e entrar em relação com Jesus, considerando a missa apenas como pretexto, sem considerar essa dimensão celebrativa e as demais do restante dos sacramentos já celebradas, que permanecem latentes em tal experiência.

A correção dessa linguagem sugere a não privatização sacramental ou o furto eucarístico no qual o catecúmeno ou o catequizando recebe o sacramento apenas para si ou, ao recebê-lo, foge da comunidade. Pelo contrário, indica que a relação individual e pessoal com Cristo permanece, mas ganha também o ato como relação comunitária, "como aquela relação que assinala o destino de cada um com os irmãos, em uma comunidade reunida, marcada pela escuta da Palavra, pelo sacrifício da oferenda, pela linguagem do louvor, da ação de graças e da benção".[264] Isso é ser e fazer Igreja enquanto a Igreja é e celebra os sacramentos.

Diante do exposto observa-se a urgência de repensar atitudes formativas em vista da superação dessa fragmentação sacramental não apenas entre os três sacramentos da Iniciação, mas deles com os demais; viabilizar uma catequese

---

[262] GRILLO, A., Ritos que educam, p. 62.
[263] GRILLO, A., Ritos que educam, p. 61.
[264] GRILLO, A., Ritos que educam, p. 63.

permanente capaz de superar, também, a fragmentação na economia sacramental compreendida, hoje, como descontinuidade da graça recebida entre um e outro sacramento, e por fim, o que os sacramentos implicam na vida pessoal e comunitária, isto é, aquilo que se celebra, se vive na comunidade e testemunha na sociedade.

A percepção desses fracionamentos, por parte do presbítero, o possibilitará, agora, a pensar ou repensar um itinerário que contemple as celebrações dos sacramentos como ápice da caminhada formativa, da catequese oferecida e celebrada. Os sacramentos repropõem a dinâmica da encarnação e, de alguma forma, propõem todo o mistério da salvação que se estende na história através da comunidade de fé, por essa razão, eles exigem uma Iniciação para que, de fato, realizem aquilo que eles significam. Mas, igualmente, exigem dos fiéis que os buscam, cristalinos conhecimentos para compreendê-los e vivê-los a fim de conferir a graça que cada um concede.

A forma mistagógica evolvendo todo esse processo habilitará o presbítero e a comunidade a darem um salto qualitativo. A passarem do fazer ao celebrar como ação conjunta de uma Igreja que reza nos próprios membros dessa comunidade. Portanto, os aspectos teológico-catequéticos da missão do presbítero apresentados nesse capítulo, objetivavam preparar para essa consciência eclesial em vista de uma ação conjunta, à luz do Espírito Santo, que faz a própria Igreja, pela graça divina, tornar visível o Reino de Deus presente no meio de nós e torná-lo acessível a tantos outros que buscam e desejam conhecê-lo para melhor viver o sentido da vida. Certo de que o elenco citado não se esgota e a ele podem ser incorporadas outras instâncias intermediárias de acolhida e diálogo, como é o caso do secretário(a) paroquial e das comissões missionárias paroquiais na pastoral do primeiro anúncio. Contudo, todas elas requerem da mentalidade do ministro ordenado um projeto que ordene essa boa vontade a não cair no improviso pastoral da catequese nem na oferta de serviço ou de um produto da fé disponível para um determinado momento ou ocasião da vida de quem procura por razões pessoais ou sociais, sem um devido compromisso da fé nem de conversão.

4
O presbítero místico-mistagogo: do eu que faço ao nós da comunidade que celebra

O capítulo anterior descreveu a dimensão teológica do ministério presbiteral e sua relação com os demais na comunidade. Este tem o objetivo de explorar a identidade e a missão do presbítero enquanto místico mistagogo. Ele examina a função do ministro ordenado entre a liturgia e a catequese, consideradas os dois pulmões da vida cristã. Coloca-se na continuidade das discussões anteriores, porém realçando aspectos da vida ministerial em relação à vida litúrgica e à comunidade.

Primeiramente, o capítulo aborda a atualidade da mistagogia nos dias de hoje, destacando suas diferentes interpretações. Em seguida, se questiona se é possível definir um perfil mistagógico do presbítero e quais são suas principais características, colocando em destaque as nuances da sua formação para esse fim.

O quarto ponto trata da ação litúrgica e em seguida da reconciliação entre a oração e a liturgia na vida do presbítero. Considera a presidência litúrgica como aspecto fundamental e mistagógico, onde ele conduz a si mesmo para o altar ao mesmo tempo que conduz a assembleia para a mesma direção. Ele não a aguarda sobre o presbitério, mas para ele se dirige, passando por entre os membros. Enquanto o presbítero se conduz, conduz igualmente os demais para o centro que é o Cristo.

A partir do sétimo ponto, o presbítero é chamado a ser místico mistagogo em outros ambientes. Destaca-se a sua tarefa de formar mistagogos para as coordenações dos grupos de catequistas. Insiste na busca pela resposta de como fazer experiência do mistério na cultura digital e se propõe oferecer algumas indicações de como o presbítero pode ser um místico mistagogo nesse contexto, considerando a comunidade como espaço privilegiado do encontro entre os membros da comunidade, entre eles e a pessoa de Cristo e a consciência de que as técnicas não substituem e não são suficientes para a transmissão da fé.

O penúltimo tópico trata da missão do presbítero como homem misericordioso, destacando a importância do sacramento da reconciliação na dinâmica da Iniciação à Vida Cristã. Propõe formas catequéticas e pastorais de transformar o dia do medo em um dia de festa, envolvendo toda a comunidade nesse dia e não apenas o catequista, o padre e o catequizando penitente.

Finalmente, o caminho realizado leva a reflexão para o dia do Domingo. Resgata a centralidade do dia dos dias como o dia do Senhor, dia da Igreja, dia da comunidade, dia da Iniciação e dia da Eucaristia.

4.1
A atualidade da mistagogia e suas diferentes interpretações

Nos últimos anos, o termo mistagogia[265] tem ganhado espaço na reflexão teológica e sacramental. Estudos têm buscado apresentar sua importância e significado, especialmente, dentro do itinerário da Iniciação. Ao menos três reflexões merecem destaques. Elas aparentemente não se contrapõem, no entanto, evidenciam sentidos diferentes e complementares.[266]

A primeira reflexão é a de que a mistagogia é um método pedagógico com o qual a pessoa é conduzida a conhecer os mistérios de Deus. Conforme essa interpretação, a mistagogia é uma técnica onde o conduzido, com os seus próprios dons e daquele que conduz, alcança o conhecimento sobre Deus. É como se fosse uma habilidade adquirida do catequista ou do presbítero e desconsiderasse a iniciativa de Deus e sua revelação por amor ao homem que deseja e quer tornar-se conhecido a todo gênero humano.

A segunda reflexão afirma a mistagogia ser um tempo que coincide com a vivência dos mistérios celebrados mediante os sacramentos, durante o tempo pascal, ao nosso ver, também empobrece a grandiosidade de seu significado. Nessa visão, o catecúmeno ou catequizando receberia as explicações sobre o que viu e ouviu, testemunhando e sendo acolhido na comunidade. Embora essa prática tenha grande valor, ela permanece numa concepção temporal e distante do que deveria ser um caminho contínuo, ou seja, a reconciliação entre o ser e o fazer, a experiência e a técnica.

---

[265] O termo mistagogia tem origem no verbo grego *myeo*, que está ligado sempre no contexto sagrado ao significado de "ensinar uma doutrina" e "iniciar nos mistérios". Mistagogia está sempre em estreita conexão com *misterion, mystikon* e *myste*. MAZZA, E., A Mistagogia, p. 20. Já as catequeses mistagógicas possuem uma estrutura metodológica baseada em cinco etapas. O seu contexto era a celebração litúrgica e elas se caracterizavam como discursos orais que procuravam, sobretudo, estabelecer a relação vital entre o evento salvífico e a sua atualização-presença através do rito. O método destas catequeses consistia em dois grandes movimentos: do rito para o evento salvífico (etapas primeira, segunda e terceira) e do evento salvífico para o rito (etapas quarta e quinta). FINELON, V. G., A mistagogia cristã à luz da constituição *Sacrosanctum Concilium*, p. 135.

[266] Não se pretende aqui fazer um estudo específico sobre o vocabulário da mistagogia, mas apenas lembrar alguns dados que os atuais estudos, análises, reflexões e a prática catequética e pastoral, apresentam acerca da compreensão de mistagogia.

A terceira abordagem, por sua vez, é a de que a mistagogia seja um fio transversal de todo o processo. Ela percorre todo o caminho catequético de tal forma que o catecúmeno ou catequizando possa entender que aquilo que se celebra deve primeiro ser conhecido para depois ser vivido. Essa prática está alinhada com a mistagogia do lava pés de Jesus, que insiste no ato de fazer para depois ser compreendido e repetido: "compreendeis o que acabo de fazer?" (Jo 13,12), pois "vá e faça o mesmo" (Lc 10,37).

Portanto, sendo mais que um tempo e um método, a mistagogia reivindica uma identidade bem definida e uma compreensão mais clara. Com essa objetividade, o presbítero pode reconhecer sua importância e exercer eficazmente seu ministério como um místico[267] e mistagogo. Os estudiosos, assim concluíram esse tríplice sentido para o termo:

> Ela é, em primeiro lugar, a própria celebração dos sacramentos – a ação cultual em ato; depois, se caracteriza pela pedagogia de formação na qual os novos cristãos se tornam conscientes das realidades celebradas – a catequese mistagógica; e, por fim, um fazer teológico, dentro da celebração litúrgica, experimentando e entendendo a atualização da salvação no hoje.[268]

Segundo G. Boselli a mistagogia é ação sagrada, revelação e celebração dos mistérios. Ela não é a fonte dos segredos ocultos e escondidos, ao contrário, ela "inicia aos mistérios, celebrando-o".[269] À medida que se vai celebrando já se vai iniciando aos mistérios. Assim, para o autor, a mistagogia é ação, mas é também, palavra, pois faz parte da constituição mistagógica a explicação oral ou escrita daquilo que se celebra. Dessa forma, aquilo que é lido nas escrituras e celebrado na liturgia revela o mistério escondido na Palavra, que se revela na voz, igualmente manifestado através dos ritos celebrados.

Por isso, a mistagogia é profundamente cristológica, isto é, o próprio Cristo que se dá a conhecer. Ele se revela no seu ato mais profundo de amor pela humanidade mesmo, revelado por Deus à humanidade. Por meio dessa decisão divina, o homem, agora, pode alcançá-Lo, conhecê-Lo e visualizar a grandeza dessa iniciativa por meios das palavras e sinais confiados pelo Filho à Igreja-Mãe. Portanto, a mistagogia é "conhecer aquilo que Cristo na liturgia realiza por sua

---

[267] Místico é a pessoa cuja identidade está profundamente enraizada no primeiro amor de Deus. NOUWEN, H., Em nome de Jesus, p. 33.
[268] FINELON, V. G., A mistagogia cristã à luz da constituição *Sacrosanctum Concilium*, p. 120.
[269] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 18.

Igreja hoje".[270] É obra de Deus unicamente. A mistagogia vai além de qualquer método, pois é o próprio Jesus, o mistagogo de Deus.[271] Ele abre a mente dos discípulos, explica a Escrituras, abençoa, reparte o pão, aquece o coração e impulsiona para a missão.

Como mãe mistagógica, a Igreja acolhe os seus filhos e os educa para conhecer, amadurecer e responder a essa manifestação, mediante os ritos como "fonte de verdade, de experiência, de relação, de encontro".[272] Assim, cumpre sua missão de formá-los para o seu sentido original concebido como experiência de fé, não para o ritualismo estéril e técnico. Nesse sentido, a mistagogia ultrapassa a compreensão de tempo e espaço e ocupa um vínculo intermediário entre catequese e liturgia. Ela não apenas expressa ou explica os sinais sacramentais celebrados, mas recupera a relação adequada entre doutrina da fé e ação cultual.

Essa abordagem resulta em uma nova mentalidade mistagógica, que busca superar a ideia de que a catequese é apenas uma preparação para receber os sacramentos e a formação litúrgica é meramente instrução sobre os ritos. Significa reconciliar o que se aprende com aquilo que se celebra, aproximando a liturgia da espiritualidade e catequese do mistério.

Essa reaproximação corrobora para uma nova leitura mistagógica sobre o rito e a catequese. Oportuniza vencer a concepção clerical que ambos possuem, pois a formação litúrgica ganhou atenção apenas em vista do ministério ordenado e a catequese alcançou somente os catequistas, restando, assim, toda a comunidade como assembleia litúrgica a par do processo. O resultado foi a indiferença e o desconhecimento diante dos ritos, símbolos e uma falta de compreensão do que significa uma "participação ativa, frutuosa e operante".[273]

A ausência dessa oferta formativa mais orgânica e comunitária talvez tenha contribuído para a aquisição de alguns conhecimentos equivocados em relação, por exemplo, ao mistério, na atitude de que, quanto mais o invoca mais ele se revela; na confusão da mística de que quanto mais se faz barulho, anima, canta e louva,

---

[270] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 31.
[271] São os padres da Igreja que o chamam. No novo testamento não aparece o termo nem Jesus como mistagogo. BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 20-21.
[272] GRILLO, A., Os ritos que educam, p. 21.
[273] SC, 14. Assim diz a constituição: É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão, "raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido" (1Pd 2,9; 2,4-5).

mais se evidencia a espiritualidade e, do ponto de vista celebrativo, a sensação de quanto o rito se tornou pesado, suportado e entediante.

Portanto, a mistagogia nos dias hoje requer uma definição bem precisa quanto à sua natureza e identidade. Ela é a ação de Deus revelada gratuitamente ao homem dando-se a conhecer no que é narrado pela Escritura, aprofundada na catequese, celebrada na liturgia e vivida na comunidade dentro de toda a ação evangelizadora da Igreja. Ela corresponde às dimensões: litúrgica, cristológica e eclesial, remontando à iniciativa de Deus e à resposta do homem a essa revelação divina. A mistagogia suscita a originalidade de cada pessoa e facilita sua experiência individual e comunitária de se aproximar de Deus, promovendo a integração da conversão com o anúncio, a formação com a celebração e vivência, de tal modo que, a comunidade, junto com ela e seus demais novos membros "é reiniciada em sua identidade, questionada em sua fidelidade, renovada por novas forças".[274]

Diante desse anseio, a participação do presbítero como mistagogo da própria comunidade ganha um sentido novo. Ele deve, como afirmou São João Paulo II, fazer com que o sentido do mistério penetre nas consciências, redescobrindo e praticando a arte "mistagógica" tão querida pelos Padres da Igreja.[275]

4.2
O perfil mistagógico do presbítero

Conforme a compreensão acima sobre a mistagogia, é relevante questionar agora o perfil mistagógico do presbítero correspondente à sua exigência. Antes de tudo, deve-se perguntar se é possível constituir tal perfil. E se sim, quais seriam os seus pressupostos e características principais. O Diretório para a catequese e a Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio do Papa Francisco *Antiquum Ministerium* atribuem ao catequista essa tarefa de mistagogo.[276] No entanto, essa função para o presbítero demanda uma reflexão cuidadosa, dada sua responsabilidade na comunidade decorrente do sacramento da ordem recebido e sua missão no Corpo místico de Cristo.

A vida espiritual de qualquer cristão, incluindo a do presbítero, começa com o batismo quando Deus infunde a graça santificante na pessoa. Esse germe da vida

[274] COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 164.
[275] SS 12.
[276] DC 113b; AM 6;

eterna se desenvolve na vida terrena com a dinâmica do seguimento a Cristo, o qual o cristão é chamado a realizar tendo a santidade como fim último e a caridade como vínculo e exercício perfeito desse amor cristão.

Nesse caminho espiritual, o presbítero como qualquer cristão, passa por etapas espirituais conhecidos na espiritualidade mística como as três vias ou estágios espirituais, a saber: "purgativo, iluminativo e unitivo".[277] O primeiro envolve a ascese, enquanto os dois últimos, a mística.

Na condição de presbítero mistagogo, ele vive a ascese como um primeiro elemento purificador do eu superficial e busca fazer isso com os catequistas iniciantes que, na boa vontade, chegam cheios de si para seguir o Mestre onde quer que vá (Lc 9,57-62). As estratégias e técnicas são elementos externos e indispensáveis, mas não suficientes para gerar e garantir os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5).

Durante esse período, o presbítero é aquele que se coloca do mundo externo para o interno, purificando a sua própria visão e a dos catequistas com relação aos sentimentos iniciais marcados por instintos e motivações ainda não totalmente claras. Se o presbítero é aquele preocupado com a sua própria confissão, oferecerá, também, aos catequistas momentos para isso, uma vez que, eles estão em busca da sua revisão de vida, do exame de consciência e de evitar o pecado.

Observa-se que nessa primeira etapa, tanto o presbítero como o catequista se colocam como companheiros de viagem. Estão no mesmo barco. Não há superioridade espiritual nem desigualdade em perfeições, pois, ambos estão no movimento do superficial para o essencial. O Evangelho está acima dos mesmos, ecoando tanto no altar quanto nos corações. No fundo, são ativos neste caminho mistagógico.

Essa via ascética pode ser acompanhada por "noites escuras", como São João da Cruz descreveu.[278] É o momento em que o presbítero sente a aridez pastoral e o confronta com o declínio do entusiasmo do catequista. Pela sua vida de oração

[277] VIANA, W., Um longo e belo caminho, p. 125.

[278] Para São João da Cruz, as "noites escuras" representam duas fases de purificação espiritual que uma alma deve passar para alcançar a união com Deus. A "Noite Escura dos Sentidos" é a primeira fase, onde a alma é purgada de seus apegos sensoriais e prazeres mundanos. A segunda fase é a "Noite Escura do Espírito", onde a alma enfrenta um período de profundo desamparo e vazio espiritual, que serve para purificar os mais profundos aspectos do espírito e aproximá-lo da vontade divina. Essas experiências são dolorosas, mas necessárias para alcançar uma união mais profunda e plena com Deus. CRUZ, J., Noite Escura, p. 11.

estruturada ele consegue relativizar desapegos e incentiva o grupo de catequistas a valorizarem o gosto pelo bem das coisas de Deus e pelo bem da comunidade, a superar as primeiras revoltas, as resistências e a se animarem para vencer as forças ocultas.

Avançando nessa direção, tanto o presbítero quanto os catequistas, deixam-se guiar por Deus e alcançam a etapa sucessiva que é a via iluminativa. "Com essa via, começa o estágio místico, que culminará na via unitiva, em que a perfeição da vida cristã será completa atingindo a "plenitude de Cristo" na caridade" (Ef 4,13).[279] Esse estágio é marcado pelo movimento do "eu" para o "nós" comunitário. O presbítero coloca a sua vida como um reflexo do Evangelho, de tal modo, que nela está reconciliada a mensagem e o mensageiro.

O presbítero deixa a herança do filho mais novo, rejeita o orgulho do filho mais velho e torna-se o pai da comunidade (Lc 15,11-32). A ação primordial é de Deus e a sua graça é a primazia de todo ato catequético. Desse modo, Cristo se revela o mistagogo de Deus, pois se revela na ação eclesial enquanto comunidade, ao passo que o presbítero dela se torna o mistagogo, pois abre a sua mente e o coração para acolher o próprio Cristo que explica as escrituras (Lc 24, 32).

Através da Palavra o presbítero não só forma a comunidade, mas encoraja os demais catequistas a dela se aproximar. Ela é a causadora dessa segunda conversão e por causa dela, novamente se lança as redes (Lc 5,4-11). Assim, os afetos humanos da primeira via se transformam agora, nesse novo estágio, em orações afetivas, no qual Deus fala e o coração responde.

Nesse estágio, destaca-se o esforço comunitário e a centralidade da Palavra. Ela encarnada na vida do presbítero e da comunidade pela ação do Espírito Santo, gera homens e mulheres comprometidos com a caridade e o amor ao próximo. Plasmam o coração e o serviço misericordioso alcança a todos. Tanto o presbítero como os catequistas, saem do amor próprio e egoísta, para o amor de Deus vivido no serviço abnegado ao povo de Deus presente na comunidade.

Como disse, anteriormente, se todo esse processo espiritual pode ser aplicado a todo cristão, especialmente ao catequista mistagogo, com maior propriedade se aplica ao presbítero, devido à sua união sacramental com Cristo, mediante o sacramento da ordem. Essa união íntima com Deus e a perfeição da caridade

[279] VIANA, W., Um longo e belo caminho, p. 126.

fraterna possuem um teor diferente na vida do presbítero, pois a primeira marca é essa sua união indissolúvel tornando-o *Alter Christus.* Enquanto a segunda, por meio do serviço ministerial na comunidade, transforma esse serviço em caridade pastoral, tornando-o ministro da caridade.

Então, se a mistagogia é a iniciativa de Deus, experiência do mistério, explicado oralmente e celebrado ritualmente, o perfil do presbítero mistagogo é aquele que fez a experiência do mistério em si mesmo, purificou seus instintos, progrediu na própria dinâmica espiritual e se uniu ao amor de Cristo na perfeição da caridade.

O grande desafio para o presbítero, nesse sentido, é o de que não basta para si ser apenas mistagogo, ele precisa ser igualmente um místico. Pela sua união sacramental, que não é só através do Batismo, mas também pelo sacramento da Ordem, ele é chamado a ser depois de místico, novamente mistagogo, de tal maneira que em sua vida o espírito contemplativo de Maria precisa ser reconciliado com o espírito ativo de Marta.

Aquilo que o presbítero celebra, é antes, aquilo que ele vive, isto é, a revelação do mistério invisível no rito visível e celebrado. Essa última característica do seu perfil mistagógico sugere, portanto, que ele tendo superado o eu superficial (celebração), integrando na vida, mensagem e mensageiro (explicação), agora ele vivencia sua mais íntima união com Deus manifestado na celebração dos sacramentos, especialmente no da Eucaristia.

Essa intimidade externaliza sua vida mística de tal forma que a sua maneira de celebrar, evidencia seu grau de profundidade, tornando-se um mistagogo de si mesmo. Para a comunidade, ela o enxerga como aquele que já adentrou no Mistério e por isso, se compreende como rebanho sendo conduzido para o mesmo Mistério. Com outras palavras, a comunidade o percebe como um mistagogo, porque antes se tornou um místico, um catequista, um autocatequizado, um discípulo, porque antes foi iniciado e, agora, a própria comunidade, juntamente com os catequistas, se veem no caminho da Iniciação porque há quem os conduz.

Essa realidade permite à comunidade compreender os símbolos e os ritos e fazer, por meio deles, a passagem do invisível para o visível e novamente para o invisível. Há uma profunda sintonia entre vida, gestos, palavras e sinais. Esse nexo inquebrável lembra a exigência da catequese atual e recorda ao presbítero a sua missão de místico e mistagogo. Aconselha que um processo de formação que não

esteja alinhado com essa exigência compromete todo o caminho do discípulo missionário e, ao invés de formar, deforma a fé e o desejo de seguir a Jesus.

Inquieta, portanto, essa reflexão ao dizer que, se o presbítero não está bem formado e não prioriza a Iniciação à Vida Cristã como itinerário formativo, ele pode comprometer o anúncio do Evangelho e o futuro da comunidade. Isso implica em considerar a formação catequética desde o tempo do seminário.

4.3
A formação presbiteral como mistagogia

Pensar no presbítero como místico e mistagogo envolve revisar a sua formação inicial. Por isso, levanta a questão: o que é mais importante durante o processo formativo, a pessoa ou a função presbiteral? É crucial afirmar que o foco deve estar na pessoa, para então compreender sua função e capacidade de iniciar os outros. Quanto à sua formação presbiteral em vista da atividade a ser realizada deve-se contar para além da equipe de formadores, contar com o Espírito Santo, agente primeiro de toda a sua formação.

Considerando o exposto, pode-se agora investigar como seria a formação presbiteral entendida como mistagogia. Ao refletir sobre os desafios da catequese querigmática, um deles que mais se destaca é a ausência do encontro pessoal com Jesus Cristo em nossas comunidades. A justificativa é que muitos dos catequistas e até mesmo presbíteros não tiveram esse encontro pessoal. Na origem do seu chamado, houve o encanto, o despertar e a imitação, mas a formação não foi capaz de reparar as falhas e internalizar os sinais de fascínio deixados pelo carisma do anunciador.

Para essa situação específica, os bispos do Brasil propuseram o seminário propedêutico como uma etapa formativa eminentemente querigmática,[280] a fim de que o formando realize esse encontro com Cristo e complete a sua Iniciação. É uma resposta interessante, mas como parece que o presbítero se forma para agir e não para ser, para celebrar e não para formar, o múnus santificante acaba por suplantar

[280] CNBB, Doc. 110, 125. A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* assim diz: (...) Com vista à Iniciação e ao amadurecimento da vida espiritual, será sobretudo necessário levar os seminaristas à oração através da vida sacramental, da Liturgia das Horas, da familiaridade com a Palavra de Deus – que há de ser considerada como a alma e o guia do caminho –, do silêncio, da oração mental e da leitura espiritual. Além disso, este é um tempo propício para um conhecimento inicial e sumário da doutrina cristã, através do estudo do Catecismo da Igreja Católica, e para o desenvolvimento da dinâmica do dom de si na experiência paroquial e caritativa (RFIS, 59).

o múnus de ensinar. Dessa forma, o seu esforço se contenta em celebrar e não acompanhar o processo de transmissão, deixando essa missão somente para os catequistas. No ato celebrativo, a assembleia sente a esterilidade do rito e as ações pastorais vazias do querigma.

Evidentemente, não é uma regra geral e pode não acontecer com todos no processo formativo. Como visto no capítulo anterior, o presbítero é chamado a realizar a catequese através da homilia, o que é inerente à sua missão de pastor e ministro ordenado. Portanto, é inseparável aquilo que se celebra e aquilo que se prega. Contudo, é importante refletir que nem toda pessoa está predestinada a ser presbítero, mas todo presbítero está destinado a ser formador do povo de Deus a ele confiado.

Consciente dessa tarefa, o futuro presbítero atinge esse objetivo quando sua formação inicial se torna mistagógica, ou seja, quando ela se configura "como caminho para o Deus vivo e verdadeiro, revelado por Jesus de Nazaré, a ser continuamente conhecido e interiorizado".[281] É o momento em que ele gera a comunhão da sua vida com a de Cristo, formando a união dos dois corações. Essa entrega total e oblativa se confunde com o amor a Deus, à diocese e ao povo confiado. Dessa forma, ele vence a autorreferencialidade e passa amar o diferente plasmado na figura do bispo, da comunidade e do presbitério.

A perspectiva mistagógica da formação favorece, pois, a complementariedade entre o conhecido e o interiorizado, possibilitando a transcendência da formação. Esta deixa de ser um "repertório de normas e práticas a serem respeitadas à margem da espiritualidade",[282] e se torna uma mística evangélica, uma configuração da nova vida do futuro presbítero. Isso oportuniza que ele, o homem espiritual, cresça à medida em que o homem carnal decresce (1 Cor 2,15; Rm 8,1-8; Gl 5,19-21).

A situação atual da qual se falou no início pode ser esclarecida à luz dessa situação desejada da formação: formar um novo homem. No entanto, para se sair de uma e chegar à outra, é preciso clareza e os meios necessários. Certas práticas podem ser de grande utilidade, como o acompanhamento espiritual, as leituras espirituais, a *lectio divina,* a Eucaristia diária, os dias de recolhimento, os retiros espirituais, a confissão regular, a oração da Liturgia das Horas, a devoção mariana, "a meditação da Palavra de Deus, o zelo para com os espaços celebrativos e de

[281] VITÓRIO, J., A formação na vida religiosa consagrada, p. 45.
[282] VITÓRIO, J., A formação na vida religiosa consagrada, p. 43.

meditação, participação convicta dos atos litúrgicos, a perseverança na oração pessoal".[283]

Contudo, mesmo com todos os meios disponíveis, se o próprio formando não cultiva o desejo de avançar, ele resiste à ação de Deus. Ele pode até se tornar um anunciador, mas não conseguirá formar uma verdadeira comunidade, pois, em si, não experimentou o encontro com Deus. Avançar nessa formação mistagógica significa unir contemplação e ação, docilidade ao Espírito e empenho missionário, encarnando um modo de ser e de proceder bem específico. Eis algumas dessas posturas que exemplificam atitudes resultantes desse processo apontado.[284]

Uma formação mistagógica habilita o futuro presbítero a alicerçar sua espiritualidade nos valores evangélicos, transcendendo seu eu superficial na abertura à vontade de Deus; clarifica sua vocação e fortalece o sentimento de pertença à sua Igreja Local, ao mesmo tempo, que estabelece uma dinâmica formativa para a comunidade, visando à superação da pertença de afeto para a fé de pertencimento e envolvimento com sua comunidade de origem do paroquiano.

O novo presbítero identifica-se com o presbitério sendo sua primeira comunidade da qual é chamado a ser membro. Alimenta sua corresponsabilidade e acolhe no seu íntimo os sofrimentos e limites dos seus irmãos no presbitério, assim como age na comunidade paroquial, acolhendo e unindo à misericórdia de Deus os corações despedaçados. Essa atitude pastoral, animada por uma mística de doação oblativa vislumbra a transparência que ele é chamado a ter sendo fiel na ausência e transparente na presença.

A formação permanente favorece esse crescimento e abertura de espírito. Ela fornece ao novo presbítero a capacidade de compreender o todo, ao invés de selecionar partes de um processo e indicá-las como únicos valores para os demais membros da sua comunidade. Ao mesmo tempo, gera um discernimento para a escolha das fontes com as quais ele pode permanentemente se autoformar e formar os novos discípulos de Jesus Cristo.

---

[283] VIANA, W., Um longo e belo caminho, p. 133.

[284] Buscaremos fazer uma releitura dos onze pontos que o autor apresenta como atitudes resultantes do processo formativo mistagógico para formandos à vida consagrada religiosa. Tentaremos aproximá-los das atitudes que o presbítero pode realizar em vista do seu ser catequético e da sua realização enquanto catequista da comunidade e catequista dos catequistas no itinerário da Iniciação à Vida Cristã. VITÓRIO, J., A formação na vida religiosa consagrada, p. 68-71.

Essa busca pelo mais, pelo esforço de conhecer mais, amar e servir melhor, embora reconheça as limitações pessoais e institucionais, é um estilo de vida que luta contra os afetos desordenados e o sacrifício dos projetos individualistas do próprio formando e daqueles que serão formados por ele na comunidade. O desejo sincero de colaborar e, portanto, de ser um místico mistagogo da comunidade lhe abre o apetite para utilizar meios e caminhar junto em uma Igreja sinodal, consagrando assim as suas melhores forças em prol do Evangelho e do Reino de Deus.

Outras duas atitudes ainda revelam o valor dessa formação mistagógica. Uma delas é a confiança na relação do presbítero com o seu bispo diocesano. O apreço de um pelo outro e a transparência no diálogo geram um vínculo de reciprocidade espiritual, acolhida nas orientações e convicções no agir. Essa mesma postura se evidenciará na relação do presbítero com os membros da sua comunidade, evitando o paternalismo emocional e o infantilismo espiritual. Daquele lado, a superproteção e a excessiva preocupação; deste lado, o refém de um determinado grupo ou movimento, passa a ocultar seus sentimentos de inferioridade e a usar a capa da dureza e do autoritarismo, deixando a comunidade desnorteada, em face de quem deveria ajudá-la na caminhada para Deus.

Por fim, a sintonia com o projeto diocesano de pastoral. O presbítero místico e mistagogo não é o empresário do sagrado e proprietário da comunidade paroquial. Ele é, sim, o seu guardião e, por isso, deve estar pronto para servi-la e não a isolar da vida diocesana. Nesse sentido, a diocese conta com um plano de pastoral e um projeto de catequese que auxilia o novo presbítero a não criar a roda, mas a se colocar na continuidade do percurso e do ritmo indicado pela própria diocese. Assim, se evitaria o personalismo formativo, a indiferença eclesial e a passividade diante das exigências da evangelização e da própria vida ministerial.

Portanto, a formação mistagógica é viável. Ela responde aos desafios atuais relacionados à formação inicial dos futuros presbíteros e serve como uma orientação para formar novos discípulos de Jesus nas comunidades, adotando a mentalidade do presbítero como místico e mistagogo. Para isso, é necessário que os presbíteros façam a transição da situação atual para a desejada, incorporando as diversas posturas e atitudes mencionadas. Espera-se que a equipe formadora tenha essa convicção mistagógica, para que possa transmitir aquilo que já vive como conhecimento e interiorização da vida e do chamado. Assim, o novo presbítero

poderá receber e agir conforme o que se tornou, celebrar aquilo que conheceu e escolheu como verdade de fé e entrega total.

4.4
A ação litúrgica como mistagogia

No ponto anterior, se destacou a formação mistagógica do futuro presbítero, tendo como ponto de partida a sua formação inicial. Um dos meios destacados foi a Palavra de Deus e suas diversas formas de acesso, sendo uma delas a *lectio divina.* Neste ponto, se refletirá sobre a liturgia como aspecto formativo da vida do presbítero e da comunidade, buscando entender o vínculo entre as Escrituras e a liturgia como matriz da mistagogia e o presbítero como o ministro que se coloca no meio e faz a Palavra de Deus ecoar, tornando a graça sacramental visível.

Para entender a questão em si, é necessário remeter a uma pergunta: o que fizeram da liturgia? E para respondê-la, é preciso dar um passo atrás na história. No primeiro capítulo, se viu o tempo áureo e o declínio do catecumenato. Uma das causas atribuídas a essa decadência foi exatamente o divórcio entre a liturgia e catequese. Na Idade Média, a catequese se tornou uma explicação e curso da doutrina ao invés de percurso e a liturgia se tornou mera observação e formalismo dos ritos. A consequência foi um conhecimento de normas e dogmas sem a devida celebração e vivência dos mistérios.

O mesmo pode ser afirmado sobre a Sagrada Escritura. A doutrina se sobrepôs a ela, afogando a Palavra de Deus, especialmente quando a Igreja se viu na necessidade de defender a doutrina, por exemplo, do avanço e das ideias do movimento protestante. Graças, porém, ao Concílio Vaticano II, isso começou a ser solucionado. Além de resgatar o valor e a importância da Palavra, buscou reaproximar a catequese e a liturgia.

É verdade que o resgate da Sagrada Escritura favoreceu um conhecimento mais rápido, permitindo que as pessoas tivessem acesso, lessem, meditassem e tivessem contato com essa Palavra inspirada. O método da *lectio divina* auxiliou muito essa evolução, fazendo com que a Palavra se tornasse vida e a vida se tornasse sinal do Evangelho, espaço do seu acolhimento e sacrário da Eucaristia. Com isso, o Concílio voltou às inspirações dos Padres da Igreja que reconheciam o vínculo essencial entre as Escrituras e a Eucaristia. Inácio de Antioquia dizia: “refugiar-se

no Evangelho, é como refugiar na carne de Jesus".[285] E Jerônimo, por sua vez, acrescentava:

> Posto que a carne do Senhor é verdadeiro alimento e seu sangue verdadeira bebida, segundo o sentido anagógico, é necessário considerar que alimentar-se de sua carne e de seu sangue, não só no mistério do altar, mas também na leitura das Escrituras, é nosso único bem no mundo presente.[286]

Esses dois exemplos retratam bem a qualidade da relação que os Padres da Igreja estabeleceram entre as Escrituras e a Eucaristia como um único mistério sacramental, ou melhor, eles interpretaram como nelas contêm o único mistério: Jesus Cristo. Em uma linguagem mais recente, pode-se afirmar que a *lectio divina* era o acesso ao mistério da Palavra e a mistagogia à liturgia celebrada, a Eucaristia.

Aqui, se volta à questão inicial: por que a mistagogia não se relacionou com a liturgia, da mesma forma que a *lectio divina* se relacionou e foi para a Sagrada Escritura? Boselli responde:

> Uma entre as possíveis respostas a estas interrogativas é, certamente, a falta de interpretação e de leitura do rito litúrgico a partir da Bíblia, em outras palavras, a incapacidade de compreender a Bíblia como primeira e fundamental chave hermenêutica da liturgia. Uma chave hermenêutica decisiva, embora não exclusiva.[287]

Isso talvez explique por que a formação litúrgica acentuou mais a explicação dos ritos, sinais e símbolos, e não seus significados, e porque realçou as consequências negativas de não observar as rubricas, em vez de buscar suas origens nos relatos bíblicos. O seu resultado foi, de um lado, a consequência do divórcio entre catequese e liturgia e, do outro, a separação da liturgia da vida.

Mesmo com a insistência do Concílio em unificar essas quatro dimensões - Bíblia, catequese, liturgia e vida -, na prática pastoral ainda se observam certos resquícios. Há aqueles que insistem na Palavra sem sacramentos, os que se alimentam da Eucaristia, mas nunca tiveram nem buscam um encontro com a Palavra, o querigma. Há aqueles que conhecem a Palavra, mas não participam da liturgia. E há aqueles que participam da liturgia, escutam a Palavra e celebram os

[285] INÁCIO de Antioquia, Carta aos filadélfios, 5,1, p. 72.
[286] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 24.
[287] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 129.

sacramentos, mas não são conhecedores da Palavra, da Igreja, pois não foram suficientemente evangelizados ou catequizados.

Essa hipótese se concretiza na assembleia litúrgica, os quais os ritos celebrados são vazios de significados, a graça sacramental é invisível à incredulidade e a Palavra comunicada não encontra eco e, portanto, fica deslocada da vida. De outra forma, pode-se dizer: se quisermos conhecer como está a nossa comunidade hoje, olhemos e contemplemos a assembleia litúrgica, pois da mesma forma como ela trata a comunhão com Deus, tratará a comunhão entre si. Se quisermos saber como será a nossa paróquia amanhã, observemos hoje a catequese realizada, pois ela será um reflexo tanto do presente quanto do futuro, já que, da mesma forma como ela é tratada, igualmente será tratada a liturgia. Assim, aquilo que é a Palavra de Deus para a escuta, os ritos são para a liturgia e a catequese para a paróquia.

Compreender a ação litúrgica como princípio mistagógico significa, portanto, mobilizar a pessoa e a assembleia, tanto como mediações para o encontro com o Mistério, quanto para trazer à consciência e à realidade o Mistério pascal. A liturgia vai conduzindo a um caminho de integração em muitos níveis: entre o caminho e a meta, entre o desejo e a realização, entre o humano e o divino, sempre possíveis por meio de uma participação existencialmente engajada.

Assim, a participação é elemento fundamental para que este caminho realmente seja de abertura e acolhida ao Mistério revelado, bem como de resposta pessoal e comunitária. Este caminho mistagógico é um eixo referencial no processo de Iniciação à Vida Cristã. E aqui não se trata apenas do caminho catecumenal do qual participam aqueles que estão se preparando para os Sacramentos de Iniciação, mas, seguindo a compreensão dos Padres da Igreja, "todos somos neófitos".[288] Enfim, toda a comunidade vivencia um caminho iniciático no sentido do aprendizado permanente e dinâmico de abertura e resposta à Revelação.

No fundo, a ação litúrgica como mistagogia é a constatação de que a primazia pertence à Sagrada Escritura. Ela é a base sólida para a experiência sacramental e ritual. Além disso, a liturgia é compreendida como experiência fundadora da

[288] TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 30. O autor menciona a catequese batismal de João Crisóstomo: "Imitai-o (a Paulo), vós também, eu vos peço, e podereis ser chamados neófitos não só por dois, três, dez ou vinte dias, mas podereis merecer este nome depois de dez, vinte ou trinta anos e, em verdade, durante toda a vossa vida.

catequese. Aquilo que se conhece, se celebra. Em relação a esta articulação entre catequese e liturgia, Villepelet defende que "não somos nós que entramos no Mistério da fé cristã, é o Mistério que vem até nós!"[289] A mistagogia propõe, portanto, a acolhida do primado da Revelação plena em Jesus Cristo e, por ele, deixa-nos conduzir ao Pai.

Para que essa força mistagógica conduza ao Mistério, o presbítero tem uma missão importante. Como homem litúrgico, ele precisa estar ciente da primazia da ação de Deus nos ritos, na graça, na Palavra, na convocação da assembleia. Isso significa que ele deve alcançar a consciência de que a liturgia fala por si mesma, tem seu fim em si mesma. "É obra de Deus".[290] Por isso, o presbítero não é o protagonista do espetáculo ritual, mas mero assistente da própria ação do Espírito que nele reza. Ele é um instrumento e não um instrumentalizador da liturgia e da Palavra. A *Dei Verbum* resumiu bem isso, dizendo:

> É necessário que todos os clérigos e sobretudo os sacerdotes de Cristo e outros que, como os diáconos e os catequistas, se consagram legitimamente ao ministério da palavra, mantenham um contato íntimo com as Escrituras, mediante a leitura assídua e o estudo aturado, a fim de que nenhum deles se torne pregador vão e superficial da palavra de Deus, por não a ouvir em seu interior, visto dever comunicarem aos fiéis a si confiados as grandíssimas riquezas da palavra divina, sobretudo na sagrada Liturgia.[291]

É deste entendimento que o presbítero precisa para ser mestre, místico e mistagogo, e não um pregador vão e superficial. Ele alcança esse objetivo quando se autocompreende como aquele que, antes de comunicar, foi destinatário da Palavra; antes de comunicá-la, interiorizou-a em sua vida; antes de pronunciá-la, experimentou-a como parte de sua experiência viva com Deus Pai. Por esse motivo, a importância de saber integrar na homilia a exegese bíblica e a exegese litúrgica, a *lectio divina* e a mistagogia. Pois somente o presbítero que faz da Palavra de Deus e da liturgia o alimento quotidiano de sua vida espiritual, "somente este se tornará capaz de levar outros para dentro do mistério do qual ele, por primeiro, fez a

[289] VILLEPELET, D., La liturgie comme médiation de la catéchèse, p. 67. (tradução nossa).
[290] SC 7.
[291] DV 25. A Pastores *Dabo Vobis* insiste, em particular, na continuidade do estudo teológico pelo presbítero para que ele possa desempenhar com fidelidade o ministério da Palavra, anunciando-a sem confusões nem ambiguidades, distinguindo-a das simples opiniões humanas, mesmo se famosas e muito difusas" (PDV 72).

experiência. A sua capacidade mistagógica é um verdadeiro e próprio dom do Espírito, é carisma".[292]

Todo argumento sobre a ação litúrgica como mistagogia mostra que seu objetivo principal é fazer com que a assembleia litúrgica participe de forma consciente e ativa do "mistério acreditado, celebrado e vivido".[293] Significa levar cada pessoa a experimentar o mistério da Palavra proclamada e da liturgia celebrada. É valorizar a *lectio divina* como acesso a essa Palavra, e a mistagogia, como via dessa liturgia. É contar com a assembleia reunida e o presbítero como instrumentos do rito, para que a graça invisível chegue a todos e eles possam conhecer o sentido espiritual escondido na Escritura e revelado em cada ação litúrgica. Por isso, a vida de oração do presbítero deve refletir a compreensão e a união advindos do sentido espiritual da liturgia.

4.5
A reconciliação entre oração e liturgia na vida do presbítero

Esse capítulo tem como objetivo desenvolver a reflexão sobre o presbítero, cuja identidade é a mística e sua função é mistagógica. Viu-se que antes de alcançar o fazer, ele precisa antes atingir o seu ser, considerando a oração e a liturgia como aspectos indispensáveis de sua vida ministerial.

O ponto de partida desse tópico é a constatação de uma lacuna ou a sobreposição da liturgia em detrimento da oração pessoal, sendo necessária sua reconciliação. Essa realidade é observada em muitas comunidades onde a insatisfação com a forma de rezar a liturgia se manifesta através de uma linguagem que não é compreendida, mas suportada, gerando um sentimento de que ela é fria e sem vida. Essa análise pode ser feita acompanhando o seguinte questionamento: "hoje, os cristãos, incluindo o presbítero, quando pensam em oração, pensam imediatamente na liturgia? Onde, hoje, os homens e as mulheres, são formados para a oração?"[294]

O Concílio Vaticano II propôs a liturgia como o próprio lugar da formação para a oração, expondo que a participação plena, consciente e ativa dos fiéis nas celebrações litúrgicas é solução para a lacuna entre as duas dimensões. Indicou,

[292] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 130.
[293] SC 6.34.70.
[294] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 122.

para esse fim, "a formação litúrgica do clero como necessidade absoluta e em primeiro lugar".[295] Orientou processos formativos tendo como ponto de partida a oração e a "liturgia como cume de toda a vida cristã".[296] Um caminho formativo e de conhecimento litúrgico para que o presbítero e a comunidade celebrem enquanto rezam e rezem enquanto celebram.

Já a participação ativa na liturgia como forma de "serviço comum, isto é, a de todo o povo santo de Deus",[297] não pode ser compreendida e reduzida ao seu significado exterior, à necessidade de um agir comum, "como se tratasse de fazer entrar em ação o maior número possível de pessoas, e com a maior frequência possível".[298] Pelo contrário, ela é mais do que um discurso solene. É uma ação simultânea entre o humano e o divino, entre a assembleia e nela, o presbítero, com Deus. Não é somente uma ação espiritual e invisível, mas também corporal, no qual os dons da terra e da criação são apresentados como fruto do trabalho e transformados em pão e vinho da salvação.

Dessa forma, na oração, o agir humano é atraído pelo agir divino e na liturgia, esses dois atos coincidem. É assim que o presbítero pronuncia na oração eucarística: "isto é o meu corpo", "isto é o meu sangue", e o leigo, ao recebê-lo confirma com o "amém", ou seja, a consciência sacramental e a confirmação do coro indivisível entre o momento do humano e o divino, torna a voz do outro no eu que agora fala, age e confirma: é o Corpo e o próximo atesta: é!

Nesta mútua participação na oração não há, portanto, nenhuma desigualdade entre a ação de Cristo e a nossa. Aliás, se houver, que seja superada para "que haja somente uma ação, que é ao mesmo tempo a sua e a nossa – a nossa pelo fato de que nos tornamos "um corpo e um Espírito" com Ele".[299]

Já a reconciliação da oração com a práxis litúrgica na vida espiritual do presbítero é a reconciliação de sua subjetividade com a objetividade da liturgia. A interioridade e o silêncio devem casar-se com as expressões e gestos que os rituais são realizados por ele. Neste sentido há uma insistência para que na vida do ministro ordenado, a oração e a liturgia se encontrem novamente.

---

[295] SC 14.
[296] SC 10.
[297] CEC 1069.
[298] RATZINGER, J., Introdução ao espírito da liturgia, p. 143.
[299] RATZINGER, J., Introdução ao espírito da liturgia, p. 145.

Segundo R. Gardini, essa reconciliação já deve ser trabalhada desde o início do processo formativo do presbítero, mostrando esse encontro da vontade subjetiva e a realidade objetiva: Diz ele:

> Uma oração destinada a todos e para todos os dias, deve respeitar a justa medida. Todo sentimento muito tenso, muito eruptivo, acarretaria um duplo perigo ao expandir-se: (...) ou torna a sua atitude espiritual artificiosa e falsa ou (...) os lábios repetem as palavras dando-lhes um sentido mais frio do que o que têm.[300]

A não observância, pois desses dois elementos, a vontade e a realidade, pode resultar na artificialidade litúrgica ou na indiferença ritual de quem está na assembleia orante. Em vista disso, o autor apresenta uma explicação interessante que pode iluminar de vez essa situação. Segundo ele, a vontade subjetiva é a oração pessoal, "realizada em uma santa solidão e intimidade que abrange Deus e o homem de uma forma sempre renovada".[301] Já a liturgia é uma ação eclesial e comunitária, é o todo, é a Igreja, é a realidade objetiva da oração que, se não bem formada torna-se formalismo.

Seguindo o seu raciocínio, para reconciliar a oração e a liturgia na vida do presbítero, é preciso primeiro compreender a oração como um envolvimento pessoal e individual do seu ser, atingindo a sua própria liberdade interior. Significa que a oração se torna lei para sua vida no sentido de não poder viver sem ela e sem realizar aquelas condições impostas pelo seu sim decorrente do seu estado de vida ministerial, como por exemplo, a liturgia das horas.[302] Mesmo assim, a oração pessoal também é livre, pois "configura-se de acordo com o estado interior de cada pessoa, com as circunstâncias em que se encontra e as experiências que possui".[303]

Em todo caso, o presbítero é chamado a estar com Cristo na oração. Ela possui primazia na sua vida, até porque a sua concepção se deu, por assim dizer, "na longa oração durante a qual o Senhor Jesus pediu ao Pai pelos seus apóstolos e, por todos aqueles que no decurso dos séculos iriam participar da sua missão (Lc 6,12; Jo 17,15-20)".[304]

---

[300] GUARDINI, R., O Espírito da Liturgia, p. 18.
[301] GUARDINI, R., Introdução à vida de oração, p. 176.
[302] IGLH, n. 29. Por conseguinte, os bispos, os presbíteros e todos os outros ministros sagrados, que receberam da Igreja o mandato (n. 17) de celebrar a Liturgia das Horas, estão obrigados a celebrar diariamente o ciclo completo destas mesmas Horas, guardando, quanto possível, a sua correspondência com a respectiva hora do dia. ALDAZÁBAL, J., Instrução geral sobre a Liturgia das Horas, 42.
[303] GUARDINI, R., Introdução à vida de oração, p. 176.
[304] DMVP, n. 49.

Por essa razão, a oração pessoal do presbítero é um serviço a Deus e ao seu povo. Aliás, uma das respostas às cinco perguntas feitas durante o rito da sua ordenação, especificamente na promessa dos eleitos, é aquela que o bispo lhe pergunta se "quereis implorar, juntamente conosco, a misericórdia divina para o povo a vós confiado, cumprindo sem desfalecer o mandato de orar?" o presbítero responde: "sim, quero".[305] Portanto, o presbítero promete rezar pelo povo, porque antes já é um filho da oração. Gerado por ela, agora ele será o pai espiritual dos novos filhos gerados no útero da pia batismal.

Esse gesto revela a ação litúrgica, isto é, "uma ação que procede de Deus e se realiza nos homens e por meio dos homens. A partir deles, a ação litúrgica estende-se pelo mundo, principalmente através das diversas bençãos e ritos sagrados que penetram toda a existência".[306]

A ininterrupção desses ritos sugere que a oração pessoal do presbítero é transformada na liturgia da Igreja, pois agora é a "Igreja que fala e age na liturgia".[307] Mesmo que permaneça a sua espontaneidade como fruto da oração pessoal, a ação litúrgica é normatizada e governada pelo Espírito Santo, agente responsável pela ausência do personalismo e da arbitrariedade das subjetividades e gostos pessoais na liturgia.

O presbítero, como todo cristão, possui seus sentimentos aflorados na oração pessoal e lhe é permitido seguir seus impulsos. A oração é também espontaneidade e liberdade, mas como se disse anteriormente, quando participa da liturgia "deve abrir-se a uma nova fonte de vida que procede de um plano mais profundo e poderoso, do coração da Igreja, que pulsa através dos milênios".[308] Essa capacidade de se desapegar e libertar-se é o primeiro resultado da reconciliação entre a oração e a liturgia na vida da Igreja no íntimo do ministro ordenado. Ele se torna pai espiritual da comunidade, enquanto se torna filho de uma Igreja que ensina a rezar.

---

[305] CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Pontifical dos Bispos, 124. Observa-se que as cinco perguntas estão profundamente relacionadas com a dimensão catequética do presbítero e a sua função ministerial na catequese. "Depois da pergunta sobre a cooperação com o Bispo, coloca-se a do ministério da Palavra. À pergunta sobre a celebração dos mistérios de Cristo foi sublinhada a Eucaristia e a Reconciliação. Uma nova pergunta diz respeito ao mandato da oração pelo povo a ser confiado ao presbítero. Das promessas dos eleitos emergem duas tipologias: 1) Ser servos de Deus; 2) Aceitar ser guiados pelo Espírito". CORDEIRO, J. M., O padre, p. 61.
[306] GUARDINI, R., Introdução à vida de oração, p. 177.
[307] GUARDINI, R., Introdução à vida de oração, p. 178.
[308] GUARDINI, R., Introdução à vida de oração, p. 179.

Em uma época de deserto espiritual, marcada pela busca de uma mística digital, é importante que o presbítero tenha consciência dessa realidade para que possa ajudar seu povo confiado e prometido a evitar uma espiritualidade de desejo solitário e uma comunidade formada por "eus". Na verdade, ele deve guiá-los para a totalidade da Igreja, vivendo os mistérios cristãos e elevando-se acima da individualidade, tornando-os membros do corpo eclesial. Dessa forma, o presbítero cumpre sua missão como catequista da comunidade, fazendo com que homens e mulheres não apenas reflitam sobre os ritos, sinais e símbolos, mas os contemplem e os compreendam. Naturalmente, quem alcança essa compreensão é chamado depois, a colocar-se a serviço dos demais, auxiliando-os a "ouvir a palavra da vida com os seus ouvidos, ver com os seus olhos e apalpar com as suas mãos".[309]

4.6
O presbítero formado pela liturgia para a presidência

A partir do movimento da reforma litúrgica delineou-se um novo perfil para a presidência litúrgica. Até o Concílio Vaticano II a figura oficiante era a que mais se destacava. A sua função era executar as prescrições e rubricas oferecidas ao rito. Sempre de costas para a assembleia, a celebração transcorria sem muitas exigências. A autoridade conferida pelo sacramento da ordem concedia à função de presidente da assembleia um caráter intrínseco, sem haver, portanto, necessidade de dons e carismas conquistados pela humanidade do ministro. Este poder espiritual inquestionável era aceito simplesmente pelos fiéis.

A reforma do Concílio Vaticano II transformou essa relação. O presbítero agora, vive em um contexto de maior contato face a face com a assembleia que aceita ou rejeita sua autoridade não apenas por ser consequência do sacramento da ordem, como um dom transformado em ofício, mas também exige uma certa competência e carisma pessoal, de tal forma que, "a autoridade espiritual dada pelo sacramento da ordem requer, ao mesmo tempo, ser uma autoridade adquirida".[310]

---

[309] GUARDINI, R., Introdução à vida de oração, p. 180.

[310] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 126. O Papa Francisco é muito claro ao afirmar que essa competência adquirida pelo presbítero não é uma aprovação da comunidade, mas sim uma responsabilidade que deve ser exercida para promover uma vida litúrgica genuína, decorrente do ministério recebido. "O presbítero vive a sua típica participação na celebração em virtude do dom recebido no sacramento da Ordem: esta especificidade exprime-se, precisamente, na presidência. Como todos os ofícios que é chamado a desempenhar, não se trata primariamente de uma tarefa que lhe é confiada pela comunidade, mas antes da consequência da efusão do Espírito Santo recebida na

Essa nova compreensão pode ser descrita por meio de duas atribuições ou verbos que retratam essa exigência: estar diante de e servir. O presbítero, na presidência da assembleia litúrgica, deve "estar em relação direta com o Pai, o destinatário do culto, que oferece, dar graças... estando de pé diante do altar".[311] Já a assembleia reunida, transforma "a liturgia em morada de Deus, sendo presença ativa e dinâmica, não de modo estático, como mostra o verbo ministrar".[312] O presbítero recolhe as preces e louvores da assembleia e, em nome dela, apresenta-os a Deus. Ele atua como uma ponte, por meio da qual a vida da comunidade ascende e como uma mesma via, Deus alcança a primazia como sujeito da própria oração.

A segunda atribuição é o serviço. Significa que o presbítero precisa manifestar a plena dependência constitutiva da Igreja em relação a Cristo, único mediador entre Deus e os homens, e edificá-la a cada dia na comunhão. É com essa consciência que ele, quando "celebra a eucaristia, deve servir a Deus e a assembleia com dignidade e humildade, e o modo de comportar-se e de pronunciar as palavras divinas deve fazer sentir aos fiéis a presença viva de Cristo".[313] Presidir em nome de Cristo, recorda L. Chauvet, é servir. "Este serviço deve tomar forma concreta num "*ethos*" presidencial que exige, hoje, alguns deslocamentos relativamente do passado".[314]

O movimento do serviço litúrgico "coloca o presbítero, simultaneamente dentro da assembleia litúrgica e diante dela".[315] Ele não está fora, acima ou à parte da mesma, ele está no seu interior como membro constituinte. *In nomine Christi* ele está diante da assembleia, e por meio do batismo que antecede o sacramento da ordem, ele está com a assembleia.

---

ordenação que o habilita para essa tarefa. Também o presbítero é formado pelo seu presidir à assembleia que celebra". (DeD 56).

[311] COLA, G. C., O Sacramento-Assembleia, p. 207.

[312] COLA, G. C., O Sacramento-Assembleia, p. 207. O autor está justificando que na celebração dos mistérios da fé, o *ministrare* é encomendado pela Igreja para revestir-se de uma identidade toda particular. Esse *ministrare* é imediatamente fecundado por aquilo que se celebra, de maneira que o ministério da salvação em Cristo, com sua unidade, verdade e beleza, assuma, pela graça anunciada e recebida nos sinais sacramentais, todas as expressões que o serviço eclesial precisa assumir. COLA, G. C., O sacramento-Assembleia, p. 210.

[313] IGMR, 93.

[314] CHAUVET, L., A arte de presidir à liturgia, p. 37. O Papa Francisco chama atenção para o equilíbrio da presidência litúrgica, quando diz: A *ars celebrandi* não se pode reduzir à mera observância de um aparato de rubricas, e ainda menos pode ser pensada como uma fantasiosa – por vezes selvagens – criatividade sem regras. O rito é por si mesmo uma norma e a norma nunca é fim para si mesma, mas está sempre ao serviço da realidade mais alta que quer salvaguardar. (DeD, 48)

[315] BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 126.

A ampliação dessa compreensão assume um significado mais abrangente e de maior empenho, pois além do presbítero exercer tal serviço para a edificação da comunidade, ele é convidado à promoção dos seus ministérios, à escuta da Palavra, a comunicar a fé e ser sinal e ponto de reconciliação; a agir como pai espiritual e ser um peregrino em meio às casas e famílias anunciando a alegria do Evangelho em meio às dores e os sofrimentos da humanidade.

Por meio do serviço à presidência litúrgica, ele alcança a passagem do "eu" presbiteral ao "nós" da comunidade. Enquanto presidente da celebração, ele confessa com a assembleia o seu pecado, dizendo: confesso a Deus todo poderoso; com e para ela, ele invoca o perdão: "Deus todo poderoso tenha compaixão de nós. Segundo J. Ratzinger, essa simbiose orante precisa estar harmonizada entre a mente do presbítero com a voz da Igreja: "na medida em que nós temos interiorizado esta estrutura, penetrados por ela, assimilando as palavras da liturgia, podemos entrar em consonância interior e, assim, não só falar com Deus como pessoas individuais, mas entrar no "nós" da Igreja que reza".[316]

De certo modo, isso pressupõe uma comunidade formada por sujeitos eclesiais, cuja fé seja madura e adulta. Caso contrário, a voz do presbítero pode reforçar um espírito de subserviência e de não corresponsabilidade. Nesse sentido, é imprescindível a sua missão como educador da fé do povo para que o processo de Iniciação seja autêntico e alcance a liturgia como oração e não apenas como um rito celebrado, oportunizando aos seus membros conhecer a voz do pastor, enquanto a voz dos próprios membros se torna o eco da voz da Igreja, pois na sua autoidentificação, a Igreja reza neles e juntos eles rezam com a Igreja.

Evidentemente que esse modo de proceder e a função da presidência, como descritos, não aproxima do perigo de uma clericalização dos ministérios. Ao contrário, busca suscitar na comunidade a participação dos leigos naquilo que é próprio à sua missão na Igreja. Já o ministro ordenado, vive um ministério de síntese cuja totalidade se expressa na pessoalidade e objetividade litúrgica, priorizando a unidade na diversidade de dons, serviços e carismas.

À luz desta ótica eclesial de comunhão, participação e missão se coloca o serviço da presidência da comunidade e da assembleia litúrgica. A distinção aqui é para enfatizar a missão do presbítero na sua tarefa de ser catequista da primeira e

[316] RATZINGER, J., Introdução à Liturgia, p. 118.

homem de oração e servo da Igreja orante da segunda. Assim, como ele anuncia o Evangelho conforme reza, a comunidade participa da liturgia tal como vive a sua realidade no dia a dia. Fé e vida são inseparáveis.

Sem exageros, espera-se do presbítero a capacidade de refletir o espelho dessa realidade com a fonte cristalina do Evangelho, da mesma forma, a assembleia litúrgica aguarda as sementes desse anúncio para fazer frutificar o chão da sua vida. Igualmente essa assembleia litúrgica, como voz orante da Igreja e sacrário da palavra anunciada, herda a missão de ser o farol para a comunidade que nela estava representada. Ao mesmo tempo, os demais membros não inseridos nesta vida de fé, mas que fazem parte da comunidade paroquial, esperam, mesmo inconscientemente serem iluminados por esses membros orantes e guardiães da memória de Cristo e do domingo como dia do Senhor e da Iniciação.

Essa compreensão circular da fé e da vida como ação comunitária daquilo que se crê e se vive implica um movimento contínuo, assim como sugere a própria liturgia. Tal mobilidade não é o intelectualismo que atrai, o formalismo ou a criatividade selvagem da qual o presbítero deve lançar mão. A causa principal é a "Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã".[317] Tanto para a comunidade quanto para o presbítero, nutrir-se do Corpo e do Sangue do Senhor é ser reconduzido a assumir os traços daquele que consome e dá a vida pelos outros em oferta ao Pai. Especialmente o presbítero não só distribui a Eucaristia, mas ele mesmo a recebe como dom, e através dela se torna um corpo com a assembleia, com a Diocese, com a Igreja de Deus. Ele faz se peregrino, ou melhor, faz dela seu alimento do caminho e do movimento, pois mesmo como presidente da assembleia eucarística, o presbítero deve entrar na Igreja, não lhe cabendo apenas aguardar ou ocupar o presbitério, mas acolher os que chegam porque ele é um membro que se desloca também para o mesmo lugar.

Por essa razão, o presbítero é o primeiro a se preocupar com a catequese. Se ela não esclarece esse movimento, em breus caminharão o seu ministério e a sua comunidade. Ele tem a missão de afastar o enigma ou a compreensão equivocada de que "quanto menos se compreende o que se diz e se faz, mais se ganha em mistério".[318] A insistência de todo o argumento desenvolvido é justamente para afirmar o contrário, isto é, que atualmente, quanto mais o presbítero for místico e

[317] LG 11.
[318] BIANCHI, E., Presbíteros, p. 100.

mistagogo, formado pela liturgia e pela oração, mas ele estará habilitado para conduzir os membros de sua comunidade para dentro do mistério, fazendo-o conhecido e experimentado. Quanto mais o mistério é desvelado, mais as pessoas se envolvem na expectativa de vivê-lo.

4.7
O presbítero mistagogo formando mistagogos: o ministério da coordenação na catequese

O presbítero, em sua função de presidente da liturgia, distingue-se daquela de "catequista dos catequistas"[319] que destacamos no capítulo anterior. Nesta atribuição específica, como se verá a seguir, ele é responsável por gerar um clima fraterno, harmonioso, marcado pela espiritualidade e a confiança mútua. Ele precisa planejar a formação e qualificação dos seus catequistas, observando algumas exigências internas do grupo de coordenação. Pensar com critérios a escolha desses membros uma vez que eles estarão entre ele e o restante do grupo dos catequistas, ao mesmo tempo, em profunda sintonia com o projeto paroquial de pastoral, a vida diocesana, e a integração dos mesmos com a vida da comunidade.

O presbítero tem também o compromisso de gerenciar momentos e situações de crise, como por exemplo, a rotatividade ou certas desavenças entre a própria equipe. Ele deve, ao mesmo tempo, pensar na estabilidade do ministério, como recorda o *Antiquum Ministerium*, e nas formas de renovar o ardor missionário. Nessa possível desagregação, exige dele o cuidado para equilibrar o dinamismo com a experiência, considerando tanto a comunidade interna quanto a externa do grupo.

Jesus, o coordenador por excelência, deixou passos indispensáveis para a conduta do presbítero nesta missão. Marcos, em seu Evangelho, tratou de dizer como isso acontece (Mc 3,13-19). Primeiro, Jesus rezou a noite toda. A oração foi o primeiro elemento da escolha pelos membros do grupo. Ele rezou, o que significa suprimir instintos e sentimentos pessoais em favor da vontade de Deus. Antes de o presbítero pensar em quem convidar para a coordenação, ele precisa rezar. O tempo conforme mostra a passagem foi de uma noite. Isso para dizer que a resposta de Deus não pode ser compreendida como reação instantânea, mas como

[319] DC 116; DGC 225.

contemplação do todo, pois na oração do presbítero, como se viu antes, os sentimentos não se sobrepõem à oração da Igreja.

Um segundo passo é a vocação (v.13). Jesus chamou quem Ele quis. O chamado. Ser catequista e membro da coordenação não pode ser um improviso ou um "tapa buraco". É necessário sentir e responder ao chamado, ser capaz de deixar, responder e ir. Precisa viver a vocação, uma vez que ela não se define, apenas se demonstra com as decisões, estilos e opções de vida. O presbítero, na arte de escolher, não pode se confundir pela frivolidade do entusiasmo. Sua oração deve filtrar o que é mais humano e passageiro para alcançar o mais profundo do seu ser e de Deus. O presbítero místico é exatamente o que leva a sua própria vida até Deus, ao tempo que, mistagogicamente, conduz outras vidas para a barca de Deus. Antes das palavras, ele forma com a vida, e a oração e a vocação despertadas são respostas de ambas.

O Evangelho também narra o aspecto formativo. Após o chamado, os discípulos são convocados a ficar com Jesus. Permanecer é mais do que ficar. É estar por escolha. É deixar transparecer "a relação entre o ser e o parecer, e quando ser e parecer estão em perfeita correlação, o resultado será a transparência. A pessoa dá a conhecer sua condição mais profunda".[320] O presbítero não pode contar apenas com a boa vontade dos catequistas, por mais que ela seja importante, é necessário formar bem para evitar a dissimulação. Uma boa formação auxilia no confronto entre o ser e o exibicionismo, entre a timidez e o potencial reservado no interior da pessoa. Ela ajuda a passar da ascese, do eu exterior para a via unitiva, o eu interior.

Por fim, Jesus indica a missão como o último momento para a construção da equipe de coordenação. Após a oração, a vocação e a formação vêm o envio. A coordenação de catequese é mais do que um grupo organizacional, embora essa esteja entre as suas atribuições. Ela é sinal de Deus na comunidade, carrega em seu ser o "ide" de Jesus e, por isso, não se contenta no embaraço do próprio mundo pessoal e dos gostos subjetivos e aprovações eclesiais. Um presbítero mistagogo na tarefa de catequista dos catequistas prepara o grupo para o anúncio. Aproxima a coordenação e a catequese da vida das pessoas, desfazendo a ideia de que a primeira é grupo de observadores, e a segunda, um produto de balcão, uma simples relação entre procura e oferta. O presbítero, assim, transforma a catequese e a sua

[320] VITÓRIO, J., A formação na vida religiosa consagrada, p. 162.

coordenação em uma ação missionária decidida e enérgica. Sai a catequese de balcão e entra a catequese da missão. Sai da reunião e do planejamento para a decisão pastoral.

Portanto, a coordenação é uma "cooperação, uma ação em conjunto, de corresponsabilidade conforme os diversos ministérios".[321] Ela cuida da vida catequética no seio da evangelização, especialmente no cuidado com a educação da fé visando à maturidade cristã. Ela não é formada com base de idade, cultura ou iniciativas pessoais, mas unicamente na paixão pelo Evangelho e na capacidade educativa que possui.

O Diretório Nacional de Catequese quando descreve as atribuições do ministro ordenado na catequese distingue as funções do presbítero das do pároco. Aquele está na relação dos responsáveis pela catequese,[322] enquanto o pároco está na tarefa do ministério da coordenação e a organização da catequese, especialmente em nível paroquial. Evidentemente, que todo pároco é um presbítero, e o fato de ele não estar em ambiente paroquial não significa que não esteja executando a dimensão catequética de seu ministério. No entanto, quando se trata das responsabilidades em nível paroquial, o documento cita as suas funções do pároco como:[323]

> a) despertar e estimular a vocação do catequista como um fundamental ministério na comunidade;
> b) motivar a comunidade paroquial para assumir em conjunto a responsabilidade do crescimento na fé;
> c) orientar, animar e acompanhar a ação catequética;
> d) promover a formação contínua dos catequistas;
> e) organizar a catequese com adultos, com jovens e crianças;
> f) favorecer o aprofundamento da fé por meio de círculos bíblicos, grupos de família e outras iniciativas;
> g) criar meios para atingir os que estão distantes da fé cristã ou são indiferentes em relação a ela;
> h) oferecer uma catequese de qualidade aos adultos que se preparam para o Matrimônio, Batismo, Confirmação, Eucaristia... (CT 67);
> i) ajudar os catequistas a assumirem a catequese como um ministério e um serviço em nome da comunidade;
> j) responsabilizar-se para que as orientações diocesanas, referentes à catequese, sejam levadas a efeito;
> k) providenciar recursos financeiros para que a catequese alcance seus objetivos.

---

[321] DNC 314.
[322] DNC 248-249.
[323] DNC 324.

Além dessas atribuições que o documento indica, a época atual apresenta outros desafios que o presbítero – o pároco também – precisam enfrentar devido às rápidas e exigentes transformações. Um desses desafios é a crise do "compromisso comunitário"[324] do homem e da mulher de hoje e a incapacidade de tomarem decisões permanentes. Em um processo de formação precisa-se pensar um caminho a curto, médio e longo prazo. Necessita que quem assumirá a coordenação que tenha uma mentalidade que isso não é um ensaio técnico, mas uma missão confiada por Deus, reconhecida pela comunidade e autenticada pela Igreja através do presbítero. A mudança e troca repentina de membros na coordenação implicam recomeços, perda de confiança dos catequizandos, de seus familiares e da comunidade.

Essa indisponibilidade para assumir compromissos pastorais destaca a importância de observar os critérios a serem considerados na escolha desses membros. Primeiro perceber se há neles um profundo espírito de fé, compromisso pessoal com Jesus e sua missão, integração na comunidade e um sentimento por ela de pertença.

Quando esses sinais são notados, é hora de o presbítero trabalhar com o grupo. Ele deve focar nos elementos fundamentais da catequese e na missão de cada um. O objetivo é ajudar todos a encontrar e fortalecer suas decisões, além de melhorar e aumentar a confiança que a comunidade deposita neles. Essa experiência também garante que ninguém comece de forma inexperiente na condução do serviço.

A comunicação e as relações internas entre os membros do grupo são extremamente importantes. O presbítero, como pai espiritual, tem a missão de promover o diálogo entre os membros do grupo, assegurando que as relações internas e externas estejam harmonizadas, evitando conflitos tanto entre seus membros quanto destes com o restante da comunidade.

Internamente significa que existem orientações que podem fortalecer e potencializar a coordenação de catequese: "definição clara das funções de cada membro; respeito às respectivas esferas de competência; unidade afetiva e efetiva dos membros; processo decisório participativo e dialogal; continuidade do processo formativo; coordenador da equipe de coordenação",[325] planejamento e um calendário onde se define as reuniões mensais da coordenação.

---

[324] EG 50.
[325] VITÓRIO, J., A formação na vida religiosa consagrada, p. 190-195.

A comunicação externa do grupo otimiza a relação do grupo com as demais pastorais, grupos e movimentos, alinhando-se ao plano diocesano e a Igreja universal. Demonstra a superação dos gostos e interesses pessoais pelo amor oblativo e pela entrega total ao projeto de Deus. Esse amadurecimento humano e espiritual permite a renovação gradual do próprio grupo quando um novo membro ocupa a vaga daquele que precisou se ausentar. Nesse estágio, alcançou-se o equilíbrio das atividades e a internalização da missão, sendo um grupo que se finda e se renova continuamente tendo na mente e no coração o propósito de servir.

Evidentemente que a missão do presbítero vai além da ocupação do seu lugar no grupo. Sua presença é significativa, simbólica e paternal. Ele não deve substituir aquilo que é próprio do catequista e da coordenação, nem estes devem ocupar o espaço reservado ao ministério ordenado.[326] O presbítero está ali para o grupo assim como está para a comunidade. Sua participação representa seu serviço e seu significado para o grupo, assim como o grupo, junto com os demais catequistas, representa a comunidade como sujeito responsável pela catequese.

A verdade é que ninguém entra no seminário tendo como meta tornar-se catequista de catequistas. Essa missão vem intrínseca ao sacramento da ordem recebido. Por isso, o próprio presbítero enfrenta o desafio de se redescobrir nessa tarefa fazendo. Ele se torna um presbítero mistagogo conforme vai conduzindo a si mesmo e aos outros ao longo e largo horizonte do Reino de Deus. Desta forma, não é uma técnica e sim uma abertura de coração pela qual ele primeiro vai servindo para depois ir ensinando.

Portanto, cuidar dos membros da coordenação denota cuidar dos cuidadores. São eles que têm a tarefa de conduzir a catequese junto aos demais catequistas e à comunidade. Significa dizer, internalizar os gestos de Jesus como coordenador do seu grupo e externá-los através de suas ações no ministério. É deixar transparecer o ser e o parecer, pois quanto mais autêntica e visível for a experiência de comunhão, serviço e proximidade, mais bem-sucedido será o itinerário de formação do discípulo missionário. Formar bem os catequistas para uma cultura do encontro,

[326] A ação mistagógica presbiteral, acompanhada de um estilo de vida nesses moldes, ajuda a perceber que a vida ministerial do presbítero é necessariamente colaborativa (PO 5). Implica modelar a comunidade de diversas maneiras, particularmente por meio de várias formas de ministério em equipe (Ex 18,13-27). Uma espiritualidade presbiteral bem integrada, centralizada na comunhão trinitária, "sustentará também uma espiritualidade que é radicalmente crítica de todas as formas de clericalismo e pensamento piramidal." BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 113.

mesmo em uma era digital, é a missão permanente do presbítero como catequista dos catequistas.

4.8
A mistagogia na cultura digital: formar para um novo Pentecostes

O estudo sobre a mistagogia desenvolvido nesse capítulo, levanta uma nova questão: é possível realizar a experiência do Mistério em um ambiente puramente digital? É possível oferecer uma mística capaz de alimentar um encontro pessoal com Jesus Cristo? Qual a abordagem operativa usada pela mistagogia nesse ambiente e qual a participação do presbítero neste sentido?

A internet e as redes sociais geraram uma nova maneira de comunicar e criar vínculos, especialmente na forma de anunciar e viver a fé. Esta é uma verdade e uma realidade incontornável. As novas gerações estão profundamente inseridas nesse ambiente, sendo impossível viverem à margem de uma realidade tão envolvente. Se por um lado a cultura digital[327] favorece esse conhecimento, por outro, ela apresenta desafios sobre como superar a digitalização da fé, a crise de pertença à comunidade e a experiência do Mistério que perpassa a tudo isso. Seria pertinente questionar, então, a formação catequética do presbítero também na dimensão da comunicação digital para, em seguida, compreender melhor a prática da mistagogia nesse cenário digital.

Antes de aprofundar essa questão, é importante destacar brevemente como a humanidade passou por uma revolução para chegar a esta nova era. Em seguida, será necessário apontar os elementos que o presbítero deve considerar para que a comunicação e a formação preservem o essencial do patrimônio da fé, enquanto adotam os novos modos e valores da linguagem digital. A ideia central é verificar

[327] Segundo o Diretório para a catequese, a cultura digital se expressa pela introdução e o uso dos instrumentos digitais de forma massiva causando alterações profundas e complexas a muitos níveis com consequências culturais, sociais e psicológicas ainda não totalmente evidentes. O digital, que não corresponde somente à presença dos meios tecnológicos, caracteriza efetivamente o mundo contemporâneo. E a sua influência se tornou num breve espaço de tempo, habitual e contínua, a ponto de ser encarada como natural. Vive-se "numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros". Portanto, o digital não só faz parte das culturas existentes, como se está a impor como uma nova cultura, modificando antes de mais a linguagem, modelando a mentalidade e reelaborando as hierarquias de valores. E tudo isto à escala global porque, anuladas as distâncias geográficas com a presença generalizada dos dispositivos ligados em rede, envolve as pessoas em todo o planeta (DC 359).

como o presbítero pode equilibrar a necessidade de uma catequese mistagógica em um cenário cada vez mais digital.

A tecnologia tem gerado um nascimento de um novo império digital fundado sobre algumas conotações da modernidade, com as quais, não há ainda uma reflexão com a devida profundidade.[328] Este poder indica uma transformação linear e progressiva, que caracteriza uma quarta revolução vivida pela humanidade. A primeira se deu com Copérnico (1473-1543) e a sua cosmologia heliocêntrica mudando para sempre a terra do centro do universo e modificando assim profundamente a visão do mesmo. A terra não é o centro, o centro do mundo é o sol.[329] Dessa maneira, a palavra revolução começou a ser associada à ideia de uma transformação científica radical.

A segunda veio em 1859, quando Charles Darwin (1809-1882), publicou "A origem das espécies".[330] No seu texto, Darwin mostrou que cada espécie viva é resultado de uma evolução no tempo dos progenitores comuns, através do processo de seleção natural. Significou que o homem não era mais o centro do universo nem do reino animal, mas sim um produto de seus próprios pensamentos racionais. Esse conceito foi sintetizado no princípio cartesiano: penso, logo existo. Desta vez, foi a palavra evolução a adquirir um novo significado.

A terceira revolução se deu com Sigmund Freud (1856-1939) através do seu trabalho psicanalítico. Ele argumentou que o homem não é constituído apenas de uma fase, a liberdade, mas que também "a mente humana é inconsciente e sujeita a mecanismos de defesas como aquela da repreensão",[331] e por isso, cada ser humano é resultado de acúmulo de forças e impulsos instintivos que se modificam no contato com a realidade. Esse novo estágio da revolução serviu, na verdade, para evidenciar os extremos do evolucionismo.

Sem julgar os valores e as interpretações dessas três revoluções, elas, todavia, parecem plausíveis e são bastante úteis para compreender a revolução atual em uma

---

[328] BECK, U., La metamorfosi del mondo, p. 151.

[329] MORAL, J. L., Ricostruire l'umanità della religione, p. 164–166. Seguimos aqui amplamente o pensamento do autor, que faz referências nas páginas citadas a reflexão de M. Buber, ¿Qué es el hombre? p. 11-71.

[330] A "Origem das Espécies" de Charles Darwin, publicado originalmente em 1859, apresenta a teoria da evolução por meio da seleção natural. Segundo ele, a diversidade da vida pode ser explicada pela acumulação gradual de pequenas mudanças ao longo de vastos períodos de tempo, guiadas pelo mecanismo da seleção natural. Algumas dessas variações são hereditárias e podem ser passadas para a próxima geração. DARWIN, C., A Origem das Espécies, p. 18.

[331] MORAL, J. L., Ricostruire l'umanità della religione, 165.

perspectiva similar, a chamada quarta revolução, conforme definida em nossa época. Contudo, não se pode negar que a revolução técnico-científica de hoje deve ser considerada como algo sem precedentes em comparação com as anteriores, pois "é capaz de mudar a compreensão da relação com a vida humana, reposicionar e redefinir a natureza humana e sua função no universo".[332]

Nesta perspectiva, se coloca a transição de nossa época, na qual, gradualmente, o espaço digital absolve o espaço físico e o real se confundi com o virtual. As gerações X e Y, estão sendo substituídas pelos nativos digitais, como a geração Z. Esta última, acabará por adotar a concepção de que não há "mais diferença entre a infosfera - complexo ambiente informacional - e o mundo físico, senão a mudança de prospectiva".[333]

Esse período de transição expõe um duplo analfabetismo. O primeiro é o digital, caracterizado por "aqueles que não sabem perceber a diferença qualitativa e veritativa dos diversos conteúdos digitais dos quais estão adiante".[334] O segundo são os cristãos analfabetos, referindo-se àqueles que "receberam os sacramentos da Iniciação, mas ainda não estão suficientemente evangelizados ou catequizados".[335]

Entre essa dupla realidade surgem os influenciadores digitais como formadores da fé e a sede religiosa do povo pelo conhecimento. Graças aos espaços digitais, muitas pessoas recebem o anúncio, aprofundam seus conhecimentos, esclarecem suas dúvidas e alimentam sua fé e sua espiritualidade. O próprio Diretório para a catequese destaca exatamente "essa função portadora de instâncias capazes de gerar caminhos de aproximação à fé cada vez vemos padronizados e mais atentos à singularidade de cada um".[336]

O desafio catequético, no entanto, é superar o personalismo formativo que as redes sociais promovem, em detrimento àquela realizada pela comunidade. Essa nova realidade digital gera um universo formativo paralelo, que muitas vezes, resulta no narcisismo profético, isto é, o formador digital se coloca no centro do

---

[332] FLORIDI, L., La quarta rivoluzione, p. 103-114. No primeiro momento, o autor citado apresenta o "nascimento" desta revolução. Em seguida, ele descreve uma mudança pacata, menos sensacional, porém, mais crucial e profunda, na nossa forma de entender o que é ser humano (p. 108). Diferente disso, J. L. Moral aponta que, hoje em dia, muitos acreditam que a ciência e a técnica podem oferecer ao ser humano um sentido para a existência. No entanto, ele não está tão convencido dessa ideia e observa que muitas pessoas desistem dessa busca, optando por uma constante fuga na pós-modernidade. MORAL, J. L., Ricostruire l'umanità della religione, p. 166.
[333] FLORIDI, L., La quarta rivoluzione, p. 111.
[334] DC 368.
[335] DC 62.
[336] DC 370.

processo, torna-se o denunciador da frágil catequese realizada pela Igreja e denunciante do magistério eclesial.

Por outro lado, o comportamento dos catequizandos e formandos é frequentemente caracterizado por uma docilidade passiva, uma resignação irritante e posturas conservadoras. Eles aceitam e adotam essa postura narrativa onde privilegiam o significado institucional como doutrina e menos o valor do Evangelho como anúncio e experiência pessoal.[337] A proposta formativa agora é a de que a fé antes de ser vivida, ela deve ser defendida dos sinais dos tempos através de argumentos apologéticos e convincentes.

Diante dessas situações como se preservar a especificidade do Mistério? Qual a atenção o presbítero precisa para agir em um mundo digital e formar novos discípulos para um novo Pentecostes?[338]

A mistagogia na cultura digital, além de ser um espaço para fomentar a experiência do Mistério, é chamada a ser um lugar que reclame uma presença próxima. Não se trata apenas de saber o que fazer e como fazer para levar as pessoas a uma experiência mística, mas, antes de tudo, é necessário saber estar presente. Isso significa que o presbítero deve ter consciência de que está lidando com um sujeito novo, com um "perfil antropológico alterado".[339] Portanto, não se resume a informar e sim formar. Requer do presbítero algumas posturas específicas para esse propósito.

---

[337] Não se pretende aqui desconsiderar o valor da catequese narrativa. O atual Diretório sublinha que "a catequese valoriza todas as linguagens que a ajudam a realizar as suas tarefas; de modo particular, tem uma atenção em relação à linguagem narrativa e autobiográfica. O Documento ainda diz que nos últimos anos, nota-se em vários âmbitos culturais a redescoberta da narrativa não apenas como instrumento linguístico, mas sobretudo como caminho através do qual o homem se compreende a si mesmo e à realidade que o circunda e dá significado àquilo que está a viver. Também a comunidade eclesial toma cada vez mais consciência da identidade narrativa da própria fé, como testemunha a Sagrada Escritura nos grandes relatos das origens, dos patriarcas e do povo eleito, na história de Jesus narrada nos Evangelho, e nos relatos dos inícios da Igreja (DC 207). A questão aqui se coloca em outro parâmetro, quando dela faz uso para privilegiar uma visão eclesial desconsiderando outra. Nesse sentido, o mesmo Diretório chama atenção quando se refere a qualidade narrativa dos relatos bíblicos, afirmando que eles "implicam sempre abeirar-se das Escrituras na fé e na Tradição da Igreja, de modo que aquelas palavras sejam sentidas vivas (…) para que cada fiel reconheça que a sua vida pessoal pertence também àquela história" (DC 145b).

[338] A expressão Pentecostes aqui é tomada no sentido de que o mundo digital é o lugar onde se pode falar todas as línguas e todas as linguagens, para além dos limites de tempo e espaço. Possibilita as pessoas se conectarem estando em toda as partes do mundo. Sugere igualmente, o tempo da Igreja durante o qual Cristo se manifesta torna presente e comunica pela liturgia de sua Igreja, sua obra de salvação, até que ele venha (1Cor 11,26) (CIgC, n. 1076). Interessante observar que essa facilidade de conexão ilimitada quando mal utilizada, produz desencontros e transforma a rede em um verdadeiro campo de batalha. É como se a tradição bíblica da torre de Babel fosse reeditada. VITÓRIO, J., A formação na vida religiosa consagrada, p. 218.

[339] DC 362.

A primeira é a própria conscientização de que o presbítero faz parte desse contexto, assim como os jovens formandos em vista do ministério ordenado, são natos nesse ambiente digital. A postura adequada é a de amadurecer a sua identidade vocacional e manifestá-la de forma clara e dialógica, considerando que, especialmente as novas redes, favoreceram, no âmbito da fé e da catequese, uma formação no sentido horizontal e não somente entre mestre e discípulos, compreendida como aquela vertical. Essa atitude possibilita confrontar sem excluir, codividir sem silenciar as diferenças.

O encontro diário com Jesus, ao qual o presbítero é chamado a alimentar constantemente, fortalece seu testemunho, permitindo que ele reflita nas redes sociais o que ele é em sua vida. Assim, o seu ser querigmático precede o seu agir comunicativo e mistagógico.

Consequentemente a sua competência digital passa a ser fruto do seu encontro pessoal com Cristo e dos estudos pessoais. Essa arte de conduzir as outras pessoas para dentro do Mistério se distancia da superficialidade e brevidade das emoções e dos sentimentos vividos pelas telas e passa a ser suscitado na esfera ética e responsável onde não privilegia a separação entre o virtual e o real, mas se fomenta a complementariedade entre ambas.

Isso faz do presbítero um homem de comunhão mistagógica em um cenário marcado pela esterilidade da solidão humana e pela obsessão continuada de se manter conectado. Assim, a sua missão é tornar intermediador entre os dois mundos, tanto o pessoal e comunitário, como o virtual e o presencial favorecendo a geração de vida. Em termos catequéticos significa que ele "terá a função de mediar o pertencimento à comunidade e de viver o serviço da catequese com um estilo de comunhão".[340]

Por fim, em um tempo que os princípios e valores da vida são majoritariamente transmitidos pelas novas mídias, o presbítero engajado na transmissão da fé precisa estar atento à linguagem, ao silêncio e ao espírito crítico e cristão. A linguagem no sentido de se perguntar se os membros da sua comunidade lhe escutam ou fingem que seu discurso alcança a sua realidade. Se a palavra anunciada é interiorizada no modo como ela é acolhida, encontrando profundidade e espaço no coração.

[340] DC 150.

Sobre o silêncio convém que o presbítero altere a infobesidade, isto é, a compulsão de se sentir informado e conectado pela contemplação, no qual o eu superficial cede espaço para o eu essencial, o ideal para o real, e a dispersão para a meditação e unidade. Tal atitude transforma-se em buscas pelas respostas do sentido da vida, fazendo-lhes ecoar na vida daquelas pessoas que silenciaram as perguntas últimas sobre seus respectivos destinos.

Dessa realidade que o presbítero deve suscitar seu espírito crítico e cristão. Ele não pode duvidar de tudo que as redes mostram ou apresentam, mas deve saber dar a cada coisa o seu justo valor. Da parte do cristão, espera-se a consciência de construir a sua vida nesse espírito de tal forma que ela seja plasmada e reproduza os mesmos sentimentos de Cristo.

Como se disse anteriormente, a cultura digital é uma realidade incontornável. Ela está presente em nossos espaços catequéticos e precisa ser considerada. Ela pode ser um lugar mistagógico, um instrumento favorável para se ouvir falar do Mistério, mas não pode substituir a comunidade, pois "não se faz catequese apenas usando ferramentas digitais, mas oferecendo espaços de experiência de fé".[341] Fazer experiência do Mistério não é mesmo que fazer experimentos. A pressa e a momentaneidade não são sinônimos de instantes divinos. A catequese pode sim ter uma linguagem personalizada e mistagógica, mas jamais individualizada. Por esse motivo, em nosso tempo, vale refletir sobre a importância do sacramento da penitência em relação ao isolamento que esse mundo digital frequentemente traz consigo.

4.9
O sacramento da reconciliação na dinâmica da Iniciação à Vida Cristã

Após considerar a experiência do Mistério na cultura digital, é preciso agora levar em conta outros três elementos fundamentais: o primeiro é sobre o sentido que o homem do nosso tempo atribui ao sacramento da reconciliação. O segundo é o espaço que esse sacramento ocupa no itinerário da Iniciação à Vida Cristã e, finalmente, o que se espera do presbítero como homem da misericórdia, cuja tarefa se torna indispensável nesse processo.

[341] DC 371.

Sem estabelecer relações de causa e efeito, mas reconhecendo a relativização do pecado e a má compreensão acerca do sacramento da reconciliação hoje, pode-se atribuir tais implicações a uma deformação do processo catequético que a Igreja por longos anos adotou como meio de transmissão da fé. Aqui não se faz necessário traçar uma linha histórica detalhada como isso ocorreu. É suficiente lembrar que:

> A história da Igreja antiga, a partir da apostólica, atesta a conversão do adulto como modelo exemplar de adesão à fé. A própria práxis penitencial dos primeiros séculos, chamada penitência canônica ou pública, chega a ser modelada a partir da pauta deste processo gradual de Iniciação cristã. A relação entre as duas dinâmicas, com os respectivos elementos de semelhança e diferença no plano ritual, mas não somente, foi amplamente estudada, a ponto de justificar um olhar sinótico dos dois processos. A partir desse reconhecimento, pode-se observar que a ascensão e a estruturação do primeiro, o antigo instituto do catecumenato, foi acompanhada por uma definição correspondente e análoga do segundo, o antigo instituto da penitência pública. Mas também a decadência do primeiro (século V/VI) foi acompanhada pelo declínio correspondente do segundo, com o ingresso gradual e, em seguida, predominante da penitência tarifada.[342]

Seguindo o pensamento do autor, observa-se que tanto no catecumenato quanto no sacramento da penitência havia uma mútua interdependência. O Concílio Vaticano II buscou reestabelecer essa reciprocidade perdida há muitos séculos anteriores, ao propor o duplo movimento de retorno às fontes. De um lado, o resgate do catecumenato, e do outro, o coroamento de uma proposta litúrgica em ato na qual o sacramento da penitência voltava a estar novamente relacionado com a vida e com todo o organismo sacramental, particularmente com o batismo e a eucaristia.[343]

Embora essa tentativa seja positiva, deve-se considerar que entre o tempo do catecumenato e o retorno a essa mentalidade, houve-se um longo período no qual a catequese preparava mais a pessoa para enfrentar o temor de Deus do que para a transmissão da fé e da misericórdia que se dava no encontro com seu Filho. Afonso Garcia analisa essa abordagem pastoral do medo ao citar o pensamento de J.

---

[342] FLORIO, M., Teologia sacramental, p. 106-107.

[343] CASPANI, P.; SANTOR, P., Iniziazione cristiana, p. 32. Para tanto, o Concílio Vaticano II solicitou que "revesse o rito e as fórmulas da Penitência de modo que exprimisse com mais clareza a natureza e o efeito do sacramento" (SC 72). Para J. R. Regidor, este pedido deixa compreender que já naquele tempo a praxe atual da confissão não correspondia plenamente às exigências da Igreja da época. Por isso, já há algum tempo antes do Concílio, notava-se certa diminuição na prática da confissão. Passado algumas décadas, segundo o autor, se observa certo aumento das comunhões acompanhado de progressiva diminuição das confissões. Além disso, os próprios fiéis que se aproximam da confissão, como também muitos dos sacerdotes que exercem este ministério, provam certa insatisfação nos confrontos da forma atual da confissão. RAMOS-REGIDOR, J., Teologia do sacramento da penitência, p. 38.

Delumeau presente em seu livro o Pecado e o medo – a culpabilização no Ocidente. O eco pastoral era marcado por um tom ameaçador.

> Era o medo provocado pelo "horror" do pecado e pela obsessão da condenação eterna. E, claro está, o medo, de um Deus que contabiliza cada um dos pecados, visto como um juiz terrível". E, assim, a pregação falava do medo a pessoas que tinham medo e, enfim, falava do medo que era delas.[344]

O resultado desse tom pastoral foi a pouca adesão dos fiéis à prática penitencial, causando esquecimento do sacramento e aumentando o sentimento de culpabilidade. Fora do ambiente eclesial, o homem moderno crescia com o desejo de se libertar desse formalismo e insatisfação o que se manifestava em adesões parciais quer reconhecendo a "inutilidade dos esquemas de exame de consciência ou na insistência unilateral e obrigação de se confessar anualmente, quer na aceitação do sacramento da penitência, mas na recusa da confissão individual".[345]

A resistência subjetiva ao sacramento e a sua dimensão eclesial, como reflexo da ação pastoral desse tempo, resultaram para os dias atuais na inversão do confessionário pelo consultório. É claro que a causa dessa ordem não pode ser atribuída apenas a esse fato, porém é importante destacar que hoje há uma busca mais frequente pelos serviços de psicólogos do que a procura pelos confessionários. O que revela a permanência do sentimento de culpa no coração humano e possivelmente a ausência de decisão pela mudança de vida, arrependimento e conversão, como fruto de uma catequese mais qualificada e eficaz.

A situação, no entanto, não deve ser analisada mediante o confronte entre a teologia e a psicologia, mas a partir da importância e o significado da Iniciação à Vida Cristã para o nosso tempo. Isso envolve razões cronológicas, teológicas, ontológicas e litúrgicas, além daquela ministerial ocupada pelo presbítero.

Se é verdade que existe uma "neurose coletiva de culpabilidade"[346] em nível pessoal e psicológico, também é verdade que, em âmbito eclesial, através da catequese de inspiração catecumenal, há um retorno dessas pessoas, talvez em movimento menos acelerado em relação aquele primeiro. Ocorre porque, do ponto de vista cronológico, a chamada "primeira confissão é de fato o segundo evento

[344] RUBIO, A. G., A caminho da maturidade na experiência de Deus, p. 172.
[345] RAMOS-REGIDOR, J., Teologia do sacramento da penitência, p. 39.
[346] RUBIO, A. G., A caminho da maturidade na experiência de Deus, p. 178.

sacramental na vida da criança",[347] colocado em paralelo com o sacramento do batismo celebrado no passado pela escolha dos pais ou de outras pessoas e do qual a criança não recorda adequadamente.

Assim, a primeira comunhão realizada aos sete anos conforme estabelecido pelo Papa Pio X,[348] deve ser precedida pela confissão e, deste modo, a Igreja manteve após o Concílio Vaticano II. A questão, porém, que se coloca é se a criança anterior a essa idade tem condições psicológicas para experienciar o perdão decorrente da celebração desse sacramento e se aos doze ou quatorze anos, em preparação para o sacramento da confirmação, ela possui a consciência moral do que seja pecado.[349]

De tal modo, essa questão cronológica envolve uma ordem teológica. Os fundamentos da Iniciação estão no batismo, e não no sacramento da penitência. A experiência do perdão se fortalece conforme a graça batismal é vivida de forma objetiva e consciente, mesmo que ela tenha sido celebrada na infância. É através dessa prática que o relacionamento de filha de Deus amadurece junto com a prática sacramental da Igreja.

O desafio para a dinâmica da Iniciação à Vida Cristã é a passagem da criança desse mundo infantil para o seu mundo adulto. Isso por duas razões fundamentais. A primeira que a Iniciação por longos anos foi de preparação das crianças para receber os sacramentos. A segunda razão, porque nesse período, há um distanciamento progressivo das novas situações enfrentadas pela criança em relação ao contexto eclesial, o que torna difícil para ela se reposicionar diante da práxis penitencial da Igreja e atualizar sua primeira experiência de confissão. Essa

[347] FLORIO, M., Teologia sacramental, p. 108.
[348] QS 16.
[349] CASPANI, P.; SANTOR, P., Iniziazione cristiana, p. 32. É oportuno destacar algumas práticas surgidas no Brasil nos últimos anos em relação a essas situações. Algumas famílias, por iniciativa própria, oferecem a catequese em casa e, minutos antes da missa, pedem ao pároco para confessar a criança, permitindo que ela receba a primeira comunhão durante a celebração. Além disso, há iniciativas de ensino domiciliar (*homeschooling*) e experiências em comunidades que estão reorganizando a ordem teológica dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã. Também há discussões sobre a possibilidade de revisar a idade para receber a Eucaristia e, consequentemente, o sacramento da confirmação, considerando que os tempos e as mentes dos adolescentes mudaram. No entanto, tanto o Direito Canônico quanto o Catecismo da Igreja Católica prescrevem o uso da razão. No Brasil, em relação ao sacramento da confirmação, a Norma Complementar do Direito Canônico, do Cânon 891, estabelecida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), determina que a idade para a crisma não deve ser inferior a doze anos.

incompatibilidade significa que “a vivência penitencial permanece potencialmente presa ao modelo da primeira confissão”.[350]

Com o resgate da inspiração catecumenal da catequese, a Igreja reinterpreta a natureza da própria catequese e a repropõe como resposta a essa passagem ontológica da pessoa. Por isso, hoje, ela insiste na revisão das práticas catequéticas e na atenção dos seus interlocutores, reconhecendo-os como sujeitos de três propostas catecumenais: “os não batizados, aqueles que não completarem os sacramentos da Iniciação e aqueles que não foram suficientemente evangelizados ou catequizados”.[351]

Dentro dessa proposta, é importante se perguntar qual é o lugar do sacramento da penitência. Embora não seja propriamente um sacramento de Iniciação à Vida Cristã, desde o século XIII ele foi incorporado ao itinerário das crianças antes de receberem a primeira comunhão. Já para os adultos, tal sacramento possui um significado importantíssimo, pois para aqueles que participam de todo o processo catecumenal, recebem por meio dele, “o segundo perdão e até mesmo uma forma de misericórdia amplificada em relação àquela batismal”.[352]

Seguindo essa mesma lógica sobre a importância do sacramento da penitência para os novos membros da comunidade, G. Busca, inspirado nos Padres da Igreja, demonstra claramente esse significado.

> O vocabulário patrístico fala da Reconciliação como de um segundo Batismo; concede-lhe o título de “irmã do Batismo”. É uma segunda graça que reativa os efeitos salvíficos da primeira: “O arrependimento foi dado aos homens como uma fonte de graça depois de outra. É um segundo nascimento que vem de Deus”. Para lavar as culpas dos filhos de Adão, há a água do Batismo; e para limpar os rostos sujos dos filhos de Deus, há as lágrimas da penitência: “Mesmo que haja um só Batismo para alvejar as manchas, há ainda dois olhos que, cheios de lágrimas, proporcionam uma fonte batismal para os membros do Corpo. Sendo que o Criador bem sabia antecipadamente que os pecados se multiplicam em nós continuamente, e muito embora haja só um único Batismo, estabeleceu duas fontes (os olhos) que dão a absolvição”. O batismo das lágrimas é o remédio para uma crise interna da Igreja. Aos batizados que naufragaram no pecado, depois de terem sido uma vez arrancados das tempestades do mundo e carregados no navio da Igreja, é oferecido um bote salva-vidas, uma segunda tabua de salvação depois daquela batismal, ela também construída com o madeiro da cruz.[353]

[350] FLORIO, M., Teologia sacramental, p. 109.
[351] DC 62.
[352] BUSCA, G., A reconciliação, p. 77.
[353] BUSCA, G., A reconciliação, p. 76-77.

Com essa inspiração patrística, mesmo que de forma sumária, fica clara a importância e o significado do sacramento da penitência na dinâmica da Iniciação à Vida Cristã, especialmente para os adultos que retomam a caminhada comunitária da fé. A missão agora é refletir sobre a participação do presbítero como ministro da misericórdia, e como ele pode favorecer o encontro entre a fonte da graça e as lágrimas do penitente. Essa tarefa é indispensável, pois, essencialmente ele é o responsável pela vida sacramental da comunidade.

Com isso, é efetivada uma das formas de participação do presbítero no processo da Iniciação à Vida Cristã. Os encontros, as formações podem ser conduzidos pelos catequistas, mas a escuta das confissões dos catequizandos somente ele está habilitado em virtude da graça recebida através do ministério ordenado. Na prática, isso ocorre quando ele se dispõe para escutar as crianças, adolescentes, jovens e adultos que estão em preparação para a catequese. Durante essas confissões, ele tem o diagnóstico da qualidade inferior da catequese oferecida e, muitas vezes, atribui eventuais deficiências aos catequistas da paróquia. Por outro lado, estes, sentindo-se ofendidos por essa avaliação, retribuem a ofensa catequética responsabilizando a ausência ou o desinteresse do presbítero pela causa, além de culpar os pais, e os pais, passarem a culpar a comunidade e a Igreja.

Uma sugestão seria repetir o sacramento da penitência em momentos regulares, em vez de celebrá-lo apenas às vésperas dos sacramentos da confirmação, Eucaristia e matrimônio. Esse momento especial deve ser mantido, mas poderia ser enriquecido se o presbítero oferecesse a celebração penitencial de maneira mais frequente dentro da comunidade.

Envolver as pastorais, grupos e movimentos na preparação de uma refeição, realizar a celebração penitencial junto com a família e padrinhos das crianças e jovens, proporcionaria uma experiência mais profunda. A celebração desse sacramento com a participação de outros padres disponíveis da região oportunizaria a eles o acesso do perdão e destacaria significado bíblico do mesmo. Mostraria que, após confessar os pecados, tal como no exame de consciência, é possível participar do banquete, conforme descrito na parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32).

Para as crianças, por exemplo, esse gesto é carregado de profundo significado. No dia da sua primeira confissão, elas encontrariam uma comunidade reunida em festa, com todos os seus membros dispostos a acolher aquele que retorna. Elas não veriam apenas o padre e a catequista, mas a comunidade reunida, expressando a sua

face misericordiosa entre si e com elas que chegavam. Desse modo, as crianças sentiriam que o perdão se conclui com a festa e não com o medo de errar ou não saber o que dizer ao padre na hora da sua confissão. Enquanto para a comunidade renovaria no seu interior a consciência de que sempre ela deve ser acolhedora e penitente, pois a criança "dela ser membro sem saber que ali se deve aprender a perdoar e a receber o perdão setenta vezes sete, rapidamente se decepcionaria".[354]

Tal proposta provoca uma revisão eclesiológica e litúrgica do sacramento da penitência. Pede aos bispos que seja "atribuída a máxima atenção pastoral a este sacramento da Igreja, fonte de reconciliação, paz e alegria para todos nós que necessitamos da misericórdia do Senhor e da cura das feridas do pecado".[355] Implica "educar os futuros presbíteros para a virtude da penitência, que é sapientemente alimentada pela Igreja nas suas celebrações e nos tempos do ano litúrgico e que encontra a sua plenitude no sacramento da Reconciliação".[356]

Portanto, trata-se, para usar a expressão de São João Paulo II, "do ministério mais difícil e delicado, do mais cansativo e exigente; mas também de um dos mais belos e consoladores ministérios do Sacerdote".[357] Diante dele, o fiel não apenas abre o coração, mas também revela sua vida, imersa em um misto de tremor e confiança. Assim, ele é chamado a:

> Conhecer as fraquezas e as quedas, de um determinado fiel, avaliar o seu desejo de recuperação e os esforços para a conseguir, discernir a ação do Espírito santificador no seu coração, comunicar-lhe o perdão que só Deus pode conceder, "celebrar" a sua reconciliação com o Pai representada na parábola do filho pródigo, reinserir esse pecador resgatado na comunhão eclesial com os irmãos e advertir paternalmente esse penitente com um firme, encorajador e amigável "doravante não tornes a pecar.[358]

Por essa razão, é necessário dar mais ênfase ao sacramento da penitência na dinâmica da Iniciação à Vida Cristã. Antes, as pessoas sentiam medo do julgamento de Deus, mas agora, elas se tornaram juízas de si mesmas, oscilando entre uma visão vulnerável ou angelical da humanidade. O que tem contribuído para uma

---

[354] VANIER, J., Comunidade, lugar do perdão e da festa, p. 56.
[355] PG 39.
[356] PDV 48. A Congregação para o Clero disponibilizou um subsídio para confessores e diretores espirituais, dividido em duas partes, que destaca a importância e oferece orientações práticas para o exercício do ministério presbiteral no sacramento da penitência e na direção espiritual. Essas são duas áreas urgentes de ação pastoral e catequética nos dias atuais. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, o sacerdote, n. 17-134.
[357] RP 29.
[358] RP 29.

sociedade marcada pelo sentimento de culpa, superculpa e hiperculpabilidade. Por isso, oferecer o sacramento da reconciliação como um encontro libertador com a graça de Deus na comunidade, superando a perspectiva individualista e intimista que muitas vezes lhe é atribuída, pode contribuir para que esse sacramento seja vivenciado não apenas como uma confissão e obrigação, mas como um momento significativo de vida em confronto com a graça gratuita de Deus.

Sendo essa a finalidade, convém destacar a importância da misericórdia divina como fonte alimentadora do itinerário da Iniciação. O presbítero não é o detentor dessa misericórdia e sim o construtor da ponte entre ela, o catecúmeno ou catequizando, e a comunidade. Nesse contexto, o fiel encontra na Eucaristia a força necessária para revigorar sua vida cristã, tornando o domingo não apenas seu dia de descanso, mas também um dia de Iniciação.

4.10
A centralidade do Domingo e da Eucaristia como dia da Iniciação

O último tópico desse capítulo é dedicado a centralidade do domingo como o dia do Senhor, da comunidade, da Iniciação e da Eucaristia. A ordem proposital visa estabelecê-lo como o dia da Assembleia litúrgica, que representa a Igreja reunida e acolhedora de seus novos membros. O destino do homem iniciado na e para a fé. O coroamento da sua Páscoa semanal.

A proposta de recuperar o domingo como dia do Senhor implica refletir sobre como as pessoas se tornam verdadeiramente fiéis, fazendo a transição da cultura do fim de semana para o domingo cristão. Significa passar da fuga e do cansaço semanal para a libertação das criaturas e contemplação das obras, assim como fez o próprio Deus. Também é necessário perguntar como a catequese pode tornar esse dia iniciático soberano, superando os desejos e vontades subjetivas do homem moderno e urbano. Finalmente, é crucial estar consciente dos resultados dessa recuperação e como ela pode direcionar a ação pastoral e catequética na evangelização intensa e frenética do nosso contexto atual.

Desde os seus primeiros séculos a Igreja celebra o Domingo como o Dia do Senhor. Se fizer um retorno aos escritos daquela época, ali encontrará relatos sobre o significado desse dia. Um deles e talvez mais o conhecido é o testemunho de *Emeritus*, proprietário da casa onde os cristãos estavam reunidos para a celebração eucarística dominical. Questionado pelo procônsul, enviado da parte de

Diocleciano, do porquê aceitar a reunião em sua casa, esse responde afirmativamente: "porque sem o Dia do Senhor, sem o mistério do Senhor, não podemos viver".[359]

Mas o que levou o cristão primitivo a passar do não podemos viver para o devemos fazer para sobreviver, nos dias de hoje, perdendo, assim, a consciência acerca do dia do Senhor?

O Papa São Paulo VI chamou a atenção para o drama da nossa época, que ele descreveu como a "ruptura entre o Evangelho e a cultura"[360]. Esse distanciamento resultou das rápidas e profundas mudanças sociais e culturais, cujas consequências impactaram decisivamente as escolhas e relações do homem consigo mesmo, com Deus e com a sua nova visão de mundo. A revolução industrial e tecnológica substituiu princípios e alteraram a compreensão do "ser" pelo "ter" e agora pelo "fazer". A Igreja se viu nesse dilema, testemunhando a transformação dos grandes centros urbanos em desertos vazios; viu as catedrais, outrora espaço celebrativos, sendo gradualmente substituídas pelos *shoppings* como destino dominical de muitos. A Eucaristia tornou-se um alimento ocasional para a alma, sem influenciar significativamente o estilo de vida ou os valores a serem praticados durante os compromissos semanais.

Essa frenética mobilidade urbana e digital, além dela ser um resultado cultural do nosso tempo, expressa também a crise da separação do homem da Igreja Doméstica com o homem urbano da Igreja do nosso tempo. Esse rompimento ocorre quando ele deixa de dar sentido e viver o significado dominical do não podemos para o mandamento da obrigação de participar da missa como preceito da Igreja.

Essa observância religiosa gerou uma prescrição externa e não mais interna a ele. E aquilo que era vida, celebrado, testemunhado em comunhão, passou a ser suportado, adiado, ultrapassado e vivido no seu eu. O que mais vale é a intenção pessoal, no seu quarto, no seu íntimo. Só que essa individualidade não é a necessidade interior de viver o Domingo como o dia da libertação, da criação e redenção, da descoberta do sepulcro vazio, mas da contemplação da sua própria inquietação, do seu próprio repouso e não do repouso da criação de Deus.

---

[359] RATZINGER, J., Teologia da liturgia, p. 236.
[360] EN 20.

De certo modo o homem passa a viver o domingo com o seu dever de cidadão, de folga do trabalho, no lazer e o renega a vivê-lo como cristão. Ele inverte a estrutura concebida por São João Paulo II na *Dies Domini* de que, o Domingo é "*Dies Domini*, *Dies Christi*, *Dies Ecclesiae*, *Dies Homini, Dies Dierum*".[361] Ele mesmo estabelece o dia dos dias como *Dies Consumens.* Fruto dessa contingência comercial, o homem adota uma nova existência baseada no consumo, ou seja, "se consumo, logo existo". Essa nova concepção leva-o a buscar compensações e direitos adquiridos: "se trabalho tanto, devo aproveitar o final de semana para curtir". Seu tempo livre torna-se um desafio, uma fuga do cotidiano e uma oportunidade para a contemplação de si mesmo.

O final de semana, portanto, torna-se um tempo favorável para levar o homem dos grandes centros para os pequenos lugares, da frenética mobilidade à tranquilidade merecida; do aprisionamento semanal à liberdade pessoal; no fundo, não é o final de semana responsável pelo deserto dos grandes centros, mas o homem na sua fuga tentando encontrar o "não podemos viver sem".

A Igreja pode ajudar a recuperar o sentido cristão do domingo por meio de diversas abordagens catequéticas que incentivem essa reapropriação. No entanto, ela enfrenta o desafio de não ignorar os significados religiosos, antropológicos, culturais e sociais que o domingo adquiriu na sociedade moderna.

A primeira dela parte da concepção de que para guardar, celebrar e viver corretamente o domingo, é necessário eliminar um mal-entendido fundamental: se o domingo é chamado corretamente de Dia do Senhor, o *Dies Domini*, isso não é principalmente porque é o dia que o homem dedica ao culto do seu Senhor, mas porque é o presente precioso que Deus dá ao seu povo: Este é o dia feito pelo Senhor: alegremo-nos e exultemos" (Sl 117,24). Se não se parte deste pressuposto correto, corre-se o risco de apresentar e viver o domingo em termos moralistas e pagãos, reduzindo tudo a um preceito a ser cumprido. O domingo é, antes de tudo, um dom, uma festa para ser desfrutada. É o dia em que as mulheres encontram o túmulo vazio (Mc 16,2); é o dia em que a tristeza dos discípulos de Emaús se transforma em alegria ao partir do pão (Lc 24,32-35). É o dia em que os discípulos recebem do Ressuscitado o dom de sua paz e do seu Espírito que assegura o perdão

[361] Em 1998, o Papa São João Paulo II escreveu a Carta Apostólica *Dies Domini*, que fala sobre a santificação do domingo. Nessa carta, o Pontífice explica o significado desse dia, destacando quatro aspectos principais: Dia do Senhor, Dia de Cristo, Dia da Igreja, Dia do Homem e Dia dos Dias.

dos pecados (Jo 20,19-23). Justamente o Catecismo da Igreja Católica apresenta o "culto cristão primeiramente como uma bênção de Deus".[362]

De fato, é Deus quem tem algo a dar. Nós, precisamos Dele para conhecer a festa da vida, saindo dos espaços estreitos do egoísmo e da prisão dos nossos ídolos. Uma visão correta proporcionada pela catequese sobre o Domingo também reforça profundamente aquela concepção da missa dominical como a hora semanal a ser dada a Deus, como o dia de louvar a Deus. Por isso, é necessário cuidar da qualidade das celebrações para que ela seja uma catequese celebrada. Isso implica:

> Cuidar que haja clima efetivo de acolhida àqueles que chegam; flexibilizar horários para atender as necessidades dos fiéis; oferecer oportunidade de participar da celebração da Palavra onde efetivamente não for possível a celebração eucarística; incentivar a criação da pastoral litúrgica; valorizar o ministério da celebração da Palavra de Deus; cuidar da qualidade da música litúrgica.[363]

Tudo isso para tornar o domingo o coração da semana e a assembleia litúrgica "a alma do domingo".[364] Promover uma catequese nesse sentido é crucial para afirmar o domingo não apenas como um dia religioso, mas como um dia cristão, o dia da missa e também da missão, pois o novo convertido não se contentará mais em viver para si mesmo, mas para seus irmãos, tornando Cristo conhecido para todos.

Entendendo o domingo como o Dia do Senhor, torna-se mais natural vivê-lo como o dia da comunidade. Um domingo eclesial vai além da simples reunião de fiéis; é uma assembleia que escuta a Palavra e vive a consciência eucarística como um dom. No entanto, surge a questão de como formar uma comunidade como útero do cristão em ambientes urbanos cada vez mais despersonalizados, e como cultivar um sentido de pertencimento em meio à desconexão entre fé, vida e comunidade. Além disso, como favorecer à comunidade o domingo como dia da Eucaristia em situações onde as liturgias dominicais não contam com a presença de um sacerdote?

Incialmente, é preciso compreender que a comunidade não celebra a si mesma. Ela se reúne como convocação do próprio Deus. É Deus quem a chama. Mas como escutar o chamado se o homem dele foge? Dois passos são importantes: um é a flexibilidade pastoral. Como dinamizar a pastoral para que ela seja capaz de

---

[362] CEC 1077-1083.
[363] DGAE 2019-2023, n. 161.
[364] DD 30.

despertar no homem e na mulher do nosso tempo, o sentido da assembleia litúrgica como espaço de oração e não apenas como encontro de fiéis; como oferecer uma catequese adulta para adultos suficientemente plausível para superar a mentalidade da infantilização da fé e do sacramental, ao tempo que possa oferecer um itinerário iniciático no qual esteja o sentimento de pertença, a adesão a fé, seu amadurecimento e celebração, para finalmente, ser testemunhada e vivida no mundo. No fundo, é preciso gerar uma nova compreensão eclesial do Domingo como dia da comunidade geradora de novos cristãos, a fim de que eles sejam cristãos autênticos na sociedade durante a semana e sejam cidadãos adultos na Igreja durante o Dia do Senhor.

Um segundo passo é o de fazer da paróquia um ambiente litúrgico do qual ela se reaproprie da responsabilidade de ser o lugar ordinário da Iniciação à Vida Cristã para nela o homem com as suas variações, relaxamento e fuga do peso da vida quotidiana, reencontre o espaço favorável para ser domiciliado na saudade que tem do Deus da infância. Que rememorize as suas experiências de fé roubadas pelo mundo urbano frenético e possibilite uma nova reconciliação entre a catequese, o domingo e o nosso tempo, tornando-os interdependentes. Para isso é preciso que a catequese ofereça a passagem do inserimento na comunidade para dela se tornar o local da hospedagem do novo cristão.

Nesse sentido, gerará uma nova mentalidade que no domingo eclesial não há patrão, funcionários, servos, consumidores e negociantes. Há sim, filhos, que pelo batismo alcançaram a liberdade. Liberdade essa que somente o Domingo do Senhor pode oferecer, ou seja, a contemplação de Deus na vida pessoal. Há, pois um laço de gratuidade, entrega e doação sem troca e sem negócios. Dessa certeza nasce a convicção que o domingo iniciático leva o homem a não fugir de Deus e se esconder em si, pelo contrário, ele entra cidadão na comunidade e sai cristão para a sociedade. Entra na comunidade, povo de Deus, e sai discípulo no contexto urbano e na multidão anônima, sem perder, evidentemente, a sua identidade.

Uma terceira perspectiva catequética vai na linha de fazer do domingo também o dia da Iniciação. A reapropriação da missão de ser mãe dos novos filhos cristãos pela comunidade faz dela uma assembleia rica de ritos de passagem e celebrações. Oferece a todos e, especialmente àqueles participantes do itinerário da Iniciação um novo êxodo que possibilita passar da idolatria ao único Deus; de si

mesmo para a comunidade, além de constituir um êxodo para acolher a Palavra, constituir a Igreja de Cristo e celebrar o Pão.

Simultâneo a esse nobre gesto a catequese precisa estar atenta para buscar o equilíbrio entre o rito e o seu significado. A hipervalorização da imagem, - símbolo cultural hodierno -, e a desvalorização do símbolo tem proporcionado o esvaziamento dos gestos, de tal modo que a santificação do domingo acabou sendo reduzida, em muitos casos, à simples participação na missa vista como cumprimento do dever de assistir à celebração. Pelo contrário, a catequese deve tornar conhecido o que se celebra para que a liturgia atinja seu curso natural de atrair aqueles que dela tomam parte e se deixam transfigurar e conformar a Cristo. Isso leva a reforçar que os ritos de passagens celebrados durante as celebrações precisam ser internalizados para ter consciência do que se virá a ler e realizar, para depois imitar o que virá a realizar, e consequentemente, como novo cristão, conformar a sua vida com o mistério da cruz do Senhor, sua única razão.

Por essa situação, os ritos não são para embelezar simplesmente a liturgia, pois ela não atrai pela sua espetacularidade, "mas pela força espiritual que se infunde e se respira ao redor de quem dela de aproxima, difunde-se e é reconhecida por meio da vida nova daquelas que a frequentam".[365]

Dessa forma, constitui-se o último aspecto catequético considerado de modo mais realista e frutuoso: o domingo como dia da Eucaristia. Este consiste em fazer com que a catequese aproxime a mentalidade atual daquele sentido histórico no qual a comunidade cristã era formada a partir da Eucaristia. Essa consciência esclarece que ninguém dela participa por simples emoção ou afinidade; é necessário conhecê-la primeiro para depois amá-la e somente assim, pode fazer da "Eucaristia o coração do domingo.[366]

Mas essa vivência eucarística, embora se nutra de forma vertical, se estabelece em nível horizontal quando se torna expressão de comunhão e caridade com os mais pobres e sofredores. Como dizia São João Crisóstomo: "toda vez que vês um pobre... recordai-vos que tendes sob os vossos olhos um altar".

[365] MIDILI, G., O Domingo, p. 45.
[366] NMI 36.

A questão é que nos últimos tempos, esse tema da condição do pobre tem gerado aporofobia[367] na catequese. Há um esforço da Iniciação em levar a pessoa para dentro da comunidade e fazê-la discípula, mas não há a mesma convicção de que ela deve ser a samaritana no meio dos pobres e desesperados. Seria, pois, de grande valia para a catequese e a para própria comunidade que, enquanto se apresenta o domingo como o dia da Eucaristia, também se revisem as práticas pastorais e os encontros catequéticos, com o esforço de repetir as experiências nos tempos ordinários assim como se busca realizar nos tempos extraordinários, como na quaresma. Além disso, celebrar e viver o Dia Mundial dos Pobres seria um passo importante na concretização desse plano. Esse esforço possibilitaria realmente viver a Eucaristia celebrada no prolongamento do altar do pobre.

Por isso a eucaristia deve se tornar um *habitus.* Mas na concepção de que ela não é apenas o alimento diário para o comungante e sim a transformação da sua própria vida numa ceia para os outros, pois, embora cristã, se ela vive na lógica de salvar a própria vida sem as outras pessoas, antes ou depois, viverá contra os outros e em detrimento dos outros. Quem vive só para si mesmo, para o próprio êxito e para o próprio sucesso, também comerá, na comunhão, o corpo do Senhor para si mesmo e não para os outros.

A reapropriação da missão de educador da fé da comunidade pelo presbítero ajudará a Igreja "a levar e a promover uma vida litúrgica genuína, a fim de que possa existir sintonia entre aquilo que a liturgia celebra e o que nós vivemos na nossa existência".[368]

Com isso, o objetivo desse capítulo é alcançado. Sua intenção era apresentar o presbítero como místico e mistagogo, tendo como ponto de partida a liturgia e as suas exigências que lhes são próprias ao exercício e compreensão atual. Concentrou-se, incialmente na busca da identidade da mistagogia para depois constituir o perfil mistagogo do ministro ordenado e a sua respectiva formação, realçando que ela é a partir da oração, da ação, da presidência e da coordenação.

---

[367] Em 1995, a filósofa espanhola Adela Cortina, nascida em Valência, Espanha, publicou um artigo e, pela primeira vez, cunhou, ou melhor, usou aglutinados os termos "áporos" e "fobia". Num dicionário grego, ela encontrou o vocábulo "áporos", que designa as pessoas pobres, sem recursos, e o uniu com sufixo "fobia", muito conhecido entre nós, que significa medo, rejeição dos pobres. ORIOLO, E., Dízimo, p. 51.

[368] FRANCISCO, PP. Visita à paróquia romana de todos os santos no III Domingo de Quaresma.

Em seguida se buscou apresentar como essa mistagogia pode ser conduzida pelo presbítero em um contexto digital, fazendo dele um espaço de abertura e um novo Pentecostes. Desse ambiente externo e virtual, passou-se para uma dimensão mais pessoal e comunitária, tratando de refletir sobre o sacramento da reconciliação na dinâmica da Iniciação à Vida Cristã. A ideia central era discorrer como o presbítero pode ser um místico e mistagogo na vida das pessoas, conduzindo-as ao domingo, como dia do Senhor e centro da comunidade da Iniciação e da Eucaristia.

Deste modo, se conclui um caminho planejado da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresentou uma abordagem mais histórica da Iniciação à Vida Cristã e o contexto no qual o presbítero é chamado a realizá-la; o segundo capítulo aprofundou a dimensão teológica do presbítero, como ministro ordenado e sua relação com os demais ministérios; o terceiro, se propôs a explorar a dimensão mais celebrativa da sua missão presbiteral. Assim, foram contempladas suas dimensões do ser, do saber e do estar em e com. Agora, nesse último capítulo, busca-se apresentar o seu saber fazer. Portanto, ele terá uma abordagem mais pedagógica, como se verá a seguir.

5
A dimensão catequética do presbítero: algumas condições sobre a sua renovada colaboração em um itinerário de Iniciação à Vida Cristã

A proposta deste último capítulo é oferecer uma abordagem mais pedagógica e projetual, com o objetivo de expor algumas condições para a realização da dimensão catequética do presbítero e apontar algumas perspectivas por onde deve caminhar, hoje, a configuração catequética da identidade do ministério presbiteral.

Na sua primeira parte, aborda a relação entre o presbítero, a pessoa e o querigma, explorando alguns elementos específicos desse tempo e buscando pontos de contato com o período do pré-catecumenato. Essa seção é guiada pela categoria da *Martyria*.

A segunda parte se dedica à ação do presbítero na comunidade e ao processo catecumenal. São analisados os principais elementos desse tempo, destacando como ele pode ser o catequista em relação a outros ministérios, não em uma relação sujeito-destinatários, mas cuidando daquilo que é específico à sua missão. Essa seção é guiada pela categoria da *Koinonia*.

Por fim, a terceira e última parte apresenta a missão do presbítero nessa configuração mistagógica, especialmente na interação dos neófitos com a sociedade e nos temas e diálogos emergentes. Essa seção tem como base a categoria da *diaconia*.

5.1
O presbítero, a pessoa e o querigma: elementos dialógicos para a construção da identidade cristã

Nessa primeira parte, se busca recuperar os elementos fundamentais do pré-catecumenato, destacando a missão do presbítero nesse processo inicial. Trata-se de oferecer ao simpatizante um caminho de construção de sua identidade cristã, tarefa que exige do presbítero uma clara consciência catequética e a capacidade de formular perguntas fundamentais como: quem, de fato, está no coração da vida da Igreja? o Evangelho ou a religião? O sofrimento humano ou a questão do pecado? A eficácia dos sacramentos ou a acolhida da pessoa concreta? Essa reflexão conduz à questão fundamental: com qual perspectiva antropológica, cristológica e eclesiológica, o presbítero deve se orientar para promover um processo de

amadurecimento humano e de educação da fé, tanto para os homens e mulheres que já fazem parte da comunidade de fé quanto para aqueles que dela ainda não são membros?

Os pontos dialógicos a seguir, alinhados ao caminho já traçado pela Igreja, orientarão a ação presbiteral nesta missão.

5.1.1
No princípio o amor: o Tu diante do eu

Partindo da compreensão do querigma já apresentada no primeiro capítulo como o "anúncio principal, que sempre se tem de voltar de diferentes maneiras em todas as suas etapas e momentos da vivência da fé";[369] que ele não "é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo",[370] e à luz do RICA, que define o simpatizante como "aquele que, embora ainda não creia plenamente, demonstra inclinação pela fé cristã;[371] convém destacar o amor, a missão, o encontro, o desejo, o simpatizante, o testemunho e a experiência como elementos que permitem ao presbítero envolver toda a comunidade no anúncio do querigma, criando os espaços necessários para que a semente possa germinar e crescer até à maturidade.[372]

O amor do Tu diante do eu como subtítulo dessa seção descreve um tipo de relação proposto por Martin Buber. Para ele essa relação "inclui a atenção perene e

---

[369] EG 164.
[370] DAp 278.
[371] RICA, preliminares n. 12.
[372] Reforçamos a nossa compreensão já dita anteriormente de que a comunidade é a principal responsável pelo anúncio do querigma e não apenas uma pessoa ou grupo específico. Nesse sentido diz o Diretório Geral para a Catequese de 1997: "a catequese é um serviço único, realizado conjuntamente pelos presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, em comunhão com o Bispo. Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável por este serviço. Ainda que os sacerdotes, religiosos e leigos realizem em comum a catequese, fazem-no em modo diferenciado, cada qual segundo a sua particular condição na Igreja (ministros sagrados, pessoas consagradas, fiéis cristãos). Através deles, na diferença das funções de cada um, o ministério catequético oferece, de modo completo, a Palavra e o testemunho da realidade eclesial. Se faltasse qualquer uma dessas formas de presença, a catequese perderia parte da própria riqueza e do próprio significado". Depois apresenta as distinções: os bispos, os primeiríssimos responsáveis, os catequistas por excelência, que assumem a alta direção da catequese na Igreja particular; os presbíteros, pastores e educadores na fé da comunidade cristã, catequista dos catequistas; os pais, primeiros educadores da fé dos seus filhos; os religiosos, a quem a contribuição peculiar à catequese deriva das suas condições específicas, que não poderá mais ser um substituto, nem dos sacerdotes nem dos leigos; os catequistas leigos, que com diversa disponibilidade de tempo, exercitam o serviço a partir do seu enxerimento no mundo. (DGC 219. 222-231).

exclui a manipulação e a exploração".[373] Jesus será aqui o Tu que toma iniciativa na relação com o eu através do encontro.

A pessoa do simpatizante é considerada como "ser que comporta em si mesmo um destino e uma finalidade. É o eterno do temporal, o infinito do finito (...) e tudo isso por causa da liberdade que lhe é constitutiva e o torna sujeito de responsabilidades".[374]

O presbítero, por sua vez, é aquele que oportuniza esse encontro, mas é o próprio Cristo quem deseja relacionar-se com o eu simpatizante, respeitando a sua liberdade própria.

Por isso, ao abordar a dimensão do amor como requisito catequético e elemento da identidade do novo cristão, é salutar partir da visão antropológica como primeiro elemento. A concepção religiosa do mundo entre duas visões limitantes, o sagrado e o profano, o divino e humano, ofereceu especialmente para a catequese uma convicção fundamental segundo a qual o critério de acesso a Deus não é "na relação com o humano, mas na submissão ao divino, mediante a dominação e até a mortificação de tudo aquilo que expressa nossa desastrada humanidade".[375] Essa perspectiva acabou distorcendo a compaixão, a misericórdia e o amor de Deus, pois condicionou a apresentação de Jesus ao simpatizante à forma e representação de quem anuncia do Verbo Encarnado.[376]

Como consequência, o simpatizante se vê pressionado a se submeter a esse mundo religioso com as suas exigências por quem está comunicando. Com isso, não se trata aqui de reduzir o presbítero a mero propagador de um estoque religioso, nem de negar a natureza missionária da Igreja, mas de repensar a condição humana. É preciso considerar a realidade concreta e a experiência pessoal do simpatizante

---

[373] BUBER, M., Eu e Tu, p. 30.
[374] BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 160.
[375] CASTILLO, J. M., A humanidade de Jesus, p. 36.
[376] Tomás Haík traduz essa profundidade de Deus e a experiência que as pessoas têm dele por meio da representação feita por outros da seguinte forma: As pessoas buscaram, primeiro, o Deus "exterior" nos bastidores da natureza e da história. A crítica da religião, que partiu do ponto de vista das ciências da natureza, da descoberta da Teoria da Evolução ou dos novos conhecimentos da história das religiões, significou um verdadeiro terremoto para estas representações tradicionais de Deus, igualmente ancoradas na Escritura e na Tradição. Demonstrou-se que, por trás da realidade, no retirado gabinete do diretor do universo e da história, não existe nenhum Deus. Se Deus existe, então habita numa maior profundidade. O que hoje 60 a 80% das pessoas entendem e imaginam sob o conceito de Deus não existe, graças a Deus - escreveu um dos maiores teólogos católicos do século XX, Karl Rahner. O cristianismo deve à crítica ateia a purificação das caricaturas de Deus, amplamente difundidas. GRÜN, A.; HALÍK, T., Livrar-se de Deus, p. 126.

que deseja, para depois propor um itinerário cujo início está o amor e não o pecado como ponto de partida.

Considerar essa antropologia e cristologia de baixo capacita o presbítero a cumprir sua missão de desvendar a realidade externa da comunidade e a interna e pessoal do simpatizante. Dessa forma, o candidato pode reconhecer a revelação de Deus na Pessoa de Jesus Cristo e no agir do ambiente comunitário que o acolhe, iniciando um processo de autoconhecimento que naturalmente culmina no desejo de abraçar uma nova identidade cristã. Nesse contexto, o presbítero é convidado a repensar o processo de Iniciação para além de um modelo possessivo que apenas impõe sobre o simpatizante o seu próprio olhar cristão. Em vez disso, deve-se oferecer um caminho solidário, no qual o simpatizante, ao fazer sua entrega, encontra-se a si mesmo e, em comunhão com a comunidade, descobre o caminho do discipulado e dessa nova configuração cristã.

Esse itinerário torna-se realizável quando o presbítero transcende a sua visão eclesial e catequética limitada pela pastoral objetiva. Aquela da multidão anônima, do rebanho massificado e da asfixia iniciática que produz discípulos apenas por necessidade da Igreja, e alcança e abraça a "catequese da ovelha perdida", que considera o simpatizante como responsável pelo seu próprio caminho, sua história e favorece um encontro onde se destaca a sua relação ambital e não apenas os sinais de subjetividade e de unilateralidade da comunidade e do candidato em vista de um prêmio sacramental a ser alcançado.

Essa visão exige da Igreja e do próprio presbítero um autêntico espírito missionário, caracterizado pela saída de si mesmo e pelo cultivo de uma cultura do encontro. O anúncio querigmático só floresce nesse ardor missionário. Assim como o desejo de Deus só se acende quando se acolhe as potencialidades e as criatividades dos membros da comunidade. Como bem destacou o Papa Francisco e esse ponto também foi discutido no primeiro capítulo, a paróquia deve ser esse "poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes (...), onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças".[377]

Esse encontro da unidade na pluralidade que o presbítero é chamado a promover, supera a compreensão de que fazer a experiência pessoal com Jesus seja

[377] FT 215.

apenas um ato de proximidade eclesial ou aproximação física. Ao contrário, requer uma verdadeira ascese onde ele e a comunidade paroquial deixem de se preocupar com ganhos imediatos, fortalecendo a "imagem narcisista e de autorreferencialidade para se deixarem atrair pela realidade do solicitante dos valores morais, sociais, culturais, estéticos, religiosos, etc",[378] para finalmente, despertar o desejo pela pessoa do Filho de Deus.

Esse desejo do simpatizante que deve "amadurecer com sinceridade para seguir a Cristo e pedir o Batismo",[379] pode ser trabalhado na comunidade seguindo a compreensão de causa final, marcado pela sua busca do Bem e a da felicidade. Há, portanto, uma finalidade última que toda pessoa humana pretende alcançar, como dizia os Antigos. Mas, esse desejo não é de uma natureza tal absolutamente avessa à racionalidade; pelo contrário, o desejo é próprio de uma natureza que se compõe e participa da razão, diferente do que pensava, por exemplo Sartre, no qual afirmava que o homem é esse ser livre jogado entre a causa inicial e final e, portanto, lhe restava apenas o vazio, causador de sua angústia, enquanto buscava a si mesmo.[380]

O desafio atual para o presbítero é levar em consideração esse desejo, mesmo diante das distorções perigosas que podem ocorrer por parte dos membros da comunidade frequentemente confundindo-o com a necessidade imediata manipulada por propagandas que vendem mercadorias como falsas soluções para a realização momentânea. Essa lógica reduz o desejo a um mero projeto de posse, esvaziando seu caráter projetual, isto é, ao seu dinamismo em direção a um fim maior.

No âmbito eclesial e religioso, essa confusão se reflete em uma pressa iniciática: a comunidade, ansiosa por ver os simpatizantes receberem os sacramentos, muitas vezes negligencia o processo de purificação e amadurecimento desse desejo inicial. Cabe ao presbítero, então, propor uma formação que vá além das necessidades e utilidades imediatas, apontando para o horizonte do encontro com Cristo.

---

[378] PERISSÉ, G., Ele está no meio de nós, p. 36.
[379] RICA, introdução, n. 10.
[380] "A doutrina que vos apresento é justamente a oposta ao quietismo, visto que ela declara: só há realidade na ação; e vai mais longe, visto que acrescenta: o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais que o conjunto dos seus atos, nada mais que a sua vida". SARTRE, J. P., O existencialismo é um humanismo, p. 13.

Para que o presbítero possa lidar com esses desafios de forma eficaz, é fundamental que haja um testemunho autêntico por parte da comunidade – não como discurso, mas como vida que encarna o desejo convertido. Só assim o simpatizante poderá distinguir entre a felicidade ilusória oferecida pelo mundo e a alegria plena que vem do seguimento de Cristo.

Esse testemunho diz São Paulo VI, é "uma evangelização implícita, por onde sempre deve começar qualquer processo evangelizador".[381] É falar de Deus sem falar e, por isso, é uma maneira de suscitar perguntas por parte do interlocutor para depois oferecer gratuitamente a mensagem do Evangelho.

Com essa intenção, o testemunho pessoal e comunitário não se limita a transmitir uma doutrina, mas provocar no simpatizante perguntas existenciais decisivas:

> Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco? E outras perguntas surgirão, depois, mais profundas e mais de molde a ditar um compromisso, provocadas pelo testemunho aludido, que comporta presença, participação e solidariedade e que é um elemento essencial, geralmente o primeiro de todos, na evangelização.[382]

Desse modo, o testemunho autêntico sensibiliza e ajuda o outro a "descobrir" e não simplesmente "aceitar" o que Deus tem a lhe oferecer; ele vai por si mesmo na busca de encontrar suas próprias respostas e realizar sua própria experiência. É chamado a passar do ouvir falar ao experienciar, transformando o relato alheio em convicção íntima: "já não é por causa daquilo que contaste que cremos, pois, nós mesmos ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo" (Jo 4,42).

Embora o testemunho seja indispensável no processo catequético, com o passar do tempo o testemunho precisa ser esclarecido e explicitado por um anúncio claro e inevitável da pessoa de Jesus de Cristo, como afirma São Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*. "Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de

[381] EN 21.
[382] EN 21.

Deus, não forem anunciados".[383] Por isso, "toda evangelização deve ser para o aprofundamento do querigma".[384]

Contudo, para que esse processo seja fecundo, o presbítero deve estar atento a fim de que "a educação e a catequese estejam a serviço deste crescimento"[385], o que exige naturalmente características e atitudes, que conforme indicadas pelo Papa Francisco devem:

> Exprimir o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena.[386]

Todos esses elementos que integram a construção da identidade cristã servem como pressupostos para que o simpatizante faça a sua experiência pessoal com Cristo, não como mera adesão a normas ou acolhida passiva de verdades preestabelecidas, mas como encontro vivo com a salvação que Deus realiza em Jesus Cristo e que se manifesta na existência humana. Desse modo, a catequese oferecida pela comunidade da qual o presbítero é chamado a cuidar, não pode reduzir-se a um ensino abstrato, mas um caminho de Emaús onde a experiência torna-se "um longo processo e através dela o simpatizante aprenda a sentir, desejar, considerar, conhecer ou agir".[387]

Entretanto, não basta apenas essa experiência antropológica sobre o sentido da vida, nem é suficiente viver uma experiência cristã inspirada nos testemunhos contemporâneos entre fiéis e a comunidade eclesial. Também é preciso considerar a família como um dos primeiros ambientes dessa experiência. No entanto, essas duas formas de realizá-la ainda exigem uma terceira, essencial para o presbítero: a experiência da fé bíblica que constitui o próprio anúncio.

Com isso se demonstra que a catequese, destinada a aprofundar e purificar o desejo inicial do simpatizante, deve conduzi-lo de uma atração baseada em experiências empíricas para uma que desperte perguntas sobre um saber e sentir transcendental, isto é, um mistério jamais expresso plenamente por qualquer

---

[383] EN 22.
[384] EG 160.
[385] EG 163.
[386] EG 165.
[387] MORAL, J. L., Cittadinni nella Chiesa, cristiani nel mondo, p. 213.

interpretação, que depende de “linguagens e conceitos e conceitos historicamente situados para descrever experiências humanas universais”.[388]

Obviamente que para o simpatizante percorrer esse caminho precisa confrontar-se com uma realidade formada por uma comunidade de fé. Essa comunidade, por sua vez, já vive sua experiência de fé de maneira objetiva, histórica e cultural e que a transmite para o novo membro a partir de uma linguagem, de símbolos, de conceitos e práticas que revelam o modo de viver comunitariamente a fé pascal.

Por essa razão, é indispensável que o presbítero cultive uma mentalidade formativa em relação à sua paróquia com o objetivo de cristalizar ainda mais esse caminho formativo. Este ponto será aprofundado mais adiante. Por ora, pontuamos o amor, o encontro, a missão, o desejo, o simpatizante, o testemunho e a experiência como elementos que caracterizam esse primeiro momento. Alguns poderiam questionar se não seria pertinente incluir aqui mais uma reflexão sobre a figura do introdutor como um dos sujeitos responsáveis e elementos do tempo do querigma. Contudo, entendemos que ele deve estar inserido entre os demais membros da comunidade e, portanto, visto como parte integrante dela, aplicando-se a ele o mesmo contexto formativo dos demais membros. Isso está descrito no ponto 3.9, que aborda a relação entre o presbítero e o catequista, e no ponto 5.1.3, onde se fala do discernimento pastoral dos catequistas. Em comunhão com os demais ministérios, se busca ali reconhecê-lo como sujeito importante para superar a crise de pertença eclesial.

5.1.2
A mentalidade formativa do presbítero

Uma segunda condição para que o presbítero exerça plenamente sua dimensão catequética de modo projetual, em relação tanto à pessoa quanto ao tempo do querigma, é cultivando uma mentalidade formativa. Isso significa, desenvolver a capacidade de autoformar-se para formar, de catequizar-se para catequizar e de sentir-se iniciado para iniciar. Só assim, como místico e mistagogo, poderá conduzir a outra pessoa para dentro do mistério.

[388] MORAL, J. L., Cittadinni nella Chiesa, cristiani nel mondo, p. 213.

Essa habilidade exige algumas diretrizes fundamentais: a primeira é reconhecer a importância da disciplina de catequética na sua formação inicial e aprimorada depois na sua formação permanente. Muitos presbíteros não vivenciaram um processo catecumenal inspirador em suas comunidades de origem e, agora, encontram-se na missão de oferecê-lo em suas paróquias como responsáveis por essa tarefa. A segunda diretriz refere-se aos membros de sua comunidade, pelos quais ele, em nome do bispo, foi encarregado de cuidar e formar, conforme discutido no segundo capítulo. Uma terceira, remete-se à diferença existente entre formação, educação e evangelização, ao mesmo tempo, entendendo-as como dimensões complementares. Essa clareza é necessária para que, no exercício do ministério presbiteral floresça a convicção do axioma: a Igreja "evangeliza educando e educa evangelizando".[389]

A clareza dessa complementariedade ajuda a resolver a crise conjugal no itinerário formativo da fé, que surge quando os leigos pedem formação, a paróquia a oferece, mas eles não participam. Nesses casos, a formação pode atender às necessidades formativas institucionais da paróquia, mas não alcança o desejo educativo e individual do fiel. Como resultado, os leigos inicialmente começam a participar, mas não perseveram, revelando uma desconexão entre expectativas iniciais e realidade.

Cabe ao presbítero, então, gerir com habilidade esses processos, iluminando os desafios atuais e organizando as atividades complexas, exigentes, diferenciadas e heterogênicas de seu ministério, sempre com o objetivo de transmitir a fé. Entretanto, quando se fala de formação no âmbito da Iniciação, a questão não é tão simples quanto parece. Muitas vezes, a preocupação se limita à formação dos catequistas, que é importante, porém, não deve ser exclusiva, enquanto a dos seminaristas e presbíteros em relação a esta dimensão acaba negligenciada.[390]

Por outro lado, essa realidade não se pode atribuída apenas a uma mentalidade do passado, em que o presbítero era visto como a fonte de todo saber, acima dos demais fiéis, nem a uma época em que a evangelização era menos complexa. Para

[389] DC 179. O documento faz também referências a DGC 147; GE 1-4; CT 58.
[390] Por formação aqui entende-se " Um percurso que habilita para o exercício de uma dimensão da vida, tendo como sujeito a própria pessoa e como finalidade sua transformação ou aquisição de competências. Um caminho fruto da interiorização compartilhada entre participantes e formador, marcado por um estilo de busca e convivência comunitária. Um processo que se desenvolve por meio das linguagens próprias da cultura". MEDDI, L., Formare cristiani adulti, p. 11.

reverter esse cenário, o primeiro passo é o próprio presbítero reconhecer sua necessidade contínua de formação e, a partir disso, identificar as demandas formativas da comunidade e dos catequistas.

Este desafio surge do contraste entre a paróquia ideal, sonhada durante todo o período da sua formação inicial, e a paróquia real, onde o ministério é exercido. Esse confronto gera ao longo da vida presbiteral, bloqueios em reações diversas diante da formação. Independentemente das particularidades eclesiais, essas reações podem ser resumidas da seguinte forma:

> Os presbíteros mais velhos admitem com facilidade sua incapacidade em gerir esta tarefa – a formação -. Mas, situações análogas vivem muitos sacerdotes "mais jovens". Os sacerdotes de "segunda nomeação" (depois dos 50 anos) geralmente se limitam a gerir a missão como uma das atividades, evitando envolver-se diretamente. Os "padres jovens" buscam inspiração em movimentos ou líderes, construindo a catequese com base em relações pessoais - um modelo que pode enfrentar desafios em caso de suas transferências.[391]

Essa análise revela que falta ao presbítero competência para articular seus processos sonhados com a prática, dificultando o reconhecimento das exigências formativas no contexto paroquial. Dois fatores explicam essa realidade:

O primeiro corresponde à própria complexidade da evangelização atual.[392] Antes, a sociedade e a cultura eram homogêneas, onde se respirava um cristianismo puro, herdado tradicionalmente. E a fé era critério decisivo para a escolha de qualquer opção que o homem viesse a ter. Ao interno da comunidade e na catequese, bastava-se o saber teológico, sem se preocupar com outras ciências e metodologias a serem utilizadas. Apenas o catecismo e as aulas de catequese preparatórias para os sacramentos eram suficientes para quem desejava fazer a experiência com Cristo, seguindo o exemplo dos pais.

Hoje, porém, surgem novas exigências de conhecimento e habilidades. Encontrar caminhos adequados para conduzir os fiéis tornou-se um desafio diante da complexidade e diversidade própria do contexto atual. Por isso, a Igreja busca novos meios de evangelização, mantendo sua missão de anunciar o Evangelho, mas também, de auxiliar no conhecimento e amadurecimento da fé daqueles que desejam aprofundar a pertença a Cristo e a comunidade.

---

[391] MEDDI, L., Formare cristiani adulti, p. 35.
[392] MONTISCI, U., Il prete e la catechesi, p. 146.

Desta consciência nasce, nos dias correntes, um discurso unívoco acerca da necessidade de fazer a passagem de uma formação centrada na sacramentalização à uma formação que privilegia a evangelização. De uma formação cognitiva à uma formação relacional, saindo do conteúdo teórico, - que tem a sua devida e particular importância -, para a inserção na vida comunitária. Daqui a insistência, sobretudo, a partir do Concílio Vaticano II, da Igreja privilegiar a Iniciação à Vida Cristã e a formação contínua de inspiração catecumenal, como "um eixo central e unificador de toda a ação evangelizadora e pastoral".[393]

Um segundo motivo corresponde à necessidade de uma mentalidade formativa do presbítero sendo consequência do primeiro. Ele agora se vê diante do desafio e complexidade da evangelização em uma mudança de época e precisa encontrar, por intermédio da Iniciação, meios necessários de acordo com a realidade dos interlocutores, sem perder, contudo, a essência da mensagem imutável do Evangelho.

Tal mudança exige do presbítero uma reflexão catequética, capaz de repensar a "reconfiguração da comunidade ao interno do processo evangelizador da Igreja, bem como, da prática pastoral desenvolvida em seu meio".[394] É preciso reconhecê-la como um ato relacional, que prioriza o encontro pessoal com Jesus Cristo mais do que um mero conhecimento, e também como um ato comunicativo, que valoriza as pessoas acima do conteúdo em si. Naturalmente, isso coloca em destaque o conhecimento do presbítero, adquirido por meio de sua formação inicial e permanente.

No Brasil, por exemplo, o Diretório Nacional de Catequese reforça essa relevância da formação catequética do seminarista, diácono e presbítero, ao destacar sua necessidade em função do ministério da evangelização e da catequese. E que no seminário o estudo da catequética e da prática seja acompanhado adequadamente, o que depois virá fortalecido com a atualização e participação em cursos, encontros e revisões de caminhada. Recorda ainda que esta formação tenha presente uma catequese renovada, atualizada, dinâmica, com clareza da finalidade, identidade, critérios, interlocutores, âmbitos, conteúdos, métodos da catequese.[395]

---

[393] CNBB, Doc. 100, 76.
[394] MONTISCI, U., Il prete e la catechesi, p. 148.
[395] CNBB, Doc. 100, 284-285.

As diretrizes para a formação dos presbíteros, ainda sugere o ano pastoral com o intuito de "oferecer ao seminarista um espaço de preparação prática e sistemática no campo da evangelização e missionária (...), assumindo responsabilidades de animação, coordenação, construção da comunidade, enquanto animador de comunhão e missão".[396]

Ao tratar da formação permanente a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* também insiste que, entre os estudos de especializações, a Igreja também dê iniciativas a formações específicas, entre estas, a da catequese.[397]

Como se viu, apesar dessas diretrizes legitimarem a necessidade da formação catequética dos futuros e atuais presbíteros, a prática muitas vezes é diferente. Isso por que muitos acreditam que uma "atualizada preparação teológica seja suficiente a garantir uma fiel comunicação da Palavra de Deus ao homem de hoje; pensam, pois, que o estudo da teologia especulativa assegura sozinha a formação do catequista".[398] Um outro aspecto envolve a própria incerteza "sobre a identidade da catequética como disciplina a ensinar e aprender" em Institutos e Universidades.[399]

O resultado é o risco dos presbíteros, especialmente párocos e responsáveis, estagnarem-se em modelos tradicionais esgotados, conformando-se com a multidão de batizados não evangelizados, transformando uma comunidade enrijecida de frente a um sinal vermelho, sem esperança e sem vida, deixando tudo como está, para ver como fica.[400]

Por isso, a Iniciação à Vida Cristã só frutificará se o presbítero reconhecer sua própria necessidade de formação catequética. Sem uma mudança de mentalidade, a estrutura paroquial dificilmente se renovará. Por essa razão, ele deve iniciar por si mesmo, assumindo a capacidade de pôr em prática o seu desejo de formação da comunidade, decidindo por um processo de auto formação, composto de informações teóricas, análises de propostas e modelos, experimentações e habilidades. Mas também através da sua própria interioridade, afrontando o próprio mundo interior com coragem na certeza de que um aprofundamento das próprias

---

[396] CNBB, Doc. 100, 184-185.
[397] CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, O dom da vocação presbiteral, n. 185.
[398] GIANETTO, U., Formazione catechetica del futuro sacerdote, p. 325. Vale destacar a distinção feita por Luciano Meddi: "A prática da fé é, de fato, o exercício da vida cristã. Enquanto a teologia analisa os conteúdos em diálogo com os contextos culturais, a catequética investiga as condições pastorais e pessoais - daí decorre sua tarefa pedagógica". MEDDI, L., La catechesi oltre il catechismo, p. 166.
[399] GIANETTO, U., Formazione catechetica del futuro sacerdote, p. 327.
[400] LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 250.

dificuldades, “o leva, não a condenação, mas, a libertação interior, fazendo se reequilibrar nos percursos formativos recebidos no seminário, com as funções agora desenvolvidas na vida presbiteral”.[401]

Este autorreconhecimento permitirá ao presbítero decidir pelo significado da formação em um contexto de comunhão, corresponsabilidade e colaboração, aceitando sugestões e indicações dos demais membros. Assim, ele poderá discernir com prudência os carismas e ministérios que podem ser fortalecidos e amadurecidos, como também colocados a serviço da comunidade.

Dessa forma, a catequese se torna um ato relacional e deixa de ser apenas uma compreensão objetiva do sacramento, transformando-se em um espaço de experiência pessoal e comunitária, no qual o paroquiano é convidado a agir. Esse alcance permite uma prática complementar: o simpatizante compreende que seu desejo deve estar em sintonia com a necessidade da Igreja, e esta, por sua vez, ajuda a construir sua identidade como cristão. De tal maneira, a Igreja se torna uma extensão de sua casa, e o seu lar torna-se o espaço onde o Evangelho é vivido.

Esse é o resultado esperado quando a formação e a catequese sacramental, antes ocasionais e pontuais, tornam-se um processo contínuo, um itinerário capaz de responder tanto às demandas institucionais quanto às demandas pessoais. Por isso, é importante que o presbítero escolha e avalie com discernimento os catequistas que, representando a comunidade e a Igreja, assumirão essa missão.

5.1.3
O discernimento pastoral na escolha dos catequistas

Faz parte da missão do presbítero fortalecer a catequese querigmática por meio de uma escolha criteriosa dos catequistas da comunidade. Essa escolha reflete sua maneira de cuidar do querigma e zelar pelas pessoas em processo de Iniciação, confiando em pessoas cujo testemunho seja reconhecido pela comunidade.

Como visto no capítulo anterior, o presbítero deve manter uma relação próxima com a coordenação de catequese. Já no segundo capítulo, se abordou a sua missão de pastorear e reconhecer o ministério de catequistas, seguindo os critérios para escolha dos catequistas, conforme propostos pelos documentos oficiais da Igreja. Neste último ponto, porém, o objetivo é descrever como o presbítero pode

[401] MEDDI, L., Formare cristiani adulti, p. 32-33.

agir, pastoralmente, no chamado e no discernimento dos membros desse grupo. Trata-se de suscitar vocações, valorizando espaços e experiências sinodais em vista da facilitação dessa escolha e mostrar como ele forma, acompanha e cuida dos cuidadores responsáveis pelo aprofundamento e amadurecimento do desejo inicial do simpatizante.

Para um pleno discernimento pastoral da escolha dos catequistas implica pensar o local, as pessoas, os valores, e o tempo como requisitos desse processo. Ele precisa ser realizado no exercício do conhecimento, da experiência, dos afetos e da vontade.

> O discernimento não requer apenas uma boa capacidade de raciocinar o sentido comum, é também um dom que é preciso pedir. Se o pedirmos com confiança ao Espírito Santo e, ao mesmo tempo, nos esforçarmos por cultivá-lo com a oração, a reflexão, a leitura e o bom conselho, poderemos certamente crescer nesta capacidade espiritual.[402]

Esse dom cultivado para a escolha não se reduz agora a um cálculo, a uma lógica dedutiva, a uma discussão ou a uma simples pesquisa de opinião sobre a vida do catequista. Também não significa fazer uma escolha apenas pela soma de discernimentos individuais, mas sim fazer com que a comunidade se reconheça como um organismo vivo, onde seus membros criam uma comunhão de coração capaz de expressar seja a vontade de Deus para aquela comunidade seja o amor de Deus derramado sobre a vida da pessoa em questão.

Em relação ao local, como espaço de construção da identidade cristã e vínculo pessoal com a comunidade de fé, o presbítero é chamado a repensar esse cenário em sintonia com a cultura digital. Ao mesmo tempo que a inteligência artificial e os demais meios tecnológicos oferecem esse *habitat* formativo, ele precisa discernir que um dos passos significativos é o sentimento de pertença que esse possível catequista oferece e mantém com a comunidade local e diocesana. O catequista é uma pessoa de comunhão eclesial e caminha com a Igreja, ao passo, que a sua vida se torna uma imitação da vida de Jesus Nazareno, e sua cruz pessoal se torna um sinal de esperança para todos que buscam um sinal de libertação.

Essa perspectiva leva a compreender o local como espaço geográfico com suas periferias, como espaço existencial onde as pessoas com as suas dores, pobrezas, angústias, vazios e perdas de sentido, são catequizadas. Bem como,

---

[402] GeE 166.

espaço eclesiológico, onde o presbítero identifica que o catequista é chamado a servir na Igreja e não no seu local escolhido pessoalmente e anualmente.

Essa lógica leva a repensar os números e a distribuição dos catequistas. No Brasil há um fenômeno em relação ao índice de estabilidade dos catequistas veteranos ou atuantes. Eles perseveram e contribuem positivamente por um longo período em suas comunidades, mas se acostumam com o mesmo local e correm o risco de não se preocuparem com a formação permanente. Segundo eles, a justificativa é a de que o saber e a experiência adquiridos já são extremamente suficientes. Enquanto que, os catequistas iniciantes ou de recentes indicações possuem um índice de mobilidade muito alta o que reflete na descontinuidade de um planejamento horizontal da catequese ou, de modo positivo, vão a outros lugares onde os primeiros não se dispõem a irem ou faltam pessoas disponíveis.[403] De tal forma, isso ainda reforça os processos de identificação de Igreja-paróquia-comunidade e a catequista de sempre.

Talvez isso revele a realidade da laicização da catequese como serviço da palavra entregue praticamente aos leigos. Com essa atitude do presbítero em se preocupar com a escolha pastoral dos catequistas espera-se que supere o nomadismo sacramental onde ele se vê somente como técnico do culto, percorrendo de presbitério em presbitério, enquanto o anúncio e o cuidado da catequese sejam assumidos pelos catequistas e a comunidade local.

Quanto aos valores e tempos da escolha dos catequistas é preciso evidenciar algumas premissas no sentido verdadeiro para que se possa realizá-las. A primeira delas se refere evitar as desilusões de experiências falidas em outros territórios paroquias que não justificam começar em uma outra realidade ou território. Todo começo de experiência desenvolve um fascínio e um ceticismo. É preciso o presbítero saber mesclar esses dois sentimentos para que não venham embaraçar o sentimento inicial de entrega do catequista. Isso corresponde a dois níveis principais da sua vida. O primeiro de conceber o estágio espiritual de um catequista experiente

[403] CNBB, Doc. 100, 235. O mesmo documento no número 220, reforça a importância de formar catequistas e introdutores capazes de sair de si mesmos e ir ao encontro das "periferias existenciais", reconhecendo, nesse encontro, as pessoas marcadas por diversas formas de conflito, carência e injustiça. Destaca-se, assim, a grande quantidade de pessoas em situações específicas de fragilidade: doentes, portadores de HIV, pessoas em situação de prostituição, presidiários, dependentes químicos, divorciados, recasados, pessoas homoafetivas, entre outras. Cabe a cada Igreja local identificá-las, acompanhá-las com misericórdia e paciência, nas etapas possíveis de crescimento, construídas dia após dia (EG 44), no caminho da caridade (AL 308).

na caminhada eclesial. Um outro é acompanhar aquele que está se aproximando da comunidade de fé e ainda a enxerga composta de pessoas cujas intenções são materiais, egoístas, manipuladoras e não transcendentais.

Para essa pessoa e todas as demais, especialmente os membros do Conselho de Pastoral Paroquial, o presbítero deve auxiliá-las a chegar no estágio de vida espiritual onde reine a reconciliação com o amor divino e manifeste "o radical seguimento a Cristo e a experiência refletida do Cristo Pascal".[404] Tal atitude favorece as pessoas em questão um caminho para que elas alcancem, pessoalmente, uma maturidade eclesial e "sejam capazes de libertar-se das próprias vontades, dos próprios argumentos e dos próprios desejos".[405]

O resultado dessa fase de vida espiritual é consequência da maturidade humana segundo a qual todo catequista precisa ter presente como uma de suas dimensões formativas: "o ser e o saber estar com."[406] O equilíbrio desse mundo externo com o interno o ajuda a evitar a burocratização da catequese e o ativismo desgastante do agir pastoral. Por isso, uma excelente escolha faz com que a comunidade transforme a sua imagem e tenha no centro o Evangelho que é uma pessoa: Jesus morto e ressuscitado. Usufrua de uma catequese capaz de transformar vidas, envolva os pais e os responsáveis, encante o mundo adulto pela pessoa do Filho de Deus e supere esse tempo como obrigação, ficheiro de normas que sufocam a vida ressuscitada ou se equipare a "uma câmera de tortura".[407]

Portanto, o discernimento pastoral na escolha dos catequistas exige a perda da pressa, ou melhor, a cura da comunidade dessa doença da pressa. Isso porque devido ao acúmulo de atividades e compromissos pastorais assumidos pelo presbítero no quotidiano pastoral, este sensível e exigente trabalho passa ocasionalmente despercebido. Nem sempre suas energias são gastas no pensar ou repensar sobre a escolha daqueles que assumirão um ministério tão importante. Consequentemente, o resultado é, habitualmente, um empobrecimento do processo e uma desvalorização da autoformação dos mesmos, que se colocam, inicialmente, à disposição. Neste sentido, o discernimento se torna um critério indispensável e delicado, pois, se não faz uma acurada escolha pode-se improvisar alguém para a

[404] RUPNIK, M. I., O discernimento, p. 192.
[405] RUPNIK, M. I., O discernimento, p. 193.
[406] DC 139-150.
[407] EG 44.

função, ou simplesmente, aproveitar a boa vontade de alguns, sempre disponíveis, mas já sobrecarregados em outras atividades, movimentos ou grupos pastorais.

Vale dizer que esta emergência pastoral não substitui a qualidade e a urgência do itinerário. Ao contrário, pode desencantar aqueles desejosos de iniciar ou recomeçar um processo, internalizando, especialmente nos últimos, a indagação de que este modo de falar da fé é a mesma escutada por eles quando eram crianças, ou mesmo, não corresponde mais as intenções e situações "adultas" dos seus corações. Com outras palavras, se o presbítero não possui a ponderação na escolha dos catequistas,[408] pode acontecer de sonhar um itinerário catecumenal e, na realidade, acontecer uma catequese tradicional, centrado no conteúdo e no discurso do medo e do cumprimento de metas, sendo o oposto de uma proposta de educação para a vida, na liberdade e interioridade da resposta à luz do Evangelho de Cristo como regra de vida.

Obviamente quem conduz a Igreja é o Espírito Santo. Mas todo corpo não é feito só de músculos, de nervos, de movimentos, há também um esqueleto, uma estrutura, uma cabeça. Essa cabeça necessariamente precisa do corpo e todos esses membros formam uma unidade cuja estrutura é diretamente proporcional ao sentido e peso pastoral que ela exerce.

Nessa concepção holística, integral e sinodal se pensa como realizar o discernimento pastoral comunitário em questão,[409] tendo presente o exercício do conhecimento, da experiência, dos afetos e da vontade. Antes de tudo o presbítero retoma brevemente a metodologia da Conversa no Espírito lembrando a importância da escuta atenta de uns aos outros, o tempo de dois minutos para a partilha de cada participante e a função do secretário.

> O Secretário tomará nota dos principais pontos das duas primeiras rodadas, identificando os consensos e as discordâncias e apresentará no início da terceira rodada. Na terceira rodada, o grupo discernirá a partir dessas anotações e do que foi partilhado e responderá à questão: o que o Espírito nos diz? Como ou para onde nos conduz? O secretário elaborará uma síntese apenas com as reflexões da terceira

[408] Valer ressaltar que, na linguagem de catequese com estilo catecumenal cresce aos poucos a valorização da figura do introdutor, aquele que tem a missão de introduzir e acompanhar o simpatizante ou catequizando ao longo do processo de Iniciação e de sua inserção na comunidade de fé.

[409] Seguimos aqui amplamente os elementos indicados por M. I. Rupnik em seu livro, O discernimento, especialmente nas páginas 195 a 197. Recordemos também o perfil mistagógico descrito no capítulo anterior onde se mostrou e relação do presbítero com os catequistas nos três estágios espirituais: purgativo, iluminativo e unitivo.

> rodada e apresentará ao grupo para a aprovação, esta não deve ultrapassar uma página".[410]

Após a invocação ao Espírito Santo e a escuta do trecho bíblico escolhido, o presbítero convida a comunidade ou o grupo específico para a conversação. Ele propõe a primeira rodada, na qual cada membro partilha o fruto da sua oração (pensamentos e sentimentos) em relação à questão levantada. Isso é feito de forma livre e aberta. Após todos os membros partilharem suas reflexões, o grupo faz dois minutos de silêncio orante.

Em seguida, o presbítero propõe a segunda rodada, indicando o objetivo deste passo. Partilhar: o que mais me impressionou da escuta da primeira rodada e como me sinto em relação ao que foi partilhado. Nesta rodada não se acrescentarão novos aspectos. Após todos os membros partilharem suas reflexões, o grupo faz mais um silêncio orante.

No terceiro momento, o presbítero convida o secretário a fazer uma breve apresentação dos principais pontos das duas primeiras rodadas indicando as concordâncias e discordâncias. E imediatamente propõe a terceira rodada: Os participantes partilham sobre o que os tocou mais profundamente. Pode-se perguntar: o que o Espírito nos diz? Como ou para onde nos conduz? Cada membro do grupo terá disponível sempre ~~os~~ dois minutos para partilha.

Após esse momento o presbítero convida o secretário para apresentar a síntese ao grupo, que deverá ser aprovada. Este momento é importante, pois mesmo aqueles que viram mais desvantagens do que vantagens nessa decisão, no final aderem a ela, fazendo-a sua, o que constitui um verdadeiro exercício espiritual. Em caminhos como esses, ou semelhantes, uma comunidade pode chegar à certeza de que "o Espírito Santo e eles decidiram" (At 15,28).

Esse é o objetivo, portanto, do discernimento pastoral na escolha dos catequistas como também daqueles que no processo de Iniciação à Vida Cristã podem ser chamados de introdutores. Estes sendo "um homem ou uma mulher conhece o simpatizante, o ajuda e é testemunha dos seus costumes, da sua fé e desejo".[411] Sua missão não se confunde com aquela do padrinho, nem a substitui, mas deve ser compreendida e localizada entre o simpatizante e o catequista, entre o catecúmeno e a comunidade. É aquela pessoa que está presente desde os primeiros

[410] ALVES, J. A. G.; LÓPEZ, O. M., Conversa no Espírito, p. 108.
[411] RICA 42-43.

passos do caminho de fé do catecúmeno: depois de o conhecer, de ter sido interlocutor atento dos seus desejos e expectativas e de ter criado uma relação de confiança e respeito, segue-o espiritualmente na busca de Cristo.

O reconhecimento oficial desse serviço é urgente e necessário para a catequese de inspiração catecumenal, tanto na participação afetiva que ela possui para a vida da comunidade quanto da missão do presbítero, pois ele gera um sentimento de pertença entre o simpatizante e a comunidade, auxiliando na superação do indiferentismo, frieza e distância com aqueles que se sentem excluídos do âmbito da fé.

A presença desse sujeito, a participação dos demais e as iniciativas esperadas pelo presbítero colocam a paróquia em um movimento iniciático permanente dentro de um espírito sinodal e, por isso, ajudam a "identificar elementos que possam favorecer a evangelização e o crescimento humano e espiritual"[412] dos participantes ou daqueles que desejam ou ainda não aderiram ao caminho do discipulado.

Esta missão compartilhada, portanto, possibilita realizar o sentido próprio da Iniciação, refletindo o rosto da comunidade como uma ação acompanhada, integrada e harmoniosa, em sintonia com o projeto pastoral paroquial e diocesano. Não se trata, portanto, de uma atividade paralela ou separada, como se fosse um movimento autônomo e indiferente, mas sim de um reflexo autêntico da própria comunidade. Dessa forma, ao assumir a oportunidade de compartilhar sua missão na escolha dos seus catequistas, a comunidade enriquece-se na soma do testemunho e da comunhão. Enquanto ela se sente responsável na escolha dos catequistas, esses se sentem instigados a corresponder com os anseios e o sentimento de confiança depositados pelos seus membros. Assim, comunidade, catequistas e presbíteros não são desconhecidos, mas irmãos corresponsáveis de único serviço: anunciar Jesus Cristo. Não são independentes servindo avulso à uma empresa em vista da quantidade de sacramentos celebrados, mas companheiros de caminhada onde o sentimento de todos é chegar juntos à comunidade reunida.

[412] AL 293.

5.1.4
O cuidado da formação permanente dos catequistas

O critério sinodal na escolha dos catequistas é acompanhado do cuidado permanente em formá-los adequadamente. Essa escolha traz consigo a urgência de definir que tipo de formação eles realmente necessitam hoje, evitando que o ardor despertado pelo anúncio da fé se perca no simpatizante. Mas qual seria, então, o modelo formativo mais adequado para enfrentar os desafios da educação na fé, capaz de auxiliar o catequista não apenas a desconstruir seus esquemas de significado, mas também a reconstruir suas perspectivas de maneira transformadora?

Para responder a essa questão, é preciso partir do contexto em que o presbítero e o catequista estão inseridos.[413] O primeiro aspecto a ser considerado é a complexidade de nossa época, marcada pela emancipação dos processos comunicativos, que ampliaram a função e o poder do conhecimento. Esse fenômeno deslocou os espaços tradicionais de socialização do saber, lugares de memória, enquanto espaços antropológicos, para os chamados "não-lugares" das ferramentas digitais, onde novas memórias são construídas.

Essa realidade é central para compreender a dinâmica formativa do catequista. Se o presbítero não reconhecer suficientemente as exigências do nosso tempo, poderá correr o risco de propor uma formação inadequada: unilateral, ocasional, excessivamente centrada em conteúdos e voltada apenas para objetivos, em vez de uma formação por competências, como se propõe aqui. Por isso, o Diretório para a Catequese reforça essa necessidade ao destacar que a formação dos catequistas deve ser coordenada em vista dessas várias dimensões, com organicidade, sistematicidade e completude evitando ser "consideradas independentes umas das outras; mas bem pelo contrário, sejam consideradas em profunda correlação, uma vez que são aspectos da unidade indivisível da pessoa".[414]

---

[413] O contexto aqui é compreendido como a comunidade hermenêutica, *o habitat*, onde se desenvolve a atitude peculiar do catequista, que vive e atua em meio à fragmentação dos significados. Tal postura não busca simplesmente oferecer respostas a quem se agrupar por medo diante do relativismo, mas a educar a pergunta pelo sentido da vida. Trata-se de orientar o indivíduo a uma escolha livre, responsável e forte, capaz de expressar um significado assumido de forma consciente. SORECA, S., La formazione di base per i catechisti, p. 36.

[414] DC 137.

Nesse sentido, a formação promovida pelo presbítero exige naturalmente novos métodos que não se limitem à "conservação das formas" e à manutenção do sistema, mas que coloque a pessoa no centro. Mais do que isso: "que não movam ao doutrinamento e amestramento, mas para a mobilização de todas as forças da alma; que não consideram o educando como um sujeito passivo, mas ativo".[415]

Desse modo, busca-se um novo modelo formativo que permita ao catequista adquirir novos resultados, desenvolver posturas renovadas, adquirir novas competências e assimilar uma nova lógica de aprendizagem mais dinâmica, uma que valorize sua experiência pessoal como critério ativo e qualitativo para sua própria transformação. Trata-se de um modelo laboratorial, no qual ele aprende fazendo, abandonando a estrutura rígida da "sala de aula" tradicional e adotando, em seu lugar, a imagem do "canteiro de obras" – um espaço de construção coletiva e experimentação ativa.[416] Tal modelo, dito com outras palavras, garante que todos os envolvidos – os catequistas em suas diversas atividades – não sejam vistos meramente como destinatários passivos, mas como interlocutores ativos e co-criadores do processo. Isso porque ele integra as dimensões fundamentais da formação humana, considerando não apenas o aspecto cognitivo, mas também o relacional, o espiritual e o prático. Desse modo, a formação deixa de ser uma transmissão unilateral de conhecimentos e se torna um caminho partilhado, no qual cada catequista é convidado a crescer em sua missão de maneira integral e engajada:

> O laboratório adota uma escolha de formação como transformação. Trata-se de um processo formativo que considera as três dimensões da pessoa (o ser, o saber e o saber fazer) e visa, mais do que acumular conhecimentos ou competências, tornar as pessoas conscientes, capazes de conhecer a si mesmas e a realidade, e aptas a projetar ações pastorais. O laboratório é, portanto, um espaço formativo de encontro entre o saber e o saber fazer, bem como entre a idealização e a capacidade de planejamento. Juntamente com o estágio, propõe-se como um ambiente especificamente organizado para integrar os diversos elementos do conhecimento e da experiência. Não tem como objetivo tornar as pessoas especialistas em um determinado tema ou setor, mas capacitá-las a atuar por meio da aquisição de habilidades variadas, provenientes de diferentes disciplinas.[417]

---

[415] PAGANELLI, R., Formare i formatori dei catechisti, p. 296. (*tradução nossa*)
[416] MONTISCI, U., Il presbítero e la catechesi, p. 156-157. Em síntese, o laboratório propõe três fases: a primeira, dedicada à expressão das experiências vividas pelos participantes; a segunda, voltada ao aprofundamento por meio do acesso às fontes da fé; e a terceira, marcada pelas reimpressões geradas nos próprios participantes.
[417] BIEMMI, E., Compagni di Viaggio, p. 9.

À luz desta impostação formativa, a metodologia laboratorial tem como fundamento a experiência enquanto base da aprendizagem. Essa abordagem valoriza não apenas o fato em si, mas a reflexão crítica sobre o impacto emocional e transformador que ele gera na pessoa. Afinal, uma experiência só se torna formativa quando envolve tanto a dimensão afetiva, o sentir, e a dimensão cognitiva, o compreender. Em sua essência, a verdadeira experiência ocorre quando, seja no plano interno ou externo, o indivíduo busca perceber, conhecer e agir. Esse processo elementar engloba: ver, ou seja, observar a realidade, sentir, conectar-se afetivamente com a realidade e fazer, isto é, agir concretamente.

No entanto, é importante destacar que uma experiência autêntica não se reduz a apenas uma dessas dimensões. Por exemplo, não basta imaginar uma ação sem sentir seu significado ou realizá-la na prática. Da mesma forma, uma emoção passageira que não leva à reflexão ou à ação concreta não constitui, por si só, uma experiência formativa. O laboratório, portanto, propõe-se como um espaço onde essas três dimensões, percepção, afeto e ação, se interligam de maneira orgânica, gerando um aprendizado verdadeiramente transformador.

Neste sentido, o grupo de catequistas se constitui como verdadeira comunidade de prática, onde se escuta, se orienta, se acompanha, internaliza e personaliza o próprio processo de aprendizagem transformativa. Faz da comunidade paroquial seu próprio *habitat* hermenêutico[418] capaz de interpretar-se e propor um novo significado e uma nova perspectiva à experiência de fé dos demais membros.

Ao interno desse contexto cabe ao presbítero, portanto, como promotor da formação dos catequistas e da comunidade, a perspicácia em fazer deslizar nestes ambientes uma dupla sensibilidade formativa: a primeira, cultivar o sentimento da empatia, isso significa: introduzir nos espaços de formação uma dinâmica relacional que valorize a escuta e o diálogo; situar o processo formativo na intersecção entre fé, cultura e sociedade, evitando um enfoque meramente doutrinal; priorizar uma pedagogia experiencial e laboratorial, onde o conhecimento nasce da reflexão sobre a prática pessoal e comunitária.

[418] A pergunta sobre a educação enquanto comunidade insere-se, de modo particular, no dinamismo da 'comunidade hermenêutica', consciente de que a compreensão do Evangelho não se dá de forma definitiva. Por isso, essa comunidade o reexprime, o interpreta continuamente e se deixa plasmar por ele. Nesse processo, constrói-se socialmente a realidade no médium comunicativo. NOCETI, S., Educare nella Comunità Cristiana, p. 83.

A outra sensibilidade é o presbítero assumir uma tarefa comunicativa como mediador meta e circular, ou seja, chamado a manter-se dentro da comunidade como membro ativo, mas também com ela se conduzir como místico mistagogo em destino ao Mistério; promover uma comunicação que não impõe, mas provoca autonomia, transformando "a catequese em verdadeiro ato comunicativo";[419] criar um ambiente onde os catequistas elaboram significados, reinterpretam suas experiências e projetam novas formas de atuação em vista de uma meta maior, capazes de transcenderem-se a si mesmos e a realidade enquanto grupo simplesmente humano, e transformando-se em pessoas livres, discípulas, místicas e mistagogas.

Além da importância de manter um cuidado especial com a formação permanente dos catequistas, garantindo sua qualidade, é fundamental considerar duas outras dimensões: a necessidade de um dispositivo formativo eclesial adaptado ao nosso tempo e a análise das resistências formativas presentes na comunidade.

Para iniciar, retomar ou aprofundar um processo formativo, o presbítero deve, antes de tudo, avaliar as resistências à formação entre seus interlocutores, verificando se a cultura organizacional da comunidade paroquial está alinhada com esse propósito. Em certa medida, já foi mencionado o desânimo do clero nesse aspecto, como destacado no argumento anterior sobre sua mentalidade formativa. Nesse contexto, porém, é essencial recorrer ao princípio teológico da relação entre fé e cultura, expresso no dinamismo da aculturação e inculturação, conforme apresentado em *Gaudium et Spes*.[420] Essa abordagem não apenas ajuda a superar barreiras, mas também assegura que a formação seja significativa e contextualizada.

Uma segunda dimensão a ser considerada é a inovação pedagógica, fundamentada em um novo paradigma que coloca o grupo, a comunidade e suas vivências como elementos centrais do processo de aprendizagem. Mais do que simples participantes, esses sujeitos devem ser vistos como interlocutores e místicos mistagogos simultaneamente, capazes de contribuir tanto para o crescimento coletivo quanto para o aprofundamento pessoal da fé.

Nesse sentido, faz-se necessário recorrer a uma pedagogia cristã renovada à luz de uma teologia da revelação atualizada, conforme exposto na *Dei Verbum*.[421]

---

[419] RUTA, G., Catechetica come scienza, p. 285.
[420] GS 58-63.
[421] DV 2, 8, 12.

Essa abordagem representa também uma concretização pastoral do princípio de participação ativa destacado na *Lumen Gentium*,[422] onde se afirma o *sensus fidei* do Povo de Deus.

Ambos os aspectos, a relação entre fé e cultura e a pedagogia comunitária, remetem a uma questão crucial de nosso tempo: a virada antropológica na cultura contemporânea, que exige uma pastoral catequética formativa orientada pelo sujeito e não meramente derivada de estruturas pré-definidas. Trata-se, em outras palavras, de uma pastoral marcada pela *receptio,* ou seja, pela capacidade de escuta e discernimento comunitário, onde a experiência vivida dos fiéis se torna fonte e caminho para a ação evangelizadora.

Em síntese, as resistências encontradas nos interlocutores e as necessárias inovações pedagógicas constituem os dois eixos que delimitam toda a reflexão apresentada. A mudança de época em curso, com sua profunda transição cultural, exige um repensar radical do processo formativo eclesial, particularmente no que concerne à formação dos catequistas. Deste diagnóstico, depreende-se que a Iniciação à Vida Cristã só se consolidará como eixo central na educação da fé e na construção de uma existência autenticamente cristã quando conduzida por catequistas formados a partir de uma oferta formativa em torno de três tarefas principais:

> A socialização do conhecimento elaborado produzido pelas gerações precedentes; o acompanhamento pessoal na elaboração de um projeto de vida; e a oferta permanente de formação ou habilitação, a gerir a mudança cultural e a aquisição das respectivas competências.[423]

Nessa perspectiva, a formação integral[424] promovida pelo presbítero, a partir de sua competência cristã animadora, deve transcender a mera transmissão quantitativa de conteúdo para assumir quatro pilares fundamentais: primeiro, o conhecimento do conhecimento; segundo, a transformação das perspectivas existenciais; terceiro, a construção de um projeto pessoal de formação contínua; e

---

[422] LG 12.

[423] MEDDI, L., Apprendere nella chiesa oggi, p. 104. (*tradução nossa*)

[424] O Documento de Aparecida destaca a importância da formação integral, querigmática e permanente. Afirma que a "missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrarem sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo. Por isso, a formação obedece a um processo global, ou seja, compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital". (DAp, 279).

quarto, a assimilação dos aprendizados essenciais propostos por Edgar Morin: aprender a conhecer, aprender fazendo, aprender a conviver e, fundamentalmente, aprender a ser. Como bem alerta o pensador francês: "ensinar a viver não se reduz à acumulação de saberes mensuráveis nem à formação profissional especializada. Requer, antes, uma cultura de base que inclua necessariamente o conhecimento do conhecimento".[425]

Portanto, a formação permanente dos catequistas é um meio privilegiado para o presbítero atuar na qualificação e ressignificação da mensagem anunciada pela comunidade e recebida pelo simpatizante. Ao dedicar-se a essa formação, ele cuida e celebra os sonhos de Deus para cada pessoa.

Do ponto de vista celebrativo, o RICA oferece então orientações práticas que possibilitam a participação do presbítero nesse tempo indeterminado de anúncio querigmático. Ele pode: criar um espaço de "acolhimento"[426] desses simpatizantes, baseado no diálogo e não em monólogo alterado; promover um "encontro com a comunidade local",[427] integrando-os à vida da comunidade; e "promover orações especiais"[428] que fortaleçam a busca espiritual deles.

Tudo isso revela que a missão do presbítero começa na base, ora caminhando atrás do povo, ora no meio dele, ora à frente como um místico mistagogo. Ele é esse instrumento que ajuda o simpatizante a aprofundar seu desejo inicial e reconhecer a comunidade como lugar, origem e meta da catequese.

O próximo passo é justamente apresentar as condições pelas quais o presbítero pode interagir, de modo que o catecúmeno perceba o rosto materno da comunidade e cristalize seu primeiro desejo em uma lógica da fé encarnada e viva.

5.2
O presbítero, a comunidade e o catecumenato: etapas da cristalização da fé numa lógica da encarnação

Avançando na relação do presbítero com os tempos da Iniciação à Vida Cristã, suas celebrações e condições em cada período, essa segunda parte dedica-se

[425] MORIN, E., Insegnare a vivere, p. 13. É especialmente valiosa a contribuição de V. Andreoli, ao apresentar a condição do adulto na atualidade e delinear uma 'educação possível' para sua formação, partindo da mesma compreensão de que educar, hoje, é ensinar a viver. ANDREOLI, V., Quale adulto per una educazione possibile? p. 12–23.
[426] RICA, n. 12.
[427] RICA, n. 12.
[428] RICA, n. 13.

ao catecumenato, esse tempo prolongado que se segue imediatamente ao pré-catecumenato. “Nele os candidatos recebem uma adequada formação e, no exercício de uma oportuna disciplina, amadurecem as disposições de espírito manifestadas no dia da sua admissão”.[429]

Segundo o RICA, esse amadurecimento ocorre por quatro meios: “pela catequese oferecida por sacerdotes, diáconos ou catequistas e outros leigos, pela familiaridade com a prática da vida divina ajudados pela comunidade dos fiéis, pela mãe Igreja e pela cooperação na evangelização”.[430]

Em vista desse processo, o argumento se desenvolve a partir de cinco pontos principais: a relação do tu e o nós, que mostra a relação do eu catecumenal com o tu comunitário, formando o nós eclesial, portanto, o sentimento de participação; o segundo argumento trata da capacidade interpretativa do presbítero em analisar os perfis dos membros que compõem o território paroquial e a sua comunidade de fé, considerando aqui, o território como dimensão geográfica e a comunidade de fé como espaço da sua vivência; o terceiro, se refere a programação como dimensão paradigmática, superando a ideia de mero cronograma; em seguida, se reflete sobre a sintonia entre os conteúdos escolhidos e a pedagogia própria da fé, garantindo coerência formativa; e, por último, o estudo das ações rituais e simbólicas no itinerário da Iniciação.

O resultado esperado é reconhecer a atuação qualificada do presbítero ao longo de todo o processo, destacando a sua vinculação com o catecumenato, à comunidade e à dimensão celebrativa. Em síntese, busca-se valorizar sua participação e contribuição para o processo catequético, almejando a cristalização da fé, ou seja, o seu amadurecimento despertado na vida do candidato durante a etapa anterior. Esta abordagem segue a lógica da encarnação que valoriza integralmente a dimensão humana e antropológica em todo o itinerário.

5.2.1
A relação do eu-tu com o nós

Esse princípio também se inspira em Martin Buber. Ele fala de um segundo tipo de relação que, diferente do primeiro, demonstra-se através do eu a um ele ou

[429] RICA, n. 19.
[430] RICA, n. 19.

isso. Essa maneira de se relacionar é caracterizada pela "objetivação e a manipulação".[431]

Aplicado ao itinerário da Iniciação à Vida Cristã, esse princípio se manifesta na horizontalidade onde o catecúmeno mantem seu contato com uma concreta comunidade de fé. Nesse contexto, o "eu" pessoal entra em diálogo com o "tu" comunitário, gerando um "nós" eclesial. Por parte da comunidade, há um duplo movimento nesse sentido: o primeiro é de acolhida do outro eu, fazendo dele um de nós, portanto um irmão na fé, acolhendo seus dons e sendo enriquecidos por eles, enquanto ela se renova e se fortalece.

Esse gesto se concretiza no rito de acolhida dos catecúmenos na comunidade, quando o presidente se aproxima deles e "expressa a alegria e a ação de graças da Igreja, lembrando aos introdutores e amigos a experiência pessoal e o sentido religioso que levaram os candidatos à celebração da etapa desse dia".[432] O diálogo procede entre a participação do eu com a revelação dos seus nomes, ou seja, afirmando sua identidade social e um convite explícito a tornarem-se discípulos de Cristo e membros da Igreja, construindo ou refazendo agora a sua identidade cristã. O rito se conclui com a assinalação da fronte e dos sentidos, gesto pelo qual o presidente proclama que Cristo, a partir daquele momento os chama a "serem amigos".[433]

O segundo movimento da comunidade em direção ao catecúmeno, representa um risco oposto ao primeiro: em vez de acolhê-lo como irmão e amigo em Cristo, pode-se manipulá-lo dentro de um esquema rígido, onde o itinerário de Iniciação à Vida Cristã acaba servindo mais aos interesses de quem o conduz do que às necessidades de quem dele participa. Essa distorção eclesial, muitas vezes expressa pelo catequista como representante do "nós" comunitário e eclesial, pode manifestar-se como um controle excessivo espiritual, emocional, psicológico e afetivo que acaba por desconstruir a imagem autêntica da comunidade. O resultado pode ser tanto o desencanto e o afastamento da Igreja quanto a ilusão de uma comunidade perfeita, projetada como reflexo terreno da Santíssima Trindade, mas distante da realidade divina. A participação no nós se torna partidarismo do "entre nós".

---

[431] BUBER, M., Eu e Tu, p. 30.
[432] RICA, n. 74.
[433] RICA, n. 83.

Diante desse risco, torna-se imprescindível que o presbítero zele pela formação adequada não apenas dos catequistas, mas de toda a comunidade. Só assim o "eu" catecumenal poderá encontrar verdadeiramente o "Tu" absoluto de Deus, refletido no horizonte possível do "tu" comunitário. Essa é, afinal, a missão essencial do presbítero: tornar concretamente disponível, no seio da comunidade de fé, esse tipo de relação autêntica e acolhedora, pois é nela que toda vocação cristã encontra seu pleno cumprimento.

A comunidade não pode obstruir a existência dialogal entre o catecúmeno com Deus. Como recorda a *Gaudium et Spes,* "na Sagrada Escritura, o homem é a única criatura a quem Deus diz "tu" e a quem Deus dá mandamentos e proibições esperando uma resposta por parte do próprio homem".[434] Essa relação íntima e direta entre o Criador e a criatura humana constitui o fundamento de toda autêntica vida espiritual.

Sendo assim, a comunidade se revela como o espaço onde o homem realiza plenamente sua natureza dialógica. Ao presbítero, pela missão herdada através do sacramento da ordem e confiado a ele pelo bispo, possui a tarefa de transformar a comunidade nesse ambiente formativo autêntico.

Entretanto, para que a comunidade possa verdadeiramente tornar-se esse seio materno da fé e transformar o "nós eclesial" em um "nós sacramental", configurando-se como sinal vivo da comunhão trinitária, é necessário que observe alguns critérios importantes.

O primeiro, como dito anteriormente, deve ser o reflexo da Santíssima Trindade, a comunidade perfeita e primeira. A comunidade eclesial é, antes de tudo, dom do Espírito. Ela constitui "a realização histórica do dom da comunhão que é um fruto do Espírito",[435] onde o agir humano se torna sinal visível da ação das Três pessoas divinas que, segundo Santo Irineu, "o Verbo e o Espírito Santo colaboram como se fosse as mãos de Deus".[436] Esta realidade encontra seu fundamento no Batismo: "todos nós fomos batizados num só Espírito para constituirmos um só Corpo" (1Cor 12,13).

Dessa consciência a comunidade do nós se fundamenta no batismo e se alimenta dessa comunhão na Eucaristia. Desde o início do cristianismo, ser cristão,

[434] GS, 12.
[435] DGC 253.
[436] IRINEU de Lião, Contra as heresias, 4.

ser Igreja e a celebração conjunta da Eucaristia pertencem um ao outro. Isso a difere de uma associação cuja finalidade "é a união em vista de um objetivo a atingir, e cada um vale de acordo com o que tem e de acordo com a sua atuação, deixando na sombra a pessoa em seu ser".[437]

Diferentemente de um grupo de sócios, a comunidade "toma a pessoa em seu valor original e único e cria relações fraternas de acolhimento e de amor, propiciando a livre troca interpessoal".[438] Mas uma comunidade sem a Eucaristia pode cair nesse grupo organizacional, perdendo seu caráter escatológico e sem sentimento de pertença eclesial, transformando-se em uma tribo[439].

A perda desse horizonte fragmenta a comunhão pessoal e eclesial como meta e concretização da celebração eucarística, impedindo que seu objetivo se cumpra na saudação da paz. Assim, desfaz-se aquilo que Santo Agostinho definiu a Eucaristia como "símbolo da unidade e elo do amor".[440]

Ao refletir sobre a Iniciação à Vida Cristã como itinerário formativo para os membros da sua comunidade, o presbítero deve compreender que esse processo não visa criar uma sociedade eclesial de sócios filiados, em que as pessoas sejam secundárias em relação a um objetivo a ser alcançado. Pelo contrário, sua finalidade verdadeira é formar uma comunidade eclesial viva e comprometida. Para isso, é necessário que o presbítero acompanhe esse caminho, integrando-o e reconhecendo que ele completa o agir dos demais serviços e ministérios, sistematiza e organiza os elementos necessários para superar a improvisação, a desatenção e a ocasionalidade, garantindo que aqueles que buscam a fé, ou esperam ser acolhidos, recebam formação adequada, sejam inseridos na vida da comunidade e participem dignamente da celebração dos sacramentos.

---

[437] ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 267.
[438] ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 267.
[439] O objetivo aqui é apenas distinguir uma comunidade de fé de uma simples associação. É importante interpretar de forma diferente a realidade de muitas comunidades no Brasil que, por diversos motivos, não têm a possibilidade de celebrar a Eucaristia aos domingos com frequência. Isso se deve, em grande parte, à extensão dos territórios paroquiais e à escassez de presbíteros disponíveis. Essa ausência, no entanto, não enfraquece o compromisso da comunidade com o processo de Iniciação à Vida Cristã, uma vez que a inspiração catecumenal permite que o presbítero conte com a atuação dos catequistas na celebração de alguns ritos. Quando possível e no momento adequado, o presbítero se faz presente para celebrar o que lhe é reservado. A Igreja continua sendo Igreja quando se reúne para ouvir a Palavra de Deus, rezar e cantar juntos, fortalecendo-se na fé, na esperança e no amor, e vivenciando a união dos fiéis (SC 35).
[440] KASPER, W., O sacramento da unidade, p. 90. O autor cita Agostinho, Ioanis Evangelium, tr. 26, c 6 e 13 e explica que essa afirmação teve amplo histórico de consequências nos documentos doutrinários oficiais: DH 802; 1. 635; UR 47.

A participação do presbítero como completude desse processo se dá porque a sua missão não é ser o ponto de concentração, ou mera síntese dos ministérios, mas sim um ministério de sínteses, no qual a comunidade, como responsável da catequese, encontra no seu agir, acolhida, colaboração, complemento e corresponsabilidade. Isso confirma, mais uma vez, a sua "posição meta" em relação aos catequistas e à própria comunidade, como já havia sido destacado anteriormente. Diante disso, fica evidente a importância de uma comunicação positiva por parte do presbítero, bem como seu cuidado e zelo em atender a todos, sem exceção. Além disso, é fundamental que ele proponha um itinerário formativo que atenda às diferentes faixas etárias e às diversas situações pessoais dos membros da comunidade, assegurando que ninguém fique à margem do caminho de fé.

A presença significativa do presbítero como apoio e acompanhamento da comunidade também confere à Iniciação à Vida Cristã, uma necessária sistematicidade. Em vez de reforçar uma catequese apenas sacramental, que muitas vezes se limita a atender as buscas ocasionais ou a uma tradição centrada apenas nos sacramentos, o presbítero, em conjunto com os catequistas e a própria comunidade, pode oferecer um itinerário que vá além do percurso preestabelecido pelo catecumenato. Dessa forma o catecúmeno não apenas cumpre etapas preestabelecidas, mas personaliza o seu desejo, reeduca o seu pedido, internaliza sua resposta como empenho e decisão pessoal, em vista do que é celebrado e vivido como consequência da vida cristã.

Além disso, espera-se que a atuação do presbítero promova a organicidade, pois seu empenho deve fomentar a partilha de responsabilidade e inspirar corresponsabilidade. Sua competência animadora, portanto, opõe-se a qualquer visão que limite o ministério dos catequistas leigos a um papel secundário reducionista e tridentino do serviço eclesial, como se a catequese dependesse exclusivamente de sua figura central. Também se distancia da lógica autoritária do "mandar e delegar", pois sua missão exige uma metodologia renovada, em que a fé não seja discutida apenas em termos teológicos ou pastorais, mas vivida de maneira pessoal e comunitária, num espaço de prática e crescimento mútuo.

Nessa perspectiva, como é essencial o envolvimento de todos os fiéis, o presbítero não deve - nem pode - centralizar todas as ações. Em vez disso, seu papel é fazer com que cada membro da comunidade se sinta corresponsável pela missão da Igreja. Ele deve ser, acima de tudo, um homem de comunhão pastoral: menos

protagonista direto e mais alguém capaz de animar a comunidade, despertando nela verdadeiros agentes e responsáveis pela missão que lhes cabe. Sua vocação é ser um promotor da comunhão em ação dedicado a cultivar relações frutíferas. Essa é sua missão e sua paixão.

O acompanhamento que o presbítero oferece à comunidade insere-se, assim, num contexto relacional mais amplo, com um objetivo claro: ajudar a superar uma mentalidade que vê os sacramentos como fim último da catequese, substituindo-a por uma evangelização que introduza, de forma integral, na vida cristã. Trata-se de fazer desaparecer a ideia de que os sacramentos são a "meta" do caminho formativo, para colocá-los a serviço de uma existência cristã plena. Isso exige responder às necessidades das pessoas, sem, contudo, adaptar a mensagem do Evangelho a interesses ou preferências individuais, sejam dos fiéis ou do próprio presbítero. O desafio é transformar esses anseios em decisões autênticas, iluminadas pela Palavra de Deus como fonte principal de todo o agir.

Por essa razão, o presbítero é o farol que ilumina e acompanha espiritualmente, tanto os catequistas como a comunidade. Na situação atual, muitos catequistas tendem a transmitir mais a sua própria experiência de fé que a fé da Igreja. Embora essa espontaneidade tenha aspectos positivos, trazem também riscos, como a tentação de reduzir o núcleo da fé a uma interpretação excessivamente subjetiva, perdendo de vista a riqueza da tradição cristã.

É aqui que o acompanhamento espiritual revela sua importância crucial. Muitos catequistas estão ainda em processo de amadurecimento vocacional e espiritual, no início de sua jornada de fé. O presbítero, como místico mistagogo, pode ajudá-los a crescer na personalidade cristã, protegendo o que há de mais sagrado em seu ser: sua vida no Espírito e sua união com Deus. Esse cuidado não se limita à esfera espiritual, mas estende-se também às dimensões funcional e comunitária.

No âmbito funcional, o presbítero assume a responsabilidade de orientar os membros da comunidade – especialmente coordenadores de grupos e movimentos, sobre o como e o porquê de sua missão. Trata-se de um caminhar junto, marcado pelo amor e pela consciência de que toda ação brota da união com Deus. Sua tarefa é ajudar cada pessoa a discernir que sua missão não se esgota em atividades, mas inclui o serviço ao próximo, num dinamismo de doação e comunhão.

Já o acompanhamento comunitário manifesta-se na capacidade de partilhar as alegrias, sofrimentos e desafios concretos da comunidade. Muitas pessoas anseiam por ser ouvidas sem julgamentos, mas com compreensão e sabedoria. O presbítero, ao acolher essas histórias, torna-se instrumento de crescimento mútuo, ajudando cada um a aprofundar-se na verdade, no amor e na vida fraterna.

Essa presença celebrativa e acolhedora não é um acréscimo ao ministério presbiteral, mas sua consequência natural. No entanto, exige do presbítero uma competência específica: a capacidade de gerar confiança recíproca, saber escutar com autenticidade e guiar as interpelações da comunidade à luz do Evangelho. Seu papel não é ser o centro de todas as iniciativas, mas o ponto de referência que unifica dons, serviços e ministérios. Como síntese viva da paróquia, ele reflete em seu próprio ser aquilo que o povo vive, aspira e compartilha, tornando-se, assim, um sinal visível da contínua renovação do chamado cristão.

O estilo de atuação descrito que transforma o presbítero em farol, coração e testemunha – exige repensar radicalmente a estrutura da comunidade de fé. Não se trata de uma paróquia massificada, mas de uma comunidade de comunidades, pois a Iniciação à Vida Cristã só se torna viável quando vivida em pequenos grupos onde as relações são pessoais e o acompanhamento possível. Esse modelo desafia a Igreja a enxergar com novos olhos tanto os fiéis ausentes dos bancos da igreja quanto os "missionários digitais" – aqueles que, embora presentes no território paroquial (ou mesmo ativos no ambiente virtual), permanecem à margem da vida pastoral.

Surge aqui uma questão crucial: como entender o discípulo que tenta viver um chamado profético sem comunhão eclesial? O Documento de Aparecida é categórico: "não há discipulado sem comunhão".[441] A fé não é uma aventura solitária, mas um dom recebido e partilhado na família de Deus que é a Igreja. Essa constatação levanta dois desafios interligados:

Como integrar grupos, movimentos e pastorais que muitas vezes funcionam como ilhas, num projeto comum onde a Iniciação à Vida Cristã seja o eixo unificador da evangelização? como responder à cultura digital, com seus riscos de individualismo e superficialidade, sem perder o essencial: o encontro pessoal com Cristo na comunidade concreta?

[441] DAp 156.

É precisamente nesse ambiente eclesial frágil, diverso, em constante discernimento, que Deus vem ao encontro do catecúmeno. A Igreja, por sua vez, é invocada a ler os sinais dos tempos à luz da Palavra, da Tradição e do Magistério, e oferecer uma resposta satisfatória. Por isso, ela é provocada a agir diante dos desafios da complexidade cultural, social e eclesial, ao mesmo tempo, que convoca o eu catecumenal a se transformar no "nós eclesial missionário", a fim de superar o limiar da indiferença e do desencanto para abraçar o caminho do cuidado.

Aqui se revela a capacidade hermenêutica do presbítero: ele é aquele que, mergulhado na comunidade, ajuda a decifrar tanto os clamores do povo quanto as respostas que brotam do Evangelho. Seu ministério não é o de um solucionador de problemas, mas de um tecelão de comunhão, alguém que une os fios dispersos, grupos, gerações, realidades em um único tecido eclesial, onde cada batizado descobre seu lugar na grande missão.

5.2.2
A capacidade interpretativa da situação da comunidade

Outra condição para o exercício pleno da dimensão catequética do presbítero se dá mediante a sua capacidade interpretativa da situação da sua comunidade. É uma forma dele contemplar o território paroquial como o ícone da cotidianidade, observando a maneira como as pessoas vivem, interpretando-a à luz fé. Perguntas como: Quem são as pessoas à frente do seu projeto catequético? Qual é a situação de fé delas? Como se classificam as categorias da gramática cristã naquela comunidade? Que imagem essas pessoas têm da Igreja no contexto de seu empenho pastoral? Por outro lado, como se compreende o território, elemento que orienta e regula a estruturação da vida eclesial e da formação da fé, servindo como espaço para uma verdadeira conversão de mentalidade? Tais indagações não podem ser negligenciadas no processo de compreensão da realidade.

O presbítero desse modo, é convocado a ler os sinais dos tempos e a confrontar-se com eles à luz de sua ação eclesial que é o anúncio de Jesus Cristo. Nesse sentido, embora a mensagem do Evangelho seja imutável, seus interlocutores estão em constante transformação, influenciados pelo território e pela cultura. Esses fatores, por sua vez, moldam valores, modelos, alegrias, esperanças, tristezas e angústias do homem e da mulher contemporâneos. Sua função específica consiste, portanto, em "facilitar uma disposição reflexiva, formulando de modo adequado as

questões relacionadas ao local promovendo assim, uma análise detalhada da experiência vivida".[442]

O presbítero, enquanto "formador reflexivo",[443] deve adotar um olhar sistêmico sobre a realidade, entendendo todas as situações como partes de uma rede interconectada. Isso implica compreender o território não apenas como um espaço geográfico delimitado; um produto de eventos históricos marcantes para a comunidade ou um campo de forças que ainda atuam no presente; o que, por si só, já exigiria reconhecer a memória como elemento constitutivo da comunidade e critério essencial para seu planejamento.

Mais que isso, o território deve ser visto como espaço de missão, permeado e articulado pelas diversas atividades e serviços pastorais. Ele se torna o lugar onde se projeta o futuro, um ambiente fértil para desenvolver pertença e participação, superando modelos caducos, verticais, isolados e desvitalizantes.

Quando contemplado nessa perspectiva, o território revela-se como: ícone do cotidiano, onde os peregrinos da comunidade se encontram; lugar de construção mútua, onde as pessoas se deixam transformar e, ao mesmo tempo, moldam a identidade local e da fé; antídoto contra os "não-lugares", evitando a fragmentação em individualismos solitários.

Nesse contexto, o presbítero é chamado a adotar uma "epistemologia da contingência",[444] reconhecendo que não há um conhecimento absoluto e uniforme, mas um processo contínuo de reinterpretação da realidade. Cada nova situação exige recomeçar, não como falha, mas como método. Seu agir deve ser pautado pela busca de novos caminhos, evitando armadilhas do subjetivismo excessivo, mas sempre priorizando a construção coletiva, valorizando, assim, o estilo narrativo como expressão da própria vida e da vida do outro.

Desse modo, acolher a Iniciação à Vida Cristã como um estilo e caminho formativo na paróquia significa, para o presbítero, compreender que ele está no eixo desse processo. De um lado, ele precisa estar atendo à realidade paroquial; de outro, deve responder ao chamado à conversão pastoral, convidando a comunidade a abrir os olhos para essa mudança. O êxito da Iniciação depende da capacidade de compreender a situação atual da comunidade, suscitar o desejo por uma mudança

[442] MORTARI, L., Apprendere dall'esperienza, p. 80.
[443] MORTARI, L., Apprendere dall'esperienza, p. 80.
[444] MORTARI, L., Apprendere dall'esperienza, p. 83.

de mentalidade e promover uma renovação interior que leve à reforma missionária da pastoral. Isso implica começar pelas pessoas para se alcançar as estruturas, fomentando a necessidade de passar de uma catequese de balcão, centrada na autopreservação e na mera oferta de serviços, para uma catequese do encontro, da proposta, chegando às periferias geográficas e existenciais.

Considerando essas realidades, o atual Diretório para a Catequese sugere múltiplas formas de o presbítero planejar e oferecer uma catequese capaz de alcançar esse objetivo. O Documento propõe conteúdos, finalidades e ocasiões adequados aos adultos, levando em conta sua busca dentro desse território e reconhecendo-os como interlocutores dessa proposta, compreendendo que uma catequese assim programada ajuda no cotidiano da vida, de modo que, aquilo que eles aprendem na catequese passam a celebrar na assembleia litúrgica e a viver no dia a dia da comunidade, tornando essa um reflexo desse anúncio escutado, interiorizado e testemunhado:

> - Catequese enquanto verdadeira e própria Iniciação à fé, ou seja, o acompanhamento dos candidatos ao Batismo e aos sacramentos da Iniciação por meio da experiência catecumenal;
> - Catequese enquanto nova Iniciação à fé, ou seja, o acompanhamento daqueles que, embora batizados, não tenham completado a Iniciação ou não foram de fato evangelizados;
> - Catequese enquanto redescoberta da fé, por meio de "centros de escuta" ou de outras modalidades, ou mesmo uma proposta de perspectiva evangelizadora voltada para os considerados afastados;
> - Catequese de anúncio da fé nos ambientes da vida, do trabalho, do lazer ou nas manifestações de piedade popular ou peregrinações aos santuários;
> - Catequese com casais por ocasião do Matrimónio ou mesmo na celebração dos sacramentos dos filhos, que muitas vezes se torna em ponto de partida para ulteriores experiências catequéticas;
> - Catequese para o aprofundamento da fé a partir da Sagrada Escritura ou de um documento do Magistério ou da vida dos santos e das testemunhas da fé;
> - Catequese litúrgica, que visa uma participação consciente nas celebrações comunitárias;
> - Catequese sobre questões morais, culturais ou sociopolíticos, que visam a participação na vida da sociedade, de forma ativa e inspirada na fé;
> - Catequese no âmbito da formação específica dos agentes de pastorais, que se apresenta como oportunidade privilegiada para itinerários de fé;[445]

Essas formas e situações apresentadas são importantes, pois norteiam os critérios a serem observados nesse plano formativo comunitário ao qual o presbítero é chamado a elaborar. Entretanto, a pluralidade dos membros de um território

[445] DC 264.

paroquial hoje, é genérica e paradoxal. J. Vallabaraj sintetiza isso em quatro situações fundamentais. Tais perfis, segundo ele, foram traçados como critérios significativos que aqui se adaptou para auxiliar o presbítero na sua interpretação e na elaboração da formação da fé desses indivíduos. Eles podem ser resumidos da seguinte forma:[446]

Não participantes. Esta situação caracteriza-se pela baixa percepção mútua entre adultos e comunidade cristã. De um lado, a comunidade vê esses adultos como "estranhos", negando-lhes direitos, benefícios e participação nos processos decisórios, tornando-os irrelevantes para a vida comunitária. Do outro, os adultos sentem-se excluídos e marginalizados, perdendo o interesse pela fé.

Essa dinâmica, repleta de implicações teológicas, pedagógicas e sociológicas, gera diversas reações: oposição à comunidade de fé, críticas, conflitos ou total indiferença.

O presbítero enfrenta aqui um duplo desafio: enquanto acompanha a comunidade de fé, deve também voltar seu olhar para aqueles que ainda não participam dela, criando pontes de diálogo e envolvimento. Sua função torna-se então interpretativa e deve iluminar, compreender e vivenciar o que a comunidade professa e experimenta. A própria realidade comunitária pode, assim, transformar-se em objeto de catequese.

---

[446] Jerome Vallabaraj é um sacerdote salesiano, originário de Tamil Nadu, Índia. Obteve o doutorado em Teologia com especialização em Pastoral Juvenil e Catequética na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. Como educador e animador, foi fundador e diretor do Deepagam, Centro Catequético Dom Bosco, em Chennai, Índia (1985-1993). Foi colaborador do Dicastério de Pastoral Juvenil dos Salesianos de Dom Bosco, responsável pelas áreas da evangelização, catequese, grupos e Movimento Juvenil Salesiano (1996-2002). Atualmente, é professor titular da Cátedra de Catequética na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Pontifícia Salesiana; professor convidado de Catequética Fundamental no Instituto Superior de Ciências Religiosas "Mater Ecclesiae" da Pontifícia Universidade São Tomás e de Pastoral Juvenil no Kristu Jyoti College, em Bangalore, Índia, agregado à Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia Salesiana. Seguimos o pensamento do autor se utilizando, especialmente das palavras chaves da sua reflexão. VALLABARAJ, J. Educazione catechetica degli adulti, 203–207. Em uma impostação mais pastoral e útil a catequese, L. Meddi, pastoralista e catequeta italiano, refere-se a seis grupos de adultos dos quais, segundo ele, o presbítero que inicia a pensar um projeto de formação encontrará de frente a sua decisão. Em extrema síntese, podem ser assim reassumidos: o grupo dos indiferentes: aqueles, em geral, não sentem nenhuma necessidade de serem reevangelizados; os somente destinatários: Pessoas que dependem de apoio material, psicológico ou social para sua subsistência; as "pessoas religiosas" baseadas sobre o princípio da auto realização, introspecção, escuta interior, exercício da autonomia de si, da concepção que cada pessoa pode haver uma vida espiritual, independentemente da relação com uma religião institucionalizada; os que descobrem uma espiritualidade cristã particular: aqueles que se identificam com grupo ou movimentos baseados em respostas organizadas ao seu próprio mundo religioso, muitas vezes moralista, ultramundano; os críticos fora da comunidade paroquial: adultos críticos e desiludidos com as estruturas eclesiais percebidas como caducas; e, por fim, aqueles que são fugitivos da "catequese medieval", ou estudiosos e leigos que não considerados em suas respectivas paróquias. MEDDI, L. Formare cristiani adulti, p. 22-24.

Fragmentados. Nesta situação, a comunidade reconhece a importância dos adultos e valoriza sua participação. No entanto, frustra-se com sua aparente incapacidade de corresponder às expectativas da comunidade cristã. Por outro lado, os próprios adultos demonstram baixa autoestima e dificuldade em reconhecer seu valor, priorizando interesses individuais em detrimento da consciência coletiva - o que frequentemente os leva ao isolamento.

Esse fenômeno reflete as complexidades de nossa época, marcada pela crise dos valores tradicionais e pela busca de novas formas de espiritualidade. Diante desse cenário, o presbítero é chamado a uma abordagem acolhedora: antes de propor qualquer formação, deve reconhecer e valorizar as contribuições positivas que esses adultos podem oferecer. Essa postura receptiva se mostra essencial para reconstruir sua autoestima e reintegrá-los à vida comunitária, enriquecendo tanto as pessoas quanto a comunidade como um todo.

Contestadores. Neste cenário, a comunidade, incluindo catequistas, leigos e até mesmo o presbítero, depara-se com adultos que, conscientes de seu valor, consideram-se plenamente capazes de interpretar a fé e a vida cristã. Esses indivíduos propõem perspectivas alternativas, questionando modelos tradicionais de evangelização e, por vezes, confrontando a estrutura e a evangelização paroquial. Com o tempo, passam a ser vistos como revolucionários ou contestadores. Diante disso, cabe ao presbítero exercer seu ministério com discernimento: sem enquadrar o Espírito Santo a esquemas pré-estabelecidos, deve acolher essas contribuições com sensibilidade pastoral, permitindo que renovem a comunidade. No entanto, é importante manter o equilíbrio, estar aberto ao novo, sem deixar de discernir e purificar as intenções por trás dessas propostas, garantindo que estejam em sintonia com a autêntica tradição eclesial.

Confirmados. A última categoria proposta por Vallabaraj descreve o estágio em que o adulto atinge um discipulado maduro tanto na sua dimensão humano quanto no seu desenvolvimento autêntico na fé. Essa fase caracteriza-se por uma reciprocidade entre o indivíduo e a comunidade, a flexibilidade no relacionamento e na compreensão mútua e a integração harmoniosa entre as tradições comunitárias e a vivência pessoal da fé. Neste contexto, o presbítero tem a missão de facilitar a plena integração dos adultos na vida comunitária, mediar soluções para eventuais contradições, considerando tanto a perspectiva individual quanto a comunitária e promover um diálogo contínuo que fortaleça essa relação madura de fé.

As categorias apresentadas por Vallabaraj e Meddi oferecem um panorama valioso para a ação pastoral, servindo como referência para identificar diferentes perfis na comunidade, elaborar itinerários formativos adequados e orientar a atuação do presbítero na elaboração de um plano formativo para sua comunidade paroquial.

Contudo, é importante ressaltar que esse esquema não esgota todas as situações pastorais. Ficam de fora, por exemplo, os adolescentes de pós-primeira comunhão, os jovens que receberam o sacramento da confirmação, além de novos perfis de homens e mulheres vindo de outras religiões e buscam uma resposta de fé na Igreja católica. Esses grupos, com suas particularidades, representam, de certo, "a nova geração *standby* da Igreja",[447] ficando no modo de espera da fé ou da sonolência, exigindo abordagens específicas e atualizadas para despertar um renovado espírito cristão e missionário.

Além dessa análise territorial e da situação espiritual dos fiéis, é fundamental considerar a imagem que a comunidade projeta, especialmente para aqueles que a procuram pela primeira vez ou retornam após anos de afastamento. Questões cruciais como essas se impõem: que Igreja encontram os recém-chegados? que espaços concretos a paróquia oferece para escutar atentamente suas experiências e realizar encontros transformadores? como acolher o adulto que busca respostas maduras para suas novas inquietações, mas se depara com estruturas que perpetuam uma fé infantilizada ou com agentes pastorais que ainda o veem através do rótulo de "contestador" de décadas atrás?

Atento a essas inquietações, uma verdadeira renovação da Iniciação à Vida Cristã exige a presença ativa e comprometida do presbítero, sua disposição para transformar a imagem e a ação pastoral da paróquia em conversão pastoral que faça da comunidade um laboratório de futuro com espaço de reconhecimento das realidades humanas e um lugar onde a geografia do Evangelho se encarna no território.

Tal equilíbrio pastoral favorece ao presbítero navegar entre duas dimensões: uma como membro interno da comunidade, acolhendo as fragilidades e canalizando-as para o crescimento mútuo, e a outra como animador externo do grupo de catequistas, mantendo a liberdade interior e a distância necessária para

[447] CASTEGNARO, A.; DAL PIAZ, G.; BIEMMI, E., Fuori dal recinto, p. 92.

discernir o essencial. Essa arte ativa do discernimento não o permite se deixar paralisar pelo cotidiano e pelas limitações territoriais, mas auxiliar no cultivo do olhar amplo que interpreta a realidade com profundidade, mantém o coração próximo enquanto observa a situação com a necessária perspectiva, pois interpretar a realidade requer olhar de longe com o coração de perto. Esta máxima sintetiza o desafio do ministério presbiteral numa Igreja em saída. A autêntica renovação paroquial nasce desta capacidade de conjugar análise objetiva e compaixão pastoral, transformando a comunidade num verdadeiro ícone de integração humana e espiritual.

Portanto, o resultado dessa capacidade interpretativa do presbítero sobre a comunidade é gerar um sentimento mútuo de pertença, tanto nos membros nela já inseridos, quanto naqueles que dela se aproximam. Que felicidade seria para os primeiros como para os últimos, encontrar essa confidencialidade pastoral que Amadeu Cencini tão brilhantemente descreveu:

> Querida velha comunidade jovem, és velha, mas também jovem, antiga e moderna; clássica e original, com rugas, mas, mesmo assim, bonita. E mais. Tu és dom e conquista, cruz e encanto, santa e pecadora. Individualidade e pertença, solidão e intimidade. Tu és um mistério! Mistério quer dizer o ponto fulcral e rico em calor que nos permite manter, juntas, polaridades aparentemente contrárias, mas que fazem parte da vida. E precisamente essa posição central é tua identidade e riqueza. Tu carregas uma longa história nas costas (não necessariamente gloriosa) e, ao mesmo tempo, carregas, hoje, intacta, uma capacidade de testemunho que te torna muito atual. Tu tens sabedoria e fascínio.[448]

Esse sentimento de gratuidade pode ser significativamente reforçado por uma programação catequética bem estruturada e pelo conteúdo íntegro transmitido durante as formações. A seguir, se aprofundará essa intenção.

5.2.3
Do tempo programático para o modelo paradigmático: a necessidade de uma adequada programação

A tese do argumento dessa pesquisa é a de que a catequese ganha um salto de qualidade quando ela e a comunidade podem contar com a presença e participação do presbítero. Insiste em afastar a concepção clerical de que ele agora deve ocupar o lugar do catequista, especialmente realizando um encontro na sala pensada para esse fim. Pelo contrário, reflete sobre as condições de que modo ele evidencia a

[448] CENCINI, A., Integração comunitária do bem e do mal, p. 353-354.

inata dimensão catequética derivada do sacramento da ordem. Ele não é um ministro ocasional da catequese respondendo a um convite agendado. É na verdade, o ministro ordinário paradigmático responsável por esse serviço necessário e exigente.

O Diretório Geral para a Catequese de 1997 aponta que a adequada programação é uma dessas tarefas próprias do presbítero. Insiste na participação ativa dos catequistas nesse processo para que ela seja bem estruturada e bem orientada".[449] O Documento retoma um número da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* que, inspirada no Concílio Vaticano II, aponta duas exigências fundamentais para a colaboração do ministro ordenado na catequese. Uma é "não ensinar a própria sabedoria, mas a Palavra de Deus"; e a segunda, "expor a Palavra de Deus, não de modo geral e abstrato, mas aplicar a verdade perene do Evangelho às concretas circunstâncias da vida".[450]

Para que a ação presbiteral seja paradigmática ela precisa ser operativa, "delimitada no tempo, realista, clara e concisa e se necessário, ao final de cada período estabelecido, renovada com novas características, objetivos e meios".[451] Desse modo, se observa que a proposta não pode ser fechada e acabada, mas sempre revista e avaliada. Esse modelo que se refere a um modo de ser, um padrão de agir, diferente, portanto, daquela participação pragmática, pontual e prática, sem continuidade ou sequências lógicas das unidades ou partes interligadas entre si.

O processo de Iniciação à Vida Cristã, para seu devido funcionamento, exige essa íntima ligação. Deve ser planejada como atividade transversal em toda a ação pastoral da Igreja. Isso suscita ao presbítero e ao Conselho Pastoral Paroquial a capacidade de compreender as variáveis envolvidas, a fim de gerar resultados significativos para a cultura e o próprio território paroquial. Sendo assim, a Iniciação à Vida Cristã paradigmática transcende a catequese pragmática. Enquanto aquele propõe um processo, essa se conclui em um recesso intermitente de pós-evento sacramental.

Antes de programar e coordenar um itinerário formativo, é preciso destacar que a urgência desse planejamento pode levar o presbítero a agir com certa abordagem teórica, gerando na prática, efeitos indesejados devido à falta de clareza

[449] DGC 225.
[450] CT 64.
[451] DGC 281.

terminológica como referência. Por isso, convém que ele esteja ciente dos seus significados para não ocorrer nessas indecisões.

Antes de tudo, ele deve compreender o grupo de catequistas como uma comunidade de prática, um espaço que não apenas explica as ações do presbítero e dos catequistas, mas também exterioriza as tensões entre ambos. Nele, ocorrem interações entre o presbítero e os catequistas, entre os próprios catequistas e entre eles e a comunidade paroquial.

Quanto à projeção de uma prática educativa eficaz, ela pode ser dividida em três etapas: a análise da situação atual, da situação desejada e das estratégias necessárias para alcançá-la. Dessa forma, exige-se uma organização mais articulada do percurso formativo. Por isso,

> Implica não apenas a definição de objetivos e as perspectivas para as quais convergem as diversas ações e interações, mas também uma organização bem articulada do percurso formativo. É necessário selecionar, prioritariamente, as atividades educativas - suas características, motivações e sequência -, as quais devem ser participativas e responsáveis. Além disso, é preciso considerar o ambiente e o espaço de convivência, o clima educativo a ser cultivado, os métodos de coleta de informações para ajustar o andamento do projeto e a forma de avaliar se as ações estão alinhadas aos objetivos traçados e às necessidades dos educandos, que surgem gradualmente ao longo do processo. Por fim, deve-se verificar se essas ações são realmente eficazes, ou seja, se produzem os resultados esperados.[452]

A programação, por sua vez, exige um envolvimento mais pessoal e realista no processo com decisões concretas e orientações claras para a práxis.

> A distribuição dos elementos do projeto - pessoais, temporais e espaciais - e a definição realista das ações a serem executadas (...) referem-se à organização concreta, em médio prazo, das condições e prazos necessários para implementação. Isso exige: um cronograma preciso das intervenções; a alocação clara de responsabilidades e a gestão adequada de recursos materiais e humanos.[453]

Por sua natureza concreta e operacional, a programação trabalha com prazos curtos e atua em âmbito local. Ela exige grande realismo para lidar com os recursos efetivamente disponíveis. Essa característica implica que a programação necessite de ciclos breves passíveis de renovação periódica.

Já a formação, por sua vez, lida com a instabilidade inerente à vida, demandando continuidade e permanência. Em essência, a programação constitui

---

[452] PELLEREY, M; GRZADZIEL, D., Educare, p. 96-97.
[453] TONELLI, R., Per la vita e la speranza, p. 93.

um elemento tão fundamental para o projeto e para a formação quanto quaisquer outros.

Uma última precisão concerne ao termo itinerário. Relativamente recente, este conceito designa "uma sequência ordenada e progressiva de etapas que, em tese, garante o alcance do objetivo desejado. Nessa perspectiva, o itinerário perpassa todos os níveis anteriores".[454]

Já o itinerário de fé, em particular, configura-se como um percurso sistemático e gradual rumo à maturidade cristã. Embora apresente uma linearidade aparente, trata-se de um caminho complexo, que exige especial atenção às particularidades e necessidades individuais.

O itinerário de fé configura-se como um percurso educativo formado pelas experiências constitutivas da vida eclesial, escuta da Palavra de Deus, vida litúrgica, experiência comunitária e prática da caridade. Por meio desses elementos, a comunidade cristã conduz os fiéis rumo a objetivos claros de maturidade na fé. Ao empregar o conceito de itinerário, enfatiza-se o caráter processual da formação cristã. "Trata-se de um caminho progressivo, estruturado em etapas interligadas que apresentam unidade interna, sequência lógica e uma certa duração".[455]

Em todos os aspectos, como demonstrado, o termo itinerário representa uma estratégia pastoral global para o crescimento e dinamismo da fé. Esta é compreendida como um processo qualitativo, marcado por etapas progressivas que garantem o alcance tanto de objetivos intermediários quanto dos fins últimos.

Diante dessa perspectiva, o presbítero, ao elaborar o projeto formativo catequético, precisa conhecer profundamente a realidade de sua comunidade. Esse conhecimento é indispensável para atender adequadamente tanto às necessidades formativas dos fiéis quanto às demandas institucionais da paróquia. Geralmente, os desafios identificados nesta fase são evidentes e não passam despercebidos.

Na maioria das vezes, o projeto formativo paroquial apresenta três limitações estruturais. A primeira é de abrangência, atingindo uma minoria das pessoas envolvidas. A segunda contém deficiências qualitativas em conteúdo, temporalidade e modelos pedagógicos. E a terceira uma desproporção catequética na distribuição de responsabilidades pela Iniciação. Esta última manifesta-se pela concentração de catequistas para a infância, contrastando com a insuficiência de

[454] MORANTE, G., Itinerari per l'educazione alla vita di fede, p. 10-18.
[455] SORAVITO, L., Catechismo degli Adulti e itinerari di fede, p. 47.

catequistas para adultos, adolescentes e jovens. Agrega-se a esses desafios a complexidade de analisar e interpretar os fenômenos de evasão da catequese, a dificuldade de suscitar novas vocações, de garantir formação integral e permanente dos catequistas atuantes e iniciantes, além infelizmente, "de não medir o sofrimento deles na relação institucional com o presbítero".[456]

Impossível na superação desses limites, o projeto atual da catequese se reduz à sacramentalização, culminando sua eficácia na recepção dos sacramentos, restringindo-se à reprodução funcional, formando apenas agentes para a manutenção da socialização religiosa e gerando relações assimétricas de dependência entre catequistas e catequizandos e, por fim, nutrindo a dinâmica paternalista entre pároco e comunidade resultando no clericalismo.

Tal abordagem impede o desenvolvimento de uma comunidade eclesial madura, capaz de viver uma autêntica experiência cristã integral, assimilando a formação como processo dinâmico de *traditio*-recepcio-*redditio* e transcendendo o mero conhecimento doutrinal para uma fé experiencial. Desse modo, urge priorizar nos projetos formativos catequéticos o discipulado sobre a sacramentalização, a liberdade cristã sobre a manipulação espiritual e a transmissão vertical da fé para o cultivo do "nós comunitário" na prática da *lex orandi-credendi-vivendi.*

Por outro lado, precisa também alertar o perigo de reduzir o itinerário à mera programação. Frequentemente, como destacam os bispos do Brasil, encontra-se uma pastoral dos sacramentos da Iniciação desligada da vida comunitária, da pastoral de conjunto e do compromisso sociotransformador. Uma catequese excessivamente sacramentalista em detrimento de uma decididamente missionária.[457]

Para romper essa estrutura exige passar de uma lógica organizativa, programática, para uma lógica relacional, paradigmática, colocando a pessoa no centro em relação ao conteúdo. Essa mudança não se baseia em estruturas rígidas, com datas pré-estabelecidas e prazos de vencimentos de cursos e encontros ocasionais, e sim um modelo que conduz a Iniciação como itinerário no qual a comunidade paroquial se insere e se forma na experiência da fé. Surge assim, um

[456] MEDDI, L., Organizzare la formazione dei catechisti in Italia, p. 2.
[457] CNBB, Doc. 107, 53.

"espaço de interação e comunicação mútua, movido pela lógica do anúncio, não da obrigação".[458]

Essa passagem revela ainda a dimensão missionária, onde a comunidade de aprendizagem, formada por catequistas e presbítero, movidos pela Boa Notícia, constrói e proporciona um "sentimento de pertença"[459] entre adultos afastados, pais indiferentes e católicos não praticantes.

Apesar dessa lógica relacional, espera-se do presbítero um princípio organizador que articule coerentemente os diversos processos catequéticos da paróquia. Esse princípio deve ser compatível tanto "com a catequese de adultos quanto servir como eixo inspirador para a formação das primeiras idades".[460] Nessa organização equilibrada, integram-se ainda outras variáveis que, somadas aos elementos fundamentais do processo, qualificam efetivamente a programação.

A ação educativa inerente à Iniciação à Vida Cristã requer, de fato, uma programação criteriosa que considere as circunstâncias, elabore planos realistas e avalie os resultados.[461] Essa é a missão específica do presbítero enquanto ministro responsável pela coordenação e enquanto catequista dos catequistas, ou seja, o formador.

É oportuno apresentar agora os princípios de uma adequada programação catequética, capaz de se efetivar na prática.[462] Sem pretender analisar minuciosamente cada aspecto, o que exigiria um tratamento específico mais amplo, se limitará a enumerá-los como critérios principais:

> Tal processo requer, em primeiro lugar, conhecer e interpretar a situação inicial dos paroquianos, dos participantes da formação e dos próprios catequistas; em seguida, elaborar um projeto concreto de ações; depois, executá-lo; e finalmente, avaliá-lo sistematicamente visando seu constante aprimoramento.[463]

---

[458] BRESSAN, L., Iniziazione cristiana e parrochia, p. 592. O autor propõe, em seu argumento, algumas prioridades para iniciar, no contexto paroquial, a caminhada de Iniciação cristã. De forma sintética, são três: a passagem de uma lógica centrada na organização para uma lógica centrada na relação; a adoção de uma lógica catecumenal com uma gramática religiosa própria; e, por fim, a valorização de um catolicismo popular que possa acompanhar esse processo.
[459] BIANCO E.; DE VANNA, U; TORRISI, S., La catechesi in parrocchia, p. 170. O grupo propõe a programação entre as cinco etapas da projetação. Os objetivos, a programação, os meios, a técnica e o sentimento de pertença.
[460] DGC 275.
[461] DGC 245.
[462] DGC 245.
[463] BOZANIC, J., La formazione permanente del prete nella catechesi, p. 75.

Por fim, a programação catequética deve integrar organicamente a liturgia e a Palavra de Deus. O tempo catecumenal constitui precisamente esse espaço privilegiado de formação discipular, onde a Sagrada Escritura se torna alimento e a identidade do candidato se consolida. Neste processo, o ano litúrgico surge como referência fundamental - verdadeira bússola que deve orientar toda a estruturação formativa. Definir objetivos, conteúdos e metodologias sem enraizá-los na experiência celebrativa reduz a catequese a um ritualismo pedagógico: indica e não vê, sinaliza e não retrata a grandeza do símbolo, aproxima à margem e não adentra no núcleo do grande mistério. Sobre essa relação irrompível se voltará no último tópico dessa parte quando se falará dos símbolos e ritos desse tempo iniciático.

Da participação do catecúmeno e da comunidade, da capacidade interpretativa do presbítero em ler e discernir cada grupo que a compõe e o modo paradigmático de programar, é necessário agora pensar sobre dois eixos complementares: a integridade desse conteúdo em sintonia com a pedagogia da fé, e consequentemente, a participação do presbítero na vivência comunitária e celebração dos ritos e símbolos catecumenais.

5.2.4
A integridade do conteúdo em sintonia com a pedagogia própria da fé

A pluralidade de materiais catequéticos produzidos hoje no Brasil é uma riqueza. Há uma oferta muito grande e isso favorece à comunidade usá-los quando ela mesma ainda não possui seus próprios itinerários. O uso das diversas plataformas digitais também facilita o acesso ao conhecimento. Essas propostas são derivadas de muitos cursos online ou muitos deles são os desdobramentos dessas publicações.

Cada uma dessas publicações reflete a visão eclesial de seus autores, algumas em plena sintonia com o magistério atual da Igreja e outras apenas em parte. Dessa última situação nasce algumas ofertas formativas, levando os catequistas a assimilarem seus conteúdos de maneira passiva e a reproduzi-los em suas comunidades, o que pode gerar tensões no próprio grupo de catequistas.

Por isso, o acompanhamento do presbítero é essencial, garantindo que a catequese esteja alinhada não apenas aos princípios e métodos do magistério oficial, mas também ao projeto diocesano e à missão da Igreja como um todo.

Alguns critérios contribuem para a efetivação desse processo. O primeiro deles é evitar a separação entre conteúdo e método, cultivando a fidelidade a Deus e ao homem. Uma escolha metodológica adequada e integradora desses dois princípios garante uma finalidade educativa da catequese. O atual Diretório para a Catequese destaca que a "pedagogia catequética é uma ação inspirada no mistério da encarnação"[464] com profundas implicações para a metodologia. Nela, "a Palavra de Deus deve ser a base e como ela deve assumir as autênticas experiências humanas.[465]

Um segundo critério corresponde à integridade dessa mensagem. Mesmo no processo de inculturação da fé, esse tesouro precisa ser anunciado em sua totalidade, adaptado, ampliado e explicitado gradualmente. Na formação e comunicação da fé, cabe ao presbítero propor uma mensagem trinitária, cristológica, antropológica, bíblica, eclesial, doutrinal, litúrgica, querigmática, inculturada e missionária, ou seja, integral e pedagogicamente coerente, garantindo que ela não sofra distorções, reduções ou manipulações por interesses pessoais ou dos interlocutores. É importante lembrar que o agir salvífico de Deus não depende da ação humana, pois é dom gratuito, não mérito adquirido. No entanto, a graça divina pressupõe a disponibilidade humana para acolhê-la. Dessa forma, a obra da Iniciação, educação e formação da fé se realiza pela ação salvífica de Deus e pelo agir pedagógico do homem.

Nesta missão, o presbítero desempenha a missão como como guardião da harmonia. Seja na homilia ou na catequese, cabe a ele manter Cristo como centro, comunicando de forma viva o Mistério Pascal, sua paixão, morte e ressurreição. Não significa reduzir cada encontro à mera apresentação do Senhor, mas sim revelar em cada conteúdo doutrinal sua relação vital com a pessoa de Cristo, tecendo assim uma unidade orgânica, um verdadeiro universo de vida. Esta abordagem exige narrar a fé a partir de Jesus, e não apenas sobre Jesus, destacando a "dimensão antropológica de sua experiência".[466] Dessa forma, catequistas e comunidade podem dizer seu sim existencial, encontrando realização ao acolherem a promessa e as exigências divinas, ao mesmo tempo que podem se inspirar nos objetivos da

[464] DC 194.
[465] DC 194.
[466] GS 22.

pedagogia original da fé para finalmente fazerem as suas escolhas metodológicas. Essa conexão profunda os permite:

> – Promover uma progressiva e coerente síntese entre a plena adesão do homem a Deus (*fides qua*) e os conteúdos da mensagem cristã (*fides quae*);
> – Desenvolver todas as dimensões da fé, razão pela qual, esta se traduz em fé conhecida, celebrada, vivida e rezada;
> – Impulsionar a pessoa a se entregar "livre e totalmente a Deus": inteligência, vontade, coração, memória;
> – Ajudar a pessoa a distinguir a vocação à qual o Senhor a chama. A catequese realiza assim, uma obra de Iniciação, de educação e de ensinamento ao mesmo tempo.[467]

Em uma linha de continuidade com essa proposta, o atual Diretório reassume tal dinâmica, chamando-a de princípio de correlação da qual o presbítero é convidado em nome da Igreja a realizar "uma obra de discernimento para examinar todas as coisas e manter o que é bom (1Ts 5,21)".[468]

Contudo, nas últimas décadas, diante dos novos desafios da evangelização e das profundas transformações culturais, sociais e religiosas, esse discernimento sobre os conteúdos catequéticos sintonizados com a pedagogia da fé e os critérios para sua elaboração, tornou-se uma constante preocupação da Igreja no Brasil.

Em 1987 a CNBB propôs algumas orientações acerca de elaboração, análise e avaliação de textos e manuais de Catequese. Esse estudo surgiu como resposta aos pedidos de muitos bispos, presbíteros, catequistas e coordenadores de catequese que solicitavam à Linha 3 da CNBB um tratamento mais explícito sobre os textos catequéticos. Dom Albano, então, ao elaborar a resposta ressaltou que os textos catequéticos precisam ter muito cuidado: "eles não são um fato neutro, antes, trazem sempre em seu bojo determinadas visões de mundo, homem, Igreja; podem limitar ou ampliar as experiências catequéticas, exigindo, por conseguinte, critérios, orientações e avaliações".[469]

O capítulo terceiro do estudo fala dos textos e manuais, enfatizando a importância da Palavra de Deus e a necessidade de que eles "dependem da Bíblia, devem inspirar-se nela em termos de mentalidade, conteúdo e método. Foi o que, aos poucos, se tentou ir fazendo. É a nossa tarefa hoje, diz o Estudo".[470] Mais à

---

[467] DGC 144.
[468] DC 196.
[469] CNBB, Textos e Manuais de catequese, p. 7.
[470] CNBB, Textos e Manuais de catequese, 39.

frente se descreve os critérios para os livros catequéticos. Assim, o Estudo passa a insistir:

> No crescimento da própria comunidade, na pertença eclesial e na união dos seus membros, na resistência contra o que, de fora ou de dentro, ameaça a identidade; na defesa de valores fundamentais particularmente ameaçados, como a família e a Prática cristã; o próprio senso religioso; a dignidade do pobre, a justiça em sua dimensão sociopolítica.[471]

Em 2005, a CNBB publicou o Diretório Nacional de Catequese, que reuniu os esforços para adaptar as indicações do Diretório Geral de Catequese (1997) e as ressonâncias do Catequese Renovada (1983). Já em processo de amadurecimento, o Diretório propõe que a Comissão Bíblico-Catequética, em "parceria com o setor da liturgia, ofereça itinerários catequéticos inspirados na dimensão catecumenal, tendo presente o RICA".[472] Destaca por fim, a "relação indispensável entre bíblia, liturgia e catecismo".[473]

A partir das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil se ampliou o caminho de amadurecimento da Iniciação à Vida Cristã entre linha, urgência, diretriz, pilar, itinerário e eixo. Isso foi se consolidando cada vez mais ao ponto que o processo proposto pela Iniciação começou a ser observado como uma responsabilidade de todos, envolvendo sobretudo os ministros ordenados.

Evidentemente que essa compreensão é fruto de um processo iniciado em 2009, quando a CNBB começou a estudar a Iniciação à Vida Cristã como um processo de inspiração catecumenal. Esse percurso culminou, em 2017, com a publicação do Documento 107: Iniciação à Vida Cristã – Itinerário para formar discípulos missionários, oito anos depois. Trata-se também de acolher a alerta do Documento de Aparecida: "ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para seu seguimento, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora"[474]. Para esse contato com Jesus, diz o Documento 107 da CNBB, requer a necessidade de uma "fonte autêntica".[475] Por isso, ele estabelece critérios para a elaboração ou adoção de subsídios catequéticos.

---

[471] CNBB, Textos e Manuais de catequese, 41.
[472] DNC 329.
[473] DNC 137.
[474] DAp, 287.
[475] CNBB, Doc. 107, 164.

Inicialmente em relação aos seus conteúdos devem ser inseparáveis às realidades humanas, fiel ao princípio da fidelidade a Deus e fidelidade ao homem e "promova a interação entre fé em Cristo e a vida concreta pessoal e social de cada um dos interlocutores e da comunidade eclesial".[476]

Quanto à elaboração dos subsídios, o Documento reconhece a importância de adaptá-los à realidade local, mas adverte que é preciso garantir os elementos próprios do processo de Iniciação à Vida Cristã: "o Símbolo dos Apóstolos e a narração da História da Salvação e o catecismo da Igreja católica como fundamento da moral cristã revelado a partir do mandamento do amor, das bem-aventuranças e dos mandamentos".[477]

Por último, o referido documento reúne oito critérios essenciais para os subsídios catequéticos e que naturalmente podem ser observados pelo presbítero tanto na elaboração desses conteúdos para sua comunidade paroquial ou diocesana, tanto para sua adoção. São eles:

> 1. Fidelidade à Doutrina dos Apóstolos (Creio);
> 2. Centralidade na Palavra de Deus, especialmente com a Leitura Orante da Palavra (História da Salvação);
> 3. Inserção na comunidade, estabelecendo uma metodologia que favoreça o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo;
> 4. Integração com a liturgia da comunidade e a interação entre fé e vida por meio de celebrações que permitam iniciar o candidato na dimensão celebrativa da Igreja;
> 5. Metodologia interativa, com diálogos, vivências e troca de experiências, evitando o estilo escolar;
> 6. Iniciação à vida de oração pessoal e comunitária, desenvolvendo uma espiritualidade do cotidiano; uma espiritualidade capaz de perceber a presença de Deus em todos os setores da vida;
> 7. Estímulo ao compromisso com a justiça e o serviço à caridade, propondo participação ativa e consciente na política, na cidadania, na opção preferencial pelos pobres e no cuidado com a criação;
> 8. Visão global da pastoral, não deixando de lado nenhuma dimensão do trabalho proposto pela Igreja (ação social, vida familiar, diálogo ecumênico, vivência comunitária, missão etc.).[478]

Tais números, como se pode observar, indicam um caminho para a elaboração dos subsídios catequéticos. Portanto, exige do presbítero a sensibilidade e o cuidado para que todos esses critérios sejam contemplados não apenas nos subsídios em si, mas em cada encontro elaborado. Além disso, é fundamental que os itinerários

[476] CNBB, Doc. 107, 165.
[477] CNBB, Doc. 107, 166.
[478] CNBB, Doc. 107, 167.

incorporem elementos do nosso tempo, como o uso interligado desses subsídios com as plataformas digitais, reforcem a dimensão antropológica do ser humano, valorizem a narrativa bíblica sem cair no fundamentalismo, na conveniência sacramental ou no colonialismo da imagem; e orientem para uma catequese ecológica formando discípulos comprometidos com a missão e o sentido de pertença à comunidade eclesial. Temas pertinentes da nossa época. Por essa razão, "os itinerários não podem ser uma mera síntese do Catecismo".[479] Eles devem auxiliar na construção dessa comunidade onde o profetismo seja fruto de uma escolha pessoal e testemunhado comunitariamente.

Tudo isso exige paciência e a capacidade de pensar na formação dos catequistas e da própria comunidade para a recepção desses materiais pelas Igrejas Particulares. O presbítero precisa considerar: o que pode ser feito, qual a contribuição delas nesse processo e como tornar os subsídios acessíveis e abertos aos processos de inculturação nos diversos contextos culturais e eclesiais nas inúmeras realidades eclesiais. Essa tarefa também demanda:

> A ousadia de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, com a serena consciência de que Cristo é o "Evangelho eterno" (Ap 14,6), sendo "o mesmo ontem, hoje e pelos séculos" (Hb 13,8), mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis.[480]

A observância desses princípios, aliada à ousadia mistagógica do presbítero, favorece aos catequizandos e catecúmenos o retorno à essa fonte profunda e necessária do Evangelho, recuperando seu frescor original. A ocasião desse encontro deve despertar neles novas estradas, inspirar métodos criativos, renovar formas de expressão e revelar sinais eloquentes, com palavras repletas de significado para a vida e o mundo atual.

5.2.5
Ações rituais e simbólicas da Iniciação: um movimento entre o externo e interno para o circular na missão do presbítero

As quatro condições analisadas anteriormente permitem descrever a contribuição presbiteral no período catecumenal. A culminância da sua participação

[479] DC 403.
[480] DC 406.

se dá na liturgia, através das celebrações e ritos prescritos, pois nesses momentos a sua participação se torna indispensável.

Antes de entrar nesses principais ritos, algumas explicações são necessárias. Quando se tratou no terceiro capítulo sobre o presbítero como ministro dos sacramentos se evidenciou algumas notas em relação a sua participação nesses ritos. Aqui, agora, busca responder não como ele deve fazer, pois o próprio rito já prescreve, mas ajudá-lo a entender aquilo que ele deve celebrar. Entender o que se reza e rezar o que se celebra.

Naquele ponto se descreveu a certa resistência em celebrar esses ritos dentro da assembleia litúrgica em virtude da sua demora, levando a comunidade a reclamar. Por causa disso, alguns presbíteros têm insistido em realizá-los nos espaços onde acontece a catequese ou mesmo defendido que os próprios catequistas os celebrem.

O RICA, nesse sentido, orienta que os catequistas, sempre que possível, tomem parte ativa na celebração dos ritos. Quando eles são "delegados pelo Bispo podem fazer os exorcismos menores e dar as bênçãos que se encontram no Ritual",[481] essas sendo oportunas no fim do encontro catequético.

O risco dessa ação é cair no ritualismo e no desaparecimento da comunidade. De um lado a percepção técnica do rito sem sua ligação profunda com o mistério central de Cristo, faz dele um momento árido concebendo como improdutivo para a comunidade. Da parte comunitária se descortina a overdose de imagens muito mais atraentes do que as celebrações, provocando reações divorciadas entre aquilo que se acredita e aquilo que se celebra. A linguagem não possui o mesmo significado para muitos dos seus membros. Há um sucateamento entre o que os símbolos e ritos representam com aquilo que o modo de falar comunica.

Da realidade descrita acima surge o argumento dessa pesquisa. O itinerário da Iniciação à Vida Cristã precisa ser assumido com seriedade não apenas pelos catequistas, mas também com a participação integral do presbítero, que vai além das celebrações dos sacramentos e ritos. Uma dimensão complementa a outra, exigindo uma atuação mais profunda do presbítero em um caminho mistagógico. Esse percurso harmoniza o transmitido, o celebrado e o vivido, criando sintonia

[481] RICA, n. 48.

entre os catequizandos, os catecúmenos, a comunidade, os catequistas e todos os envolvidos no processo.

Em virtude dessa proposta, as celebrações e ritos do tempo catecumenal, de purificação e de iluminação devem ser contempladas por um novo ângulo. Sabe-se que "há um caminho que conduz do visível ao invisível, do concreto interpretado à luz da Palavra à experiência do que não se vê, mas se faz presença verdadeira nessas mediações".[482] Portanto, "trata-se de uma linguagem performativa, que 'atualiza', faz acontecer aqui e agora; torna presente e possibilita nossa participação no mistério de Cristo, nos eventos históricos da salvação".[483]

A resistência em celebrar e unir esse movimento externo com o interno na celebração tem a ver com má compreensão do presbítero e a sua interpretação equivocada acerca dos seus significados. A resistência da comunidade e a irrelevância do rito no processo da Iniciação representa uma indiferença entre o significante e o significado.

Enquanto os membros da comunidade possuem visões diferentes acerca do rito, esse, por sua vez, contém suas regras e normas que não precisam explicar. É como um jogo: para participar plenamente, é preciso conhecê-las. Ignorá-las compromete o engajamento e a adesão.

Portanto, os ritos precisam de espaço e lugares predeterminados, assim como necessitam de tempo, pois não podem demorar indefinidamente. O espaço e o tempo preparam a comunidade para sua ação corporal. Assim, como no jogo, o campo é o espaço e o tempo é representado em minutos. Os dois aguardam a torcida que reagem corporalmente, isto é, mediante os sentidos e transformam a atmosfera do ambiente e o sentido do tempo.

Semelhante modo, o presbítero é chamado a oferecer na comunidade esse movimento entre o externo e o interno em direção ao circular. Através dos ritos e símbolos visíveis, ele internaliza a graça que Deus concede a cada participante para, em seguida, ser vivido por todos na circularidade da comunidade. Ao mesmo tempo que todos são chamados a viver a verticalidade do Mistério que é o próprio Deus.

Buyst menciona alguns requisitos para à prática celebrativa e formativa atingir esse movimento apontado.

---

[482] PAIVA, V., Catequese e liturgia, p. 78-79.
[483] BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 52.

> A qualidade significativa e comunicativa do sinal do rito. Não se pode fazer o rito pelo rito, mas buscar sua semelhança com o acontecimento histórico da salvação, e a veracidade dos símbolos e sinais usados, para que toquem os fiéis e provoquem uma mudança, uma conversão permanente;
> A necessária semelhança dos ritos litúrgicos exige uma consciência histórica e responsabilidade com o presente e futuro do ser humano, tendo clareza do que é "memória" e "compromisso";
> É preciso um enraizamento teológico e espiritual da constituição de cada rito e do significado de cada elemento, para que não se tornem um mero momento devocional;
> É indispensável buscar cada vez mais aprimorar a arte da comunicação litúrgica, que tem seus próprios objetos e sua lógica em comparação à comunicação social. Trata-se de saber articular e deixar o mistério se expressar através das múltiplas linguagens da liturgia;
> E, por fim, é indispensável uma inculturação que deve ir além não apenas da língua falada, mas também da linguagem gestual-corporal, musical, arquitetônica. É preciso, portanto, falar a linguagem da comunidade celebrante;[484]

A consciência histórica e teológica enfatizada pela autora é extremamente válida. Sem essa base, os escrutínios reduzem-se a cenas de exorcismo de filmes. A entrega do Credo, vira um certificado impresso e o rito iniciático perde seu sentido, tornando-se apenas uma encenação de símbolos piedosos. A comunidade, espaço histórico e vivo da fé, transforma-se em uma plateia enquanto assiste o espetáculo, no qual o presbítero é o personagem principal e visível, o catequizando ou catecúmeno se transforma em objeto de curiosidade, e o tempo, em um relógio parado, incapaz de marcar a verdadeira hora da conversão.

Brambilla, teólogo e pastoralista italiano cita três passagens[485] importantes que, quando aplicadas ao processo das celebrações e ritos, redefinem também o papel do presbítero nesta formação comunitária, ritual e simbólica.

A primeira é a dimensão iniciática (*intro-ducere*). Toda a ação formativa na educação da fé visa, primordialmente, conduzir catequizandos e catecúmenos à essência desse dom divino. Esse processo permite manifestar seu crescimento gradual durante o catecumenato, construir sua identidade cristã e ressignificar sua linguagem iniciática.

A segunda passagem é o *educare*, que implica tanto em purificar concepções equivocadas sobre a fé quanto em conduzir progressivamente em direção a uma escolha de vida vocacional, a uma novidade de vida. Este aspecto será detalhado no ponto seguinte.

---

[484] BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 60-61.
[485] BRAMBILLA, F. G., Liber Pastoralis, p. 163-167.

Por fim, a terceira e última trata-se de vivenciar a experiência cristã em sua plenitude com os seus códigos, símbolos, gestos comunicativos e figuras como uma forma de interpretar a vida e a realidade à luz da fé. Trata-se de uma dinâmica que vai além da simples admissão de códigos sociológicos convencionais, de habilidades, conhecimentos e métodos para garantir a eficácia do caminho futuro.

Todo esse arcabouço reflexivo alerta para o seguinte: negligenciar as celebrações rituais da Iniciação, como prescreve a Igreja ou fazê-las de qualquer modo, aponta uma questão anterior que foi o motivo da reflexão até agora. Quando o presbítero não se envolve integralmente com todo o processo da Iniciação à Vida Cristã perde a capacidade de entender por qual motivo deve celebrar e o que os catequistas pedem e recordam.

O Documento 107 da CNBB assim orienta o presidente da celebração sobre como proceder nesses momentos:

> Nas celebrações eucarísticas e nas celebrações da Palavra, considere-se que na assembleia litúrgica participam pessoas que estão iniciando a caminhada cristã. Por isso, quem preside a celebração precisa considerar que sua intervenção deve ser clara, objetiva e catequética. Celebrações com crianças, adolescentes e jovens supõem maior atenção aos recursos de linguagem, símbolos e referenciais utilizados".[486]

O RICA estabelece, por sua vez, que o presbítero pode ter até oito participações durante o tempo do catecumenato e outras cinco no tempo de purificação e iluminação.[487] Essa quantidade representa aqui mais do que a obrigação, um convite à sensibilização catequética e pastoral, destacando a importância de sua presença ao longo do itinerário. Diferente da catequese tradicional, em que o contato muitas vezes se restringe à celebração sacramental, essa abordagem busca fortalecer o vínculo com a comunidade. É um gesto de esperança para evitar que jovens e adolescentes se despeçam da comunidade após receberem os sacramentos tão aguardados.

---

[486] CNBB, Doc. 107, 149.

[487] Apresentamos aqui as descrições deste tempo por uma razão pedagógica. No próximo tópico, desejamos voltar o olhar para além da própria Iniciação. Por isso, concentramos neste ponto todos os ritos e celebrações, ainda que reconheçamos a vivência e celebração de alguns no tempo quaresmal. Vale recordar o Decreto Conciliar *Ad Gentes*, promulgado pelo Papa Paulo VI, que orienta: "os catecúmenos sejam convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos e, mediante sagrados ritos celebrados em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus" (AG 14).

Os oito ritos descritos incluem a celebração da entrada no catecumenato,[488] mencionada anteriormente e agora detalhada em sua forma celebrativa. Esse rito compreende duas partes interligadas: inicialmente, na primeira parte, ocorre a recepção e acolhida dos candidatos/catequizandos na porta da Igreja e, na segunda, procede-se com a liturgia da Palavra e entrega da Bíblia.[489] Na acolhida, Deus acolhe, na Palavra Deus fala. É importante destacar a centralidade da Palavra de Deus pelo RICA, incentivando momentos específicos para sua celebração.[490] Essa entrega da Palavra não se limita aos adultos, mas se estende também às crianças e adolescentes durante a catequese infantil, conforme previsto no Ritual adaptado para eles.[491]

Dentre os ritos conclusivos da celebração da Palavra de Deus, pode ser feito os primeiros exorcismos, seguido pela benção dos catecúmenos. O primeiro consiste na oração presidencial sobre os catecúmenos que, invocando a ação divina, pede para deles afastar o espírito do mal, todo erro e todo pecado, ocasião de se tornarem templos do Espírito Santo.[492] O segundo momento é a bênção propriamente dita, onde se suplica a renovação pela água batismal e a plena incorporação à comunidade eclesial.

> Com os exorcismos, a Igreja pede que os livre de todo mal que ameaça o homem. As bênçãos também podem ser dadas em várias ocasiões aos catecúmenos. O RICA apresenta 11 fórmulas de exorcismos e 9 de bênçãos, que podem ser usadas em diversas ocasiões, inclusive pelos catequistas leigos, sobretudo no encerramento do encontro da catequese. Os catequistas, clérigos ou leigos, estendendo as mãos em direção aos catecúmenos, proferem a oração, que expressa o zelo e amor da Igreja, para que aqueles que não possuem a graça do sacramento encontrem nela apoio para se manterem na caminhada.[493]

Dois aspectos merecem especial atenção. O primeiro, é a indispensável sintonia entre as celebrações da Palavra com o calendário litúrgico. Essa harmonia permite que o mistério de Cristo seja vivido mais profundamente na catequese, "oferecendo maior possibilidade de viver o processo catequético na comunidade de fé e fortalecendo a união entre catequese e liturgia".[494]

---

[488] RICA 68-97.
[489] RICA 92.
[490] RICA 19; 106-119.
[491] RICA 238.
[492] RICA 109-118.
[493] PARO, T. F., As celebrações do RICA, p. 31.
[494] PARO, T. F., As celebrações do RICA, p. 30.

Em segundo lugar, algumas entregas podem ser antecipadas em benefício do tempo do catecumenato ou em relação a brevidade do tempo da purificação e iluminação. Contudo, essa adaptação deve considerar os sinais de maturidades dos candidatos, caso contrário, não sejam realizadas,[495] ou se prudente for, sejam mantidas para o tempo da purificação e iluminação, celebrando-as naquela última semana da quaresma que antecede os ritos de preparação imediata, que é uma preparação que ocorre na manhã do Sábado Santo.[496]

Com relação a unção dos catecúmenos, o RICA pede que seja celebrado do seguinte modo: [497]

> Faça-se a celebração do modo abaixo descrito: a entrega do Símbolo, conforme os nn. 183-187; a Oração do Senhor, conforme os nn. 188-192. Terminada a entrega, a celebração pode concluir com o rito do "Éfeta" (cf. nn. 200-202), exceto se entre os "ritos de transição" estiver a entrega do Símbolo (cf. nn. 194-199), que começa pelo rito do "Éfeta". Neste caso, evite-se usar nas fórmulas a palavra "eleitos"; diga-se simplesmente, 'catecúmenos'.[498]

Esse rito da unção evoca a força de Cristo para o catecúmeno. Ao ungi-lo a Igreja quer transmitir para os que aprofundam a Iniciação à Vida Cristã essa força divina. Assim diz, o ministro ordenado ao proferir as seguintes palavras: "O Cristo Salvador lhes dê a sua força simbolizada por este óleo de salvação...",[499] e cada um é ungido com o óleo dos catecúmenos no peito, ou em ambas as mãos, ou ainda, em outras partes do corpo, se parecer oportuno.

Quanto ao rito de entrega do Símbolo[500] a Igreja confia, com amor, aos catecúmenos esses documentos considerados desde a antiguidade como o compêndio de sua fé e oração. Ambrósio de Milão o chamava de "tesouro íntimo da Igreja".[501]

> O Símbolo é a face visível do mistério de Deus, é manifestação. Assim, quer-se levar os catecúmenos a essa experiência a partir da reflexão dos artigos da fé, pois a linguagem do Símbolo, por sua natureza, coloca quem dele se serve em estreito contato com a totalidade do mistério. Ainda, a própria denominação "símbolo" remete à origem da palavra: algo que une. Aqui, pessoas de diferentes culturas,

---

[495] RICA, 102; 125-132.
[496] RICA, 183.
[497] RICA, 102; 125-132.
[498] RICA, 126.
[499] RICA, 132.
[500] RICA, 103; 125-126; 186-187.
[501] AMBRÓSIO de Milão, Explicação do símbolo, p. 23.

> maneiras de pensar e agir tornam-se UM ao professarem uma só fé. A grande unidade na diversidade: a Igreja.[502]

A celebração expressa com eloquência essa unidade à qual os catecumenatos são convocados e que devem cultivar na comunitária. Após a homilia, o diácono ou o catequista os chama, e o presidente dirige-lhes estas palavras: "caríssimos catecúmenos, agora vocês escutarão as palavras da fé pela qual vocês serão salvos. São poucas, mas contém grandes mistérios. Recebam e guardem essas palavras com pureza de coração".[503]

Já a entrega do Pai Nosso,[504] seguindo praticamente o mesmo rito anterior, revela a adoção filial. Desde os tempos apostólicos, a Igreja faz dela a oração característica dos que recebem no batismo essa filiação e que, depois, como neófitos, repete com os outros batizados na primeira eucaristia de que participam. Assim, se conclui com essas palavras, a oração sobre eles, pedindo que "aumente a fé e o seu entendimento para que, renascidos pelo Batismo, sejam contados entre os vossos filhos adotivos".[505]

As cinco participações restantes do presbítero no processo da Iniciação concentram-se no tempo da purificação e iluminação, tradicionalmente vividos durante o período quaresmal. Essa "intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e da penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador".[506] Ela é marcada pelos ritos da eleição e dos escrutínios, e ainda pelas entregas, assinalações e unção se por razões convenientes que venham acontecer nesse período.

O rito da eleição ou inscrição do nome é celebrado habitualmente no primeiro domingo da quaresma. Ele consta da proclamação da Palavra e homilia; apresentação dos candidatos; exame de petição dos candidatos que o presidente exorta e interroga; admissão ou eleição; oração pelos eleitos; despedida e liturgia eucarística. Trata-se de uma celebração onde o diálogo é construído entre o presidente e os padrinhos e madrinhas, juntamente com os catecúmenos. No final, quem preside, conclui com essas palavras e mãos estendidas agora sobre os eleitos:

---

[502] PARO, T. F., As celebrações do RICA, p. 36.
[503] RICA, 186.
[504] RICA, 188;191-192.
[505] RICA, 192.
[506] RICA, 25.

“Pai amado e todo poderoso, vós quereis restaurar todas as coisas no Cristo e atraís toda a humanidade para ele. Guiai estes eleitos da vossa Igreja e concedei que, fiéis a sua vocação, possam integrar-se no reino de vosso Filho e ser assinalados com o dom Espírito Santo”.[507]

A partir desse momento, os eleitos são convidados a se preparem mais intensamente, fortalecendo a fé e o firme desejo de receber os sacramentos da Igreja. Eles continuam esse caminho, realizando também os escrutínios e as entregas, se não tiverem sido essas ainda celebradas, por exemplo, no tempo do catecumenato. Já os escrutínios são solenemente celebrados no terceiro, quarto e quinto domingos da quaresma. Todos possuem a mesma estrutura ritual: proclamação da Palavra e homilia, oração em silêncio, prece pelos eleitos, exorcismo, despedida dos eleitos e liturgia eucarística. Esses ritos possuem uma dupla finalidade, conforme a tradição da Igreja: “descobrir o que houver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-los; e o que houver de bom, forte, santo para consolidá-lo”.[508]

Interessante observar tanto o caminho pedagógico quanto o itinerário quaresmal que o presbítero e os eleitos percorrem juntos através dos ritos. Seguindo as leituras do Lecionário do ano A, a Igreja propõe: no primeiro escrutínio, o Evangelho da Samaritana (Jo 4,5-42); no segundo, o cego de nascença (Jo 9,1-41); e no terceiro, a ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-45). Desse modo, ele apresenta o Cristo como dom da água viva, o dom que mata a sede da humanidade. Igualmente Ele apresenta Cristo como o dom de enxergar, isto é, a luz que ilumina. Santo Agostinho, assim dizia: Cristo colocou a lama nos olhos do cego de nascimento. Teria posto a lama e ainda não enxergava, porque quando a colocou, possivelmente o fez catecúmeno. O enviou à piscina que se chama Siloé, porque foi batizado em Cristo, e foi então quando o iluminou. Tocava ao Evangelista o dar-nos a conhecer o nome desta piscina, e por isso disse: 'Que quer dizer Enviado', porque se Aquele não houvesse sido enviado, ninguém de nós haveria sido absolvido do pecado.[509]

Na culminância deste itinerário, o presbítero revela Cristo com dom da vida. Pela ação transformadora do Espírito Santo, o eleito torna-se essa pessoa que

[507] RICA, 149.
[508] RICA, 25.
[509] AGOSTINHO, Comentários ao Evangelho de São João II, sermão 135.

caminha na vida como uma nova criatura: uma criatura para a vida e que vai em direção à vida.

A prece pelos eleitos se conclui com as orações de exorcismos. São seis modelos oferecidos pelo RICA, sendo dois para cada uma das três celebrações dos ritos de escrutínios. A função principal é sobretudo espiritual. Os exorcismos estão "orientados para libertar do pecado e do demônio e confirmam no Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida dos eleitos".[510]

Os ritos de preparação imediata, celebrados na manhã ou início da tarde do Sábado Santo, fecha essa segunda etapa. A finalidade é preparar os eleitos "para os sacramentos pelo recolhimento e a oração".[511] Os ritos são: ritos iniciais, liturgia da Palavra, recitação do Símbolo, rito do "Éfeta", escolha do nome cristão e rito da unção. Esse se conclui com o presidente da celebração rezando com essas palavras: "o Cristo Salvador lhes dê a sua força simbolizada por este óleo da salvação. Com ele os ungimos no mesmo Cristo, Senhor nosso, que vive e reina pelos séculos".[512]

A terceira e última etapa do itinerário catecumenal ocorre com a celebração dos sacramentos da Iniciação durante a Vigília da Páscoa. Eles são conferidos depois da benção da água. Consta-se da celebração do batismo com as seguintes partes: apresentação dos eleitos e exortação de quem preside; ladainha; oração sobre a água; renúncia; unção; profissão de fé; banho batismal; ritos complementares; unção depois do Batismo; veste batismal; entrega da luz; celebração da Confirmação e a celebração da Eucaristia.

A importância da participação do presbítero nestas celebrações é de grande valor. No segundo capítulo já se indicou o chamando de ministro dos sacramentos. Nesse ponto, convém apenas recordá-lo da sua missão específica e da proposta de fomentar a beleza do caminho realizado com ele antes do momento sacramental. Todas essas alusões remetem a único ofício: auxiliar o eleito a se incorporar plenamente ao mistério pascal de Cristo, observando que o seu caminho é, antes de tudo, obra do Espírito Santo, que precede a tudo e a todos.

> É ele o precursor (vem antes, impulsiona); é acompanhante (está presente em cada momento, dando "olhos para ver e ouvidos para ouvir" o mistério de Deus); é

[510] RICA, 25.
[511] RICA, 193.
[512] RICA, 131.

> continuador (leva a diante, aperfeiçoando progressivamente a identidade plena do discípulo de Cristo).[513]

Com essa compreensão pneumatológica da Iniciação à Vida Cristã, é possível imaginar neófitos permanentes na missão da Igreja e na sociedade. De homens movidos pelo desejo à homens eleitos, de simpatizantes à discípulos e missionários, eles se reconhecem como cristãos no mundo e cidadãos na Igreja, vivendo com liberdade o chamado à vida e vocação.

5.3
O presbítero, a sociedade e a mistagogia: perspectiva transcendental da experiência que se transforma em anúncio

Essa parte final do capítulo define a expectativa e a atuação do novo cristão na Igreja e no mundo. Além de corresponder ao convite do presbítero para participar ativamente dos grupos, pastorais e serviços eclesiais, propõe uma reflexão: como sua presença e experiência, vividas ao longo do itinerário iniciático, podem agora se transformar em anúncio da pessoa de Jesus, fermentando a sociedade e tornando-a mais justa e fraterna.

A mistagogia, conforme descrita no terceiro capítulo é a "condução ao mistério", o último tempo da Iniciação, que coincide com o Tempo Pascal. Nesse período, os neófitos consolidam "as experiências e os resultados positivos, assim como aprofundam seus laços com a comunidade dos fiéis".[514] Ela é profundamente cristológica, pois é o próprio Cristo que se revela e se dá a conhecer.

Em vista desse processo, o argumento se desenvolve a partir de cinco pontos: a missão e o sentido da vida; o segundo remete ao serviço e a caridade; o terceiro a formação presbiteral como espaço da mística presbiteral no acompanhamento e por último, alguns temas emergentes e diálogos necessários para a Iniciação à Vida Cristã, hoje.

Essa última abordagem não pretende esgotar ou fechar o assunto, mas sim despertar novas possibilidades de atuação, tanto para o presbítero quanto para o neófito, no processo evangelizador que se estende da Igreja para a sociedade. Por isso, a mistagogia aqui revela-se como esse fio transversal do caminho, envolvendo

---

[513] CNBB, Doc. 107, 100.
[514] RICA, 7.

o neófito nas diversas experiências e não somente limitar seu conhecimento pastoral da vida da Igreja nesse momento último.

5.3.1
A missão e a visão compartilhada da fé como fruto da atualização constante da vida cristã

Todo itinerário de Iniciação à Vida Cristã deve levar a pessoa, de forma gradual, a viver uma escala cristã: de simpatizante a catecúmeno, eleito, neófito e, finalmente, discípulo de Jesus, preparado para anunciar a boa nova do seu Reino. Esse processo é um espaço de escuta da voz de Deus e do próximo, onde se constrói uma vida cristã autêntica, encontrando seu lugar na comunidade de fé e na sociedade.

A dinâmica proposta segue o movimento de uma onda, em que o neófito discerne a vida, repousa na escuta da Palavra, amadurece na fé e atinge seu ápice na Eucaristia, antes de retornar ao repouso inicial. Nesse movimento, o processo o leva a sair de si mesmo, a sair do seu comportamento narcisista para assumir a sua vocação como realização plena do amor. Assim, permanece habitante em sua casa, mas vive como cidadão na Igreja e peregrino no mundo.

Nessa nova fase da vida, o neófito, sustentado pela fé, pelos sacramentos recebidos na Igreja e pelo testemunho da comunidade, busca descobrir o sentido e o mistério da vida, o amor pleno, a vida autêntica, a liberdade e a vocação. Ele percebe que, após o caminho percorrido, a vida é um projeto com sentido, mistério e precariedades. Por isso, ela é um chamado e a missão é uma vocação que não suporta ser arquivadas no balcão da vida pessoal, mas vivê-la corresponde a uma realização de si e um colaborar na construção do projeto de Jesus.

Embora tenha feito essa magnifica descoberta, o novo cristão sente que a fé necessita do amor, e este é inseparável da verdade. Na comunidade cristã onde vive e testemunha as graças recebidas, ele sente o desejo de continuar amando, ao mesmo tempo, que anseia por ser amado e viver com satisfação o seu chamado. Da mesma forma, espera que todas as pessoas do mundo carreguem em seu coração a mesma compreensão de verdade que o faz viver com segurança.

Obviamente que a realidade apresenta um paradoxo: ao expressar seu amor, nem sempre ele é correspondido, deixando-o insatisfeito e inseguro. Ao final, como

cristão neste mundo, ele não pode "assegurar toda a verdade e nem pode garantir de jamais fazer escolhas erradas".[515]

Nesse exato momento, o neófito transcende a ilusão iniciática e mergulha na vida, compreendendo que o caminho percorrido não o isenta de enfrentar insatisfações e inseguranças. Ele percebe a vida como uma realidade construída e provocante, que exige do seu novo ser cristão novas condutas, novas escolhas e responsabilidades ampliadas.

A atualização do projeto de vida cristã se revela então como uma percepção holística, abrangendo a dimensão cognitiva, afetiva e operativa. Ela se ancora nos valores, inquietações e aspirações do próprio mundo, promovendo uma busca autêntica e criativa pela Verdade. Além disso, estimula relações dialéticas e características próprias do desenvolvimento pessoal em contextos de aprendizagem.

Nessa ação missionária e holística do Evangelho, que integra realidade e vida, a existência humana se constrói no exercício da liberdade responsável. Ser cristão, portanto, vai além da visão limitada de apenas participar de grupos e pastorais é, acima de tudo, cultivar relações profundas consigo mesmo, com os outros, com Deus, com a Igreja e com o mundo".[516]

Essa tomada de consciência transforma o neófito em um buscador da vida cristã, não em seu possuidor. Amadurece a compreensão de que ser cristão no mundo exige desconstruir a autoimagem e reconstruí-la à luz do Evangelho, renovando-se constantemente na relação com a comunidade. Assim, sua visão eclesial deixa de ser algo isolado e passa a integrar plenamente o "nós", como parte essencial de um todo.

Viver dessa forma significa abraçar os desafios do crescimento em todas as suas dimensões, experienciando-se tanto fora como dentro de si. É saber viver com a oferta do amor materno oferecido pela comunidade e utilizá-lo para temperar a sociedade carente desse afeto. É mostrar ao mundo a sua dependência do amor, enquanto se revela ser amado por Deus. Essa é a missão do cristão autenticamente humano, isto é, "consciente de si, vive com autonomia e coerência, relacionando-

[515] MORAL, J. L., Ricostruire l'umanità della religione, p. 169.
[516] CARVALHO, W. F. S.; DANTAS, A. T., Iniciação à Vida Cristã, p. 172-179. Neste ponto, os autores apresentam a proposta de um projeto de vida pessoal para o neófito, a ser desenvolvido após o processo de Iniciação à Vida Cristã.

se de maneira integral consigo mesmo, com os outros, com a criação e com o Transcendente, em honesta sintonia com a realidade".[517]

Essa autonomia, que não significa rebeldia nem quebra da comunhão e da unidade eclesial, mas sim a superação da manipulação sutil do modelo eclesiocêntrico na Iniciação à Vida Cristã, possibilita viver a liberdade como resposta vocacional. Todo cristão, ao completar seu processo de Iniciação, é chamado a alcançar essa maturidade espiritual. Na verdade, esse é o objetivo fundamental do caminho formativo: conduzir o neófito a uma resposta livre, consciente e natural, como culminância de seu discipulado.

Desse modo, o itinerário iniciático não se conclui com o banquete sacramental, mas se prolonga no altar da vida, onde a experiência com o Ressuscitado exprime ao neófito uma contínua busca de sentido para compreender o mistério da vida; o fortalecimento de uma nova identidade relacional com a Igreja e o mundo; e por fim, uma permanente provocação da vida para descobrir e acolhê-la como dom.

Quando vivida em plena liberdade, essa vida se torna espaço de uma vocação, ou seja, um chamado que brota do coração de cada pessoa. Trata-se de um convite feito por Deus, cristalizado na Iniciação, germinado na vida, que finalmente, floresce agora em serviço. Esta é a missão e a visão compartilhada da fé como fruto da atualização constante da vida cristã.

5.3.2
O serviço da Igreja à humanidade como atualização do lava-pés de Jesus

Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros (Jo 13,14). Com essas palavras, Jesus estabelece o fundamento de toda a prática catequética: ela é um espaço onde o discípulo, primeiro é purificado pelo Senhor, depois formado pela comunidade e, em seguida é convidado fazer a mesma coisa com o próximo, isto é, lavar os seus pés. O ter parte da Eucaristia é fazer-se servo um do outro, por isso, a catequese deve ser essa etapa privilegiada para entender que não há Eucaristia sem o lava-pés da vida fraterna.

Nesse sentido, o neófito é convidado a ser samaritano no mundo, compreendendo que seu agir nunca é separado de uma comunidade de fé. Pois, o

[517] MORAL, J. L., Cittadini nella chiesa, cristiani nel mondo, p. 236.

serviço aos necessitados não é apenas uma função humilde e útil. Ele, à luz da fé e do amor divino, é "a revelação da natureza do filho de Deus".[518] Por essa razão, o testemunho dado por Jesus não é um exemplo de humilhação, mas de elevação da humanidade à glória divina.

Por isso, como destacou o Papa Francisco, o lava-pés é antes de tudo um gesto de hospitalidade. É um serviço assinalado pelo cuidado da fragilidade e não ato "ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas".[519] O Concílio Vaticano II traduziu esse serviço concebendo a Igreja como servidora da humanidade: ela, "embora necessite de bens humanos para executar sua missão, não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar a humildade e a abnegação também pelo seu exemplo".[520] Essa práxis kenótica é, portanto, o reflexo da Santíssima Trindade no seu ato samaritano e joanino de encontrar e resgatar o ser humano oferecendo a possibilidade de tecer uma relação misericordiosa e purificadora de toda a humanidade.

Esse ato configura a verdadeira *kénosis* eclesial, no qual a Igreja desaparece para que o Reino de Deus apareça em plenitude (Jo 3,30). É o paradigma do despojamento: despojar das vestes do poder para se vestir com o avental do serviço humilde, aproximando-se das feridas da humanidade sofredora. Como bem expressou o Papa Francisco, este serviço de amor concretizado em cada prática caritativa manifesta uma realidade concreta da vida e da missão da Igreja:

> O serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência. Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove.[521]

Cada cristão, imbuído desse amor eclesial, deve se sentir convocado a ser um samaritano no mundo e um filho pródigo na Igreja. Porém, essa identidade missionária não nasce como resultado de uma domesticação dos preceitos e deveres, e sim, da repercussão social no seu mundo interior que o próprio querigma o desperta para sarar e curar, pois a caridade se torna insuficiente se não for pautada no amor que se nutre desse encontro pessoal com o Cristo. Para esse neófito, como

---

[518] FAUSTI, S., Uma comunidade lê o Evangelho de João, p. 393.
[519] FT, 115.
[520] LG 8.
[521] EG 179.

ensina a Igreja, "a caridade não pode ser uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, como expressão irrenunciável da sua própria essência e da Igreja".[522]

O despertar dessa consciência missionária e caritativa constitui o fruto maduro de todo processo da Iniciação. Seria uma contradição gritante sentar-se à mesa para alimentar-se da Eucaristia e, depois omitir-se do serviço, lavando os pés de quem precisa. Com outras palavras: se o encontro com Cristo na Eucaristia não despertar para o compromisso da evangelização e o impulso à solidariedade; se não despertar no cristão o forte desejo de anunciar o Evangelho e de testemunhar na sociedade para que seja mais justa e humana, o neófito está se alimentando para si mesmo. São João Crisóstomo, assim dizia:

> Queres honrar o corpo de Cristo? Não o desprezes quando nu; não o honres com vestes de seda e abandones no frio e na nudez o aflito. Pois aquele que disse: 'Isto é o meu corpo' (Mt 26,26) e confirmou com o ato a palavra, é o mesmo que falou: 'Tu me viste faminto e não me alimentaste' (Mt 25,35) e 'o que não fizeste a um destes pequeninos, não o fizeste a mim' (Mt 25,45). Este não tem necessidade de vestes, mas de corações puros, aquele, porém, precisa de grande cuidado (…) Que proveito haveria, se a mesa de Cristo está coberta de taças de ouro e ele próprio morre de fome? Sacia primeiro o faminto e depois, do que sobrar, adorna a sua mesa (…) enquanto adornas a casa, não desprezes o irmão aflito, pois é mais precioso que o templo.[523]

O Papa Francisco fala sobre a alegria e o sofrimento da caridade na vida de quem faz dela sua prática cotidiana. Diz ele:

> A caridade alegra-se ao ver o outro crescer; e de igual modo sofre quando o encontra na angústia: sozinho, doente, sem abrigo, desprezado, necessitado (...). A caridade é o impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão.[524]

Nesse horizonte a Iniciação à Vida Cristã não pode ser compreendida e trabalhada em nossas comunidades, somente como um nutriente eclesial para encher seus bancos e completar seus estoques, uma vez que o destaque é dado ao aumento da inserção dos fiéis cristãos nos grupos pastorais, utilizando-se da Iniciação como um espaço para que se realize e veja atendidas suas necessidades.

---

[522] DCE 25.
[523] JOÃO CRISÓSTOMO, Hom. 50,3-4.
[524] Francisco, PP., Mensagem para a quaresma de 2021.

Ao contrário, ela deve ser compreendida na lógica do lava-pés, em uma perspectiva autenticamente missionária e do serviço ao anúncio. Desta maneira, a comunidade se torna o lugar da transcendência, superando seus afetos humanos e carências evangelizadoras. A realização da Iniciação não é o fato de estar juntos, e sim formar discípulos na unidade, na comunhão e na caridade, conservando os dons e carismas que evidenciam a diversidade e riqueza eclesial. É aprofundar o chamado à vida, amadurecer a fé, nutrir-se dos sacramentos da Igreja, despertando-se para a missão e serviço ao próximo, no empenho da construção do Reino de Deus.

Com esse objetivo, a Iniciação à Vida Cristã se configura como caminho de serviço à caridade. Nesse processo, o presbítero assume sua missão como um dos sujeitos responsáveis em planejar e propor um itinerário formativo que conduza a pessoa de uma condição de neófito messiânico à maturidade de discípulo servidor.

As características que acompanharão essa passagem, são: enquanto o neófito messiânico assume o Mestre na missão pessoal, o discípulo servidor incorpora-se na obra do Mestre. O primeiro age como copiloto; o segundo entrega a Cristo o destino de sua vida.

Nas decisões, o neófito messiânico diz: “parece muito bem a nós e ao Espírito”, já o discípulo servidor, afirma: “parece bem ao Espírito e a nós” (At 15,28).

A catequese tradicional forma o neófito messiânico, levando-o a pensar como indispensável. A catequese de inspiração catecumenal, porém, convida à reflexão e à pergunta que Jesus fez: “compreendestes o que acabo de fazer?” (Jo 13,12).

O primeiro centraliza responsabilidades e, portanto, a obra morre com ele. O segundo age em comunhão, como o samaritano, colocando-se à disposição dos outros com suas obras.

O neófito messiânico busca ser servido e se destacar; o discípulo servidor desaparece para que Cristo cresça, conduzindo outros à vida cristã. Para o primeiro ser batizado é privilégio, para o segundo, ser cristão é compromisso. Aquele leva a converter o outro; esse busca anunciar o Evangelho. Um supõe e impõe; o outro propõe e descobre; um discursa sobre Deus; o outro fala d’Ele sem palavras. Um torna-se executivo da instituição, enquanto o outro torna-se discípulo da caridade. Um defende ideias; o outro serve pessoas; aquele se dedica aos meios; o outro nunca perde de vista os fins.

No neófito messiânico o amor-próprio é seu ponto de partida; já no discípulo servidor o que lhe move é o serviço. Aquele é promotor digital da caridade, já esse é o peregrino anônimo e silencioso na comunidade.

Essa distinção leva a superar uma catequese superficial e sentimental, em que a conversão se reduz ao uso de símbolos e gestos exteriores que imitam um aspecto religioso. Em vez de promover um crescimento autêntico, esse modelo mantém o neófito em uma fé imatura, mesmo quando ele já deveria ter alcançado a maturidade humana. Por isso, o presbítero precisa estar atento a essas distorções, assumindo sua responsabilidade na prática catequética como um espaço de *kénosis* humano e eclesial. Só assim será possível manifestar a *doxa*, ou seja, a verdadeira glória do Evangelho que se revela quando o ser humano é elevado pelo cuidado daqueles que renunciam a si mesmos para expressar a solidariedade de Deus com o sofrimento humano.

Tal exigência destaca a necessidade da formação permanente do presbítero, capacitando-o para essa tarefa inadiável. Aponta, além disso, para um modelo de formação que valoriza a compreensão mútua e o crescimento contínuo no processo catequético, à luz da identidade própria de seu ministério.

5.3.3
A pastoral presbiteral como vivência da mística e espaço de formação permanente

Nos dois primeiros capítulos, destacou-se que o presbítero deve caminhar atrás do povo, no meio dele e à sua frente. Reforçou-se que, o verdadeiro pastor permanece entre suas ovelhas oferecendo-lhes formação, atuando como místico mistagogo para as conduzir e exercendo a paciência para as acolher. Agora, é importante situá-lo em uma comunidade específica: a pastoral presbiteral, cuja natureza se enraíza na "íntima fraternidade sacerdotal".[525] Essa integração define o espaço no qual ele renova suas forças, transformando-se em um ambiente permanente de formação, que lhe oferece ânimo, criatividade e decisão em seu itinerário. É um lugar de formação, de santificação e de evangelização: "O presbitério é o lugar privilegiado para o sacerdote poder encontrar os meios específicos de formação, de santificação e de evangelização e ser ajudado a superar

[525] PO 8.

as limitações e as fraquezas próprias da natureza humana que hoje particularmente se notam".[526]

Esse âmbito ganha pleno significado quando, pela graça do sacramento da Ordem, se assume um espaço de elevação que transcende as "relações humanas, psicológicas, afetivas, de amizade e espirituais (...) e se concretiza nas mais variadas formas de ajuda recíproca, não só espirituais, mas também materiais".[527]

Por essa razão, propõe-se que a pastoral presbiteral seja o espaço de vivência mística e de formação permanente. Mística aqui entendida como "processo ou modo de vida (...) concebida como a de um tipo específico de encontro entre Deus e o humano, entre o Espírito Infinito e o espírito humano finito".[528]

A mística é compreendida também como categoria relacional do encontro onde o presbítero vive sua vocação e seu ser ministerial em comunhão com os irmãos do presbitério e o bispo, superando a solidão. Desse modo, tudo que o conduz e o prepara para esse modo de viver, assim como tudo que flui ou deve fluir de sua vida na comunidade de fé, possui um caráter místico. Essa experiência é internalizada no seu íntimo para, então, ser externalizada na interioridade comunitária.

Esse movimento dinâmico pode ser descrito da seguinte forma: o presbítero integra formalmente as dimensões existenciais tanto internas como externas do seu ser, onde os elementos se intercomunicam e se articulam em um fluxo circular do alto para baixo e de dentro para fora em permanente retorno. Sua estrutura se revela nos "7M" como um timão ou uma roda do leme[529] que guia a sua vocação: no centro está a misericórdia divina que atrai o seu coração humano; na verticalidade, acima, o mistério como fonte transcendente que atrai; em baixo, a miséria como memória da sua fragilidade e o chão compartilhado com os irmãos e o bispo; na

---

[526] DMVP 36.
[527] PDV 74.
[528] MCGINN, B., As fundações da mística, p. 17. Em vez de definir a mística de forma direta, o autor propõe seu sentido em três níveis que podem ser resumidos brevemente: O primeiro: a mística como elemento de uma religião completa; o segundo: a mística como processo e modo de vida, resultando no encontro entre a pessoa e Deus – nível adotado em nossa reflexão sobre os presbíteros no presbitério; o terceiro nível: a mística como tentativa de expressar uma consciência direta da presença de Deus.
[529] A roda do leme ou timão é, em náutica, o nome dado ao aparelho que permite governar uma embarcação e que utiliza o leme para modificar o rumo do barco. Utilizado a partir de veleiros com quilha a sua utilização é evidente, pois rodando-a para a esquerda o barco vira a bombordo e se o roda para a direita, vira a estibordo, ou seja, ao girar a roda para um lado faz com que o leme se mova na direção oposta, alterando o fluxo da água e virando a embarcação no sentido desejado.

horizontalidade, na parte de trás, a mística como enraizamento do seu ser, a silhueta que sustenta os passos, e na frente, a mistagogia como caminho a desvelar, ou melhor, a arte de conduzir ao mistério. Os eixos transversais responsáveis pelo giro é a missão e o ministério, como as velas que captam o vento do Espírito, impulsionando o giro transformador.

A misericórdia no centro significa o amor de Deus. Graças a ele, a vida do presbítero é sustentada, sai da sua miséria e o seu ministério é sustentado. Por causa dessa confiança ele conduz os outros ao Mistério. Esse Mistério mais presente do que seu próprio ser na ausência, o atrai pela misericórdia e transforma a sua miséria em necessidade de Deus. É o momento que a formação e "a fraternidade sacerdotal, expressão da lei da caridade, longe de reduzir-se a um simples sentimento, se torna para o presbítero uma memória existencial de Cristo e um testemunho apostólico de comunhão eclesial".[530]

Nessa aceitação mútua, o seu ser místico toma consciência de que, para ser mistagogo, ou seja, conduzir o outro, antes é preciso ter se deixado conduzir. Por isso, a paciência em compreender que tanto a sua vida quanto a daqueles que ele guia são permeadas pela misericórdia. Esse amor autêntico que vai além de querer fazer o bem sem querer bem, que mostra externamente algo que não tem correspondência no coração. "Neste caso, há uma aparência de caridade, que pode, no limite, esconder a busca de si mesmo, a instrumentalização do irmão, ou até mesmo simples remorso de consciência".[531]

O que parece ser simples preocupação esconde, na verdade, uma pastoral presbiteral desviada de seu propósito original. A perda dessa íntima fraternidade sacerdotal termina gerando duas consequências graves. Primeira: o presbítero hesita em compartilhar suas memórias de fragilidades com seus irmãos, pois estes já não se enxergam como instrumentos e sim fiscais uns dos outros. Aqueles que outrora viveram e compreenderam como ninguém o mistério da misericórdia divina, agora se encontram estéreis, reduzidos à figura de "irmãos mais velhos" distantes.

---

[530] DMVP, 37.

[531] CANTALAMESSA, R., Fé, esperança e caridade, p. 166. A *Pastores Dabo Vobis* no número 49 é incisiva nesse aspecto caritativo: O presbítero é, portanto, o homem da caridade e é chamado a educar os outros para a imitação de Cristo e para o Seu mandamento novo do amor fraterno (Jo 15,12). Mas isto implica que ele próprio se deixe continuamente educar pelo Espírito para a caridade de Cristo. Nesse sentido, a preparação para o sacerdócio não pode deixar de implicar uma séria formação para a caridade, particularmente para o amor preferencial pelos "pobres", nos quais a fé descobre a presença de Jesus (Mt 25,40), e para o amor misericordioso pelos pecadores.

Esse comportamento gera uma segunda consequência: a formação permanente se reduz tudo ao fazer e não ao contemplar e sentir a docilidade do Espírito. Perde-se assim sua essência mistagógica, reduzindo esses momentos em meras obrigações, vistos como desnecessários, perda de tempo e investimentos sem retornos. O que pode ser mais grave: a formação permanente degenera em reuniões, planejamentos de eventos, substituindo assim a vida de oração e o estar juntos. A minimização desse cuidado formativo pessoal e presbiteral alimenta o iniciatismo, que transforma a Iniciação à Vida Cristã em mero método pedagógico. Prioriza-se o como fazer em detrimento das exigências bíblicas, cristológicas, teológicas, litúrgicas, pneumatológicas, mistagógicas que lhe dão sentido e eficácia.

Com isso, tanto o ministério quanto a missão encontram-se duplamente comprometidos. Qualitativamente eles são esvaziados do ardor missionário da comunidade, tornando essa obesa à espera de novos cristãos para alimentar sua engorda pastoral, enquanto o presbítero lamenta os frutos escassos da catequese. Estruturalmente, porque esses dois eixos, ministério e missão, deveriam ser os responsáveis que vivifica os outros cinco "M"s. Sem esses dois, aqueles se tornariam apenas números.

Diante deste cenário, a mística e a formação presbiteral permanente emergem como pilares fundamentais da pastoral presbiteral no processo catequético. Primeiro por completar e atualizar a frágil formação catequética inicial muitas vezes insuficiente; segundo, por diluir a concepção profissionalizante da dimensão catequética, pretendendo ver o presbítero apenas como agente catequético ou dispensador de ritos sagrados, "correndo o risco de atraiçoar o próprio Sacerdócio de Cristo", reduzindo a vida do sacerdote a um mero cumprimento do dever".[532] Superar essa visão reducionista, coloca a Iniciação à Vida Cristã em uma nova fase de esperança. Ela já não se limita ao presbitério, mas irradia da comunidade para a sociedade - onde o neófito vive, trabalha e peregrina.

5.3.4
O agir presbiteral como lugar de aprendizagem da esperança

Chegando ao fim de uma pesquisa sobre um determinado tema, é natural apresentar seus resultados. Até aqui, buscou-se descrevê-los a partir do ser, do saber

[532] DMVP, 7.

e do modo de agir do presbítero no itinerário da Iniciação à Vida Cristã. Cabe, porém, agora pensar sobre a alternativa contrária de todo o processo exemplificada nas palavras de Pedro: “Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos”. (Lc 5,5)

O presbítero precisa cultivar a coragem e a esperança para reconhecer que Deus constantemente transcende as concepções humanas elaboradas a seu respeito e o obriga a reavaliar sempre de novo os modos como o ministro ordenado ver o mundo, a Iniciação e a si mesmo.

Muitas vezes se falou também dos membros da comunidade de fé e dos moradores do território paroquial que não participam de nenhum dos momentos celebrativos. Justamente nesse sentido deve ser lido o agir presbiteral como lugar de aprendizagem da esperança.

Igualmente se abordou o risco do verniz da Iniciação, como um pastel de ventos na comunidade, em que o presbítero, movido pelo seu otimismo messiânico, esperou algo quem nem ele nem a comunidade conseguiram concretizar. Seria essa uma fragilidade da proposta desta pesquisa? Uma desconstrução de todo o argumento? De modo algum! Pelo contrário, trata-se do reconhecimento de uma segunda palavra que o ministro ordenado deve sempre acolher em sua vida, pois a esperança está ancorada não só na sua alma ou na alma do neófito, mas na autorrevelação de Deus na história. Essa espera deve estar alicerçada no acontecimento histórico de Cristo, “que é entendido como uma ruptura definitiva na cadeia determinista de tentativas e erros humanos e uma afirmação dramática de que há luz do outro lado da escuridão”.[533]

Partindo desse princípio, entre a surpresa cotidiana de Deus e aparente ausência nas certezas da Iniciação, convém compreender o agir esperançoso do presbítero como espaço de aprendizagem das perguntas e não apenas das respostas. Eis o significado profundo da segunda palavra, essa outra parte da mensagem bíblica que ressoa na declaração de Pedro: “mas por tua palavra, lançarei as redes.” (Lc 5,5)

Isso significa medir que a verdadeira atuação do presbítero não está nos resultados quantitativos dos sacramentos celebrados ou nos números dos participantes no processo, mas está na oferta das virtudes divinas contidas nas

[533] NOUWEN, H., O curador ferido, p. 105.

promessas. Seu ministério convida tanto os que participaram da Iniciação quanto aqueles que não participaram a se deixarem envolver pela esperança, como esse desocultamento dos germes presentes já no seu próprio ser aberto à Transcendência. Trata-se de ajudá-los abraçar a esperança "como absoluta confiança de receber o dom do grande Amor; como definição da existência humana e antecipação do que vem",[534] "como saída radical de si mesmo para entregar-se àquele sobre o qual simplesmente não se pode dispor".[535]

É precisamente essa esperança do sair de si que o Papa Francisco identifica como espaço privilegiado da atuação do presbítero missionário. Como dizia Pontífice argentino às pessoas consagradas:

> A esperança de que falamos não se funda sobre números ou sobre as obras, mas sobre Aquele em quem pusemos a nossa confiança (2 Tm 1,12) e para quem nada é impossível (Lc 1,37). Esta é a esperança que não desilude e que permitirá à vida consagrada continuar a escrever uma grande história no futuro, para o qual se deve voltar o nosso olhar, cientes de que é para ele que nos impele o Espírito Santo a fim de continuar a fazer, conosco, grandes coisas. Não cedais à tentação dos números e da eficiência, e menos ainda à tentação de confiar nas vossas próprias forças.[536]

A esperança do presbítero não se mede pela eficiência numérica de participantes no itinerário formativo. Ela se revela com a devolução de Jesus às pessoas que O haviam tirado de seu caminho, mas essa devolução transformada que no primeiro momento elas não a reconheciam. Elas pensam como os discípulos de Emaús d'Ele ser um peregrino (Lc 24,18), pensam como Maria Madalena 'Ele ser um jardineiro (Jo 20,15). Somente no partir do pão é que os discípulos O reconhecem, Maria O reconhece pela voz, Tomé O reconhece pelas feridas. "No gesto de partir o pão, na voz, nas feridas, eles se encontram com seu amor – este é o distintivo de sua identidade".[537]

Portanto, o agir do presbítero como escola da esperança age em duas direções: na primeira em devolver à vida e à fé aqueles seres humanos que estão "prestes a terminar com Deus",[538] despertando neles essa esperança pequena, pois nessa Deus se confunde, nessa Deus se revela porque vê o sair do homem para a mesma estação

---

[534] ASSUNÇÃO, R. A., A grande esperança, p. 29-34.
[535] LIBÂNIO, J. B., Utopia e esperança cristã, p. 9. Precisamente nesse ponto o autor está se referindo ao conceito e compreensão de esperança no pensamento de Karl Ranher.
[536] FRANCISCO, PP., Carta apostólica às pessoas consagradas para proclamação do ano da vida consagrada, 3.
[537] HALÍK, T., Quero que sejas, p. 30.
[538] HALÍK, T., Quero que sejas, p. 34.

da vida, acreditando no melhor do amanhã que estar por vir. Por isso, a esperança aqui não é do verbo aguardar, ao contrário, é ir atrás, é agir e não desistir. É escutar e agir após a segunda palavra. É lançar novamente as redes para dentro do mundo.

Dessa atitude surge a segunda direção: renovar a ação catequética e pastoral da Igreja, tanto na sua dimensão *ad intra* quanto *ad extra*. Aquela, quando se faz comunhão, acolhendo, integrando e mantendo a unidade na diversidade. *Ad extra,* quando se realiza a missão, ao sair de si mesma, reunindo, partilhando e seguindo em direção ao "banquete universal". Assim, ela se realiza no já e no ainda-não.

Para esse caminho escatológico, a oração é o alimento indispensável, pois torna a Igreja e seus membros em servos da esperança, oferecendo para todos uma visão segundo a qual Cristo não é o juízo, mas o Ressuscitado que envolve o homem na sua história.

Eis por que a esperança emerge como segunda palavra, ou seja, como gesto de lançar novamente as redes e reavivar as sementes da Transcendência que habitam em cada coração humano. Nesta dinâmica, se manifesta o agir da esperança presbiteral: fazer Cristo presente novamente, entre a primeira e a última palavra da história humana, história que tentou bani-lo, mas que na própria insatisfação de seus projetos encontra o vazio que só Ele preenche. Esta percepção convoca a Igreja a enfrentar os novos desafios que a Iniciação à Vida Cristã encontra em nosso tempo complexo.

5.3.5
Temas emergentes e diálogos necessários para a Iniciação à Vida Cristã, hoje

Este último tópico busca destacar alguns temas e diálogos necessários aos quais o presbítero é convidado a estar atento para garantir que a Iniciação à Vida Cristã permaneça como eixo de todo o processo de evangelização e um meio eficaz para formar discípulos comprometidos, capazes de testemunhar a fé na sociedade.

Além disso, visa alertar para desafios, tanto internos à própria Iniciação quanto externos a ela e à Igreja, reforçando a importância desse cuidado e da formação permanente. Adotamos três perspectivas: a primeira está ligada a dimensão pastoral e eclesiológica; a segunda, a perspectiva missionária, e por último, a perspectiva escatológica.

Quatro aspectos fundamentais merecem atenção nessa primeira perspectiva: uma é o presbítero considerar o itinerário como utopia iniciática, ou seja, usar-se dela para regular os problemas de quantidade de neófitos, sem levar em conta a pastoral e a eclesiologia que a sonha. A interdependência entre pastoral, Iniciação à Vida Cristã, eclesiologia e a dimensão catequética do ministro ordenado é fundamental nesse sentido. Dito com outras palavras: a visão presbiteral sobre uma e a outra resultará na escolha dos critérios e processos catequéticos em sua paróquia. Quando bem orientada, essa perspectiva fortalece a comunhão entre seus membros e toda a Igreja, integrando a diversidade de carismas. Caso contrário, pode favorecer pequenas bolhas, fragmentando a comunidade em subgrupos isolados, prejudicando a unidade e o diálogo.

Nesse sentido, a oração universal pela unidade dos cristãos, proclamada pelo presidente da celebração da Sexta-Feira da Paixão, assume um significado profundo: o convite à oração diz: "oremos por todos os nossos irmãos e irmãs que creem no Cristo, para que nosso Deus e Senhor se digne reunir e conservar na unidade da sua Igreja todos os que vivem segundo a verdade. Após um momento de silêncio, o presidente prossegue: "Deus eterno e todo-poderoso, que reunis o que está disperso e conservais o que está unido, velai sobre o rebanho do vosso Filho. Que a integridade da fé e os laços da caridade unam os que foram consagrados por um só Batismo. Por Cristo, nosso Senhor".[539]

Esse elemento litúrgico remete a um segundo fator que é a resistência não externa, mas interna por parte de muitos presbíteros em adotar a Iniciação à Vida Cristã como itinerário de formação do discípulo missionário, ocasionando em seguida um obstáculo comunitário. As causas já foram mencionadas anteriormente, mas cabe aqui reforçar que este é um desafio crucial para consolidar a Iniciação como processo necessário. A consciência dessa realidade se amplia quando ele percebe que a sua participação é pragmática, amadora e justificada pelas demandas pastorais cotidianas. Nisso, precisa reorientá-lo aconselhando que a sua participação não é arbitrária em fazer a Iniciação para os outros[540] e sim, em vivê-

[539] CNBB, Missal Romano, p. 261-262.

[540] Numa Igreja sinodal, na qual todos os batizados e batizadas são chamados e chamadas, não existem mais "membros-objetos", "destinatários", mas todos são vocacionados e vocacionadas e participam, em maneira própria, da vida e missão da Igreja. Com isso, a Iniciação à vida cristã não pode ser mais definida fazendo apelo a uma competência exclusiva vinculada ao sacramento da Ordem, sobretudo, a competência de presidência litúrgica de tais das experiências sacramentais do Batismo, da Crisma e da Eucaristia. Os fiéis cristãos leigos e leigas devem ter reconhecida teológica

la partir da mística própria da dimensão catequética para não obrigar o Espírito Santo fazer o que ele quer, mas deixar o espaço para a ação divina enquanto o ministro ordenado se preocupa em habilitar a sua competência cristã:

> Por competência cristã entendemos a aptidão para conduzir sua vida e 'escrevê-la' pessoalmente na fé (fé/esperança/caridade) em comunhão com a comunidade cristã e num contexto cultural determinado, mobilizando de maneira integrada e inventiva os diversos recursos (saberes, habilidades, atitudes e valores...) da Tradição cristã e das culturas e para ampliar esta competência no exercício dela mesma ao longo dos dias.[541]

Decorrente dessa habilidade gera o processo sinodal da Iniciação, que integra todas as pastorais sem restringir a Iniciação a um grupo específico. Reconhecer essa realidade aponta para um próximo desafio urgente do presbítero: transformar o itinerário em um compromisso participativo e não somente em um resultado de forças isolados. Isso exige a paciência histórica para caminhar ao ritmo dos participantes no processo:

> Pode haver inércia, mas geralmente, num processo sinodal, pecamos por pressa, sobretudo os que estão encarregados de sua animação e sua coordenação. Como na natureza, também aqui os frutos dependem da paciência das sementes, da espera da estação propícia para germinar e produzir fruto. Às vezes, pode parecer que o grão apenas dorme ou apodrece na escuridão do sulco da terra; ou que a planta, tênue, não cresce. E precipitamo-nos a espichá-las, arrancando-as. É evidente que quem está atrás tem o dever de apressar o passo, mas também é necessário que quem vai à frente tenha a caridade da espera. Processos sem o devido tempo de maturação só podem dar frutos chochos. Caminhando com todos, vai-se num ritmo mais lento, mas, paradoxalmente, chega-se antes. Num processo sinodal, chegar sozinho e num pequeno grupo significa, ao final, encontrar-se de novo no ponto de partida. Numa comunidade onde só o padre muda, não muda nada; onde só um pequeno grupo muda, muda pouca coisa.[542]

Essas considerações levam ao último fator: a unidade dos sacramentos da Iniciação. Embora muitos presbíteros estejam se empenhando em adotar o itinerário, ainda persiste a tendência de reduzir a Iniciação à mera administração dos sacramentos. Contudo, é fundamental compreender que a dimensão celebrativa, embora essencial, não esgota todo o processo formativo:

---

e pastoralmente a sua responsabilidade na Iniciação à vida cristã. MORAES, A. O., Recuperar as raízes sacramentais do Povo de Deus, p. 67.

[541] FOSSION, A., O Deus desejável, p. 147.

[542] BRIGHENTI, A., Sinodalidade, p. 219. O autor nesse ponto cita seu outro livro: a pastoral dá o que pensar, p. 214.

> Numa Igreja que se concebe como *communio* e na qual se reconhece a fundamental igualdade de dignidade e vocação de todas e todos, a vivência sacramental não pode mais ser exercitada como em tempos passados nos quais o modelo eclesiológico vigente evidenciava, sobremaneira, os aspectos celebrativos-litúrgicos da Iniciação à vida cristã, fazendo com que a concepção pastoral de Iniciação à vida cristã estivesse, também, ancorada nesses aspectos: iniciar à celebração dos sacramentos.[543]

O atual Diretório para a catequese sustenta esse argumento e ilumina tal ação:

> Os sacramentos da Iniciação cristã constituem uma unidade porque "lançam os alicerces da vida cristã: os fiéis, renascidos pelo Batismo, são fortalecidos pela Confirmação e alimentados pela Eucaristia". De facto, há que reiterar que "somos batizados e crismados em ordem à Eucaristia. Este dado implica o compromisso de favorecer na ação pastoral uma compreensão mais unitária do percurso de Iniciação cristã". Assim, é oportuno que se avalie e se considere a ordem teológica dos sacramentos – Batismo, Confirmação, Eucaristia – para "verificar qual será a prática que melhor pode, efetivamente, ajudar os fiéis a colocarem no centro o sacramento da Eucaristia, como realidade para a qual tende toda a Iniciação". É desejável que nos lugares onde se fazem experiências, estas não sejam casos isolados, mas fruto de uma reflexão de toda a Conferência episcopal que confirma as escolhas de ação para todo o território da sua competência.[544]

O destaque aqui está no discernimento conforme as orientações da Conferência Episcopal. No Brasil, os bispos pediram que essa ordem sacramental seja avaliada de dois modos: "por meio de estudos de aprofundamento e práticas que verifiquem a oportunidade de recuperar a sequência original, conforme as primeiras comunidades: Batismo, Crisma e Eucaristia".[545]

Essa compreensão da ordem e unidade dos sacramentos remete à segunda perspectiva de caráter missionário. Aqui, o presbítero precisa redobrar o cuidado da Iniciação, dialogando com temas emergentes, como o autismo, o ecumenismo e o sincretismo religioso, entre outros. Em muitas realidades brasileiras, esses elementos representam um desafio tanto para os catequistas quanto para os catequizandos e catecúmenos, já que muitos trazem essas experiências consigo e muitos convivem em ambientes que exigem um testemunho de fé autêntico. É indispensável, nessas circunstâncias, que tanto o presbítero quanto os demais catequistas, cultivem a arte do acompanhamento para que a paciência discipular gere decisões de conversão sincera, facilite a interiorização do Evangelho e cultive os sentimentos de estima e de amor em relação a outras religiões e igrejas. Esse

---

[543] MORAES, A. O., Recuperar as raízes sacramentais do Povo de Deus, p. 69.
[544] DC 70.
[545] CNBB, Doc. 107, 240.

cuidado ajuda a superar as resistências e os preconceitos, mantendo sempre o equilíbrio entre a acolhida e fidelidade doutrinal, sem reduzir a Iniciação a um humanismo vago. Da mesma forma, a realidade com o autismo que, cada vez mais desafia a catequese inclusiva, quer com os próprios envolvidos, quer com as suas famílias, a comunidade e o espaço adequado na paróquia.

Essa visão integradora e acolhedora convida o presbítero a contemplar, por fim, a dimensão escatológica da Iniciação à Vida Cristã. O fim último da Iniciação não são os responsáveis pelo processo e não termina neles, mas tudo avança, juntamente com eles e através deles, "para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina".[546] De fato, quando um neófito, após viver intensamente o processo iniciático, dedica sua vida ao serviço da humanidade, revela ter alcançado uma maturidade moral e espiritual que o permite transcender-se a si mesmo e o seu grupo de pertença. Essa atitude manifesta as chamadas "virtudes ecológicas"[547] e a opção pelos pobres, caminhos transformadores que conduzem o homem e a mulher de hoje, a alcançar à plenitude perfeita.

Por isso, na catequese, essas duas dimensões, ecologia integral e a centralidade dos pobres, devem ser apresentadas como expressões da harmonia do Espírito Santo, capaz de superar indiferenças, conciliar o que parece divergente, anunciar o Evangelho que cura, facilitar o encontro com o Mistério através dos sacramentos e fortalecer o testemunho comunitário.

Por essa razão, esse último tópico do capítulo destacou a mistagogia em diálogo com temas emergentes e o neófito no mundo. Apresentou que é preciso levar a comunidade a refletir junto a todos os seus membros sobre a largura, a profundidade, a altura e o comprimento do amor de Deus (Ef 3,18), meta a ser alcançada por cada um nas diversas realidades e situações.

Pensando nisso, este capítulo final explorou a atuação do presbítero em três dimensões: no encontro entre o querigma e a pessoa; na relação entre o catecúmeno e a comunidade, e na relação entre o neófito e a mistagogia. Buscou-se evidenciar sua missão em cada etapa, convidando-o a acolher com discernimento como esse

---

[546] LS 83.

[547] Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com Ele. A descoberta desta presença estimula em nós o desenvolvimento das "virtudes ecológicas" (LS 88).

processo se integra à missão própria de cada neófito enquanto cristão na Igreja e peregrino no mundo.

Paralelamente, o texto ressaltou a esperança como essa segunda palavra apresentada na expectativa com a qual o presbítero aguarda sua plena participação nos Mistérios de Deus. Quando esse momento chegar, poderá lhe dirigir as palavras de Pedro Casaldáliga: E tu, viveste? Amaste? Então, em silêncio eloquente, o presbítero, sem dizer nada, abrirá seu coração cheio de nomes e apresentará todos aqueles que ele acompanhou ao longo do caminho da Iniciação à Vida Cristã.

5
Conclusão

A pesquisa investigou a dimensão catequética do presbítero, analisando a relação entre o sacramento da Ordem a sua atuação na Iniciação à Vida Cristã hoje, sob uma perspectiva teológico-pastoral. A pergunta transversal que orientou o estudo foi: qual é a contribuição direta do presbítero no itinerário de Iniciação à Vida Cristã? E ainda: como o ministério ordenado se relaciona com esse processo?

Para responder essas perguntas, traçou-se inicialmente uma linha histórica, identificando a relação entre o presbítero e a catequese desde o catecumenato antigo até à sua retomada atual. Teve como ponto de partida a herança reservada aos apóstolos e às primeiras comunidades, passando pela missão do bispo nos primeiros séculos e pela evolução da transmissão da fé na sociedade, na escola até se chegar à comunidade de fé na visão do Concílio Vaticano II. Nesse contexto conciliar se resgatou a contribuição específica do presbítero na catequese, destacando também desafios contemporâneos para sua missão e a missão da Igreja.

A pesquisa evidenciou também, no segundo capítulo, que a missão do presbítero na Iniciação se realiza em comunhão com os demais ministérios da comunidade. Essa relação interpessoal e pastoral revela que ele não é o agente causador nem o fator determinante da dependência iniciática e, sim a de um dos responsáveis por uma tarefa recebida no sacramento da Ordem, em íntima colaboração com o ministério episcopal, levando consequentemente a acolher, agir e formar a fé do povo confiado a pastorear.

Para aprofundar essa relação com a Iniciação, a pesquisa propõe o presbítero místico mistagogo, sustentado por três dimensões: a formativa, a celebrativa e a pedagógica. Na primeira ele adquire o conhecimento como a arte de se formar e adquirir habilidades para superar as inúmeras interpretações reducionistas acerca da mistagogia e construir o seu perfil mistagógico; o segundo, remete à arte de presidir, reconciliando na própria vida ministerial aquilo que se vive com aquilo que se celebra; e por fim, a arte de conduzir a si mesmo e os demais para dentro do Mistério, considerando desafios como a cultura digital, a redescoberta do sacramento da penitência e a centralidade do Domingo como dia da Eucaristia, da comunidade e da Iniciação.

Nesse sentido, emerge um axioma iniciático: o presbítero consegue perfeitamente iniciar os outros na fé se ele mesmo se reconhece como iniciado. Essa convicção fundamenta sua atuação descrita no último capítulo como um místico para poder ser um mistagogo acompanhando o simpatizante e o querigma; um catequista, mediando entre o catecúmeno e a comunidade e um neófito permanente, caminhando com os novos cristãos na Igreja e no mundo. A imagem construída desse cenário é a de que o presbítero é aquele que sempre faz de sua comunidade o novo caminho de Emaús, tanto para os que estão se afastando, quanto para aqueles que pegam o caminho de volta. Essa é a contribuição e a novidade dessa pesquisa.

Com isso, a pesquisa rejeita qualquer interpretação clericalizante que substitua a missão do catequista pela do presbítero, recusa a mentalidade que uma abordagem desse tipo gere dependência dos catequistas e da comunidade em relação a ele, contrariando a natureza sinodal da Igreja. Nesse espírito, não dá para pensar que toda a catequese depende exclusivamente do sacramento da Ordem, mas exige redescobrir a missão do presbítero nesse itinerário, para fortalecer uma maior adesão e deixar de transparecer que é exatamente no processo da transmissão da fé que menos se conta com a sua presença e participação afetiva e efetiva.

Mas essa participação concreta não se reduz a tarefas funcionais e arbitrárias. Trata-se de um modo de vida e um testemunho que brotam da própria maneira de viver e agir. Sendo assim, surge a contribuição também teórica desta pesquisa, que serve como ponte entre a ausência de referências e as expectativas voltadas ao presbítero na Iniciação. Ela representa um ponto de partida, nunca um ponto final, pois um limiar pode residir justamente nas limitações metodológicas, escolhas de fontes ou outras circunstâncias que podem ser aspectos passíveis de enriquecimento e superação por meio de estudos futuros.

Essa perspectiva revela a diversidade de ângulos a serem explorados na relação entre o presbítero e a Iniciação, ao mesmo tempo que destaca a necessidade de mais estudos e pesquisas para aprofundar outros temas emergentes que rapidamente foram mencionados aqui e merecem maior atenção. Temas como a visão integral entre pastoral, Iniciação à Vida Cristã, eclesiologia e a dimensão catequética; a unidade teológica dos sacramentos e a ordem dos sacramentos celebrada; a resistência pessoal de muitos presbíteros com a Iniciação; e a sinodalidade da Iniciação, refletida na integração de todas as pastorais sem restringir a Iniciação a um grupo específico.

A esses elementos somam-se novos desafios, como a acolhida e a Iniciação de crianças com transtorno do espectro autista e suas famílias, além das experiências de adultos que ingressam no processo trazendo vivências de outras religiões, marcadas quer pela realidade ecumênica, quer pelo sincretismo religioso, entre outras.

Dessa realidade religiosa e eclesial, ressurge com urgência a dimensão escatológica, que a Iniciação à Vida Cristã é convidada a contemplar. Tanto o presbítero como os estudos posteriores precisam aprofundar esse modo sensato de apresentar o fim último de todas as coisas em sua plena perfeição, integrando a ele a perspectiva ecológica e os novos rostos da pobreza. Esses temas são caros à comunidade de seguidores de Jesus, ao mesmo tempo que, ao tratá-los, refletem, atualmente, uma certa aporofobia iniciática traduzida no distanciamento e na frieza diante do Evangelho encarnado nas feridas da humanidade.

Portanto, a eficácia da Iniciação se mede pela capacidade de ajudar os fiéis a reconstruírem sua imagem de si mesmos, de Deus, da Igreja, da fé e do próximo. O presbítero demonstra sua competência não apenas em prepará-los para sacramentos ou engajamentos pastorais, mas em inspirá-los para um compromisso livre e pessoal, no qual cada um administra seus dons e desafios, agindo à luz do Evangelho.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **A instrução dos Catecúmenos**: Teoria e prática da catequese. Petrópolis: Vozes, 2020.

AGOSTINHO. **Comentários ao Evangelho de São João II**: sermão 135. São Paulo: Paulus, 2022.

ALBERICH, Emilio. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

ALBERICH, Emílio. La formazione dei responsabili e degli agenti della catechesi. Indicazioni da un convegno di catechese europei. **Orientamenti Pedagogici**, v. 43, p. 1331-1342, 1996.

ALBERICH, Emilio; GIANETTO, Ubaldo. (Orgs.). **Andate e insegnate**: manuale di catechetica. Leumann: Elledici, 2002.

ALDAZÁBAL, José. **Instrução geral sobre a Liturgia das Horas**: comentários. São Paulo: Paulinas, 2010.

ALVES, Juan Antônio Guerrero; LÓPEZ, Óscar Martín. **Conversa no Espírito**: discernimento e sinodalidade. Brasília: Edições CNBB, 2023.

AMBRÓSIO de Milão. **Explicação do símbolo**. sobre os Sacramentos, sobre os Mistérios, sobre a Penitência. São Paulo: Paulus, 1996.

ANDREOLI, Vittorino. Quale adulto per una educazione possibile? **Note Pastorale Giovanile**, v. 4, n. 90, p. 12-23, 2017.

ASSUNÇÃO, Ruy Albino. (Org.). **A grande esperança**: textos escolhidos sobre escatologia. São Paulo: Paulus, 2019.

BARBON, Giancarlo; PAGANELLI, Rinaldo. **Pensare e attuare la formazione**. Torino: Elledici, 2016.

BECK, Ulrich. **La metamorfosi del mondo**. Bari, Roma: Laterza, 2017.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est* sobre o amor cristão**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2007.

BENTO XVI, PP. **Teologia da Liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019. vol. XI.

BIANCHI, Enzo. **Presbíteros**: Palavra e Liturgia. São Paulo: Paulus, 2010.

BIANCO, Elvira; DE VANNA, Umberto; TORRISI Stefano. **La catechesi in parrocchia**: vademecum per il parroco e i suoi catechisti. Piste per il confronto nel gruppo dei catechisti. Torino: Elledici, 2017.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BIEMMI, Enzo. **Compagni di Viaggio**: laboratorio di formazione per animatori, catechisti di adulti e operatori pastorali. Bologna: EDB, 2006.

BISSOLI, Cesare. **Bibbia e educazione**: contributo storico-critico ad una teologia dell'educazione. Roma: LAS, 1981.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.

BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. **A Catequese na Vida da Igreja**: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998.

BOROBIO, Dionísio. (Org.). **A celebração na Igreja**: sacramentos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. v. II.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BOZANIC, Josip. La formazione permanente del prete nella catechesi. **Notiziario Dell'Ufficio Catechistico Nazionale**, v. 4, n. 32, p. 67-80, 2003.

BRAIDO, Pietro. **Storia della catechesi**: dal tempo delle riforme all'età degli imperialismi. Roma: LAS, 2015. v. III.

BRAMBILLA, Franco Giulio. **Liber Pastoralis**. Brescia: Queriniana, 2017.

BRESSAN, Luca. Iniziazione cristiana e parrochia. Quale futuro per la fede, quale futuro per la Chiesa. **Scuola Cattolica**, v. 129, p. 559–595, 2001.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

BRIGHENTI, Agenor. **Sinodalidade**: o jeito de ser Igreja comunhão e participação. Petrópolis: Vozes, 2024.

BUBER, Martin. **¿Qué es el hombre?** México – Madrid – Buenos Aires: Fundo de Cultura económica, 1949.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

BUSCA, Gianmarco. **A reconciliação**: "irmã do batismo". Brasília: Edições CNBB, 2019. (Coleção Vida e Liturgia da Igreja – vol.6)

BUYST, Ione. **O segredo dos ritos**: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.

CANTALAMESSA, Raniero. **Fé, esperança e caridade**: itinerário rumo a Deus para o mundo atual. São Paulo: Paulus, 2024.

CARVALHO, H. R. et al. **Catequista**: Vocação, Ministério e Missão. São Paulo: Paulus, 2019.

CARVALHO, Wagner Francisco de Sousa; DANTAS, Aldecy Teixeira. **Iniciação à Vida Cristã**: da intuição à decisão pastoral. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança, 2023.

CASPANI, Pierpaolo; SARTOR Paolo. **Iniziazione cristiana**: l'itinerario e i sacramenti. Bologna: EDB, 2008.

CASTEGNARO, Alessandro; DAL PIAZ, Giovanni; BIEMMI, Enzo. **Fuori dal recinto**: giovani, fede, chiesa. Uno sguardo diverso. Milano: Àncora, 2013.

CASTILLO, José Maria. **A humanidade de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CASTILLO, José Maria. **Jesus, a humanização de Deus**: ensaio de cristologia. São Paulo: Petrópolis: Vozes, 2015.

CASTILLO, José Maria. **O Evangelho marginalizado**. Petrópolis: Vozes, 2022.

CASTRO, Sampaio Castro. Impactos do RICA na Iniciação à Vida Cristã: percepções sobre as práticas de agentes de pastoral. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 10, n. 18, p. 209-219, jul/dez. 2016. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/28935/21651>. Acesso em: 30 mar. 2023.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas, São Paulo: Paulus, 2007.

CENCINI, Amadeo. Formazione: parola magica. **Tredimensioni**, v. 3, p. 277-295, 2004.

CENCINI, Amadeo. **Integração comunitária do bem e do mal**: "...como óleo perfumado". São Paulo: Paulinas, 2009.

CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. **A arte de celebrar**: guia pastoral. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CHAUVET, Louis-Maria. **A arte de presidir a liturgia**. São Paulo: Artipol. 2020.

CNBB. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 100).

CNBB. **Cristãos Leigos e Leigas na Sociedade**. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 105).

CNBB. **Critérios e itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista**. Brasília: Edições CNBB, 2022. (Doc. 112).

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. 84).

CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. Brasília, Edições CNBB, 2019.

CNBB. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Doc. 110).

CNBB. **Formação dos catequistas**. 3ed. São Paulo: Paulinas, 1990. (Estudo 59).

CNBB. **Iniciação à vida cristã**. Itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).

CNBB. **MISSAL ROMANO**: Oração Universal pela unidade dos cristãos da Sexta-Feira Santa da Paixão do Senhor. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CNBB. **Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas**. São Paulo: Paulinas, 1999. (Estudo 62).

CNBB. **Texto Base da Campanha da Fraternidade fala com sabedoria, ensina com amor (Pr 31,26)**. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CNBB. **Textos e Manuais de catequese**: elaboração, análise e avaliação. São Paulo: Paulinas, 1987.

CÓDIGO de Direito Canônico. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. **Sacramentos de Iniciação**: água e espírito de liberdade. Petrópolis: Vozes, 1988.

COLA, Gustavo Correa. **O Sacramento-Assembleia**: Teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: Editora Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Pastoral Gaudium et Spes* sbore a Igreja no mundo de hoje**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos sacerdotes**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA - CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes**. Diretório do ministério e da vida dos diáconos permanentes. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. São Paulo: Paulinas, 1997.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Instrução:** a conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja. Brasília: Edições CNBB, 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação presbiteral**: *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis.* Brasília: Edições CNBB, 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O presbítero**: ministro da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O Sacerdote, ministro da misericórdia divina**: Subsídio para confessores e diretores espirituais. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Pontifical dos Bispos**. São Paulo: Paulus, 1997.

CORDEIRO, José Manoel. **O padre**: do mistério ao ministério. Lisboa: Pedra Angular, 2009.

COSTA, Rosemary Fernandes. **Mistagogia hoje**: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

CRUZ, João da. **Noite Escura**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. Tradução de Eduardo Fonseca. São Paulo: Martin Claret, 2019.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DUPUY, Jean-Pierre. O transumanismo e a absolescência do homem. In: NOVAES, A. (Org.). **A condição humana**: as aventuras do homem em tempos de mutações. São Paulo: Agir, 2009. p. 89-122.

FAUSTI, Silvano. **Uma comunidade lê o Evangelho de João**: Leitura Pastoral da Bíblia. Brasília: Edições CNBB, 2024.

FINELON, Vitor Gino. **A mistagogia cristã à luz da constituição *Sacrosanctum Concilium***. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021.

FLORIDI, Luciano. **La quarta rivoluzione**: come l'infosfera sta transformando il mondo. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2017.

FLORIO, Mário. **Teologia sacramental**: temas e questões. São Paulo: Paulus, 2023.

FOSSION, André. **O Deus desejável**: proposição da fé e Iniciação. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

FRANCESCO, PP. Il nuovo umanesimo in Cristo Gesù: discorso in occasione del 5º Convegno nazionale della Chiesa italiana. **Civiltà Cattolica**, v. 166, p. 418-433, 2015.

FRANCISCO PP. **Visita à paróquia romana de todos os santos no III Domingo de Quaresma**. Sábado, 7 de março de 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_omelia-parrocchia-ognissanti.html>. Aceso 13 jun. 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Antiquum Ministerium* pela qual se institui o Ministério do Catequista**. Brasília: Edições CNBB, 2021.

FRANCISCO, PP. **Carta apostólica às pessoas consagradas para proclamação do ano da vida consagrada**. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacrati.html>. Acesso em: 04 abr. 2025.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação litúrgica do povo de Deus**. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica às pessoas consagradas para a proclamação do ano da vida consagrada**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes do encontro de capelães e responsáveis pela pastoral universitária**, promovido pelo Dicastério para a cultura e a educação. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/november/documents/20231124pastorale-univ.html >. Acesso 24 dez. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/fracesco/pt/spches/2014/october/documents/papa francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html>. Acesso 24 dez. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Amoris Lætitia* sobre o amor na família**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo contemporâneo**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para a quaresma de 2021**: "vamos subir a Jerusalém..." (Mt 20, 18). Disponível em:< https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20201111_messaggio-quaresima2021.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.

FRANCISCO, PP. **Visita à paróquia romana de todos os santos no III Domingo de Quaresma**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150307_omelia-parrocchia-ognissanti.html>. Acesso em: 01 nov. 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

GIANETTO, Ubaldo. Formazione catechetica del futuro sacerdote. **Salesianum**, v. 55, n. 2, p. 317–333, 1993.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. **Experiência de Deus e catequese narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GREGÓRIO Magno. **Regra Pastoral.** São Paulo: Paulus, 2010. (Patrística, vol. 28)

GRILLO, Andrea. **Ritos que educam**: os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2018.

GRÜN, Anselm; HALÍK, Tomás. **Livrar-se de Deus**: quando a crença e a descrença se encontram. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUARDINI, Romano. **Introdução à Vida de Oração**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

GUARDINI, Romano. **Lo spirito della liturgia**: i santi segni. Brescia: Morcelliana, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **O futuro da natureza humana**: a caminho de uma eugenia liberal? São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **Servir a Cristo na comunidade**: o ministério presbiteral em Edward Schillebeeckx. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HAHN, Kimberly; HASSON, Mary. **Educação católica e *homeschooling***: um guia prático para o ensino domiciliar. Campinas: Ecclesiae, 2021.

HALÍK, Tomás. **Quero que sejas**: podemos acreditar no Deus amor? Petrópolis: Vozes, 2018.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens das mudanças culturais. 17ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HIPÓLITO de Roma. **Tradição apostólica de Hipólito de Roma**: Liturgia e catequese em Roma no século II. Petrópolis: Vozes, 2019.

INÁCIO de Antioquia. **Carta aos filadélfios**. São Paulo: Paulus, 2017.

INÁCIO de Antioquia. **Padres Apostólicos**: Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué; Carta aos Magnésios. São Paulo: Paulus, 2015. (Patrística, vol.1)

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO E INTRODUÇÃO AO LECIONÁRIO. Brasília: EDIÇÕES CNBB, 2008.

IRINEU de Lião. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paidéia grega**. Lisboa: Edições, 1961.

JOÃO Crisóstomo. Homilias sobre o Evangelho de Mateus, Hom. 50,3-4: PG 58,508-509). In: **Liturgia das Horas**. São Paulo: Paulus. p. 154-155. v. III.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Dies Domini* sobre a santificação do domingo**. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte***. São Paulo: Paulinas, 2001.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa* sobre o 40.º aniversário da constituição Sacrosanctum Concilium – Sagrada Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis* no início do seu ministério episcopal**. São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário**. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento humano**. São Paulo: Paulinas, 1984.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradandae* sobre a catequese do nosso tempo**. São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Christifideles Laici* sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo**. São Paulo: Paulinas, 1988.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais**. São Paulo: Paulinas, 1992.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Pastores Gregis* sobre o bispo, servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo**. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia* sobre a reconciliação e a penitência na missão da Igreja hoje**. São Paulo: Paulinas, 1984.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Vita Consecrata* sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo**. São Paulo: Paulinas, 1996.

JÚNIOR, Fernando Altemeyer. **O mistério do tempo**: A fé como memória, vivência e horizonte. Petrópolis: Vozes, 2021.

JUSTINO de Roma. **Apologia I em favor dos cristãos**. São Paulo: Paulus, 2014.

KASPER, Walter. **O sacramento da unidade**: Eucaristia e Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

KUZMA, Cesar Augusto. **Leigos e leigas**: Força e esperança da Igreja no mundo. São Paulo: Paulus, 2009.

LIBÂNIO, João Batista. Utopia e esperança cristã. **Perspectiva Teológica**, v. 21, p. 179-197, 1989.

LIMA, Luiz Alves de. **A Catequese do Vaticano II aos nossos dias**: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016.

LIMA, Luiz Alves de. Iniciação à Vida Cristã: conforme a CNBB em seus recentes documentos. In: Sociedade Brasileira de Catequetas (Org.). **A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 33-52.

MASCILONGO, Paolo. **O Discipulado no Novo Testamento**: reflexões bíblicas e espirituais. São Paulo: Paulinas, 2020.

MAZZA, Enrico. **A Mistagogia**: As catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

MCGINN, Bernard. **As Fundações da Mística**: das Origens ao Século V. São Paulo: Paulus, 2012.

MEDDI, Luciano. Apprendere nella Chiesa oggi: verso nuove scelte di qualità. In: ZUPPA, P. (Org.). **Apprendere nella comunità Cristiana**: Come dare "ecclesialità" alla catechesi oggi? Torino: Editrice Elledici, 2012. p. 95-131.

MEDDI, Luciano. **Catechesi**: proposta e formazione della vita cristiana. Padova: EMP, 2004.

MEDDI, Luciano. **Catecumenato crismale**: Risorsa per la pastorale degli adolescenti. Torino: Elledici, 2014.

MEDDI, Luciano. **Formare cristiani adulti**: desiderio e competenza del parroco. Assisi: Cittadella, 2013.

MEDDI, Luciano. **La catechesi oltre il catechismo**: Saggi di catechetica fondamentale. Roma: Urbaniana University Press, 2017.

MEDDI, Luciano. Organizzare la formazione dei catechisti in Italia. Elementi di analisi e prospettive. **Quaderno della Segreteria Generale della CEI**, v. 32, n. 2, p. 57-70, 1998.

MEDEIROS, Fernanda Farias. et. al. **Influenciadores digitais católicos**: efeitos e perspectivas. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus Editora, 2024.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.

MIDILI, Giuseppe. **O Domingo**. Brasília: Edições CNBB, 2023.

MIRANDA, Napoleão. "Consumo, ergo sum" (ou consumo, logo existo). **Confluências,** v. 13, n.1, p. 185-200, nov. 2012. Disponível em: < https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/34379/19780>. Acesso em: 26 dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.22409/conflu13i1.p171

MOINGT, Joseph. **Deus que vem ao homem:** da aparição ao nascimento de Deus - Nascimento. São Paulo: Edições Loyola, 2010. v. II.

MONTISCI, Ubaldo. Il presbítero e la catechesi: "Noi, ci dedicheremo ala preghiera e al ministero della Parola (At 6,4). In: GRAULICH, Markus; PUDUMAI DOSS, Jesu (Orgs.). **La missione del prete nella missione della Chiesa**: Noi, infatti, non anunciamo noi stessi, ma Cristo Jesú Signore (2Cor 4,5). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010. p. 138-158.

MORAES, Abimar Oliveira de. A concepção de catequese que brota de Aparecida. In: GONZAGA, Waldecir. (Org.). **Aparecida 15 anos depois à luz do magistério de Francisco**. Rio de Janeiro: EdiPUC-Rio, 2023. p. 163-174.

MORAES, Abimar Oliveira de. Recuperar as raízes sacramentais do Povo de Deus: Iniciação à Vida Cristã e Igreja sinodal. **Revista Medellín**, Vol. LI, n. 190, p. 61-75, Enero – junio. 2025. Disponível em:< https://revistas.celam.org/index.php/medellin/issue/view/463>. Acesso em: 28 abr. 2025. ISSN 0121-4977 / Bogotá-Colômbia.

MORAL, José Luis. **Cittadani nella Chiesa, cristiani nel mondo**: Antropologia, catechetica ed educazione. Roma: LAS, 2017.

MORAL, José Luis. **Ricostruire l'umanità della religione**: l'orizzonte educativo dell'esperienza religiosa. Roma: LAS, 2014.

MORANTE, Giuseppe. **Itinerari per l'educazione alla vita di fede**. Leumann: Elledici, 2013.

MORE, Max. **Transhumanism**: toward a futurist Philosophy, 1990. Disponível em: <http:// www.maxmore.com/transhum.htm>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MORIN, Edgar. **Insegnare a vivere**: manifesto per cambiare l'educazione. Milano: Raffaelo Cortina, 2015.

MORTARI, Luigina. **Apprendere dall'esperienza**: Il pensare riflessivo nella formazione. Roma: Carocci, 2003.

NERY, Irmão. **Catequese com Adultos e Catecumenato**: história e proposta. São Paulo: Paulus, 2019.

NOCETI, Serena. Educare nella Comunità Cristiana. Co-educarsi come comunità. In: ZUPPA, Pio (Org.). **Apprendere nella comunità Cristiana**: Come dare "ecclesialità" alla catechesi oggi. Leumann: Editrice Elledici, 2012.

NOUWEN, Henri. **Em nome de Jesus**: reflexões sobre a liderança cristã. Petrópolis: Vozes, 2024.

NOUWEN, Henri. **O curador ferido**: ministério na sociedade contemporânea. Petropólis: Vozes, 2020.

ORIOLO, Edson. **Dízimo**: pastoral e administração. São Paulo: Paulus, 2020.

PAGANELLI, Rinaldi. **Formare i formatori dei catechisti**: valori e itinerari sottesi al processo formativo. Bologna: EDB, 2002.

PAIVA, Vanildo de. **Catequese e liturgia**: duas faces do mesmo mistério. Reflexões e sugestões para a interação entre catequese e liturgia. São Paulo: Paulus, 2020.

PARO, Thiago Faccini. **As celebrações do RICA**: Conhecer para bem celebrar. Petrópolis: Vozes, 2017.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo**. São Paulo: Paulinas, 1975.

PELLEREY Michele; GRZADZIEL Dariusz. **Educare**: per una pedagogia intesa come scienza pratico-progettuale. Roma: LAS, 2011.

PEREIRA, Suely da Cruz. **Formação de Discípulos Missionários**: o kerigma à luz da teologia da cruz de Antônio Pagani. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2021.

PERISSÉ, Gabriel. **Ele está no meio de nós**: uma cristologia do encontro. São Paulo: Paulus, 2024.

PETROLINO, Enzo. **O Diaconato no pensamento do Papa Francisco**. Uma Igreja pobre para os pobres. Brasília: Edições CNBB, 2019.

PIO X, PP. **Carta Encíclica *Acerbo Nimis* sobre o Ensino do Catecismo**. Disponível em: < https://www.veritatis.com.br/acerbo-nimis-pio-x-15-04-1905/ >. Acesso em: 22 abr. 2023.

PIO X, PP. **Decreto *Quam Singulari* sobre a Confissão e a Comunhão dos meninos da Sagrada Congregação dos Sacramentos**. Disponível em <https://www.fsspx.com. br/decreto-quam-singulari-sobre-a-confissao-e-a-comunhao dos-meninos/>. Acesso: 17 jun. 2024.

PIO XI, PP. **Carta Encíclica *Divini Illius Magistri* acerca da educação cristã da juventude**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/piusxi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

RAMOS-REGIDOR, José. **Teologia do sacramento da penitência**. São Paulo: Paulus, 2006.

RATZINGER, Joseph. **Annunciatori della Parola e servitori della vostra gioia**. Teologia e spiritualità del Sacramento dell'Ordine. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

REINERT, Fernandes João. **Catequese de inspiração catecumenal e a identidade trinitária da Iniciação cristã**. Petrópolis: Vozes, 2024.

REINERT, Fernandes João. **Paróquia e Iniciação Cristã**: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

ROCHE, Arthur. **Carta aos presidentes das Conferências Episcopais sobre o rito de instituição dos catequistas**. Brasília: Edições CNBB, 2021.

RUBIO, Alfonso Garcia. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2021.

RUPNIK, Marko Ivan. **O discernimento**. São Paulo: Paulinas, 2008.

RUTA, Giuseppe. **Catechetica come scienza**: Introdução ao estudo e resultados epistemológicos. Torino: Editrice Elledici, 2010.

RUTA, Giuseppe. L'animatore parrocchiale del "gruppo catechisti". Figura, ruolo e bisogni formativi. In: Convegno Nazionale dei Direttori, UCD, 32 XXXIV, 2003. **Notiziario Ufficio Catechistico Nazionale** – Gli Uffici Catechistici Diocesani a servizio della formazione dei catechisti. Rimini: 21-24 giugno, 1999. p. 60-81. Disponível em: <efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.progettoculturale.it/cci_new/documenti_cei/2002-04/02-21/Quad41.pdf>. Acesso em 18 jan. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SBARDELOTTO, Moisés. **Missionários no ambiente digital**: em nome de quem? Aparecida: Editora Santuário; São Paulo: Paulinas, 2024.

SCIUTO, Carmelo. **Rinnovare l'iniziazione cristiana**: possiamo fare così. I criteri del "cambiamento". Bologna: EDB, 2016.

SORAVITO, Lucio. **Catechismo degli Adulti e itinerari di fede**: criteri per l'utilizzazione del Catechismo degli adulti "La verità vi farà liberi". Leumann: Elledici, 1998.

SORECA, Salvatore. **La formazione di base per i catechisti**: criteri, competenze e cenni di metodologia. Roma: LAS, 2014.

STENICO, Tommass. **La parrocchia focolare di catechesi e il ministero catechistico del parroco**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.

TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministérios**: uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã**. São Paulo: Loyola, 2001.

TERTULIANO. ***Apologeticum***. Alcalá: Lisboa, 2002.

TOMAZ, Tadeu. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TONELLI, Riccardo. **Per la vita e la speranza**: un progetto di pastorale giovanile. Roma: LAS, 1996.

VALLABARAJ, Jerome. **Educazione catechetica degli adulti**: un approcio multidimensionale. Roma: LAS, 2009.

VANIER, Jean. **Comunidade, lugar do perdão e da festa**. São Paulo: Paulinas, 2015.

VIANA, Wellistony Carvalho. **Um Longo e belo caminho**...: um itinerário formativo para seminaristas. Brasília: Edições CNBB, 2013.

VILAÇA, Murilo Mariano. Melhoramentos humanos, no plural: pela qualificação de um importante debate filosófico. **Revista Kriterion**, v. 55, n. 129, p. 331-347, jun./2024. Disponível em <https://www.scielo.br/j/kr/a/5GcFsVBsydzCsXS5RLMYysH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000100018

VILAÇA, Murilo Mariano. Qual natureza humana? Que aperfeiçoamento? Qual futuro? Reflexões em torno do conceito de natureza humana ampliada. **Ethica**, v. 12, n. 1, p. 25-51, jun. 2013. DOI: https://doi.org/10.5007/1677-2954.2013v12n1p25

VILAÇA, Murilo Mariano; DIAS, Maria Clara Marques. Melhoramento humano biotecnocientífico: a escolha hermenêutica é uma maneira adequada de regulá-lo? **Veritas**, v. 58, n. 1, p. 61-86, 2013. DOI: https://doi.org/10.15448/1984-6746.2013.1.13023

VILAÇA, Murilo Mariano; DIAS, Maria Clara Marques. Transumanismo e o futuro (pós) humano. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 341-362, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200002

VILLEPELET, Denis. La liturgie comme médiation de la catéchèse. **Revista de Catequese**, v. 29, n. 110, p. 35-44, set./dez. 2005.

VITÓRIO, Jaldemir. **A formação na vida religiosa consagrada**: Reflexões para uma pedagogia mistagógica. São Paulo: Paulinas, 2022.

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. **Documento final**. Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão (2-27 de outubro de 2024). Brasília: Edições CNBB, 2024.

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. ***Instrumentum Laboris* para a Primeira Sessão**. Brasília: Edições CNBB, 2023.

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. **Relatório de Síntese**: Segunda Sessão (4-29 de outubro de 2023). Brasília: Edições CNBB, 2023.